À SOMBRA DA LUA

Marcos DeBrito

ROCCO

Marcos DeBrito

À SOMBRA DA LUA

O mistério de Vila Socorro

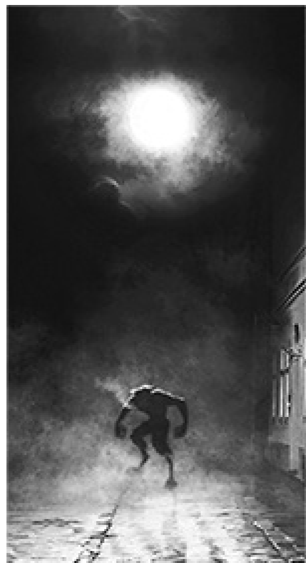
ROCCODIGITAL

Sumário

O Autor

“Durante séculos, mitos sobre monstros criados pela união entre homens e feras de maneiras antinaturais eram muito populares. Hoje, sem uma prova concreta da existência desses seres anormais, podemos apenas especular se esses relatos eram resultados de uma imaginação fértil para alimentar a curiosidade para o exótico ou uma fascinação pelo grotesco.”

Autor desconhecido



Prólogo

No ano de 1249 antes do nascimento de Cristo, no norte da Grécia antiga, Licáon, rei de uma região posteriormente conhecida como Arcádia, desafiou os deuses com a sua crueldade. Os estrangeiros que porventura pusessem os pés em seu reino eram sacrificados a mando do tirano.

No entardecer avermelhado, sobre um penhasco onde as rochas perdiam a cor escondidas sob o sangue espirrado das degolas comandadas por Licáon e seu punhal de oferendas, os corpos despencavam com suas cabeças separadas do tronco. Aqueles que não morriam pela lâmina fria nas mãos desse rei de coração negro, que espelhava a linha do horizonte na garganta limpa dos pobres estrangeiros, eram forçados a mergulhar para a morte num mar de rochas pontiagudas.

O coro dos desesperados era alto e os berros da agonia fizeram tremer os pilares de mármore no paço divino do Monte Olimpo. O choro daqueles que morriam para satisfazer os desejos sádicos de um tirano incomodou Zeus em sua morada. Diante dos rumores constantes sobre as atrocidades cometidas por Licáon, a divindade suprema da mitologia se disfarçou como um simples mortal e desceu da casa dos deuses em uma noite enluarada, de céu estrelado, para averiguar pessoalmente se os boatos eram verídicos.

Zeus trilhou a estrada dos estrangeiros como qualquer outro viajante até chegar à Arcádia, terra comandada com mão de ferro pelo rei. Na noite em que chegou ao palácio real, com o pretexto de pernoitar para continuar viagem na manhã seguinte, Licáon estava oferecendo uma de suas festas dionisíacas regadas a comida, danças e ótimo vinho. O deus, vestido em túnicas desgastadas pela extensa viagem, caminhava despercebido entre os convidados, como um simples mortal. Mas,

durante sua peregrinação solitária, tinha revelado sua divindade a alguns camponeses e habitantes do reino em troca de comida e abrigo, sendo obrigado a cumprir funções biológicas que não eram de seu costume divino. Alguns desses camponeses haviam comparecido à festa e o suposto viajante, naquele cenário luxuoso tão avesso à imagem pobre que exibia, foi identificado, logo sendo venerado como o ídolo máximo do Olimpo.

A visita de um deus já era aguardada para investigar as crueldades que estavam ocorrendo no reino. O boato de que o próprio Zeus caminhava no festejo à procura dos sinais da brutalidade de Licáon chegara ao ouvido do rei, que, incrédulo quanto à presença do maior dos deuses em seu banquete, zombou do seu povo e resolveu testar a suposta divindade do viajante maltrapilho.

Licáon caminhava pela sua festa obcecado em expor a farsa daquele homem com trajes imundos. Alguns dos crédulos de que Zeus realmente estava entre os mortais tentaram persuadir o rei a venerá-lo, mas sua resposta ecoou no salão para quem quisesse ouvir:

– Todos sabem que os deuses são imortais. Basta eu matar esse viajante e todos verão como foram tolos!

Durante a noite, o rei planejava apunhalar o estranho até a morte para então exibir o cadáver do impostor. Mas o momento nunca chegava. Impaciente, e talvez influenciado pela maior invenção de Dionísio, Licáon arquitetou o mais perverso dos planos. Caminhou em passos largos pelos corredores do suntuoso palácio enquanto sorvia uma última taça de vinho. Na planície do lado de fora, a lua cheia imperava sobre as montanhas, e o punhal de oferendas em sua mão refletia o luar em seu rosto alterado pela expressão de um homem sádico e descontrolado. Ele queria que seu hóspede poluísse a boca e o estômago com alimentos proibidos para depois também festejar com a mesma comida e mergulhar no mal, encenando o mais aberrante dos atos, desafiando os deuses.

Na penumbra do quarto onde seu filho mais novo dormia, uma luz cortou a escuridão pela porta que se abria devagar, clareando o pescoço do infante adormecido. Sem pestanejar, em seu ato mais cruel, o rei levantou a criança do berço e abriu sua garganta com a navalha ainda suja com o sangue seco de tantas outras mortes e retalhou o seu corpo pequeno e frágil em vários pedaços sob a luz da lua cheia. Com as próprias mãos, Licáon cozinhou a carne do filho e preparou um banquete, com membros bem cortados cozidos na caldeira e um guisado suculento feito de outras partes fatiadas.

Após adornar o prato com ervas perfumadas, o rei se apresentou ao viajante e

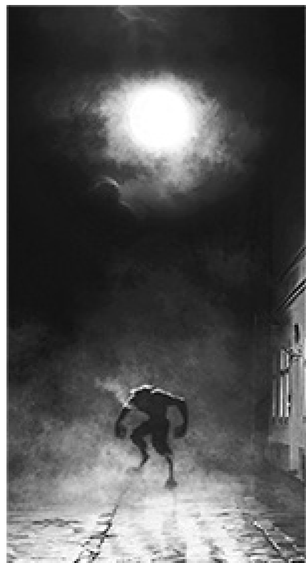
ofereceu a refeição impura junto com pão e vinho, esperando que ele fosse desmascarado assim que saboreasse o prato, pois apenas os verdadeiros deuses saberiam diferenciar a carne de um animal da humana.

Zeus aproximou-se da comida. Sabia que algo estava errado, mas custou a acreditar que o tirano fosse capaz de tamanha crueldade. Ao perceber o que Licáon havia feito, ficou furioso. Repeliu de imediato o prato, assustando os convidados, e arremessou seus raios contra as paredes do palácio.

Não havia sequer uma única pessoa presente no festejo que não gritasse de desespero e corresse sem rumo enquanto o corpo de Zeus se transformava no divino. O fogo da sua ira consumia a construção por inteiro e seu urro colérico derrubou as fortes estruturas que sustentavam o palácio, fazendo com que as paredes tombassem. A morada do rei foi completamente devorada pelas chamas.

Licáon conseguiu escapar do fogo, correndo pelas planícies até atingir um pequeno bosque nas redondezas do palácio. Mas a vingança de Zeus foi impiedosa. Com uma forte dor, os membros do rei se atrofiaram e o obrigaram a se ajoelhar, como um súdito bem comportado que reconhece o cárcere de sua inferioridade. Ele não conseguia mais correr nem andar como um homem, apenas rastejar. Licáon não suportou a agonia e gritou de dor para os céus enquanto pelos negros rompiam seus poros e seu rosto se deformava tal qual o de um canídeo selvagem. Tentou pedir socorro, mas, em vez de gritar palavras humanas, começou a rosnar. Sua forma era a mesma que a de um lobo monstruoso.

Com a boca espumando, sedenta por sangue, e os olhos iluminados pelo desejo de matar, aquela era a imagem da fúria.



Capítulo 1

Século XIX. 25 de agosto de 1893. Lua crescente.

Naquela noite nublada, como tantas outras daquele mês que escondia a Lua e as estrelas sem piedade, o som grave de um apito assinalava a chegada de mais um navio atracando no porto de Santos. A viagem fora exaustiva para todos. Os cadáveres dos que não resistiram aos últimos dias daquela aventura marítima eram retirados da embarcação em macas e transportados a uma sala fétida onde estavam algumas mesas de armação tubular. Avesso ao conforto, porém amigo da praticidade à qual se prontificava a atender, o leito possuía um rebaixo para a retenção de líquidos nas laterais que direcionava o conteúdo indesejado a um recipiente através de um tubo de escoamento. Isso facilitava a limpeza para que outro cadáver pudesse ocupá-lo sem ficar ensopado, não estragava as vassouras e economizava um pequeno valor mensal na compra de rodos.

Ali os defuntos estrangeiros não recebiam tanta atenção, apenas descansavam por algumas horas até alguém aparecer para clamar a posse dos restos mortais do amigo ou parente. Algo que raramente acontecia. Era mais comum um cadáver ficar exposto no tálamo gelado, enchendo o balde com seu fluido corpóreo que escorria pela mesa, exalando um odor extremamente desagradável. Quando a sala atingia sua capacidade máxima e os corpos não eram retirados por nenhum conhecido, o destino dos defuntos era retornar ao mar. Mas não em uma nova embarcação para serem enterrados com todas as honrarias em seu país de origem. Eles eram cobertos pelo manto pesado das águas para nunca mais emergir. Serviriam de sustento para os peixes da costa brasileira, mesmo que a intenção não fosse beneficiar a fauna

marítima local.

Essa prática era um exercício comum e todos que frequentavam o porto acostumavam-se a ver cadáveres sendo jogados na água como lixo. Mesmo antes de pisarem em terra firme, os viajantes já eram cúmplices do despejo em alto-mar dos corpos sem vida dos mais fracos, que morriam após poucos dias na embarcação devido às mais diversas complicações, principalmente às péssimas condições higiênicas. E isso era feito sem questionamentos morais.

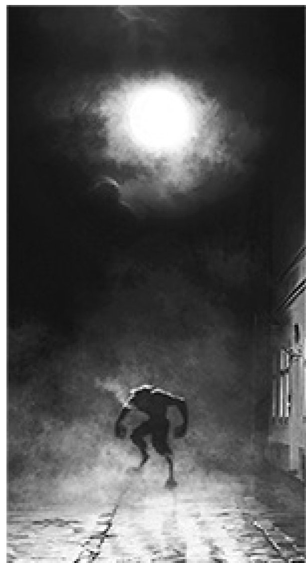
No final do século XIX a imigração italiana no Brasil estava em seu auge. O interior paulistano era visto como boa oportunidade para arranjar trabalho, e muitos italianos vieram do Velho Mundo para encontrar seus familiares no novo país a fim de tentar a mesma sorte. Outros vinham com a expectativa de recuperar a dignidade com o trabalho perdido pelo acelerado processo de industrialização e as transformações socioeconômicas que afetaram a propriedade de terra.

Sobre a prancha úmida e escorregadia que servia como única saída da embarcação, Bastiano Cesari parou para vislumbrar a paisagem suja do porto. Apesar do cansaço, segurava no colo uma de suas filhas, que dormia. A garota tinha poucos anos de vida e ainda não compreendia aquela grande mudança na rotina familiar. Bastiano era pai orgulhoso de seis filhas e amava sua esposa da mesma maneira desde que se conheceram. Clemenzia Giardini Cesari correspondia ao amor recebido com igual devoção. De fato, fora ela quem insistira para que todos fossem para o novo continente. Bastiano havia sugerido que ela e as meninas viajassem somente após ele conseguir uma situação mais confortável, mas Clemenzia não aceitara a separação, mesmo que fosse breve como ele prometia. A unidade familiar era o principal motivo de suas vidas e o que julgavam mais importante cultivar. Se fosse para lutar por algo, eles o fariam juntos.

Saindo da embarcação, Clemenzia não desgrudava do marido e carregava nos braços a filha mais nova. Um manto, que apesar de velho era muito aconchegante, cobria a bebê de poucos meses e a esquentava durante o repouso. As demais crianças do casal ficavam sempre junto aos pais, segurando firmemente em suas roupas, com medo de se perderem entre todos aqueles estranhos.

Bastiano não conseguia esconder a expressão de cansaço. Seus olhos estavam enfastiados e havia nitidamente perdido peso. Ele procurava ver a chegada ao Brasil de forma otimista, com a esperança de uma vida nobre, justificada pelo trabalho.

A família misturou-se aos retirantes da embarcação e, após descer com cuidado a rampa escorregadia, deu seu primeiro passo em solo brasileiro.



Capítulo 2

Século XX. 30 de abril de 1920. Lua crescente.

Vinte e sete anos se passaram. Em 1920, a pequena Vila Socorro, um vilarejo no interior do Estado de São Paulo, sofria com a violência que abatera a cidade nas últimas décadas.

Mensalmente os representantes de maior destaque da vila, fosse por suas posses ou pelo cargo ocupado na comunidade, reuniam-se diante do povo num pequeno galpão arcaico, iluminado apenas pelas chamas que ardiam no óleo das candeias, para discutir assuntos de interesse geral da população. A pauta mais recorrente eram as mortes violentas que ocorriam em certas madrugadas e não pareciam ter um fim próximo decretado.

Numa dessas assembleias de discussão fervorosa, por detrás da grande mesa rústica de madeira onde os representantes se acomodavam, Ronaldo Magalhães, alcaide do vilarejo, estava no comando. Durante vários anos Ronaldo vinha representando a Vila Socorro, mas sua imagem como dirigente desgastava-se cada vez mais por não conseguir resolver a questão dos assassinatos. Sem condições de lidar com a situação sozinho, ele formara um grupo para ajudar na resolução do drama. Todos tinham papel de destaque naquela pequena comunidade e, por serem personalidades importantes daquele círculo social, suas vozes eram ouvidas com respeito. Mas as circunstâncias haviam chegado ao limite da paciência dos populares e a cada nova assembleia o povo fazia seu brado rancoroso ser ouvido com bastante atenção.

Na mesa estavam presentes os senhores Carlos George de Arruda Barros, um ex-

proprietário de escravos reacionário e maior latifundiário da região, Dário Bastos de Oliveira, médico local, e o padre Antônio dos Santos. Todos ali tinham uma relação de amizade e respeito mútuo, ainda mais Carlos George e Dário, que eram amigos de longa data e constantemente se encontravam para demoradas conversas e degustação dos preciosos licores, que o doutor guardava na adega invejável de sua mansão.

Também diante do povo, porém sentada solitária em uma cadeira mais afastada, estava a jovem Alana, filha única de Dário. A garota era formosa. Seus encantos ultrapassavam a forma perfeita de seu corpo. Seu olhar resplandecia a delicada pureza de uma virgem e seu rosto, de pele perfeita e contornos simétricos, era um convite a qualquer homem que quisesse se perder.

Entre os populares estava Álvaro, um rapaz de cabelos negros e corpo magro, com braços fortes comuns aos homens que trabalham com a terra. Uma cicatriz antiga, já clareada pelo tempo, cortava a lateral do seu rosto e suas pálpebras caíam sobre os olhos, dando-lhe um ar melancólico. Seu olhar era impregnado por uma tristeza sincera, quase sombria. Álvaro comparecia às reuniões apenas para prestigiar a beleza de Alana.

A garota sabia que era observada pelo rapaz e se permitia um flerte envergonhado que a deixava ainda mais bela com o suave tom rubro que realçava as maçãs do seu rosto. A grande verdade é que ambos os jovens frequentavam as assembleias para aproveitar uma paixão mútua não declarada.

Aquela troca de olhares esquivados não passou despercebida por um senhor de mais idade e longos cabelos brancos, afastado da multidão. Ediseu Valêncio era perspicaz na arte da observação e o fato de estar prestando demasiada atenção ao jovem Álvaro também o ajudou a perceber a paixão que parecia florescer entre um rústico camponês e uma representante da alta sociedade local. Mas aquilo não interessava ao velho, tampouco a discussão da assembleia. Sua presença ali parecia ser apenas por causa de Álvaro, quem nem percebia estar na mira de seus olhos.

O óleo das candeias era queimado e a noite avançava ao som de várias vozes enfurecidas que formavam um coro revolto. O povo não escondia seu desapontamento com o alcaide da vila. Algumas palavras vociferadas pelos moradores eram impossíveis de ser compreendidas, mas o brado raivoso de um povoado em desespero era claro.

Ronaldo tentava, em vão, conter os ânimos exagerados da população com repisadas explicações.

– É lamentável que essa onda de mortes esteja abatendo a nossa vila, mas

gostaria de lembrá-los que estamos à procura do animal responsável e aproveito a ocasião para pedir um pouco mais de paciência aos senhores.

– Paciência?! – questionou Alberto, um dos vários moradores enfurecidos na reunião. – Estamos cansados de esperar! Não bastasse esse monte de corpo aparecendo, quantas vezes vou ter que perder minha criação por causa desse bicho?!

O homem estava indignado por ter que reformar o seu galinheiro, atacado durante uma madrugada. Ao lado, sua esposa Lurdes tentava acalmá-lo.

– Eu peço paciência, senhor Alberto, porque estamos fazendo o possível para caçar esse animal – retrucou o alcaide.

– Chega dessa história de animal! – interrompeu outro habitante. – Isso começou depois que os italianos invadiram a vila. Mande-os embora e os mortos param de aparecer.

O comentário irritou os imigrantes presentes. Aos berros, um estrangeiro buscou reparação pela ofensa, mas, não tendo o pedido atendido, avançou sobre o sujeito. A ordem foi perdida e começou uma pancadaria entre os que concordavam com o ponto de vista do nativo da vila e os que ficaram ao lado do compatriota mediterrâneo.

A cidade abrigara diversos italianos ao longo dos anos e, de fato, as mortes começaram após a imigração, mas nunca houvera um acontecimento que pudesse ser ligado aos imigrantes. Os apelos do alcaide Ronaldo para que a ordem fosse restabelecida não foram ouvidos. Entre socos, pontapés e palavras obscenas bilíngues, o povo se atracava, esquecendo momentaneamente o real propósito de estarem ali.

Como Ronaldo parecia ter desistido de conter a população, permanecendo sentado em sua cadeira com a mão sobre o rosto, Carlos George resolveu intervir à sua maneira. O homem de pavio curto, que sempre andava armado por um costume antigo que herdara do pai e passara para o filho, retirou uma pistola vistosa do coldre. Observou a multidão descontrolada com uma expressão de reprovação e bateu o cabo da arma com força na grande mesa de madeira, trazendo para si a atenção. Para a sorte dos presentes, o ato de Carlos George fez com que a algazarra terminasse. Ele não era um homem que hesitaria em disparar sua arma para o alto, na melhor das hipóteses.

– É por causa desse tipo de comportamento que este vilarejo caiu em desgraça! – afirmou enfaticamente, começando um sermão. – Vocês reclamam da postura do alcaide Magalhães, mas apontam os companheiros como culpados. O problema de fato começou com a vinda dos imigrantes, porém eles vieram para ajudar nas nossas

lavouras e alguns já são até proprietários de pequenas terras. O desenvolvimento que eles trouxeram para nossa vila causou um inchamento da cidade e ela foi obrigada a crescer para dentro da floresta. Acreditamos que algum animal selvagem esteja matando nosso gado, galinhas e também membros da comunidade, visto que os ataques foram nas proximidades da mata.

O ponto de vista de Carlos George era muito sensato e adequado, mas suas tendências reacionárias o fizeram enveredar para um lado que não representava a opinião da maior parte da vila, nem de seu representante.

– Digo a vocês – ele continuou – que, se não for um animal selvagem que traz esse infortúnio sobre nossa vila, vocês estão buscando os culpados errados. Quem pode estar matando nossa boa gente é outro tipo de bandoleiro, que nem é assim tão diferente de um animal. Se for para culpar alguém, que sejam os ex-escravos que ficam rondando por aí!

– Carlos George – interrompeu o alcaide –, já pedi ao senhor para não mencionar suas tendências nestas assembleias.

Ronaldo estava certo em repreendê-lo. A discussão sobre a libertação dos escravos e suas consequências não era algo que deveria ser colocado em pauta, principalmente por melindres particulares.

– Me deixa falar, Ronaldo! Me deixa falar! – esbravejou. – Com o fim da escravatura, não só perdi minha mão de obra, que paguei de acordo com a lei, como perdi a paz durante a noite, tendo que afugentar negrinhos das minhas terras! Terras que pertenceram ao meu pai e que serão passadas ao meu filho!

Carlos George geralmente perdia a compostura quando tocava nesse assunto. Com o pouco que dissera, seu rosto já ficara vermelho e uma veia saliente cortava sua testa suada. O povo permaneceu em silêncio, sem saber como reagir ao comportamento do homem. Ele tirou o chapéu de fazendeiro por um breve momento, apenas para secar o suor antes que escorresse até o rosto, e ficou mais calmo para continuar.

– Ninguém quer pagar por uma mão de obra que antes era de graça! Por isso os negros que se aglomeram nos arredores da vila saqueiam e matam a nossa gente. E animal, quando fica com fome, meus caros, não tem reza que salve.

O padre Antônio dos Santos deu uma pigarreada pelo comentário inapropriado do companheiro de mesa, que de imediato se desculpou pela indevida comparação religiosa.

Logo após a manifestação racista de Carlos George, o Dr. Dário pediu a palavra e foi prontamente atendido pelo alcaide para que pudessem voltar ao assunto pelo

qual a assembleia havia sido convocada.

– Os corpos que encontramos nas proximidades da floresta têm o mesmo padrão de ferimento – começou o doutor –, uma mordida na região do pescoço e arranhões profundos pelo corpo. Portanto, acreditamos que seja apenas um único animal que esteja causando as mortes.

– Não é um animal! – ecoou uma voz rouca e cansada, fazendo o médico se calar.

No meio do galpão levantou-se com dificuldade um idoso que aparentava ter mais idade do que os seus setenta anos. Era Seu Sebastião, o coveiro da vila. Devido à natureza mórbida do seu trabalho, o velho era conhecido no vilarejo por suas histórias folclóricas.

– Não é imigrante! Não é escravo! – ele continuou. – É uma cria do diabo que vaga pelo breu da floresta, bebendo sangue dos desavisados que cortam caminho de noite pela mata.

O jovem Álvaro e o velho Valêncio, que não estavam preocupados em escutar as lamúrias dos descontentes, voltaram sua atenção bruscamente para a reunião devido ao tom sobrenatural que o ancião colocou em pauta. Quem não ficou muito alegre com a intromissão inesperada foi a jovem Alana, que viu todo o interesse somente dedicado a ela por parte de Álvaro ser transferido subitamente àquele senhor de idade avançada.

Ronaldo não gostava daquelas interferências, consideradas absurdas pelos homens privados de crença folclórica.

– Seu Sebastião – contra-argumentou o alcaide –, por favor, estamos aqui tentando solucionar o problema de forma racional.

– Nós sugerimos que seja um lobo pelas marcas observadas nos cadáveres – completou Dr. Dário, apelando para a razão.

– Não é lobo! Já enterrei muito corpo nessa vida pra saber a diferença – contestou o coveiro, cansado de ouvir as explicações racionais dos cegos pelo ceticismo. – É uma sombra do inferno! Depois que o sol se esconde, as trevas caem sobre esta vila e as estrelas são testemunhas de que aqui caminha um servo do demo.

Alguns dos populares mais religiosos fizeram o sinal da cruz em busca de proteção, como se aquelas falas proferidas no galpão tivessem amaldiçoado os que ouviam as palavras do velho. Apesar de aquela teoria parecer estranha e improvável, Seu Sebastião não era o único a acreditar nela. Vários dos que ali estavam também concordavam com a ideia de que uma fera sobrenatural poderia realmente estar

caminhando na floresta ao redor da vila. Não eram tão incomuns os relatos de que um vulto negro fora avistado em certas madrugadas por parte de alguns dos moradores que residiam na beirada da mata.

Ronaldo, como se ofendido por ter entrado em seus ouvidos aquela hipótese improvável e ridícula, não se atrasou em contestá-la em voz alta, como se o volume de suas palavras representasse a certeza de suas afirmações.

– Meu povo, não dê atenção a mais uma dessas superstições enraizadas pelo folclore! A crença em um animal sobrenatural que anda pela floresta, ou um monstro como o senhor Sebastião nos sugere, só atrapalha nossa tarefa de encontrar o verdadeiro causador de tanta tristeza para os habitantes de Socorro. Peço encarecidamente ao senhor, Seu Sebastião, que, por favor, não venha com essas suas histórias de coveiro. Conhecemos bem os mitos da região. Não vamos aceitar que as fábulas contadas à beira da cama das nossas crianças nos confundam as ideias.

As palavras do alcaide Magalhães pareceram ter controlado a situação. As teorias apresentadas pelos representantes na reunião eram, de fato, mais verossímeis. Não é tarefa fácil discorrer sobre uma crença sem algo concreto para prová-la. Muito menos em um ambiente controlado por pessoas de mente fechada, que só acreditam no que a Igreja lhes diz para crer e no que os olhos conseguem enxergar. Seu Sebastião emudeceu e voltou a sentar-se desgostoso.

Incomodado com as declarações nada cristãs do velho, o padre Antônio dos Santos resolveu entrar na discussão. Com a voz calma e regada daquela prepotência mascarada de conhecimento teológico, o pároco dirigiu-se ao seu rebanho com a expressão serena que um religioso tão comumente usa para fortalecer a ideia de que o que está falando é uma verdade inquestionável por serem palavras parafraseadas da Bíblia Sagrada.

– Irmãos da nossa querida paróquia, gostaria de esclarecer ao membro da nossa congregação, e aos demais que compactuam com essa crença, que a presença do diabo em nossas vidas é uma realidade. Mas, como um animal também faz parte do rebanho do Senhor, ele pode ser possuído por uma força demoníaca e levado à loucura. As estratégias do demônio para atingir os filhos de Deus são muitas. Nossa salvação está em reconhecer o Senhor e Sua lei, o Senhor e Sua palavra.

O pároco continuou o sermão, ornamentado com palavras bonitas de salvação através da graça divina. Enquanto articulava o discurso que não conseguiria segurar até o próximo domingo, por uma porta no fundo do galpão entrou a exuberante Flávia Ribeiro de Freitas, melhor amiga de Alana. Ao pé do ouvido, chamou sua companheira para conversar do lado de fora. A jovem Alana levantou-se e

comunicou a saída ao pai, sem atrapalhar o andamento da assembleia.

Álvaro, após ter observado Alana beijar a face do médico e abandonar o local pela mesma porta por onde Flávia havia entrado, também foi embora, já que não havia mais nada que prendesse sua atenção ali. Ao contrário das garotas, que por serem da alta sociedade tinham o privilégio de usar uma entrada exclusiva destinada somente aos representantes máximos do vilarejo, o jovem abandonou o galpão pela porta da frente, como qualquer outro morador faria.

Já do lado de fora, caminhou em passos lentos alguns metros para longe do galpão e notou que a noite estava fria demais para continuar andando da maneira como estava agasalhado. Vila Socorro era cercada por uma floresta fechada e suas noites eram frias, contrapondo-se com dias extremamente quentes e ensolarados.

A caminhada até a pequena residência onde morava, do outro lado da mata, seria longa. Por isso, interrompeu o trajeto em busca de um cachecol surrado que levava em seu bolso caso precisasse cobrir o pescoço. Após colocá-lo confortavelmente, ainda levantou a gola da camisa para impedir que o ar gelado batesse em sua pele pelas brechas daquele tecido velho e desgastado. Enquanto ajeitava melhor as suas roupas, olhando para o céu, Álvaro se perdeu na observação da Lua em sua fase gibosa, que mostrava ao mundo quase toda fração de seu disco. Seus olhos mentiam ao parecer observar apenas a forma convexa que o satélite mostrava iluminada. Seus pensamentos sobrevoavam terrenos ocultos de sua mente e as olheiras fundas, que surgiam debaixo de seus olhos, indicavam que era algo sombrio.

O devaneio do rapaz foi suficiente para que o velho Valêncio também abandonasse a reunião a tempo de abordar o jovem. Ainda distante, ele observou Álvaro com seu olhar vidrado no astro noturno e se fez ouvir com uma conversa a princípio ingênua e despropositada:

– Dizem que a Lua no estado crescente é perfeita para se ter o cabelo cortado. Parece que estimula o crescimento capilar. Quem me dera se ela impedisse os cabelos de ficar brancos, não é verdade?

O bom humor do velho não foi suficiente para que Álvaro lhe desse atenção. O rapaz olhou para o senhor de cabelos grisalhos com indiferença, apenas para medi-lo de cima a baixo e memorizar um rosto que não gostaria mais de ver. Pela sua postura rude, ficou claro para Valêncio que Álvaro não era um rapaz com habilidades sociais. E não esperava o contrário.

Sem proferir sequer uma única palavra em resposta, Álvaro deu as costas para o velho e alcançou em seu outro bolso uma boina que vestiu sobre a cabeça para proteger-se ainda mais do frio, que iria aumentar com a aproximação da madrugada.

Mas Valêncio estava determinado a trocar algumas palavras com o rapaz e não se importou com sua falta de educação. Caminhou até chegar ao seu lado e continuou a conversa banal como se não houvesse notado a impaciência de Álvaro em ir embora.

– Será que realmente algo tão longe assim influencia coisas tão próximas como a seiva, o fluxo do nosso sangue, as enormes massas de água dos oceanos, nosso humor? Tem gente que acredita que a Lua determina até mesmo o sexo de um filho, você acredita?

– Só me importa se ilumina o caminho até minha casa – replicou secamente o rapaz.

– Não seja cético, meu jovem. Os acontecimentos terrenos que se relacionam com as fases da Lua caminham por gerações através das crenças populares. Muito antes da ciência, esse astro era usado como guia de tempo, direção e colheita. A influência da Lua, por mais confusa que possa parecer, merece sua devida atenção.

Álvaro, já devidamente agasalhado, resolveu seguir seu caminho sem dar satisfação alguma ao senhor que o incomodava. Mas, antes de deixá-lo partir, Valêncio insistiu em prolongar a conversa.

– Rapaz! – chamou-o em voz alta, na expectativa de segurá-lo por mais tempo. – Perdoe minha falta de instrução. Iniciei diálogo com um estranho sem me apresentar e isso não é educado. Cheguei à vila há poucos dias. Meu nome é Valêncio. Ediseu de batismo, Valêncio de família. No final, de que serve a rebeldia juvenil quando se acaba sendo chamado pelo mesmo nome do pai, não é verdade? – terminou a frase estendendo sua mão para um cumprimento entre cavalheiros.

A mão do velho ficou suspensa no ar por um momento, sozinha, à espera da retribuição que demorava a vir. Álvaro estava desconfiado daquela insistência descabida por contato, ainda mais após ter sido propositalmente grosseiro. Mas, apesar de avesso aos bons costumes, acabou por estender sua mão para cumprimentar o homem e ir embora logo.

Ao contrário do que Valêncio havia feito, o jovem não revelou o seu nome, mas, quando as palmas das mãos se encostaram, o velho notou algo estranho na do rapaz e a segurou firmemente.

– Mão calejada. Trabalho duro com a enxada? – perguntou, olhando diretamente nos olhos de Álvaro.

O rapaz irritou-se com o comentário e retirou bruscamente a mão do cumprimento, partindo às pressas, sem olhar para trás.

No tom de voz de Valêncio podia-se perceber algo misterioso. O velho sabia mais do que se permitiu revelar naquele primeiro encontro entre os dois. Para ele, o

fato de a mão de Álvaro ser áspera era uma desconfiança muito além do que mencionou como simples trabalho na lavoura. Talvez por ter percebido isso o jovem tenha partido daquela maneira bruta.

Uma euforia contida percorreu o corpo de Valêncio por sentir que talvez estivesse próximo daquilo que procurava.

Na suntuosa mansão dos Bastos de Oliveira, Alana e Flávia se entretinham conversando trivialidades no sofá da sala onde a família costumava receber seus convidados. As horas passaram rapidamente para as duas, que nem perceberam que já batia mais de uma badalada depois da meia-noite.

Naquela marca do relógio as criadas já descansavam para madrugar na manhã seguinte e as jovens eram as únicas acordadas na mansão. O pai de Alana ainda estava preso na reunião tumultuada daquela noite e a ausência de sua mãe decorria de uma doença grave, que tirara sua vida quando Alana ainda era criança.

Quanto a Flávia, seus pais estavam constantemente em viagens pelo mundo, permitindo que a adolescente não tivesse horário para voltar para casa. A ausência de uma figura autoritária, que castrasse os impulsos juvenis inadequados, fazia com que Flávia tivesse um comportamento mais liberal, por desconhecer alguns limites de conduta da época.

Após confabularem com a única premissa de se divertirem com banalidades, Flávia se cansou de esperar por um momento oportuno e resolveu indagar à amiga de forma direta:

– E o rapaz lá no galpão?

– Que rapaz? – Alana se fez de desentendida.

– Oras, “que rapaz”?! O que você estava olhando. E não só nessa última assembleia, mas na do mês passado e na anterior. Vai querer me convencer de que o seu interesse nas reuniões agora é ouvir sobre a segurança dos que vivem perto da mata?

– Não sei do que você está falando – mentiu Alana sem pudor, continuando uma atuação digna de vaias.

A jovem anfitriã, buscando esquivar-se da conversa, caminhou para o piano de cauda, perto da enorme janela que dava para o jardim, e entoou pequenas melodias com seus dedos finos, que deslizavam suavemente sobre as teclas de marfim.

– E, para sua informação, é do meu interesse, sim, a segurança da vila – continuou, antes que Flávia fizesse mais alguma pergunta. – Eu compareço para dar apoio ao meu pai, que fica preocupado com isso tudo que está acontecendo.

– Desculpe sua amiga, então. Não vou mais mencionar o rapaz moreno que não parava de te olhar como se você fosse a única pessoa naquele galpão.

Alana, mesmo com a atenção voltada para o piano, não deixou de sorrir com a lembrança do olhar do jovem, mas fingia ignorar o que Flávia estava falando.

– Alto, cabelo meio rebelde, barba por fazer... Se não quiser, fico com ele para mim! – brincou a amiga com seu humor burlesco.

– Deixa de ser inconveniente, Flávia. Se esse rapaz estava mesmo lá, então nem notei. E se me olhava desse jeito só você reparou.

– Tudo bem, Alana. Se é assim que você quer, então nem vou contar que andei bisbilhotando por aí e descobri o nome do moço – revelou Flávia, virando-se de costas para a amiga.

A feição de Alana mudou completamente. Seu disfarce caiu. Ela correu de volta ao sofá, buscando saber todos os detalhes.

– Você sabe o nome dele? Me fala!

– Nome de quem?

– Para, Flávia! Me fala.

A amiga segurou um pouco mais o jogo, mas também queria contar tudo que sabia. Afinal, havia feito uma pesquisa competente, como uma boa aprendiz na arte da investigação.

– O nome dele é Álvaro. Ele tem um rancho pequeno do outro lado da vila, perto da floresta. É ele quem fornece as verduras para a mercearia do “Seu” Romário, na rua principal.

– Álvaro... – repetiu Alana em voz baixa, com olhar cintilante.

Seus ouvidos receberam o nome do amado pela primeira vez, mas, antes que pudesse fantasiar que rodopiava nos braços do rapaz com quem sonhava acordada, Flávia a interrompeu.

– É, mas não fique aí com esse sorrisinho bobo no rosto, porque ele é um desses filhos de imigrante italiano.

O fato não pareceu incomodar Alana. Um coração apaixonado não se desfaz por pouco. Mas havia outro motivo que poderia matar aquele amor por sua natureza mórbida. E Flávia, como a amiga próxima que era, não poderia esconder de Alana o fato sombrio que também havia descoberto.

A Vila Socorro possuía uma história funesta que era conhecida por todos que nela viviam. Para os que ainda não eram nascidos na época do acontecido, a história ganhava corpo quando narrada à beira da fogueira e carregava seu caráter de lenda maldita. A dramaticidade do relato era mérito de cada bardo que se prontificava a

contá-la, porém a essência permanecia a mesma: há mais de dez anos uma família fora encontrada com os membros separados do corpo em um pequeno rancho perto da floresta. O pai, um imigrante italiano, havia enlouquecido e matara sem piedade a esposa e as seis filhas com o machado que usava para cortar lenha.

Aquela história Alana conhecia tão bem quanto qualquer outro morador da vila. Assim como o boato de que o filho mais novo havia sobrevivido à fúria incontrolável do pai e ainda caminhava pelo vilarejo, sempre pelos cantos, para não ser notado.

Flávia, com novo aprofundamento sobre a história, deu vida à lenda e jogou Alana como participante da fábula tenebrosa que ouvira quando criança.

– Meus pais falaram que esse rapaz, o Álvaro, é o tal filho mais novo do imigrante. E parece que até hoje ainda mora na mesma casa onde a mãe e as irmãs foram mortas a machadadas.

Por aquela revelação a jovem não esperava. A informação selou os lábios de Alana por um momento. Ela ficou em silêncio e seus olhos perderam um pouco o brilho. Mas não por seus sentimentos com relação a Álvaro terem mudado, pois isso não aconteceu, mas sim por ter ficado realmente preocupada.

– Mas e ele? Como escapou?

– Um amigo da família estava passando perto da residência e ouviu os berros. Ele pulou em cima do imigrante, que estava com o rosto e as roupas cobertas de sangue, pronto para dar uma machadada na cabeça do menino. Parece que Deus quis salvar essa criança.

– Que horror! – exclamou Alana, levantando-se do sofá com os olhos lacrimejantes.

Ela ouvira aquela história dezenas de vezes na infância e sua desgraça não havia mudado agora. O fato é que seis crianças e uma mulher foram brutalmente assassinadas, mas ela nunca havia desperdiçado sequer uma única lágrima por causa disso. Como ouvinte de uma lenda de terror, Alana meramente se assustava e classificava aquele como um acontecimento triste. Todavia, agora, emocionalmente ligada a Álvaro, ela parecia sofrer como se fizesse parte da tragédia.

A garota permaneceu paralisada por um tempo, com o olhar perdido, buscando colocar-se no lugar de Álvaro, vivenciando em sua cabeça uma versão particular daquele relato nefasto. Seus olhos transbordavam em lágrimas à medida que imaginava um Álvaro ainda menino buscando escapar da fúria impiedosa de seu pai.

Ecoou pela sala de estar o ranger das dobradiças da porta de entrada se abrindo, indicando a chegada do Dr. Dário à residência. O som serviu como alerta para que a

jovem limpasse suas lágrimas antes que o pai a flagrasse naquele pranto contido e perguntasse a razão de sua tristeza.

O médico havia chegado da assembleia mais tarde do que o de costume e convidara o amigo Carlos George para relaxar com uma de suas conversas acompanhadas de um bom licor.

O jovem Vicente de Arruda Barros, filho e único herdeiro de Carlos George, chegara ao galpão das discussões somente após a saída das garotas, mas agora acompanhava os senhores na mansão dos Oliveira. Às suas costas ele trazia uma espingarda de caça. O jovem não puxara o temperamento do pai nem compactuava com o ódio racista do velho, mas alguns dos seus comportamentos eram frutos de sua educação como caçador. Um deles era sempre andar armado. Mas, naquela noite, a carabina carregada tinha um motivo específico.

Embora já tivessem abandonado a reunião e vindo na mesma carruagem, conversando durante todo o trajeto até a mansão, o mesmo assunto persistia no debate entre o doutor e Carlos George.

– Não defenda a ignorância de um povo, meu caro Dário. Crença popular tem seu limite ao lado do berço dos nossos filhos ou diante de uma fogueira de acampamento.

– Meu amigo, eu não defendo e muito menos concordo que de fato haja algum caráter sobrenatural nessas mortes, mas lembre-se de que estamos em uma vila de interior e que a maior parte dos nossos habitantes são senhores que cresceram sendo educados por ameaças folclóricas. Deixe que botem a culpa em fantasmas ou monstros imaginários, pois, quando pegarmos esse animal e o apresentarmos ao povo, eles verão que a racionalidade no fim sempre prevalece sobre a crença popular.

– A discussão ainda foi longa, meu pai? – interrompeu-os Alana assim que chegaram à sala.

– Minha filha, sorte a sua que a senhorita Ribeiro de Freitas te tirou daquele antro de discórdia.

O doutor beijou a testa da filha com carinho e dirigiu-se cordialmente a Flávia, beijando sua mão como um verdadeiro cavalheiro. A amiga de Alana sempre era muito bem-vinda àquela casa. Vicente e as duas jovens eram inseparáveis desde crianças e nenhum deles precisava dar motivos para prestar uma visita, qualquer que fosse o horário.

Carlos George mal entrou na sala e já caminhou em direção ao piano, apoiando-se sobre as teclas do instrumento, que emitiu uma desagradável dissonância. O

homem não possuía afinidade musical alguma e sua cultura erudita era tão rasa quanto uma poça de água seca. Para ele, aquele móvel não passava de apenas mais um dos adornos da mansão dos Oliveira. Alana não gostava que encostassem em seu piano, mas a etiqueta não lhe permitia falar em tom agressivo com um dos amigos próximos de seu pai.

Quem estava mais afastado, no canto da sala perto da entrada, era Vicente, que ainda não se fizera notar.

– Vicente! – chamou-o Dário. – Deixe de timidez e venha logo cumprimentar as meninas.

– Que surpresa! – exclamou Alana, contente com a presença do amigo. – Não te vi na assembleia hoje.

Antes que o rapaz pudesse explicar a ausência, seu pai finalmente afastou-se do piano e interrompeu o filho com a voz cheia de orgulho:

– Essa noite o meu garoto parte à caça do animal. Um grupo vai sair daqui a poucos minutos da fazenda. Estão se preparando para passar a noite fora e só voltar com o cadáver da praga.

– Vão se arriscar na mata? – perguntou Alana preocupada, virando-se novamente para o amigo.

– Esse animal tem que aparecer – respondeu Vicente. – E não será nada demais. Só mais uma noite de caça na floresta como as outras.

Alana não gostava da ideia de Vicente caminhar de madrugada numa floresta que já havia trazido tantas mortes aos habitantes da vila. Sua preocupação era a de uma amiga para com um amigo querido, nada mais do que isso. Já Flávia sempre adoçava o tom de voz e suas falas eram regadas com o duplo sentido tão comum nos jogos de sedução.

Vicente era apaixonado por Alana desde criança e nutrira o sentimento com o tempo, esperando o momento certo para se declarar. Isso ofuscava sua visão. Ele falhava em perceber que Flávia havia se tornado mulher. E das mais belas. Se fosse possível escolher a quem amar, o rapaz não sofreria desilusões caso escolhesse ficar com ela. Mas todo coração tem suas tendências masoquistas e acaba procurando o amor mais difícil.

Entre eles haveria um caso clássico de triângulo amoroso, não fosse a deformação ocasionada pelo interesse de uma das pontas por uma figura externa ao seu limite. A harmonia desfigurada daquele tipo de paixão estava ainda mais complicada.

– Oi, Vicente – disse Flávia, oferecendo a mão para ser beijada.

O rapaz pegou sua mão com cuidado e a beijou suavemente como um cavalheiro deve fazer. Ela rodeou o corpo de Vicente até chegar em suas costas e pegou com vontade a espingarda.

– Um dia você podia me ensinar a me defender. Fico tanto tempo sozinha em casa.

– Você quer aprender a atirar? – disse, virando-se para Flávia. – Então, teríamos que achar uma arma menor para você. Só o coice desta já iria te derrubar.

– Mas você não ia me deixar cair. – Ela se aproximou com o olhar provocante. – Ia, Vicente?

Era difícil resistir aos encantos de Flávia. Seus olhos claros bem delineados e a boca carnuda pintada com um batom discreto fariam qualquer homem se perder. Mas Vicente, cego aos encantos de outra mulher senão Alana, estava protegido contra o charme que lhe fora lançado.

– Eu preciso ir embora para me reunir com os outros – disse, desvencilhando-se do olhar penetrante de Flávia para voltar à amiga que tanto estimava. – Você me acompanharia até o portão, Alana?

– Logicamente que sim, apesar de não me agradar que você vá embora tão cedo.

O jovem abriu passagem para que a anfitriã o guiasse até a porta e despediu-se de todos com um aceno de cabeça.

Do lado de fora, o frio da noite abraçava Vicente e Alana, que desciam em direção ao portão de ferro na entrada da residência. A mansão dos Oliveira era situada bem no centro do vilarejo, com um enorme jardim, que se apresentava um tanto sombrio àquelas horas, repleto de esculturas castigadas pela exposição ao tempo e por arbustos com formas bizarras por mero acaso de um crescimento desordenado.

Os dois andavam em silêncio, apesar de na cabeça de Vicente palavras embaraçadas lutarem para formular uma frase. O jovem estava apreensivo na presença de Alana, e ela havia notado.

– Se ficar escolhendo muito as palavras, vamos chegar ao portão e você terá que deixar para me falar em um outro dia o que está te deixando nervoso – provocou a garota.

Vicente sorriu envergonhado. Ainda ficou um tempo em silêncio, apenas observando o cenário, rememorando o período da infância.

– Eu estava apenas lembrando das tardes quando brincávamos neste jardim, nos escondendo por entre os arbustos e estátuas.

Aquelas lembranças fizeram com que Alana abrisse um belo sorriso de

celebração à nostalgia. Aquela época também era muito viva em sua memória.

– Será que eu já aprendi a me esconder? Lembra quando comecei a chorar por ter sido encontrada muito depressa? Depois desse dia você começou a demorar de propósito, só para não me deixar triste.

– É verdade. Eu sempre ficava te olhando de longe, fingindo que procurava em outro lugar. E, quando eu me escondia, ficava torcendo para que você me achasse logo.

– Um verdadeiro cavalheiro.

Aquelas recordações singelas dos tempos de criança eram de fato agradáveis para ambos. Mas também havia uma outra faceta daquele mesmo jardim que permeava o fértil e impressionável imaginário infantil.

– A gente nunca brincava aqui depois que anoitecia – recordou Alana. – Morríamos de medo de ter um monstro atrás dos arbustos ou fantasiado na forma dessas estátuas. Você lembra disso?

– Lembro. Era só o sol descer que a gente corria para dentro.

Alana observava com mais atenção o pátio na penumbra à medida que se aproximavam do portão, reparando nas expressões dos rostos marmorizados das esculturas, em sua emoção eterna e imutável.

– Este jardim ainda é assombroso, mas é engraçado como o medo simplesmente desaparece quando a gente cresce e para de acreditar nas histórias que assustavam a gente quando criança.

Um silêncio desagradável permitiu que a voz dos insetos noturnos tivessem sua vez. Vicente hesitou em falar de imediato o que pensava, pois não queria discordar de sua amiga mais querida. Principalmente agora que buscava atingir seu coração. Mas, apostando na sinceridade de suas palavras e na ausência total de provocação, decidiu dizer o que achava:

– Eu não acho que o medo desapareça, Alana. Acredito que, quando somos pequenos, temos medo do desconhecido; arbustos se transformam em monstros no jardim, sombras se tornam fantasmas nos cômodos da casa, qualquer vento que passa por uma fresta aberta de janela vira um assobio de defunto. Já quando ficamos velhos, temos medo de morrer ou de ficarmos sozinhos. Acho que o medo nunca some, só é transferido das coisas imaginárias às coisas reais que precisamos enfrentar em cada etapa da vida.

As palavras do jovem foram de boa medida e apresentaram um ponto de vista lúcido. Alana refletiu por um momento sobre o que Vicente disse e concordou em silêncio que, de fato, ele tinha razão. A vida não se cansava de criar novos temores

para substituir aqueles que envelheciam e, consequentemente, transferir os antigos às novas gerações. O medo era uma constante na vida de todos, e aqueles que um dia a assombraram no passado com certeza hoje assombrariam alguma outra criança.

– Então, do que você tem medo hoje, Vicente? – interessou-se em aprofundar o assunto. – Já está bem grandinho para ter medo de fantasmas e, pelo que vejo, também não tem medo de animal selvagem. Já quanto a morrer na velhice, você ainda está jovem e tem a vida inteira pela frente.

– Talvez o medo que eu tenha hoje, Alana, não seja tão mórbido quanto identificar monstros em formas abstratas ou não acordar na manhã seguinte, mas é um medo que me aterroriza mais do que qualquer outra coisa que já senti.

Vicente resolveu tomar coragem para falar o real motivo pelo qual pedira a Alana que o acompanhasse. Ele parou no jardim, próximo ao portão, e a segurou levemente pelo braço para que parasse de caminhar e prestasse atenção em suas palavras. Seu coração parecia querer escapar do peito, de tão forte que batia.

– Eu não quero mais esconder o que a nossa amizade sempre significou para mim, Alana. Antes eram suficientes as brincadeiras, mas agora não são mais. Eu sinto falta de ficar ao seu lado, mesmo em silêncio. Cada toque seu me dá esperança de que um dia possamos vir a ser mais do que crianças que brincavam neste jardim.

Aquelas palavras de Vicente foram inesperadas. Alana desconfiava dos sentimentos do rapaz e nunca os desmerecera, mas uma declaração direta, olhando-a nos olhos, a deixou sem resposta.

– Estou seguro do que sinto por você há muito tempo – ele continuou – e, talvez por medo de perder a nossa amizade, nunca tenha dito o que realmente quero para nós dois. Mas fico imaginando como seria se eu me abrisse e tudo que realmente quero acontecesse. Nunca tive problemas em falar o que penso, mas hoje estou escolhendo as palavras porque quero que você goste delas.

A sinceridade de um homem nas questões emocionais é de grande valia para uma mulher, principalmente quando ela é o foco a ser lisonjeado. Alana não poderia discordar de que Vicente havia sido bem-sucedido. Não há maneira mais formidável de sentir-se apreciada do que identificar sua importância através do olhar de outra pessoa.

Por um breve momento, Alana ignorou as consequências do que a menor de suas ações poderia causar e acariciou o rosto de Vicente num gesto delicado, em agradecimento ao jeito como ele a fizera se sentir.

O rapaz se aproximou lentamente de Alana. Ela não recuou. Seus lábios se tocaram em um beijo inocente. Foi breve, porém intenso. No rosto de Vicente

estampou-se um sorriso raro, apenas visto quando acompanhado da verdadeira felicidade. O rapaz beijou as mãos de Alana e cruzou os portões da residência quase como se flutuasse sobre a flecha de um cupido.

O momento havia sido de uma beleza singela, mas em Alana debruçava-se um pesado sentimento de dúvida. Aquele simples beijo, nada mais do que apenas dois corpos se encostando, desencadeou um problema que, se não fosse resolvido, seria um fardo a ser carregado. Enquanto de um lado havia um jovem que tivera seu coração preenchido de esperança por aquele cumprimento, do outro havia uma garota com o coração confuso; perdida entre o anseio inédito de ter um amor verdadeiro, que começava a surgir por um desconhecido filho de imigrantes, e a certeza de um relacionamento seguro com seu amigo mais antigo.

Não bastassem os questionamentos dos diretamente envolvidos naquele ato sentimental inocente, outro coração também estremeceu. De dentro da mansão, Flávia observou tudo, com enorme melancolia, por detrás da janela da sala.

Longe do centro da cidade, Álvaro dormia em seu casebre humilde próximo à floresta. O frio da madrugada já era menor e perdia espaço para o tímido calor que chegava com a aproximação da manhã.

Ele morava em uma casa originalmente de piso térreo, erguida em barro e concreto, que fora ampliada por algum marceneiro amador quando seu pai resolvera construir um segundo andar em madeira para acomodar toda a família.

Do lado de dentro, os móveis carregavam as cicatrizes da violência ocorrida no dia em que sua mãe e suas irmãs foram assassinadas. Na cômoda da sala, nas estantes velhas e no sofá desencapado podia-se ver o estrago da ponta afiada do machado; a prova de que algumas das lendas urbanas podem ser verdadeiras.

No andar de cima, deitado no quarto que um dia fora dos pais, Álvaro dormia inquieto. Todas as noites seus pesadelos o atormentavam com a lembrança de quando perdera a família. Transpirava muito, como se a mente conduzisse as mesmas reações do corpo daquele dia maldito em que precisara escapar do machado afiado de seu pai. Em seu rosto estava impresso o incômodo daquelas memórias. Os músculos sobre seus olhos pesavam para baixo, marcando uma expressão de angústia.

Álvaro só pegava no sono quando não conseguia mais lutar contra a ditadura do relógio biológico que obrigava o corpo a descansar. Mas após adormecer, Orfeu não o abraçava com carinho e sim o guiava pelo inferno das recordações que gostaria de esquecer. Sempre que fechava os olhos, o som angustiante dos berros desesperados

de sua mãe e irmãs era como música satânica acompanhando imagens abstratas que se confundiam. Não havia nitidez naquela lembrança, apenas vultos de formas humanas sendo facilmente despedaçados com violência. Já a figura virulenta de seu pai era bem clara e definida. O castanho forte dos olhos alterados perdia o destaque em meio às veias oculares que explodiam enquanto balançava o machado em sua direção, tentando acertá-lo como um louco.

Seus pesadelos reconstruíam com fidelidade os acontecimentos daquele dia até o momento em que havia sido encurralado. Repentinamente, era como se a consciência adulta de Álvaro possuísse o seu corpo ainda menino e, em vez de continuar fugindo, calmamente fechava os olhos e permitia que sua cabeça fosse repartida pela lâmina pesada do machado. Ele aceitava, de maneira consciente, ser morto pelas mãos do seu pai, como privação voluntária do seu direito de existir.

Seu sofrimento noturno foi encerrado por um estrondo brusco que ecoou do lado de fora. O disparo alto de uma espingarda fez com que Álvaro acordasse assustado antes do horário habitual. Mesmo se quisesse continuar dormindo seria impossível, pois os disparos ressoavam num curto intervalo de tempo. Vestindo apenas a calça surrada que usava para dormir, desceu as escadas e saiu para ver o que estava acontecendo.

Álvaro ficou em frente à porta, buscando com os olhos a direção dos disparos que não pareciam distantes. Não eram poucos os gatilhos sendo apertados, mas estavam concentrados. Os clarões de pólvora estourando das carabinas reluziram numa região da floresta próxima à sua casa, fazendo com que as aves empoleiradas nos galhos das árvores alçassem voo na busca por um local mais tranquilo.

A caça na floresta era comum, mas não durante a madrugada. O rapaz ficou ali observando até que as luzes se apagassem por completo e o som não mais o perturbasse.

Século XX. 1º de maio de 1920. Lua crescente.

Logo que amanheceu, o Dr. Dário abriu o consultório para receber a visita do alcaide Magalhães e do jovem Vicente, que havia mandado informar que trazia boas notícias.

Os dois já se encontravam no local e, mal o rapaz chegou, debruçou o corpo sem vida de um lobo-guará sobre a mesa de exames do consultório do doutor. Palavras não foram necessárias para se fazer entender. Em Vicente havia a expressão confiante de um homem que cumprira o seu dever.

Ronaldo olhou surpreso para Vicente, na expectativa de que aquele animal fosse

o que ele estava pensando. Ficou mudo por um momento, não acreditando que a fera assassina poderia realmente estar ali, sem um sopro de vida em seu corpo, deitada inerte sobre a mesa.

– É este o monstro que aterrorizava nossa vila? – perguntou o alcaide, virando-se para o doutor.

– Foi minha a carabina que abateu o animal – interrompeu Vicente, contando suas glórias. – Fiquei de tocaia e, quando apareceu na minha mira, um disparo foi suficiente para sangrar o bicho com uma bala no pescoço! – disse o jovem, cheio de orgulho.

– Então, Dário? Posso dar a notícia ao povo da Vila Socorro? – indagou Ronaldo, esperançoso.

– Não podemos afirmar nada sem antes examinar o animal.

– Oras, então pegue suas anotações, seus apetrechos e me fale logo se esta é a besta que estamos procurando!

Percebendo a ansiedade do alcaide, que quase babava de angústia, o doutor fez um comentário precipitado apenas para ajudar nas questões emotivas do amigo, constantemente julgado por nunca ter conseguido resolver aquele problema.

– De imediato, só posso afirmar que este lobo me parece ter um tamanho levemente maior do que o comum para sua espécie.

– Para mim já basta!

A afirmação do doutor não queria dizer nada mais do que apenas uma impressão rápida e sem cuidado, mas o alcaide, desesperado pela força enganadora da esperança, saiu do consultório cantando vitória, certo de que podia enfim dar as boas-novas ao seu povo.

– Vila Socorro, tenho boas notícias! O monstro que nos assombrava está morto! – gritava, reunindo uma multidão que o seguia, espalhando a novidade como um vírus contagioso.

Finalmente a porta se fechou e o silêncio deixou que Dário pudesse trabalhar sem ser interrompido pela euforia de Ronaldo.

Vicente ficou ali, junto ao doutor e ao cadáver. Procurou não interromper enquanto Dário buscava os instrumentos apropriados para examinar o corpo do animal abatido. Observou em silêncio o doutor colocar as luvas e com naturalidade abrir a mandíbula do lobo para passar o polegar entre suas presas, começando uma minuciosa observação. O jovem estava nervoso, não por vê-lo violar um corpo sem vida com tamanha frieza, mas por um assunto particular com relação ao qual não conseguiu se conter.

– Doutor Oliveira – começou timidamente –, o senhor sabe que eu e sua filha somos amigos há muito tempo...

– Sim – respondeu o doutor, sem tirar os olhos do animal.

– Eu e Alana sempre nos demos bem e o senhor nunca pareceu se incomodar com a minha presença constante em sua casa.

Apesar de parecer não dar muita atenção a Vicente, por estar compenetrado no exame do cadáver, o doutor acompanhava tudo que o jovem dizia e lhe respondia com lucidez, deixando-o à vontade.

– Antes que eu tome qualquer iniciativa que possa parecer precipitada ao senhor, gostaria que soubesse que tenho por sua filha a estima mais alta que um homem pode ter por uma mulher.

Por respeito à amizade que as famílias sempre tiveram e pelo assunto que parecia caminhar para um pedido óbvio, Dário fez uma pausa para falar ao rapaz olhando em seus olhos.

– Sua família é uma das mais respeitosas da nossa vila, Vicente, e seu pai é um grande amigo pessoal. A presença de vocês em minha casa é uma dádiva para mim e para Alana, que, eu sei, gosta muito de você – completou com um sorriso, antes de voltar a examinar o animal.

A pele de Vicente se arrepiou. Aquelas palavras o deixaram confiante para encerrar a introdução e perguntar o que realmente queria.

– Então, o senhor não se incomodaria se eu começasse a frequentar a sua casa com intenções de... cortejar a sua filha?

A aceitação de Dário era de extrema importância para o rapaz, criado com uma educação muito rígida. O aval do pai de sua pretendida, ainda mais sendo um amigo da família, seria fator determinante para que pudesse continuar suas investidas sentimentais.

Dário, dessa vez, não se virou para Vicente. Ele continuou de frente para o cadáver, mas por um momento encarou o vazio, compenetrado nos pensamentos sobre o futuro de sua única filha.

– Alana é o que tenho de mais precioso, Vicente, e eu não poderia ficar mais feliz se uma união entre nossas famílias um dia pudesse ser concretizada.

Se o jovem fosse cardíaco, aquelas seriam as últimas palavras que ouviria. Não estava acreditando que tudo que sempre sonhara pudesse finalmente acontecer. Enquanto ficou lá, contemplando o momento com o olhar perdido na beleza falsa do seu desejo pessoal, o doutor caminhou para sua gaveta de registros e pegou algumas anotações.

– O senhor não sabe como essas palavras me fazem sentir, Dr. Oliveira – disse o jovem emocionado. – Então, posso contar com o apoio e a bênção do senhor?

– Não! – gritou o doutor.

– Não? – espantou-se o jovem.

A euforia de Vicente fora abatida subitamente pela força monstruosa da desilusão. Mas, antes que estivesse decretado o fim de qualquer esperança do jovem devido à negativa enfática do doutor, cabe ressaltar a importância das anotações que Dário havia retirado de sua gaveta. Eram notas que continham as informações obituárias daqueles que foram mortos pela fera maldita e que diriam com certeza, baseando-se em comparações, se aquele lobo em sua mesa era de fato o animal que procuravam. A pergunta de Vicente não foi indevida, apenas feita em um momento desfavorável.

– Não! – o médico continuou. – As marcas deixadas nos corpos das pessoas que ficaram sobre esta mesa são muito maiores que as presas deste animal.

– O que o senhor está sugerindo?

– Não estou sugerindo! Estou afirmando, com base nas minhas anotações, que o animal que temos que procurar deve ser no mínimo três vezes maior que este lobo-guará sujando a minha mesa!

– Chamarei o alcaide de imediato! – prontificou-se o jovem.

– Não, Vicente. Espere! – o doutor ponderou alguns momentos antes de expor seus pensamentos. – Nossa vila precisa de um pouco de esperança. Continuaremos na caça ao animal, mas deixe que o alcaide amenize os ânimos da população. Assim, quem sabe possamos continuar a busca com mais calma? Vila Socorro precisa recuperar sua autoestima.

Aquele ponto de vista pareceu lógico a Vicente, e, mesmo se o julgasse incoerente, não iria desobedecer à sugestão do homem que futuramente gostaria de chamar de sogro. Concordaram então em deixar que Ronaldo espalhasse a falsa boa notícia ao povo, não por almejarem fugir de uma responsabilidade, mas por uma causa nobre. Os dois haviam se tornado cúmplices de uma farsa, acreditando na premissa de que os meios seriam justificados pelo fim.

Poucas horas depois, já estava organizada uma carreata para desfilar o corpo do animal pela cidade. Uma pequena banda acompanhava Vicente, montado garbosamente sobre um cavalo, puxando a charrete onde o corpo do lobo estava cruelmente pendurado pelas pernas. A cabeça do animal tombava para o lado. Sua língua azulada estava fora da boca e seu pelo, na região do pescoço, impregnado do sangue, agora seco, que havia escorrido até tirar a sua vida.

O povo delirava com a passagem do cadáver. Comemorava, arremessava pedras e alguns faziam questão de parabenizar o jovem por sua bravura. Vicente estava vivendo seus momentos de celebridade local. Ele acenava ao infinito, dando aos desesperados por afeto a ilusão de que era exclusivamente a eles que o herói cumprimentava com tamanha simpatia.

O som da percussão e de instrumentos de sopro já podia ser ouvido na rua principal, próximo destino no roteiro do desfile. Álvaro estava na mercearia de Seu Romário, entregando as frutas e verduras que cultivara em sua terra para ter uma fonte de renda. Ele recebia o pagamento das mãos do mercante quando percebeu a aproximação da passeata. Logo que viu o lobo pendurado na charrete, não precisou de muito tempo para associar aquele corpo exposto ao resultado dos disparos que ouvira na madrugada.

Álvaro olhava compenetrado o animal, mas Vicente, ignorando a modéstia, acreditou ser ele o foco de apreciação e cumprimentou o rapaz a distância, como fazia com todos por quem passasse. Álvaro inclinou a cabeça, respondendo ao cumprimento, e Vicente continuou com seu sorriso largo endereçado a qualquer um que visse pela rua.

Não havia quem passasse por Álvaro sem notar os seus olhos consternados. Em seu rosto havia aquela expressão destoante no meio da multidão eufórica. Poderiam imaginar que o rapaz estava cansado ou que não concordava com a crueldade feita ao animal, mas os motivos da preocupação de Álvaro eram outros.

Os habitantes da Vila Socorro não eram uma exceção à regra difundida de que um terreno destinado ao sepultamento de cadáveres não era exatamente um dos lugares mais procurados para se passar o tempo livre. Muitas pessoas evitam cruzar os portões de um cemitério para não serem perfuradas pela flecha da lembrança que carrega consigo um bilhete assinado pela própria Morte com a perturbadora verdade de que ao pó voltaremos. Essa não era uma preocupação sobre a qual Álvaro perdesse tempo refletindo. Logo que terminou seus afazeres no centro da cidade, dirigiu-se ao cemitério local e adentrou em passos firmes os portais enferrujados do campo-santo.

As lápides descansavam sob o sol na necrópole do vilarejo. Estavam sujas e castigadas pela impiedosa força do tempo e pela falta de cuidados por parte daqueles que haviam esquecido seus parentes debaixo de sete palmos de terra. O local não recebia muitos visitantes; a não ser no Dia de Finados, em enterros ou em alguma data especial em que o morto era lembrado.

Álvaro não precisava de datas comemorativas para visitar os entes queridos. Ele caminhou vários metros até as lápides de sua família e fez uma oração rápida em silêncio. Sua mãe e suas irmãs estavam lado a lado, dispostas pela idade. O túmulo de seu pai ficava afastado, deixado sozinho onde o mato sequer era capinado.

Após a morte do italiano, seus restos foram fadados a ficar longe dos de sua família, em uma sepultura encardida, sem flores nem velas, que exibia as mais criativas e obscenas pichações.

Álvaro ajoelhou-se em frente ao túmulo solitário. De todas as oito covas, era nessa que ele passava mais tempo. Sempre fechava os olhos e dialogava mentalmente com o pai durante horas.

Quem observava Álvaro a distância era Valêncio. Sem ser notado, o velho o havia seguido desde que o reconhecera no centro da cidade. Novamente resolveu abordar o jovem, interrompendo a tranquilidade do silêncio.

– Aquele que procura a companhia dos mortos no meio de um dia ensolarado como este é porque não gosta de conversar ou porque perdeu todos com quem se importa – disse ele ao rapaz enquanto se aproximava. – Eu gostaria de saber qual deles é você, jovem Cesari.

A pronúncia de seu sobrenome por parte de um senhor a quem ele fizera questão de não se apresentar o incomodou. Álvaro tirou o peso dos joelhos e novamente colocou-se de pé, encarando Valêncio com ar confuso.

– Não precisa ficar assustado, meu rapaz – continuou o velho. – Deduzi que, pela data na lápide do morto, esse provavelmente seria seu pai. Bastiano Cesari. Isso te torna o “jovem Cesari”. A não ser que queira que eu te chame de outra forma.

– O nome é Álvaro – respondeu impaciente.

– E então, Álvaro?

– E então o quê?

– A pergunta que eu te fiz. Qual deles é você?

Valêncio parecia ter certa facilidade em provocá-lo. Novamente o rapaz abandonou a conversa incomodado, sem dar explicações, mas, antes que ele pudesse cruzar os portais do cemitério, Valêncio falou alto para ter certeza de que seria escutado:

– Pelo seu comportamento arredio eu diria que você é um dos que não gosta de conversar. Mas o sobrenome daquelas outras sete lápides me diz outra coisa.

O jovem se enfureceu com o comentário inapropriado e voltou para encará-lo com olhar ameaçador.

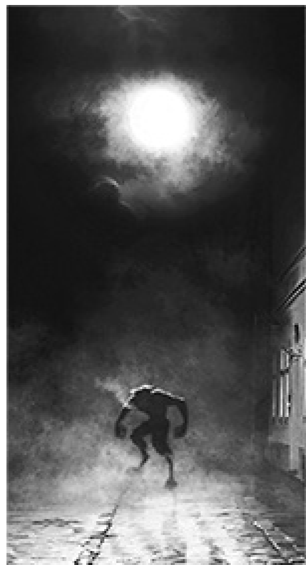
– E o que você acha que sabe, velho?! – indagou com raiva.

Valêncio foi sensato em optar por permanecer calado e não irritar ainda mais o rapaz, que parecia perder o controle facilmente. Em questões familiares, ninguém pode ser julgado por defender com unhas e dentes os mais queridos, principalmente depois de mortos. Valêncio sabia disso e respeitava o sentimento, mas para chegar ao seu ponto de interesse precisava entender os limites do jovem.

Álvaro deu as costas ao velho e foi embora. Valêncio esperou em silêncio que ele se afastasse e respondeu para si mesmo a pergunta que fizera ao rapaz.

– Eu creio que você seja os dois, Álvaro Giardini Cesari.

Valêncio gostava de ter a última palavra. Não a falou para que o jovem ouvisse porque vira em seus olhos que a provocação anterior já poderia ter causado algum tipo de agressão física; na sua idade avançada, não conseguiria defender-se. Valêncio sabia que teria outras oportunidades para conversar com o rapaz. Precisaria apenas ter paciência.



Capítulo 3

Século XIX. 24 de novembro de 1897. Lua nova.

A família Cesari, após alguns anos de trabalho suado de Bastiano, conseguiu um pequeno pedaço de terra nas proximidades da floresta. Era um rancho humilde, com uma casa mal-acabada em barro, que Bastiano reformou da maneira que pôde, levantando um segundo piso para os quartos. Deu atenção especial à preparação do solo para que sua família pudesse viver dos alimentos que eram lá cultivados. Logo que o terreno deu os primeiros frutos, Bastiano começou a vender a produção ou trocá-la por carne e demais necessidades do dia a dia que não podiam ser produzidas ali. Separava uma boa parcela para vender na cidade, fazendo questão de reservar o que havia de melhor para suas filhas.

Em mais um dia de trabalho árduo na pequena lavoura, o calor escaldante indicava o ápice do verão. As nuvens que pairavam na imensidão do firmamento apenas descoravam pequenas partes do anil celeste como falhas de um pincel gasto. Os raios solares queimavam a pele de Bastiano enquanto ele trabalhava duro na enxada, batendo-a contra o chão, arando a terra.

O cansaço o forçou a parar por um momento e secar o suor que escorria pela testa. Ele viu Clemenzia caminhando em sua direção com um copo de água fresca. A imagem de sua esposa já era suficiente para reanimá-lo a continuar naquela labuta braçal. Ele trabalhava com empenho para dar à sua família o melhor que podia. Era o amor entre eles o verdadeiro alimento que os sustentava.

Clemenzia ofereceu o copo a Bastiano, que lhe agradeceu com um beijo amoroso na testa e sorveu todo o líquido em um único gole. Aquela água era o que precisava

para aguentar mais algumas horas de castigo. Devolveu o copo para a esposa e retomou o trabalho.

Depois de algumas golpeadas na terra, Bastiano notou que Clemenzia não havia ido embora. Ela continuava ali, e ele podia perceber que tinha algo importante a dizer. Seu rosto estava radiante, o que indicava uma boa notícia.

Bastiano virou-se para a esposa, na dúvida do que se tratava. Por um breve momento ficou preocupado com o mistério que a mulher fazia ao permanecer em silêncio com aquele sorriso emblemático no rosto, mas foi suficiente que ela sussurrasse poucas palavras em seu ouvido para que ele largasse a enxada e rodopiasse Clemenzia em seus braços.

Naquela mesma noite, na mesa de madeira escura em que Bastiano, sua esposa e filhas jantavam, ele não conseguia tirar o sorriso do rosto enquanto olhava apaixonado para a mulher. A comida tinha um sabor especial naquela ceia, apesar de ser o mesmo preparo. Os sons que vinham da floresta eram como sonetos, mesmo com a guizalha dos grilos desafiando o coaxar dos sapos antecipando a garoa. Os cheiros, as vozes, os toques, tudo parecia maravilhoso e estava de acordo com a paz universal daquele momento de felicidade plena.

Depois que o manto negro do crepúsculo se alargou sobre a vila e encobriu qualquer resquício da sobrevivência do Sol, no quarto, iluminado apenas por uma vela e pelo brilho das estrelas que adornavam o céu daquela noite, Bastiano colocou a palma da mão sobre o ventre de Clemenzia antes de dormirem.

– *Sono sicuro che ora sarà il mio ragazzo* – profetizou ele a vinda ao mundo do seu tão esperado filho homem.

Os dois sorriram, olhando-se mutuamente no fundo dos olhos. Bastiano apagou a chama tímida da vela e adormeceu ao lado de sua amada sem retirar a mão de seu ventre.

À medida que a criança se desenvolvia na proteção do útero materno, também crescia o amor entre o casal. A família já era harmoniosa e de respeito mútuo, mas agora as barreiras da rotina, que desgastam qualquer relação com o tempo, tinham sido rompidas pela inebriante sensação de alegria que ia do pai à filha mais nova do casal. Todos esperavam o novo Cesari de braços abertos.

Apesar de ter larga experiência na gestação de uma criança, Clemenzia estava vivenciando aquela gravidez com sintomas completamente novos. Seu físico estava ótimo e sua pele, bem limpa. Bastiano era quem agradecia, principalmente por ela não dar seus espetáculos de dramaticidade como fizera nas gestações anteriores.

Com a barriga já acentuada, Clemenzia gostava de admirar o seu formato diante do espelho. O ventre pontudo era diferente da silhueta espalhada que exibira ao carregar suas meninas. Dessa vez não estava inchada e de ânimo nunca estivera tão disposta. O único sintoma que a desagradava era como seus pés ficavam friorentos, precisando sempre cobri-los durante a noite. Mesmo assim, ainda era melhor que os frequentes enjoos matinais de que se lembrava bem. Todas aquelas diferenças davam-lhe cada vez mais a certeza de que dentro de si se desenvolvia um menino.

Século XIX. 5 de maio de 1898. Lua cheia.

O tempo parecia demorar a passar devido à euforia de Bastiano, que mal podia esperar para ter certeza de que teria o filho que tanto queria. Apesar disso, havia uma rotina mensal que ele teimava em cumprir religiosamente. Uma vez por mês, o pai de família se preparava para passar a noite fora logo que o sol começava a se esconder, alegando que precisava ir até a cidade vizinha vender algumas das verduras cultivadas em sua horta.

No final daquela tarde, Bastiano vestiu suas botas sentado numa cadeira da sala, sob o olhar inconformado de Clemenzia, que insistia que o marido não fosse. Ela não concebia a ideia de que, mesmo com a barriga já de muitos meses e fortes dores nas costas, Bastiano não abrisse uma exceção à sua regra.

– Esta noite você não pode ficar, Bastiano?

– É uma caminhada longa até a Vila Esperança, Clemenzia. Não quero enfrentar a mata durante a madrugada. Cedinho estarei de volta. A gente vai precisar de mais dinheiro para cuidar bem do nosso *bambino*.

– Talvez fosse a hora de arranjar um cavalo para você não precisar passar a noite fora.

– Não lembra das galinhas ou do porco que ficava no chiqueiro? Sempre vinha algum animal da floresta e era pena e tripa para todo lado. Cavalo é um animal muito caro para corrermos o risco de ter esse prejuízo. Ainda mais agora.

Clemenzia não escondeu seu aborrecimento. Após a negativa de Bastiano, olhava para o piso sujo, as paredes sem tinta, o teto rachado, tudo menos os olhos do homem.

Percebendo o descontentamento da esposa, Bastiano levantou da cadeira e caminhou em sua direção. Ela estava um pouco arredia, mas bastou buscar seu olhar com um sorriso, levantando suavemente o seu queixo na forma de um afago, para quebrar o mau humor da mulher. Ele a abraçou com força e beijou sua boca antes de acompanhá-la até o quarto.

Bastiano concordava com Clemenzia e dava razão a todos os seus argumentos, mas sabia que não poderia ficar, por mais que quisesse. Não era uma simples questão de adiar um compromisso. Naquela noite ele não poderia estar ali e não haveria motivo no mundo que o convencesse do contrário; nem mesmo se a bolsa de Clemenzia rompesse naquele instante e ele tivesse a oportunidade de ver o filho nascer.

Bastiano colocou a esposa para dormir e a cobriu gentilmente com um cobertor de lã xadrez.

– Tem certeza que não pode ficar? – insistiu ela pela última vez.

– Você não tem ideia de como eu gostaria, Clemenzia. Mas foi com o trabalho que conseguimos este pedacinho de terra. É pequeno, mas é nosso. Não quero que falte nada para vocês. E, se eu não for este mês, no mês que vem você vai pedir que eu fique de novo e vou acabar me acostumando.

– Seria bom – brincou a esposa com um fundo de verdade.

Os dois sorriram. Era um clima de completa harmonia que se sentia na casa. E, naquele quarto, o calor de um casal apaixonado incendiava ainda mais a chama da alegria.

Bastiano se envolveu na beleza da esposa, enfeitiçado pela preciosidade daquele olhar, e teria perdido a hora não fosse pela sombra que encobriu o seu rosto para lembrá-lo de que o sol se deitava no horizonte. Do sorriso veio rapidamente a carranca e o brilho em seus olhos apagou. Toda a felicidade escapou daquele rosto para dar lugar às olheiras fundas e ao nervosismo. Bastiano ajeitou a coberta sobre Clemenzia rapidamente, acariciou seu rosto uma última vez e beijou a sua testa, como sempre fazia antes de sair.

– Cuidado para não deixar as crianças saírem. Fiquem...

– *Fiquem dentro de casa porque, de noite, lá fora é perigoso* – ela completou, interrompendo o marido. – Eu sei, querido, não precisa falar toda vez.

– Se eu repito sempre, Clemenzia, é porque é importante. Tem muito animal selvagem nessa mata. Não saia por nada e nem deixe as crianças saírem!

Bastiano apenas esperou a confirmação silenciosa da esposa e partiu apressadamente em passos largos. Aquele sermão Clemenzia já havia decorado há anos. Mesmo que seu marido não o repetisse, a mulher sempre acataria a ordem de ficar a portas fechadas.

Pela janela do quarto Clemenzia podia ver a lua cheia começando a ser descortinada por detrás das nuvens. O astro revelava-se amarelado e enorme, de uma beleza não tão rara, mas que impressionava toda vez que ornamentava o céu

com sua presença indiscreta.

A mulher saiu de baixo das cobertas e sentou no canto da cama para apreciar o exibicionismo lunar, mas sua atenção acabou direcionada a Bastiano, que corria em direção à floresta. Clemenzia estranhou a pressa do marido. De fato ele havia saído um pouco mais tarde do que de costume, mas nada que o impedisse de chegar a Vila Esperança apenas poucos minutos atrasado.

Após o corpo de Bastiano desaparecer mata adentro, coberto pelas folhagens que o camuflavam em sua trilha, Clemenzia alcançou no criado-mudo de madeira, ao lado da cama, uma vela branca e um pires já sujo de cera derretida. A mulher era cristã devota e não dormia sequer uma noite sem a graça divina. Ela acendeu a vela e, como boa religiosa, prostrou-se ao lado da cama e entrelaçou os dedos para uma oração. Num tom de voz sereno, imergiu em sua prece e pediu que Santa Maria, mãe de Deus, rogasse pelos pecadores, agora e na hora de suas mortes, amém.

Clemenzia deitou-se, deixando que a vela queimasse, resguardando seu sono na metáfora de que Cristo é luz. Com o passar da noite, a cera escorria e ia se misturando às outras cores das velas de adorno que também haviam sido fincadas um dia naquele mesmo pires.

A flama ainda estava viva, porém contida nos seus últimos momentos antes de morrer. Ela foi diminuindo, consumindo o último milímetro do pavio, até finalmente deixar de existir e permitir que o quarto fosse invadido pela completa escuridão.

Era alta madrugada. O som dos animais noturnos não dava ao silêncio o seu direito. Deitada na cama, Clemenzia não se importava com o barulho. Os anos fizeram com que se acostumasse ao tom notívago silvestre e hoje apreciava a harmonia de uma sinfonia selvagem. Mas ela estava inquieta. Algo parecia incomodá-la. Procurava constantemente achar uma posição mais confortável para deitar. Por fim sentou-se na beirada da cama. Não eram suas costas que brigavam com o colchão, mas sim sua bexiga que precisava ser esvaziada.

No escuro do quarto ela não conseguia identificar onde estava a comadre. Tateou com os pés perto da cama e, para sua infelicidade, descobriu da pior maneira que o recipiente já estava preenchido, quase transbordando.

Resolveu deitar-se contrariada e pegar novamente no sono, mas a vontade de urinar era grande. Cogitou ir até a latrina do lado de fora da casa, mas se lembrou dos tantos perigos alardeados por Bastiano. Tentou tirar a ideia da cabeça, já que havia prometido ao marido não sair por nada. Mas não conseguia pensar em outra coisa. Aquela vontade aguda passou a ser o centro de todos os pensamentos de Clemenzia. Pelas dores que sentia, certamente já havia ultrapassado o limite máximo

que sua bexiga era capaz de aguentar e agora, inclusive por questões de saúde, era necessário esvaziá-la.

A mulher respeitava muito o marido e sabia que dera sua palavra de que não sairia, mas a situação estava ficando insustentável. Ela procurou diversos pretextos para apoiar a razão de desobedecer à ordem de Bastiano, mas nenhum parecia suficiente para quebrar a sua palavra. Por um momento, teve raiva do marido e foi aí que achou um motivo; concluiu que, se ele fazia tanta questão de que ela não se aventurasse na área externa durante a madrugada, não deveria ter se esquecido de limpar o vaso noturno. Como juíza desse caso tão complicado entre o desejo e a promessa, ela encerrou o julgamento a favor da sua vontade. Botando a culpa naquele que ordenara o encarceramento, achou-se na razão de fugir da prisão domiciliar. E, já que teria que sair, ainda faria o favor de levar consigo o penico para esvaziá-lo.

Estava frio do lado de fora. Mal Clemenzia abriu a porta e o sopro da noite a obrigou a cobrir os ombros com um pequeno xale feito com sobras de lã. Seus passos eram cautelosos. A princípio, pensou em todos os perigos apontados pelo marido e quase retornou, mas sua necessidade fisiológica a obrigou a encarar as histórias de Bastiano apenas como terrorismo para afirmar uma superproteção infundada.

De fato, havia animais noturnos que a rodeavam, e ela os viu. Deparou-se com uma imponente coruja empoleirada em uma das janelas, parecendo observar algo com atenção. Seu olhar era fixo, mas a cabeça fazia poucos movimentos, como se acompanhasse a agitação de alguma presa. Havia outros seres no breu da noite que Clemenzia não conseguia ver, e isso a assustava. Passou devagar pela ave de rapina, equilibrando o vaso noturno para não espirrar urina em seu braço.

A mulher se aproximava da latrina. Bastava dobrar a lateral da casa e atravessar o canteiro para chegar à casinha de madeira, despejar o conteúdo do vaso, fazer suas necessidades e voltar para a cama sem que Bastiano sequer desconfiasse que ela havia saído durante a noite. Mas foi ao passar pela parede de acesso à horta que Clemenzia viu algo completamente inimaginável.

As entranhas da carcaça desfigurada de um animal selvagem eram devoradas com avidez por uma criatura monstruosa, semelhante a um lobo. A fera era enorme, ainda que sua postura curvada escondesse seu tamanho assombroso. Pelos negros cobriam quase todo o seu corpo, deixando apenas falhas no peito e o rosto nu. A mandíbula acentuada para a frente, com caninos pontiagudos, marcava a ferocidade de suas expressões. Os olhos, que pareciam brilhar como lampião aceso na noite,

eram aterrorizantes e vermelhos como sangue.

O pobre animal que havia sido arrastado para lá não passava de uma ossada retalhada pelas garras da criatura. Clemenzia estava paralisada, quase em estado de choque. Não conseguia conceber aquilo que estava diante de seus olhos e ficou petrificada pelo medo.

De repente o monstro parou de arrancar com os dentes a carne crua que saboreava e, lentamente, como se farejando algo no ar, virou o rosto para encarar a mulher. A mandíbula da fera estava adornada em vermelho. O sangue fresco escorria de seus caninos e sujava seu pelo. Clemenzia estava cada vez mais ofegante, porém suas pernas não obedeciam ao seu desejo de correr. A criatura encarou a mulher sem ameaçá-la a princípio, mas seu rosto monstruoso já era suficiente para aterrorizar qualquer um que se deparasse com aquela aberração.

Algo invisível e silencioso chamou a atenção da besta feroz. Seus olhos se cerraram e suas narinas abertas farejaram no ar um aroma que parecia extasiá-la. O rosto levantou-se à procura do alimento e seus olhos se reviraram devido ao odor provocante e saboroso que aguçou os seus sentidos. Era um cheiro conhecido. Um cheiro que geralmente a guiava às suas presas. Era o cheiro de uma criança se formando no ventre.

A criatura encarou Clemenzia salivando pelo sangue grosso que corria nas veias da mulher para proteger a placenta. O monstro ficou enlouquecido, expôs suas presas e passou a rosnar com fúria.

Clemenzia sabia que seria atacada e precisava proteger sua criança. Deixou o vaso escorregar de suas mãos e correu em direção à porta da casa. A barriga enorme dificultava a fuga, mas no instinto de proteção materno ela buscou forças para correr como nunca.

O animal começou a persegui-la em uma velocidade sobre-humana e estava cada vez mais próximo. A mulher não olhou para trás. Manteve-se focada em alcançar rapidamente a entrada da casa. A porta estava a poucos metros, mas o monstro a seguia de muito perto.

As pernas fortes da criatura se prepararam para o bote. Com a ajuda dos seus braços longos, tomou impulso e pulou para cravar os dentes afiados no pescoço da presa. A besta já caía sobre o corpo de Clemenzia quando ela alcançou a maçaneta da porta e a abriu de forma brusca. Por muito pouco a mulher conseguiu entrar e forçar rapidamente a porta contra o batente. Mas o monstro conseguiu fincar os caninos na saia da camisola de Clemenzia antes que a porta se fechasse por completo. A criatura tentou puxá-la para fora com violência. A força do monstro era

brutal e, a cada investida, o corpo da mulher escorregava em direção à saída e era forçado contra a porta. Clemenzia tentava escapar, mas era arremessada de costas ao chão. Ela gritava e prendia as unhas no assoalho sem saber por quanto tempo iria aguentar.

O animal descontrolado não parava. A ferocidade com a qual forçava a mulher para fora, com os dentes afiados encravados no tecido da camisola, acabaram rasgando a barra do traje noturno, a soltando por um instante.

Ao perceber-se livre, Clemenzia levantou rapidamente e conseguiu trancar a fechadura antes que o monstro investisse contra a porta, na tentativa de arrombá-la. Logo na primeira batida a porta quase cedeu. Sem tempo para pensar em outras escolhas, a mulher reforçou a porta com as próprias costas, tentando evitar a entrada da fera.

Uma de suas filhas, a pequena Francesca, acordou com todo aquele barulho e saiu do seu quarto para ver o que estava acontecendo.

– Mãe, por que você está gritando?

– Volta pro quarto com as suas irmãs! Tranca a porta! – gritou Clemenzia.

A menina quase desceu as escadas para ver o que estava acontecendo, mas foi repreendida por um berro obrigando-a a obedecer. Francesca voltou para o quarto chorosa, sem entender a hostilidade da mãe.

De repente a criatura parou de investir com fúria e tudo ficou em silêncio. Clemenzia aguardou para se afastar vagarosamente da porta e continuou a observando com os olhos arregalados. Estava tensa. O respiro ofegante do monstro ainda podia ser ouvido.

Clemenzia tremeu ao ver que a besta fungava por debaixo da porta, mas permaneceu inerte. Após uma breve ausência de ruídos, seus ouvidos atentos notaram um som diferente. Eram as garras do animal arranhando a madeira, como as de um cachorro procurando abrigo em dia de chuva. Aquela ação não tinha a mesma agressividade, mas era igualmente perturbadora. O som das unhas riscando a porta de entrada da sua casa parecia torturar Clemenzia com a imaginação de uma morte dolorida, de sua carne sendo cortada por aquelas garras, que cavoucariam sua barriga e devorariam seu bebê. Clemenzia olhou para a estante e notou que conseguiria empurrá-la. Encostou-a contra o batente com certo esforço.

O animal finalmente pareceu ter desistido. Seus passos puderam ser ouvidos ao se afastar. A mulher aproveitou para correr até o quarto. Ela sentou horrorizada na cama e abraçou as pernas, buscando proteger-se em seus próprios braços. Chorou em silêncio, desejando que Bastiano estivesse ali.

Clemenzia ergueu seu olhar na busca por salvação divina e reparou, no teto de seu quarto, o espetáculo macabro de um teatro de sombras. A luz da Lua refletida através da janela pintava desenhos deformados das árvores que se animavam ao vento. Foi quando viu que a fera não havia partido. Sua silhueta monstruosa passou vagarosamente pelo palco sob o olhar temeroso da mulher. A fera ainda rondava a casa e o ruído baixo dos seus passos atormentava a sanidade de Clemenzia.

O medo fez com que ela não conseguisse mais segurar a forte necessidade de urinar, molhando o que restava de sua camisola e a roupa de cama que cobria o leito. A mulher, apavorada, permaneceu sobre as roupas encharcadas de urina e sequer piscou durante toda aquela noite angustiante.

Com a aproximação da manhã, a fera correu para a floresta e desapareceu. Clemenzia se deu mais algumas horas de clausura após a luz solar clarear o dia para que pudesse sair, lavar suas roupas e limpar seu corpo.

Enquanto estendia no varal sua camisola rasgada pelos dentes da fera e a roupa de cama lavada, seu olhar continuava sem rumo. A imagem daquela criatura não desaparecia de sua cabeça, e o medo de perder sua criança nas presas do monstro trazia lágrimas aos seus olhos. Ela esperava impacientemente que Bastiano chegasse, na certeza de que suas palavras iriam confortá-la de alguma maneira. Queria se sentir protegida nos braços do marido e contar a ele tudo o que tinha acontecido, buscando perdão por ter desobedecido às suas ordens.

O olhar perdido de Clemenzia finalmente encontrou o norte quando viu Bastiano chegar por uma trilha na floresta. Imediatamente, deixou tudo que estava fazendo e correu para os seus braços em prantos. O marido notou ao longe o desespero da esposa e também apressou o passo.

Clemenzia esperou estar aconchegada nos braços do homem para finalmente desabar. Mal conseguia respirar de tanto que chorava. Abraçava-o com força e tentava falar, mas o som das palavras perdia espaço para os soluços.

– Que foi, Clemenzia? O que aconteceu?

Não adiantava. Clemenzia só conseguia chorar.

– As crianças estão bem? – insistiu ele, tentando buscar alguma pista.

Bastiano começava a ficar nervoso, imaginando o pior. Por sua cabeça passou a hipótese devastadora de que talvez ela tivesse perdido a criança, mas isso nem cogitaria perguntar. Ele segurou a cabeça da mulher e a fez olhar diretamente em seus olhos.

– Clemenzia... Olha para mim. Me conta o que aconteceu.

Com os olhos molhados ela começou a gaguejar. Tentou montar alguma frase

que fizesse sentido, mas, ao cravar a vista em Bastiano, ela emudeceu.

Enquanto o homem buscava saber o que a deixara tão assustada, Clemenzia reparou que na boca do marido havia alguns fiapos de roupa, da mesma cor de sua camisola, presos entre os seus dentes. A mulher não sabia o que pensar, tampouco como reagir. Antes que começasse a cogitar teorias improváveis, afastou-se e enxugou as lágrimas com uma desculpa.

– Fiquei com medo de ficar sozinha durante a noite. Tive um pesadelo e não consegui dormir. Desculpe, a gravidez me deixou muito sensível, só isso. Está tudo bem. As meninas estão bem.

Bastiano ficou mais calmo. Ele acreditou na mentira da esposa e se aproximou com um sorriso, acolhendo-a novamente nos braços e dando-lhe um beijo na testa.

– Clemenzia, *mia bella*. Já passou. Agora eu estou aqui e vou cuidar de você. Não precisa mais ficar com medo.

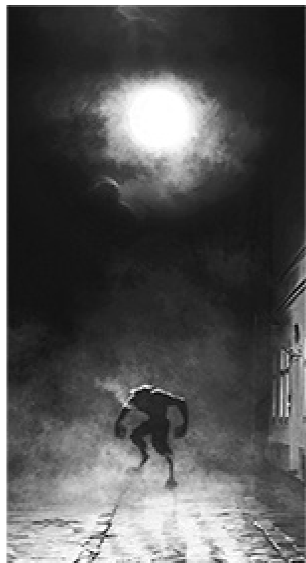
Clemenzia não se sentiu segura como esperava. Seus pensamentos esbarravam no limite do que era racional e, quando invadiram o terreno do desconhecido, não se permitiu continuar com suposições que pareciam absurdas.

Bastiano estava suado e seu mau cheiro era tão forte que nem mesmo ele conseguia suportá-lo. Beijou mais uma vez a esposa e apressou-se em tomar banho e descansar um pouco antes de pegar na enxada e iniciar sua rotina de trabalho.

O marido entrou na casa, mas a mente de Clemenzia continuava a caminhar por fora dos contornos da razão. Ela permaneceu imóvel, observando sua camisola rasgada balançar ao vento.

Sua hipótese agredia não somente o que era racional, como também os preceitos religiosos dos quais jamais ousaria discordar. Estava escuro, e o medo de perder o bebê que carregava no ventre provavelmente a induziu a formar uma imagem assustadora e irreal do que devia ser um simples lobo que encontrou o caminho do rancho ao perseguir uma presa que lhe escapara na floresta. E, quanto aos fiapos entre os dentes de Bastiano, nada deveriam ser além de sobras de uma manga colhida na floresta para o desjejum.

Era essa a história que Clemenzia se forçaria a acreditar e nada mais do que isso. Até porque, durante todos os anos que viveram sob o mesmo teto, ela sempre obedeceu às orientações do marido e nunca fora ameaçada por qualquer perigo. Não ousaria estremecer a relação familiar por fruto de uma imaginação conturbada, baseada em presunções duvidosas. Bastava continuar trancada entre as paredes da casa nas noites que ele ordenasse, como sempre fizera, e jamais tocar naquele assunto.



Capítulo 4

Século XX. 1º de maio de 1920. Lua crescente.

A faixa alaranjada no horizonte limitava a imensidão do azul-celeste que começava a escurecer. Apesar de já estar entardecendo, o céu ainda estava claro quando Álvaro chegou ao rancho após caminhar pelas trilhas da floresta.

Já havia pisado o mesmo chão e cruzado as mesmas árvores tantas outras vezes, mas naquele dia o percurso pareceu menor. A noção do tempo foi perdida em consequência da intromissão desagradável de Valêncio no cemitério, ocupando os pensamentos de Álvaro com suposições sobre o que aquele velho queria.

Já próximo da entrada de casa, Álvaro atravessou o mesmo varal de anos atrás, que ainda permanecia firme fincado no terreno, e estranhou haver um panfleto pregado em sua porta. Pegando-o nas mãos, viu que se tratava de uma comemoração oferecida pela cidade para celebrar a morte do lobo-guará. Todos os habitantes estavam convidados a comparecer ao galpão de festejos da vila para aplaudir o final de uma época trágica para o vilarejo.

Álvaro preferia a companhia do silêncio a de baderneiros bêbados gritando sem razão. Não costumava comparecer a nenhuma celebração da vila, mas, enquanto amassava o panfleto, imaginou que provavelmente Alana estaria lá. Seu olhar indiferente deu lugar a uma tímida expressão de ansiedade, na expectativa de vê-la novamente. Mesmo que ficasse num canto escondido, poderia observá-la a distância para trazer consigo novas memórias do seu rosto. Aquilo foi suficiente para dar como certa a sua presença no evento daquela noite.

No centro da cidade o galpão estava pronto para receber o povoado. Um palco

foi montado para acolher uma pequena banda regional e deixar exposto o cadáver rijo do lobo, que já estava juntando moscas. O animal estava pendurado pelas pernas e sobre ele uma faixa sinalizava que à meia-noite queimariam sua carcaça.

Os habitantes do vilarejo chegavam à festa, acomodando-se às mesas comunitárias ou dançando no centro do salão, embalados pela farra dos instrumentos de sopro e corda. Além do ritmo ligeiro, as manifestações cruéis dos músicos em desrespeito ao corpo do animal empolgavam a multidão. A toda oportunidade, profanavam o cadáver, batendo em seu corpo, chutando sua coluna arqueada ou chicoteando e perfurando seu olho com um graveto no ritmo da música. O povo delirava com aquelas demonstrações descabidas de sadismo.

As grandes mesas de madeira delimitavam a pista de dança. E, mais afastado, com passagem exclusiva, havia um pequeno camarote para receber a classe mais alta da cidade, representada pelos conselheiros da assembleia. Eles ficavam um pouco mais acima, com vista privilegiada da festa.

Apesar do resto das pessoas ter que se aglomerar por entre as mesas, a cidade era pequena e todos se conheciam, não havendo distinção com relação aos bens acumulados de cada um. A classe privilegiada tinha seu espaço reservado, mas a pista de dança era o pátio comum onde todos interagiam como iguais.

Alana e Flávia, como de costume, estavam sentadas juntas. Eram inseparáveis. Na mesa também estavam o Dr. Dário e Carlos George conversando seus assuntos pessoais, sem dar importância ao festejo. Apesar dos dois senhores estarem próximos, o som alto dos instrumentos não permitia que as confidências íntimas que as meninas trocavam chegassem a ouvidos indesejados.

Quase ninguém mais apareceria no galpão. A grande maioria chegara cedo para saborear ao máximo a bebida alcoólica que estava sendo oferecida de graça. A expectativa de Alana em ver Álvaro naquela noite estava sendo soterrada aos poucos, mas, antes que o sepulcro da esperança fosse lacrado totalmente pela desilusão, eis que o rapaz cruzou os portais do festejo.

Alana estava de costas para a entrada, mas Flávia reparou na chegada de Álvaro e contou à amiga, que se virou para buscá-lo com os olhos de imediato. Ainda não o havia encontrado, mas, pela simples razão de saber que ele estava ali tão próximo, seu coração disparou.

Álvaro havia caçado em seu armário uma camisa há muito esquecida. Devido ao desuso, ainda estava alinhada, mas precisou deixá-la ao vento por um tempo para que o cheiro de roupa guardada se dispersasse um pouco. Por isso, havia demorado mais do que o previsto.

O rapaz não percebeu que as garotas o observavam a distância. Procurou Alana entre as pessoas que se divertiam na pista de dança improvisada, e o cadáver do animal pendurado no palco logo chamou sua atenção. Assim que viu o que fizeram ao lobo e a maneira sadista como os músicos e foliões se divertiam às custas de uma carcaça inerte tida como o carrasco da vila, uma inquietação começou a perturbá-lo.

Enquanto Álvaro permanecia assombrado debaixo do enorme batente, os olhos de Alana finalmente o encontraram e seu rosto se iluminou com a visão daquele que seu coração havia eleito para amar. Mesmo ao longe, tê-lo em suas vistas já era motivo suficiente para mergulhar no romantismo. Imaginou-se dançando agarrada a ele entre os casais na pista, mas sua fantasia foi interrompida prontamente por Vicente, que parou à sua frente, obstruindo o seu ponto de apreciação.

– Você se importaria de me acompanhar na próxima quadrilha? – perguntou o rapaz, estendendo seu braço.

Alana ficou sem graça de negar o pedido de um amigo tão antigo, ainda mais depois de terem compartilhado um breve momento de intimidade na noite anterior. Acabou sorrindo sem jeito, entrelaçou seu braço ao do jovem e os dois partiram para a pista.

Flávia acompanhou os dois com olhar enciumado. Era ela quem gostaria de ter sido convidada por Vicente para trocar sorrisos e se divertir ao ritmo da música regional que embalava os dançarinos naquela noite. Ao contrário de Alana, estaria aproveitando o momento intensamente. Poderia demonstrar que seus passos eram melhor ritmados que os da amiga, já que ela não parecia conseguir se soltar por estar pensando em outro rapaz.

Flávia jamais revelara à Alana estar apaixonada por Vicente porque sabia que o rapaz não tinha olhos para outra mulher. A amizade entre as duas era verdadeira e ela não gostaria de disputar um amor com sua melhor amiga. Apesar de Flávia ser insinuante na presença de Vicente, o tratamento que dava ao rapaz não aparentava ser muito diferente do que geralmente prestava a qualquer outro jovem atraente. Era um comportamento natural que mascarava seu amor pelo fazendeiro como apenas mais uma despretensiosa atração adolescente.

Em seu rosto havia a estampa de um sorriso melancólico. Para conseguir o amor de Vicente sem prejudicar sua amizade com Alana, precisaria pensar em uma maneira de colocar Álvaro no caminho da amiga. Ela sabia que quem deixaria Alana nas nuvens não era o rapaz rico da vila com quem dançava, mas sim o jovem de origem humilde que havia acabado de chegar.

Observar Álvaro parado na porta, visivelmente em dúvida se deveria entrar ou ir embora, finalmente acendeu uma luz sobre a cabeça de Flávia. Seu sorriso abatido deu lugar a uma expressão sagaz quando teve uma ideia que poderia funcionar. Bastaria colocá-la em prática rapidamente.

Álvaro estava ali de corpo presente, mas cogitava pegar o caminho de volta ao seu rancho. Com tanta gente ao redor, não conseguia encontrar a silhueta de Alana por mais que procurasse e, como não era muito de comemorações, sua presença na festa parecia algo completamente dispensável. Já estava se virando para pegar as trilhas pela mata quando Flávia o abordou.

– Oi. Não quer me convidar para dançar? – perguntou-lhe com um sorriso radiante no rosto.

Álvaro a reconheceu como a amiga de Alana das assembleias, mas o motivo de tanta felicidade nos olhos da bela jovem ao vê-lo era um mistério para ele.

Flávia era o tipo de mulher que faria qualquer homem escalar as mais altas montanhas se prometesse como recompensa o suave toque dos seus lábios. Mesmo sendo impossível ignorar os encantos da garota, que ostentava um ousado decote num corpete que caía como luva sobre seu corpo bem acinturado, Álvaro tentou se esquivar do convite.

– Eu não costumo...

A jovem nem esperou que ele formulasse uma resposta completa para puxá-lo em direção à pista de dança. Como o rapaz era uma peça essencial para o plano dar certo, não seria ele quem poria tudo a perder por causa da sua falta de habilidade social.

Quem também estava presente na festa era Valêncio, sentado a uma das mesas comunitárias, acompanhado de uma larga caneca de cerveja. Ele reparou em Álvaro sendo puxado pela jovem vistosa em direção à pista de dança e não o perdeu mais de vista. Quando o rapaz percebeu que estava sendo encarado novamente pelo velho, viu-o erguer-lhe um brinde simpático, mas fez questão de ignorar o cumprimento.

Uma melodia rápida de cordas e sanfona embalava os casais que dançavam uma quadrilha local. Flávia e Álvaro acompanhavam os passos, mas seus olhos não se encontravam. O rapaz estava preocupado observando Valêncio, no cuidado de não cair em mais uma abordagem desagradável, enquanto Flávia buscava Alana e Vicente na multidão. Assim que ela os identificou no meio da pista, mascarou em movimentos de dança a sua aproximação ao casal de amigos. Álvaro não percebeu o que Flávia estava fazendo e a acompanhou em todos os passos, como um parceiro

de dança obediente. Com sua atenção direcionada ao velho, nem percebeu que estavam se aproximando de Alana.

Flávia havia chegado aonde queria. Eles já estavam próximos o suficiente para completar o seu plano. Restava esperar um determinado acorde musical, uma pontuação na música da quadrilha que indicaria aos dançarinos que soltassem brevemente seus parceiros. E foi no arpejo tão esperado da sanfona que Flávia largou Álvaro na direção de Alana ao mesmo tempo que Vicente a soltou, forçando uma troca de pares premeditada que pareceu inocente.

Flávia agarrou Vicente e encarregou-se de afastá-lo para que sua amiga ficasse à vontade com o homem que realmente queria. A intenção do plano era de benefício duplo: assim como Alana teria uma oportunidade para tentar ser feliz, Flávia também poderia abrir caminho para buscar sua felicidade amorosa sem prejudicar a amizade que tanto prezava.

Os jovens apaixonados finalmente estavam frente a frente e não sabiam como agir. No silêncio dos seus quartos durante a noite, em seus devaneios amorosos solitários, nunca fora necessário pensar em introduções. Sempre que se imaginavam juntos, já compartilhavam de um amor antigo em que a entrega acontecia naturalmente.

Todos continuavam dançando, mas eles, inertes momentaneamente pelo nervosismo, não se moviam. Álvaro sabia da importância daquele momento. Uma oportunidade como aquela dificilmente voltaria a acontecer. Então, mesmo coberto pelo medo comum aos apaixonados quando se encontram pela primeira vez, superou a timidez e tomou a iniciativa. Sem dizer sequer uma palavra Álvaro estendeu a mão, convidando Alana silenciosamente para dançar.

Seu corpo estremeceu com o convite. A garota estava apreensiva. Ela já havia aceitado dançar com jovens desconhecidos em outros bailes, mas com Álvaro era diferente. Para ela aquela dança seria mais do que apenas alguns minutos de diversão descomprometida. Sua preocupação não estava margeada pelos limites da sua vontade, que gritava por deitar sua mão sobre a palma de Álvaro, mas correndo pelo campo aberto das incertezas sobre aonde aquele convite poderia levá-la. A decisão precisava ser tomada rapidamente e Alana também sabia que aquela oportunidade seria única. Finalmente, apoiou sua mão sobre a de Álvaro, escolhendo ser guiada por um destino incerto.

Os dois começaram a embalar os corpos lentamente, sem muita sincronia. Não estavam preocupados com os passos da dança, mas sim em aproveitar o momento. Palavras não eram pronunciadas, mas os olhos discutiam avidamente a intensidade

dos sentimentos.

Álvaro olhava fundo nos olhos de Alana. Como uma serpente de pálpebras fixas, transparentes, ele não piscou. Alana parecia hipnotizada, completamente absorta na contemplação do castanho-escuro dos olhos de Álvaro. No momento certo, ela sorriu.

Aquela manifestação sincera de felicidade foi como um maestro para a cadência de seus passos. Agora, mais à vontade, realmente poderia ser definido como dança o balanço de seus corpos. Os dois não estavam mais intimidados com a imagem que haviam construído um do outro previamente com tão poucos detalhes. A conversa trivial, de pouca relevância, foi importante para que ambos percebessem que existia entre eles uma sintonia incontestável.

Álvaro agora conhecia o cheiro de sua amada. Seu corpo era como uma flor que exalava o mais doce perfume, e o rapaz, quando perdido, agora poderia encontrar seu rumo mesmo de olhos vendados.

De repente a música parou. O som dos instrumentos deu espaço aos murmúrios descontentes dos dançarinos que ainda se divertiam na pista. Como todos os pares, Álvaro e Alana também se viram obrigados a se afastar, mesmo que não quisessem, para prestar atenção ao que estava por vir.

O alcaide Ronaldo Magalhães subiu ao palco, demonstrando sinais claros de que a noite havia sido bem aproveitada por ele. Nitidamente embriagado, deu algumas estocadas no cadáver do animal para afastar as moscas que repousavam sobre a carniça e pediu espaço aos músicos para que fizesse seu discurso.

– Meu querido povo da Vila Socorro – começou Ronaldo com a voz empapada –, esta é uma noite especial! Hoje nós dançamos e bebemos porque depois de anos sendo atacados na madrugada, voltaremos a ter paz.

Algumas pessoas na pista se dispersaram enquanto outras ficaram ali, esperando as palavras temulentas do alcaide. Grande parte dos presentes compartilhava do seu estado de consciência alterado. A bebida fermentada de cevada maltada fora oferecida sem parcimônia e o ânimo geral era ditado pelos fragorosos beberrões de caneca na mão.

Do camarote, o doutor procurava a filha a distância. Ele a achou no meio de um pequeno grupo amontoado, mas não identificou quem estava ao seu lado.

– Alana! – chamou-a em voz alta, ordenando que retornasse.

Deixar Álvaro não era o que a jovem queria, mas não era de seu feitio desobedecer às ordens de seu pai. Ela se despediu rapidamente, apenas com um pequeno aceno de mão, e correu para se juntar à mesa no camarote. Sentou-se ao

lado de Flávia, que também acabara de retornar da pista com Vicente, mas não deu atenção à amiga. Seus olhos ainda estavam caídos sobre o rapaz.

Flávia notou o olhar apaixonado de Alana, mas preferiu não perguntar nada naquele momento. Seu plano parcialmente bem-sucedido ainda corria risco de ser prejudicado caso Dr. Dário ou Vicente ouvissem algum comentário que considerassem impróprio. Mesmo em voz baixa, um murmúrio poderia ferir seus ouvidos e jogar por terra o esforço daquela noite. Ainda que estivesse ansiosa, aguentou em silêncio e acompanhou o discurso do alcaide.

– Este lobo, que agora é só um pedaço de carne juntando moscas, já nos causou muita tristeza. Mas foi-se o tempo em que este era o nosso algoz! Cansamos de ver companheiros mortos arranhados por estas garras, abocanhados por estas presas e que hoje descansam em paz no cemitério da nossa Vila Socorro.

Alguns dos populares aplaudiam a maneira como Ronaldo se apossava das palavras com entusiasmo. Os que acompanhavam o alcaide na embriaguez davam urros de vitória, enquanto tantos outros, um pouco mais sóbrios, riam e comentavam entre si sobre a ebriedade do homem que cambaleava no palco. O representante do vilarejo pouco percebia as reações de seu povo. Sua maior preocupação era conseguir terminar o discurso de pé. Eis que olhou para o camarote e avistou Vicente, sentado ao lado do pai, e aproveitou para elogiar o rapaz.

– Hoje nós celebramos um feito de coragem de um membro da nossa comunidade. De um jovem que se aventurou na mata sombria depois que a noite havia lançado o seu manto negro sobre a vila e que, com um único disparo de espingarda, nos trouxe novamente o sossego que tanto esperávamos. Aplausos, por favor, para o nosso jovem herói Vicente de Arruda Barros.

Vicente levantou-se com pompa para ser ovacionado e acenou ao povo no galpão. Álvaro e Valêncio foram os únicos que não o aplaudiram. Enquanto os braços de Álvaro permaneceram cruzados, os de Valêncio entornaram mais uma caneca de cerveja.

– Esse jovem – continuou o alcaide – encarou a morte de perto e nos trouxe o “servo do demo”, o “monstro da vila”, a “besta da floresta” ou qualquer outro nome que alguns de vocês queiram dar a este animal! – zombou, antes de alcançar seu relógio de bolso para ver os números que os ponteiros indicavam.

Percebendo a hora avançada, aproveitou para engatar o convite à principal atração daquela noite.

– Como estamos perto da meia-noite convido todos a ir ao lado de fora apreciar uma boa fogueira nesta noite fria, pois chegou a hora de queimarmos este diabo! –

terminou a frase quase gritando.

O povo delirou, inflamado pelo discurso de Ronaldo, e começou a se agrupar desorganizadamente para sair do galpão e conseguir um bom lugar para ver o cadáver queimar.

Os habitantes do vilarejo se assentaram ao redor da estrutura armada para pendurar o lobo sobre o monte de madeira seca. Logo que foi ateado, o fogo não demorou a se alastrar e formar uma grande fogueira. As labaredas altas abraçavam os restos mortais do animal, queimando seu pelo e esturricando sua pele. O povo festejava de forma ativa. Não se continha apenas em observar o defunto ser consumido pelas chamas. Incitava o fogo com restos de bebida e pegava do chão pedregulhos para arremessar contra a carcaça.

Álvaro não tinha interesse em participar daquela demonstração de sadismo. Permaneceu distante, observando a cena grotesca em silêncio. Valêncio o viu quieto no canto, desatento quanto a sua presença, e novamente aproximou-se, lançando uma provocação regada em mistério.

– Isso nos faz pensar o que eles podem fazer quando pegarem o verdadeiro culpado.

Após ter dito isso, o velho parou por alguns segundos, esperando alguma reação de Álvaro. O jovem fingiu não ter escutado aquelas palavras nem ter percebido sua presença. Não mexeu um músculo sequer para não dar motivos a uma nova observação de Valêncio. O velho não demorou para concluir que aquele não era o melhor momento para conversar. Além de ter notado que o rapaz o ignorara deliberadamente, o elevado nível de álcool em seu sangue poderia influenciar algumas de suas palavras, que poderiam sair mais ríspidas, impedindo por completo qualquer possível futuro contato entre os dois. Então, partiu.

Com os olhos, Álvaro acompanhou Valêncio abandonar o festejo e se afastar do clarão que abraçava a fogueira para se embrenhar na escuridão de uma viela. Embora não tenha se permitido dar sinais físicos de preocupação com a frase jogada pelo velho, o rapaz ficou incomodado. As falas de Valêncio queriam sempre dizer mais do que as suas simples palavras e a incerteza sobre aonde o velho queria chegar o irritava.

O patriarca da família Bastos de Oliveira já havia prestigiado o evento organizado pelo alcaide e concluído que sua filha também já havia se divertido o bastante. Apesar das súplicas de Alana para ficar mais tempo junto com Flávia, Dário não julgava seguro deixar sua filha única ao lado de um bando de foliões. Desapontada por sua noite ter que acabar tão depressa, Alana ainda procurou por

Álvaro com os olhos, ao pé da carruagem, mas não o encontrou por detrás da enorme fogueira. Seu pai a apressou e ela entrou no carro desgostosa, no desejo não concedido de ver seu parceiro de dança uma última vez antes de ir embora.

Valêncio caminhava solitário, em passos lentos, pela escura alameda de chão batido em direção à estalagem onde estava hospedado. Depois da hora maldita, eram as criaturas noturnas que vagavam livremente pelo breu das vielas, substituindo os rostos conhecidos da manhã. Dos que caminhavam apenas sob a orientação luminosa do astro-rei, aqueles que não se concentravam ao redor da enorme fogueira como mariposas, repousavam suas cabeças na fronha de um travesseiro.

Após bons minutos de caminhada, ele finalmente chegou à pousada. A porta principal estava destrancada, mas na pequena recepção não havia ninguém para entregar-lhe a chave do seu aposento. Ele aproveitou aquele abandono para observar com mais atenção a arquitetura do local. Se nas ruas da vila o ambiente era sombrio, ali dentro parecia o funesto mausoléu de um cadáver. As paredes eram de pedra e as tímidas flamas das pequenas lamparinas iluminavam o lugar como se uma vela estivesse acesa em respeito ao morto. Aqueles delírios fantasiosos faziam parte do imaginário de Valêncio e, mesmo no escuro, com sombras que se projetavam como fantasmas agourentos, ele não se amedrontava.

Cansado de esperar, resolveu tocar a sineta do balcão para que alguém viesse atendê-lo, mas ninguém apareceu. Ainda fez um sacrifício de etiqueta e esperou alguns minutos antes de tocá-la com mais força e repetidas vezes para ter certeza de que dessa vez fosse ouvido. O som da haste sólida açoitando o metal côncavo dourado emitia um ruído estridente irritante, impossível de ser ignorado.

Tendo comparado o local a um mausoléu, o barulho daquele sino pareceu agora ter acordado de fato um defunto. Vindo de um quarto mais escuro, atrás do balcão da recepção, chegou uma senhora que fez Valêncio parecer um curumim entrando na adolescência. Ela caminhou vagarosamente, apoiada sobre sua bengala e protegida do frio com uma pequena manta.

– Calma que eu chego, meu filho. Parece que as minhas pernas já morreram, mas esqueceram de levar o resto do corpo junto – ela brincou com seu próprio infortúnio.

Só o fato de ela conseguir andar na idade que aparentava ter já era motivo para celebrar. A mulher estava ciente do seu estado e a única artimanha que lhe restava era aceitar sua debilidade física e encará-la simplesmente como uma nova fase de sua vida.

– Não diga isso, minha senhora – Valêncio tentou animá-la. – O fato de não

conseguirmos mais nos levantar com facilidade é justamente para ficarmos sentados exercitando a mente, não é verdade?

– Não depois dos oitenta, meu filho. Eu trocaria todos os meus pensamentos para não sentir dor toda vez que levanto da cadeira. Nem a memória funciona mais – disse ela com as mãos sobre as chaves no painel. – Qual é mesmo o quarto do senhor?

– Seis, minha senhora – disse, reparando no quadro completo, o que indicava que ele era o único hóspede.

A idosa alcançou a chave e a colocou sobre o balcão. Ela sabia que o corredor era escuro, então se prontificou a pegar um candelabro para o hóspede. Felizmente a vela estava próxima, embaixo do balcão, mas, mesmo estando a menos de meio metro de distância, cada movimento da velha parecia ser um percurso de quilômetros. Valêncio queria se retirar, mas era um homem educado e notou que a senhora, agora bem acordada, queria conversar.

– Gostaria de ter ido à festa também. Esse animal assombrou nossa vila por muito tempo e já estava na hora de alguém dar um jeito nisso. Mas nem sair de casa mais eu consigo, meu filho.

– Sugiro que a senhora guarde suas forças para uma próxima vez, então.

A velha ficou intrigada. Valêncio não queria decepcionar a senhora, mas sua frase refletia fortes desconfianças. Dito isso, ele pegou a chave e o candelabro sobre o balcão e saiu em direção ao quarto.

– E não se esqueça de dormir com as janelas bem trancadas – concluiu ele, antes de desejar uma boa noite.

Chegando a seu aposento, Valêncio compartilhou a flama de sua vela com a pequena candeia próxima à porta. Com um pouco do breu devorado pelo lume das duas chamas, caminhou em direção a uma pequena mesa, que ficava debaixo da única janela do aposento, para também acender uma lamparina de leitura. Seu quarto estava repleto de livros. Parecia uma biblioteca particular com acervos raros e invejáveis para aqueles que apreciam a leitura de livros agnósticos, de temática sobrenatural ou volumes apócrifos da Bíblia Sagrada.

A madrugada estava avançada, mas Valêncio não tinha intenção de repousar. Procurou um título específico entre as estantes, acompanhado da luz de sua vela. Seus dedos tateavam os livros para ter certeza de que não lhe escapasse a obra que procurava. Após finalmente encontrar sua leitura para aquela noite, retirou o volume com muito cuidado, por se tratar de um livro antigo com várias páginas soltas. Em sua capa dura e manchada estava, em dourado fosco, o título no idioma original:

Theodore Psalter. Não existia tradução para a língua portuguesa, mas, se houvesse, seria conhecido como *Saltério de Teodoro*.

O livro era um antigo manuscrito bizantino muito elegante, ornamentado com um total de 440 ilustrações coloridas em suas margens, escrito no ano de 1066 por um monge de nome Theodore. Suas extraordinárias pinturas marginais capturavam a essência da arte bizantina durante a Idade Média e sua importância como registro reservara ao manuscrito original um espaço de destaque no Museu Britânico de Londres. A cópia fiel desse volume raro nas mãos de Valêncio e outras leituras semelhantes permeavam a sua curiosa coleção.

Logo que sentou, abriu o livro com destino certo. A atenção de Valêncio não estava no texto, mas nas ilustrações. Nelas estava Jesus. E ele pregava suas palavras a uma raça desconhecida. As criaturas ilustradas tinham o corpo de um homem comum, mas a cabeça era igual à de um cachorro. Valêncio já era versado nos detalhes sobre aqueles seres por meio de outras leituras, mas não deixava de se impressionar por também estarem presentes em um livro de cunho religioso que negava a teoria de que Deus havia criado os seres inteligentes à sua imagem e semelhança.

Aquelas criaturas estranhas tornaram-se conhecidas de Valêncio pela primeira vez após a leitura da enciclopédia *Naturalis Historia*, do autor romano Plínio, o Velho, datada do ano 77 d.C. A obra era tida como o primeiro registro a detalhar as características dessa raça, nomeando-a *Cynocephali*, ou “cabeça de cachorro”.

De acordo com o livro de Plínio, os *Cynocephali* foram uma das criaturas mais monstruosas de sua época e residiram nas montanhas da Índia até sua extinção. Apesar de viverem em sociedade, com certo grau de organização, muitos dos seus costumes eram selvagens. Latiam para se comunicar uns com os outros, viviam em cavernas, vestiam peles de animais como roupa e caçavam utilizando ferramentas primitivas.

Além das descrições mais didáticas encontradas nessa primeira enciclopédia de História Natural que existiu, Valêncio também conhecia outros textos, mais literários, sobre aventuras com passagens na Índia, como as de Alexandre, o Grande. Curiosamente, elas também citavam os cabeças de cachorro, mas, provavelmente para dar dramaticidade maior à leitura, os apresentavam como seres ainda mais monstruosos, que tinham presas enormes e respiravam fogo.

Valêncio tinha um conhecimento amplo sobre aquela raça, mas os trechos sobre a união física entre o homem e um animal, principalmente o lobo, apresentavam enormes contradições que as tornavam favoráveis a contestações. Muito do que já

fora escrito era fruto da imaginação fértil de algum escritor em busca de sensacionalismo grotesco. Por outro lado, o excesso de descrições sobre um mesmo tipo de criatura em países distintos seria uma indicação de que, mesmo parecendo algo improvável, poderia de fato ser verídico.

Mergulhou na leitura, ignorando as ilustrações bizantinas, e devorou madrugada adentro todo o resto daquele saltério.

O lobo-guará agora não passava de uma carcaça desfigurada no braseiro, além das cinzas espalhadas no ar. A comemoração ia se esvaziando à medida que a cerveja secava nos barris. Sem bebida para alegrar os fanfarrões, já não havia quase ninguém na pista de dança.

O alcaide Magalhães cambaleava como se não estivesse acostumado a misturar destiladas e fermentadas. Sua embriaguez era tão vergonhosa que mal conseguia ficar de pé. Precisou ser carregado por dois homens até a carruagem e, logo que entrou, se pôs a roncar num sono profundo.

Carlos George e Vicente ainda estavam no local. Fora eles e os empregados responsáveis pela limpeza do galpão, eram poucas as pessoas que ainda proseavam perto da brasa. Vicente observava o fogo rasteiro morrer, enquanto Carlos George estava atento aos passos tortos de Ronaldo. O fazendeiro não achava certo que um homem de alto prestígio político se permitisse abusar dos seus vícios publicamente, dando mau exemplo à população que nele confiava para tomar decisões importantes em nome de todos. Após tê-lo visto ir embora carregado por pessoas que não aparentavam reprovar o comportamento do alcaide, pelo contrário, ajudando-o de forma altruísta e ainda por cima sorrindo das suas graças, reparou que existia uma relação diretamente proporcional entre ter destaque e ser respeitado. Vide o alcaide, que, em vez de ser jogado na sarjeta como um bêbado comum, foi escoltado por braços desconhecidos até a segurança de seu carro. Sua posição na vila o tornava digno de um tratamento diferenciado. Carlos George ponderou em silêncio, antes de virar-se para o seu filho:

– O que você me diz de ser alcaide da Vila Socorro, Vicente?

– Alcaide? – perguntou o jovem, que ainda não estava em sintonia com o pensamento arquitetado por seu pai.

– Sim. Alcaide! Ter prestígio. Receber as honrarias que nossa família merece!

– O cargo não é preenchido pelo senhor Magalhães há anos?

– Apenas por falta de opção, eu garanto. Está na hora de mudar o rumo desta vila. Se for de seu interesse, eu me responsabilizo pelos gastos da campanha e

garanto total apoio do Ronaldo.

Vicente queria refletir antes de dar uma resposta. Ser o representante da vila era uma responsabilidade muito grande e ele ainda não se achava preparado para exercer tamanha função. Além disso, gostaria de tocar os bens da família, já que o que gostava mesmo de fazer era caçar e envolver-se com as ocupações da fazenda. Porém o olhar incisivo de seu pai à espera de uma reposta imediata não lhe permitiu ponderar.

– O senhor quer que eu seja o alcaide de Socorro, meu pai?

– Quero, meu filho.

Não sobraram muitas opções para Vicente. Um desejo de Carlos George era sempre visto como ordem pelo filho e pelos empregados da fazenda.

– Então, me diga o que preciso fazer.

Carlos George abriu um sorriso e passou o braço por cima do jovem para que o acompanhasse numa conversa em direção à carruagem que os esperava para voltar à fazenda.

– Por enquanto, não precisa fazer nada, meu filho. Deixe que eu me encarregue de preparar o terreno. Mas uma coisa que você já pode colocar na sua cabeça é que o povo gosta de família. Constituir família é a segurança de um futuro próspero na política. Consiga uma esposa e te transformarei no alcaide desta vila.

Para Vicente, aquela tarefa veio como uma bênção. Agora, teria uma boa razão para se empenhar com mais afinco na sua empreitada amorosa e ainda teria o apoio de que precisava.

– Quanto a isso, meu pai, fique tranquilo. Já tenho alguém em vista.

– De família de respeito?

– Creio que o senhor irá concordar que não há família melhor em toda a vila.

A intenção amorosa do rapaz com a amiga mais querida não era movida por interesse político. O sentimento que tinha por Alana sempre fora verdadeiro, mas agora, além de saber que poderia contar com a bênção do Dr. Dário, a incumbência dada por seu pai amparava com mais força a busca pela felicidade.

Alana dormia um sono profundo sob os lençóis da sua cama suntuosa. A Lua brilhava no céu, deixando o aposento claro com a luz que entrava pela janela e refletia seu brilho nas paredes cor de leite.

Na pequena varanda do quarto, do lado de fora da vidraça, estava Álvaro, como se trazido com o sopro noturno. Ele velava o sono de Alana, segurando um ramalhete de rosas vermelhas muito bem-arranjado.

A grande porta de vidro se abriu sem que Álvaro a tocasse. Era como se o vento o convidasse a entrar, embalando a vontade de ambos de estar juntos.

Ele adentrou o quarto levemente, deslizando pelo ar, e debruçou-se com ternura sobre o corpo de Alana. Seus olhos permaneciam fechados, mas agora podia-se notar um sorriso pincelado na tela do seu rosto cândido. Delicadamente, Álvaro descobriu o seio da garota e o beijou. Mesmo adormecida, a boca de Alana articulou pequenos gemidos de prazer.

A atmosfera era romântica. Pétalas de rosas vermelhas, como as que Álvaro trouxera, flutuavam suavemente pelo ar e caíam na cama sobre os dois amantes, que entrelaçavam suas pernas.

Álvaro subiu os agrados. Sua boca, que obedecia aos seus anseios mais libidinosos, abandonou o seio de Alana e trilhou sua pele com beijos suaves até alcançar o perfume do seu pescoço. A ternura como o rapaz dedicava as carícias arrepiaram a jovem no leito. Os lençóis claros e a colcha suave pareciam nuvens de algodão que podiam se estender para ser deificadas pelos lábios apaixonados de um devoto.

Endeusada, Alana permitiu-se desfrutar da reverência, relaxando no altar da adoração. Mas, de repente, o que eram demonstrações de afeto de uma boca carinhosa transformou-se em uma mordida feroz na garganta e Álvaro arrancou com os dentes um pedaço sangrento do seu pescoço.

O medo da morte fez com que a garota acordasse assustada. Ergueu o tronco, ofegante, e demorou alguns segundos até recobrar o senso de realidade. Finalmente, aliviou-se quando tateou a garganta. Reparou que seu seio escapara da camisola. Envergonhada de si mesma, ela o cobriu e voltou a se deitar, ainda transpirando tanto pelo pânico como pelas sensações eróticas daquele sonho.

Antes do susto que a fizera acordar, as sensações vividas no seu mundo imaginário foram de extremo prazer. Seus pensamentos permaneceram aprisionados na imagem dos lábios de Álvaro em seu peito, respiração forte, mordiscando seu mamilo. Em vez de dormir, Alana apertou o seio com uma das mãos, enquanto a outra alcançou o seu sexo úmido. Era a primeira vez que sentia aquele calor intenso entre as pernas. A palma de sua mão entrou por debaixo da roupa e seus dedos se prontificaram a acalentar o desejo, entorpecendo seu corpo num ritmo cadenciado com o quadril que remexia timidamente. Para ela, aquelas mãos eram de Álvaro.

Alana continuou deitada até o horário em que habitualmente levantava para tomar café. Depois que se trocou, foi para o jardim, onde uma mesa com pães e frutas estava posta. Ela começou o desjejum sozinha, mas logo foi anunciada a

chegada de sua amiga Flávia, que queria saber os mínimos detalhes da noite anterior. Prontamente as criadas montaram prato e talheres extras para a convidada e lhe serviram uma xícara de café, enquanto se sentava.

– Bom-dia. E, antes de qualquer coisa, não! Não precisa me agradecer, Alana.

– Ai, Flávia, você não tem jeito. Eu não sou de fazer as coisas no impulso como você.

– Por isso é que somos amigas. A gente se completa. Eu te estimulo e você me reprime. E é bom variar um pouquinho, não é? Me conta. Como foi?

– Ah, não tem muito o que falar – respondeu Alana envergonhada, escondendo suas palavras enquanto bebia um gole de chá.

– Hum... Não é o que me pareceu...

Alana não queria esconder nada de Flávia e mal podia esperar o momento para falar de Álvaro com ela, mas não queria comentar sobre o assunto na frente das criadas. Ela sabia que um provável envolvimento com um rapaz desprovido de bens, filho de imigrantes italianos, seria motivo de falatório e os boatos que surgiriam daquela conversa poderiam cair nos ouvidos de seu pai. Alana só esperou que elas entrassem na casa para contar com empolgação à amiga tudo o que sentia.

– Flávia, eu não sabia que esse tipo de sensação sequer existia. Cada toque dele na minha pele fazia com que eu pudesse simplesmente morrer. E morrer feliz!

– Credo, Alana. Não fala desse jeito.

– Tenho certeza de que não é só uma afeição qualquer, Flávia. Ele fez com que eu me sentisse diferente. O Álvaro me olhava tão fundo nos olhos que eu sentia... medo.

– Medo?

– É, mas um medo bom. Medo de perder algo importante. Era como se ele quisesse me prender num olhar e eu permitisse isso para ficar ao lado do carrasco. Fico arrepiada só de lembrar. Eu não queria que a música parasse nunca para ele não tirar mais as mãos de mim. Queria ficar presa para sempre.

– Nossa! Então é sério.

Alana não retrucou, consentindo apenas com o sorriso apaixonado e o olhar perdido nas alturas.

O silêncio de Flávia foi o tempo necessário para formular a melhor abordagem para um outro assunto que a interessava.

– Mas... e o Vicente? – perguntou como quem não quer nada. – Convenhamos que ele não esconde os sentimentos que nutre por você.

– É verdade. Com o Vicente eu não sei o que acontece – respondeu com uma

expressão sem graça, lembrando-se de vários dos momentos que tiveram juntos, tentando identificar algo que pudesse ser maior do que simples estima. – Sempre imaginei o futuro com ele por perto, mas não sei se o que sinto é mais que amizade. Com ele eu envelheceria sabendo que sempre teria um companheiro ao meu lado, mas com o Álvaro eu me sentiria como se a cada noite, quando o dia terminasse, eu fosse morrer só por não ficar do lado dele.

Flávia ouviu o que precisava para dar uma continuidade saudável ao seu plano. Alana estava completamente perdida pelo descendente italiano. Sendo assim, se a relação dos dois prosperasse, Vicente estaria desimpedido para que ela pudesse colocar em prática todos os seus encantos.

– Seu caso é grave, minha amiga. O único remédio é vê-lo o quanto antes. Já sabe quando?

– Não sei se isso vai acontecer, Flávia. Nos contos mais românticos um amor impossível geralmente acaba em tragédia.

– Mas os momentos juntos não são narrados como recompensadores?

– O meu pai seria o primeiro a desaprovar um relacionamento com filho de imigrante.

– Talvez ele nem precise saber, não estou certa?

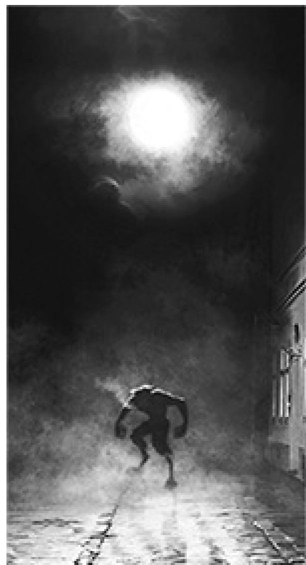
O último argumento de Flávia fez Alana ponderar se deveria prostrar-se à obediência ou seguir o que seu coração almejava. Mesmo quando irracionais ou errados, os atos motivados pelo amor têm a desculpa de terem sido feitos com a melhor das intenções e extrema sinceridade. O encorajamento de Flávia era o que Alana precisava para ser fiel aos seus desejos. Apesar de saber que um provável relacionamento com Álvaro não seria exatamente o mais correto, do ponto de vista familiar, a garota não queria se arrepender posteriormente de nunca ter arriscado viver intensos momentos de paixão.

Século XX. 2 de maio de 1920. Lua crescente.

Do outro lado do vilarejo, Álvaro só pensava em ter Alana nos braços para mais uma dança. Ainda podia sentir o néctar de seu perfume natural, lembrando com encanto da cor púrpura dos seus lábios, da pele alva e do seu cabelo ondulado. Ele se imaginava provando o gosto da boca de Alana, fantasiando como seria se a noite anterior fosse levada adiante.

Sua horta carecia de cuidados naquela manhã, mas até mesmo na lavoura, sendo castigado pelo sol enquanto batia a enxada contra a terra, sua mente continuou planando sobre a brisa do amor.

Perdido entre a labuta e pensamentos românticos, ele quase deixou de ouvir o trote de um cavalo que se aproximava da casa. Álvaro cobriu o rosto com a mão para barrar a luz do sol que incidia diretamente em seus olhos. Viu que se tratava de um belo animal de raça, muito bem cuidado, mas não conseguia identificar quem era o visitante que cavalgava em sua direção no garboso alazão.



Capítulo 5

Século XIX. 17 de julho de 1898. Lua minguante.

Bastiano cobriu o rosto com a mão para barrar a luz do sol que incidia diretamente em seus olhos. Cessara de golpear a terra seca de sua horta para tentar identificar o visitante que se aproximava do rancho.

Quem se aproximava era Manetto Lambertucci, um amigo italiano de idade um pouco mais avançada que sempre tinha a presença anunciada por sua tosse funda e ruidosa. Por nada mais do que simples acaso, estivera na mesma embarcação que trouxera a família Cesari ao Brasil. O fato foi descoberto num domingo, após a celebração religiosa, quando alguns italianos confraternizavam à procura de conterrâneos para conversas que dessem vida aos seus anos na Itália. Essa coincidência fez com que Manetto, que enviuvara antes mesmo de vir ao Brasil, se aproximasse da família de Bastiano por compartilharem uma mesma passagem em suas histórias de vida.

O cavalo em que o homem estava montado não tinha a pelagem bonita, mas era forte. Nitidamente era um animal utilizado em trabalhos que demandavam vigor, puxando um arado ou uma carroça.

Manetto acalmou o animal na frente do amigo, intrigado por ele ainda estar trabalhando na lavoura.

– Bom-dia, Bastiano. Não vão à missa deste domingo?

– Gostaria muito, Manetto, mas vamos ficar em casa. A Clemenzia está no último mês de gravidez e não acho que ela deva caminhar essa distância embaixo de um sol quente desse jeito.

– Se quiserem, posso voltar à fazenda e pegar uma charrete de leite do meu patrão – sugeriu antes de limpar a garganta. – Ele não se importa. Suas meninas podem ir atrás.

– Você faria isso? – perguntou Bastiano, feliz com a proposta do amigo.

– Ora! É sacrifício nenhum comparado a ser pregado numa cruz – ainda brincou enquanto abafava o pigarro com as mãos.

– Te agradeço muito, Manetto. Estaremos prontos antes que você esteja de volta.

O homem apressou o cavalo para cumprir o favor a tempo de não perder o sermão inicial do padre. Bastiano ficou muito feliz com a sugestão do amigo, pois tanto ele quanto Clemenzia haviam sido educados nos rígidos costumes cristãos e a missa de domingo era vista não só como obrigação, mas também como encaminhamento religioso na vida espiritual das filhas. Largou a enxada de qualquer jeito na lavoura e entrou na casa para apressar a família.

Como crianças comuns, as filhas de Clemenzia e Bastiano não ficavam muito contentes em acordar cedo para ir à igreja. Mas naquela manhã foi diferente. Era a primeira vez que as meninas mais novas andavam em uma charrete. As mais velhas nem se lembravam de quando havia sido a última vez. Elas se divertiram no passeio. Admiraram o caminho com outros olhos, prestando atenção à vegetação ao lado da estrada de terra e acenando alegremente para os pedestres que ultrapassavam. Para aquelas crianças, privadas de certos caprichos, pequenos episódios vividos com alegria transformavam-se em lembranças para a vida toda.

De longe podia-se ouvir o sino tilintar do alto da torre da igreja, lembrando os fiéis de que a missa estava para começar. A construção se afunilava de baixo para cima, como se sua enorme torre representasse um dedo apontando para céu, indicando o caminho para o reino de Deus. No interior, logo acima do altar, uma grande estátua de Jesus crucificado, pendurada por cabos, era o destaque entre os adornos não por sua imponência, mas pela expressão peculiar que o escultor estampara no rosto da imagem. O olhar de Cristo não era de sofrimento nem de dor, tão frequentemente retratada no momento de sua morte, mas sim de ira, com suas sobrancelhas cerradas e o branco dos olhos virulentos. Encarava os fiéis com um semblante forte e inquisidor, parecendo fugir da ideia lastrada de que Ele havia aceitado morrer pela salvação dos homens.

Boa parte dos moradores do vilarejo já estava reunida no templo quando Manetto e a família Cesari chegaram. Antes de Antônio dos Santos assumir o posto de padre daquela paróquia alguns anos mais tarde, outros sacerdotes passaram por ali depois que o pároco que naquele dia rezava a missa a abandonou. O vigário que

conduzia com maestria as palavras do Senhor naquele domingo com certeza foi o que teve mais carisma à frente do rebanho. Suas falas eram ouvidas com a máxima atenção dos fiéis, e seus sermões incisivos exaltavam o perdão de Cristo, porém jamais o oferecendo sem o sincero arrependimento por parte dos pecadores. Não fosse o motivo trágico que o afastara de suas funções religiosas, provavelmente continuaria cumprindo seu dever divino naquela comunidade.

Após ler e interpretar alguns trechos do livro sagrado escolhidos especialmente para aquele dia, o padre pediu aos que ali estavam reunidos em nome de Deus para entoarem um cântico religioso. A maioria sabia de cor as músicas da celebração. Mesmo assim, um folheto da igreja foi distribuído. O papel ajudava os inúmeros imigrantes italianos que ainda não dominavam a língua portuguesa a acompanhar os mantras cristãos.

Clemenzia sentiu uma forte dor no ventre e parou de acompanhar o cântico. Ficou em silêncio, suportando a dor ao máximo, para não interromper a missa. Bastiano cantava fervorosamente com os demais fiéis e nem percebeu que sua esposa não estava passando bem. Sua pele ficou pálida e seu corpo transpirava muito.

– Tudo bem, *mamma*? – perguntou Giulietta, a filha mais nova do casal.

Clemenzia não respondeu. Não conseguia mais aguentar a dor. Precisava sair dali o mais rápido possível. Largou o folheto e se levantou com a mão na barriga, esbarrando em seu caminho nas pessoas sentadas na mesma fileira.

Bastiano demorou a perceber que algo estava acontecendo com sua esposa. Quando parou de acompanhar o canto, ela já estava no corredor, caminhando em direção à saída. Clemenzia deu alguns poucos passos no centro do templo e desabou no chão, assustando a todos e interrompendo a missa.

– Clemenzia! – gritou Bastiano desesperado. – Ajuda, por favor!

Ele pulou os bancos e correu em direção à esposa no chão. Sentou-se junto ao corpo caído da mulher e apoiou a cabeça em seu colo, acariciando seu cabelo para acalmá-la.

– Clemenzia, fala comigo, *mia bella*.

A bolsa de Clemenzia foi rompida e o líquido amniótico escorreu pelo vestido, molhando o chão da igreja. Clemenzia começou a gritar de dor, para desespero de Bastiano.

– *Alcuna persona!!* Minha esposa precisa de cuidados! *Aiuta, per favore!* – clamou, confundindo os idiomas.

O homem não sabia o que fazer. Começou a chorar desesperado e suas filhas

também não contiveram as lágrimas ao ver a mãe naquele estado.

– Bastiano... Bastiano... – chamou ela o marido com o olhar cansado e a voz baixa. – Chegou a hora.

– Calma, Clemenzia. Vamos te levar a uma parteira.

– Não, Bastiano. Vai ser aqui, sob os olhos do nosso Senhor.

Duas freiras correram em direção ao casal no chão da igreja. No primeiro grito da gestante elas se apressaram em buscar toalhas e um balde com água morna.

– Queira se afastar, meu senhor, por favor – pediu uma das religiosas.

Bastiano não queria sair. Segurou a mão da esposa, olhando-a nos olhos.

– Precisamos de espaço para cuidar da sua esposa – insistiu a outra.

O homem finalmente deixou que trabalhassem. Algumas mulheres que estavam presentes na missa também se prontificaram a ajudar. Um círculo foi formado e todos acompanhavam o drama de Clemenzia. O padre permaneceu no altar, observando tudo do alto do tablado.

Cada empurrão para que a criança se libertasse vinha acompanhado de um grito de dor. A mulher olhou para a imagem de Jesus, buscando se acalmar, mas era observada de volta com os olhos vingativos daquela estátua de Cristo crucificado.

O parto foi extremamente doloroso. As contrações pareciam arrebentar Clemenzia por dentro. Seus dedos ficaram roxos por fincar as unhas no assoalho da igreja com tanta força.

Cada manifestação cruciante da mulher era como uma estocada no peito de Bastiano, incapaz de ajudar a não ser rogando a Deus pela vida da esposa e do filho prestes a nascer. A fé era tudo que tinha para se apoiar. As lágrimas que escorriam em seu rosto não eram suficientes para desaguar todo o sofrimento que inundava a alma temerosa. As condições para o nascimento eram precárias e qualquer complicação que viesse a acontecer não seria facilmente resolvida apenas com o conhecimento de freiras bem-intencionadas. Tanto a mãe quanto o bebê estavam sujeitos a riscos que poderiam ser fatais.

Todos no santuário acompanhavam apreensivos a coroação daquele parto custoso. Quando a cabeça da criança irrompeu, Clemenzia soltou um último grito.

Para alívio de Bastiano, o choro do recém-nascido ecoou nas paredes do templo, trazendo um sorriso radiante ao seu rosto. O pai havia acertado: era menino.

As lágrimas de Bastiano não secaram com o final daquele parto sofrido. Elas continuaram a escorrer por seu rosto, mas agora de felicidade. O menino foi-lhe entregue e ele o amparou em seus braços. A criança parou de chorar de imediato, como se curada de suas enfermidades pelo remédio do amor paterno. Bastiano não

tirava os olhos do filho e o segurou com cuidado, porém firme, enquanto Clemenzia, coberta por uma manta, descansava no chão, amparada pelas freiras.

– Belo garoto – diziam sorridentes as pessoas que passavam, cumprimentando-o pela nova criança.

Não havia naquele dia um pai mais orgulhoso. Seu amor por suas filhas era incondicional, mas um menino para carregar o seu sobrenome era o que sempre quisera. Bastiano estava extasiado, mas por um instante seu semblante revelou uma inquietação. O motivo permaneceria em segredo, no entanto as providências para remediá-la precisariam ser tomadas o mais breve possível a fim de que a alegria daquele nascimento não fosse arruinada.

Século XIX. 18 de julho de 1898. Lua nova.

Ao final da tarde do dia seguinte, Clemenzia estava deitada em sua cama, segurando com ternura o novo membro da família. As filhas não deixavam a mãe descansar, ficando no quarto, observando a criança, e aproveitando qualquer oportunidade para encostar-se no irmão.

O som de passos pesados na escada de madeira indicava que Bastiano havia terminado o serviço e se encaminhava ao aposento. Estava cansado do trabalho na lavoura e queria passar um momento com o filho e a esposa. Quando entrou no quarto, mal tinha espaço para ver o garoto. As meninas, todas ao redor da cama, impediam que ele se aproximasse.

Na fisionomia preocupada de Bastiano era perceptível sua intenção de ter uma conversa séria com Clemenzia. O homem aproveitou para lavar as mãos e o rosto sujos de terra em uma bacia de água na estante em frente à cama, antes de juntar suas crianças.

– Vamos, meninas. Deixem sua mãe descansar – disse ele as tirando do quarto.

– Mas queremos ficar aqui – choramingou a pequena Giulietta.

– Agora não. Vão brincar lá fora. Preciso falar com a mãe de vocês.

As meninas reclamaram em coro enquanto Bastiano fechava a porta.

– Não precisava expulsar as meninas, querido.

Bastiano queria conversar a sós com Clemenzia. Ele deitou ao seu lado, dividindo o espaço da cama com a esposa e o filho, e ficou em silêncio por um tempo, acariciando a cabeça da criança, com seus pensamentos orquestrando o melhor tom para suas palavras. Não achou outra maneira de abordar o assunto, então resolveu ser direto.

– Eu quero batizar o nosso menino, Clemenzia.

– Mas claro, Bastiano. Não é porque ele nasceu no Brasil que não irá receber os sacramentos. Já somos parte da comunidade religiosa aqui da vila – disse ela, um tanto surpresa pelo marido parecer sugerir que seu filho corria o risco de não receber a bênção do batismo.

– Eu quero fazer isso logo. Amanhã, assim que o sol aparecer.

– Imagina, Bastiano! – retrucou a esposa. – Não vou caminhar até a igreja com o menino no colo com menos de uma semana de vida.

– Se não for nesta semana, tem que ser na próxima!

– Por que a pressa? Vamos esperar pelo menos um mês e depois a gente leva.

Bastiano começou a ficar impaciente. Não aceitou a contraproposta da esposa e levantou-se da cama irritado.

– Não! Logo vou ter que passar a noite na Vila Esperança outra vez e não quero sair desta casa sem que meu filho esteja devidamente protegido pela graça divina. Sem o primeiro sacramento esse menino ainda não tem relação nenhuma com Deus. Quero que esse batismo seja feito de imediato! Como chefe desta família, não preciso discutir a minha decisão.

O tom mais ríspido e alto da voz de Bastiano fez com que o bebê acordasse assustado e começasse a chorar. Clemenzia tentou acalmá-lo, confortando a criança em seu colo, com olhar de reprovação ao marido. O homem percebeu que se exaltara e buscou aproximação com a voz mais suave.

– *Mia bella*, não há mal nenhum em querer que ele receba o Altíssimo em sua vida o mais cedo possível. Eu sei que parece precipitado, mas no plano do Senhor todos precisamos ser reconhecidos como filhos de Deus para alcançarmos a salvação. Isso pode ser um atestado da nossa fé.

Clemenzia não queria mais discutir. Aceitou o pedido do marido, mas com a condição de que esperasse ao menos o próximo domingo para irem até a igreja conversar com o padre. Para Bastiano, estava perfeito. Sua única preocupação era ter que passar a noite fora sem o filho devidamente batizado, e isso só aconteceria no final da semana seguinte. Não precisou dizer à esposa que concordava com a sua condição. O semblante sereno e o beijo na testa foram suficientes para demonstrar que haviam se entendido.

Século XIX. 24 de julho de 1898. Lua crescente.

O dia de domingo não tinha como ser pintado com aquarelas mais belas. O sol apareceu majestoso num céu límpido, de poucas nuvens. Na pia batismal a água tocou o corpo da criança.

Manetto, o padrinho escolhido para tão honrosa função, colocou sua mão sobre a criança enquanto o padre fez a oração.

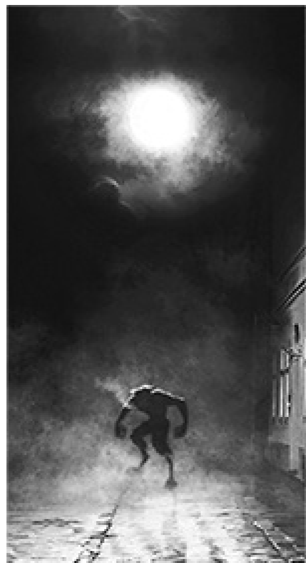
– Os pais dão a vida natural do corpo, mas é Deus quem nos dá o espírito. Com este batismo, apagamos o pecado original herdado de Adão e permitimos que a santíssima trindade tome posse desta alma e a santifique. É com o batismo, o primeiro dos sagrados sacramentos, que agora recebes a fé e a vida divina, tornando-te um filho de Deus.

As palavras do pároco eram doces e cheias de vida. Ele não estava apenas batizando uma criança, estava vivendo a felicidade daquele momento, compartilhando com a família do menino o seu ingresso na vida cristã.

– Álvaro Giardini Cesari, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...

– Amém – o tom uníssono dos presentes ecoou, finalizando o ritual.

No rosto de Bastiano, não resplandecia somente a alegria por seu filho ter recebido o mais abençoado dos atos religiosos, mas também uma estranha espécie de conforto. Agora poderia passar a noite fora de casa sem ter que se preocupar com a segurança do mais novo membro da família, pois acreditava que através do batismo o menino Álvaro estaria protegido.



Capítulo 6

Século XX. 2 de maio de 1920. Lua crescente.

O alazão do inesperado visitante parou em frente a Álvaro na lavoura. A pessoa que cavalgava o animal tinha o rosto coberto por um capuz. Era uma vestimenta bem cortada, com adereços brilhantes que mostravam bom gosto na escolha do figurino.

Após certificar-se de que não havia ninguém nas redondezas, o visitante se revelou. Era Flávia. Como não queria ser vista nas proximidades da casa do rapaz, entregou rapidamente um bilhete a ele.

– É de Alana – disse ela estendendo o braço.

Álvaro largou a enxada na hora e tomou o papel das mãos da jovem. Nem a esperou ir embora para abri-lo e finalmente conhecer a caligrafia de sua amada. No bilhete, uma mensagem simples, apenas indicando um local e um horário para se encontrarem.

– Quatro horas depois do pôr do sol ela vai estar nessa alameda – disse-lhe a garota. – Se você for um cavalheiro, já vai estar lá esperando.

O rapaz olhou para Flávia e sorriu. A jovem retribuiu o gesto, feliz por tornar possível a amiga se encontrar novamente com quem ela amava e também por notar no rosto de Álvaro que a recíproca do sentimento era sincera. Flávia voltou a cobrir o rosto e abandonou o local no galope rápido de seu cavalo.

Álvaro nem se preocupou em terminar os cuidados na horta. Na euforia em que estava, não conseguiria pensar nas verduras e se deu o dia de folga para curtir aquele sentimento. Geralmente seus pensamentos transitavam apenas entre angústia

e depressão. Enquanto o desalento o acompanhava como inimigo próximo de todos os dias, a sensação inédita de um amor auspicioso veio como um surto inesperado de satisfação. Mergulhar na esperança de um amor merecia um comportamento distinto da rotina de ocupar o tempo arando a terra como forma de se afastar de suas preocupações. O resto daquele dia passou sem que ele largasse o bilhete de Alana por um só segundo.

O jovem procurou sua roupa menos gasta e acabou fazendo a mesma combinação da festa em que dançaram. Perdeu algum tempo pensando se deveria ir com o mesmo traje, mas não havia outras opções no armário. Vasculhando as gavetas e baús esquecidos, encontrou algumas camisas velhas do pai. Estavam em melhor estado do que as suas e tinham um corte mais rente ao corpo. Bastiano, como bom exemplo de um homem mediterrâneo, preocupava-se em manter uma aparência minimamente apresentável, ao contrário do filho. Álvaro escolheu uma camisa que caísse bem com a calça, mas não poderia simplesmente vesti-la após ter ficado guardada por tantos anos sem tirar a poeira. Tudo precisaria estar perfeito. Ele não poderia correr o risco de passar o encontro espirrando por consequência de uma crise alérgica. Aproveitou o dia ensolarado para lavá-la rapidamente e deixá-la secar ao ar livre.

Naquele final de tarde o sol parecia se pôr mais lentamente de propósito para provocar o coração do rapaz. Com a hora do encontro se aproximando, ele seguiu piamente as regras para uma boa apresentação; fez a barba, lavou bem o corpo e o cabelo.

Como sua casa não ficava perto do local de encontro, Álvaro optou por sair com bastante antecedência. Para não exalar o cheiro de um homem cansado, caminharia num compasso suave para evitar que seu corpo suasse desnecessariamente. E, já que buscava passar a melhor das impressões, optou por seguir a longa curva da estrada em torno da floresta, para haver menos riscos de danificar sua aparência. Ele estava acostumado com os atalhos cobertos entre as árvores, mas preferiu não se aventurar na mata para não correr o risco de ter a roupa rasgada por algum galho. O trajeto, na verdade, era o mesmo que Flávia percorrera a cavalo, mas, como ele o estava fazendo a pé, a diferença de tempo era considerável.

Com a chegada da noite, a jovem Alana apressou sua saída para o encontro secreto. A garota escapou sorrateiramente de seu quarto e caminhou descalça pela casa, segurando os sapatos nas mãos para não fazer nenhum barulho no assoalho de madeira. Seu pai caiu no sono na biblioteca durante a leitura de algum volume entediante sobre as maravilhas da medicina moderna, facilitando a fuga da filha.

Assim que abriu a porta de entrada, certificou-se de que ninguém estava olhando e calçou os sapatos antes de pisar no jardim para correr feito criança travessa em direção ao portão. Alana estava nervosa. Sabia que o que estava fazendo era arriscado, mas a sensação de fazer algo proibido a inspirava a continuar.

A garota correu entre sombras e muros até chegar à alameda onde Álvaro já estava aguardando. O local do encontro era muito próximo de sua casa e ela não teve tempo de ser graciosa com o rapaz. Queria sair dali depressa.

– Vamos para algum outro lugar – disse Alana, escondendo sua voz dos ouvidos invisíveis das paredes.

– Para onde?

– Não sei. Qualquer um longe daqui. De preferência, onde não possam nos ver.

Álvaro pensou por um momento, buscando algum lugar romântico, mas desconhecia os pontos da cidade onde os jovens se encontravam para namorar em segredo. Levando em consideração o pedido de Alana, ele tinha o lugar ideal, apesar de parecer um tanto inapropriado.

– Se não for se assustar, te levo para onde não poderão nem nos ouvir – alertou-a o rapaz, estendendo sua mão.

Alana não sabia o que esperar, mas confiava em Álvaro. A mão do rapaz estendida, acompanhada de um sorriso carente em seu rosto, era um convite irresistível para que ela colocasse sua palma sobre a dele e fosse guiada às cegas para o local onde poderiam conversar a sós.

Caminharam rapidamente, em silêncio, por entre as vielas da vila. Alana ainda não havia conseguido identificar aonde Álvaro a estava levando, mas, ao dobrar uma esquina, já afastada do centro, apareceram os portais enferrujados da necrópole. Não havia outra construção no local; apenas o cemitério parcialmente iluminado por velas em alguns túmulos e a escuridão total da mata ao redor.

Álvaro destrancou facilmente o cadeado que mantinha os portões fechados sem danificá-lo. O rapaz estava acostumado a invadir o cemitério nas noites em que tinha vontade de se confidenciar com os familiares. O rangido das juntas sem óleo daquele portão ancestral ecoou na noite, perpetuando ainda mais a imagem funesta do local. Como um cavalheiro, Álvaro convidou Alana a entrar primeiro no campo-santo.

A garota adentrou o terreno receosa e caminhou por entre as lápides, seguida de perto por Álvaro, que observava suas reações.

– Nunca entrei aqui à noite.

– A maioria das pessoas não entra mesmo.

– Por que será? – disse ela em tom de brincadeira, arrancando um sorriso sem graça do rapaz.

Para os moradores de Vila Socorro, aquele não passava de um local sombrio, com lajes de cimento sujas e mausoléus decadentes que lembravam a morte. Como os demais, Alana quase nunca ultrapassava os portões do cemitério; somente no aniversário de sua falecida mãe e no Dia de Finados. Apenas Álvaro gostava de caminhar entre os mortos. Para ele, aquele era um local tranquilo, onde a paz reinava sobre o caos e onde tinha a certeza de que poderia passar um bom tempo sentado sobre alguma lápide apenas contemplando o silêncio dos defuntos.

Mesmo sem o auxílio de uma luz que pudesse guiá-la, Alana caminhou por uma trilha que parecia conhecer. Após alguns passos, parou em frente a um grandioso mausoléu no qual estava escrito, em relevo, o nome da família Bastos de Oliveira.

– Não é estranho ver que a sua família investe em moradia até depois da morte? – indagou Alana quase em tom retórico.

– Pelo menos seu corpo já tem um lugar para descansar – respondeu ele.

Alana surpreendeu-se com a forma distinta de pensar do rapaz. Não esperava um comentário com aquele grau de morbidez e sinceridade. Na verdade, não esperava comentário algum, mas que, se viesse, fosse apenas algum murmúrio afirmativo às suas palavras jogadas ao vento.

– Posso morrer sossegada, então? – perguntou ela num tom de sarcasmo, vendo até onde o jovem chegaria em seu raciocínio.

Álvaro observou atentamente aquela construção imponente, em silêncio, antes de responder.

– Pode.

Uma resposta fria e verdadeira foi o que ela conseguiu. Álvaro respeitava os mortos e não via maldade ou qualquer agouro em falar da pós-vida com naturalidade. Talvez o seu sentimento de consideração aos que já faleceram tivesse surgido do fato de ter perdido sua família muito cedo e continuar um relacionamento familiar indireto com seus cadáveres debaixo daquela terra. Seu contato precário com pessoas comuns não fora suficiente para educá-lo a poupar palavras sobre aquele tipo de assunto.

– Aí que você se engana! – retrucou a garota, achando interessante aquela conversa de abordagem tão distante dos assuntos de sua roda social. – Só existe uma lápide vazia dentro desse mausoléu e será do meu pai. O sobrenome da família morre comigo. Sou filha única de uma linhagem de filhos únicos.

Só faltou Alana suspirar. Seu silêncio, seu rosto, seus olhos, tudo indicava a

espera pela inevitável pergunta de Álvaro.

– E sua mãe? – não a decepcionou o rapaz.

– Minha mãe já mora na residência póstuma dos Bastos de Oliveira. A lápide vazia reservada ao meu pai fica ao lado da dela. Significa muito para ele. Foi difícil quando perdeu a minha mãe. Do pouco que me lembro, os dois se davam muito bem. Ele nunca se envolveu com outra mulher depois que ela se foi.

A história de Alana seria bem acompanhada ao som de violinos. A garota relatava episódios tristes e pessoais de sua família, mas a frieza de Álvaro chegava a impressionar. Ele continuou observando o mausoléu no mesmo silêncio sepulcral daqueles que a sete palmos do chão descansavam seus restos mortais. Nenhuma palavra de conforto saiu de sua boca para agradar a garota. Ele perdeu uma ótima oportunidade para se mostrar solidário e merecer um beijo naquele momento de fraqueza da donzela.

– Geralmente as pessoas prestam suas condolências quando alguém perdeu um parente próximo – disse Alana, ensinando ao rapaz algumas noções de etiqueta.

– Você gostaria que eu prestasse minhas condolências? Sei que não servem de consolo.

Alana refletiu sobre a afirmação. Querer que alguém preste seus sentimentos nada mais é que um pedido egoísta para alimentar a aparência triste de uma pessoa que busca atenção às custas da morte de outra. E no caso de Alana isso era muito verdadeiro, já que sua mãe morrera quando ela era ainda muito criança.

– Realmente não precisa – concordou ela. – Nem me lembro mais dela direito. Só do meu pai acordado de noite, lendo sem parar os seus volumes médicos à procura de algum tratamento que funcionasse.

O rosto de Alana se entristeceu. Uma sombra debaixo dos seus olhos devorou o olhar gracioso. Ela tentou recordar alguns momentos com a mãe, mas conseguiu apenas sensações esparsas que vinham e desapareciam como reflexos de uma infância esquecida, regada com os cuidados maternos.

– Todas as noites, antes de dormir, eu converso com alguém que acho que é minha mãe – confessou ela, encarando o infinito. – Mas o rosto que aparece na minha cabeça não tem forma e nunca é o mesmo. Sinto a presença dela ao meu lado, mas não sei se ela me escuta.

– Pode ser que você não esteja escutando – disse Álvaro, mais sensível às palavras da jovem por perceber que agora o sentimento era verdadeiro. – Talvez aqui mais perto, no silêncio, você tenha uma surpresa.

– Você acha que daqui ela responderia?

– De alguma maneira. Você só precisa entrar aí e visitar a família. Tem até seu nome na porta.

A placidez com a qual Álvaro a encorajava não precisava de palavras fortes de persuasão. Seu sorriso singelo e o olhar confiante convidavam Alana a enfrentar o medo infundado. É de conhecimento geral que os mortos não podem fazer mal aos vivos, mas, mesmo que pudessem, o espírito de uma mãe, que mimou a filha nos poucos anos de vida que teve ao seu lado, nunca iria assombrar alguém que amasse tanto. Mas Alana estava apreensiva. O temor de entrar numa residência dos mortos, sabendo que ali jaziam corpos putrefeitos de pessoas que outrora respiravam do mesmo ar, é bem comum, mesmo que seja dos próprios familiares; principalmente depois que o breu chega para classificar uma parte do dia com a denominação de "noite"; palavra essa perpetuada pelos mais diversos folclores mundiais como pátio ideal para que os monstros e fantasmas assombrem até mesmo os de coração mais valente.

O pequeno portão de ferro foi aberto pelas mãos delicadas de Alana. Era um sinal de que estava superando o medo. Olhou para Álvaro uma última vez e mergulhou no breu do mausoléu, atestando, mais do que sua coragem, a vontade de conversar com sua mãe.

Álvaro não a acompanhou. Ficou do lado de fora para respeitar o momento íntimo de Alana. Ele, mais do que qualquer outra pessoa, sabia que as conversas com os mortos, principalmente da família, eram uma ótima forma de reflexão sobre o próprio comportamento. Alana poderia descobrir muito sobre si mesma com o simples fato de dialogar em silêncio com o espírito da mãe falecida.

O mausoléu era espaçoso. Uma escada de concreto levava ao pequeno salão mortuário no piso de baixo, onde diversas urnas funerárias escondiam seus nomes por trás das teias de aranha. A súbita friagem que Alana sentiu não era apenas o calafrio em sua espinha. As paredes gélidas de pedra, construídas alguns poucos metros debaixo da terra para aprisionar os cadáveres, impediam que parte do calor entrasse na câmara, impossibilitando o ar frio de se dispersar no interior rebaixado.

As urnas eram dispostas de forma organizada, da esquerda para a direita na visão de quem entrava, respeitando por ordem de idade cada membro dos Bastos de Oliveira que havia falecido. Isso facilitava a localização de sua mãe, Eleonora Cristina Bastos de Oliveira, pois era a única urna fechada que estava acompanhada de uma gaveta vazia à sua direita. Os dedos de Alana tatearam o relevo para afastar as teias que escondiam parte do nome de Eleonora e ela se prostrou em frente à urna com as mãos cruzadas para orar com sua mãe.

Álvaro a observou brevemente pelo portão apenas para se certificar de que tudo estava bem. Ele não a interrompeu, muito menos apressou sua conversa. Deixou que Alana ficasse ali o tempo necessário para que todos os seus medos e dúvidas fossem sanados pela lembrança do amor materno. Mesmo aqueles que creem na morte como fim não podem negar o valor terapêutico de conversar sem segredos com o espírito de um familiar. O diálogo aberto com aqueles que se foram acalma a alma em desalento. E os mortos gostam de ser lembrados de vez em quando.

Alana submergiu numa maré de lembranças agradáveis que já havia esquecido. Só não ficou mais tempo na companhia de sua mãe porque estava num primeiro encontro com o homem que amava.

A lua crescente brincava de esconder com os astros, tendo as nuvens como refúgio. Seu disco estava iluminado quase em sua totalidade, faltava pouco para entrar na fase cheia.

Naquele cenário sombrio, depois de ter confrontado seu medo dos mortos, Alana estava bem mais à vontade no campo-santo. Os dois jovens sentaram em cima de um tronco no meio do cemitério e conversaram sobre os mais diversos assuntos. Alana falou de seu passado, história de vida, relacionamento e aspirações. Álvaro gostava de ouvi-la articular as palavras com tanta vivacidade, mas não tinha experiências semelhantes para relatar com o mesmo entusiasmo. Seus melhores amigos eram restos sem carne há muito tempo apodrecidos debaixo da terra e trancafiados em caixões. Nunca sequer os conhecera em vida, mas agora que estavam mortos haviam se tornado cúmplices de suas confidências mais íntimas. Álvaro disse conhecer praticamente todos os túmulos naquele cemitério e Alana, incrédula, resolveu conferir.

– De quem é a terceira lápide à esquerda do muro? – perguntou ela.

– Antônio Rogério da Fonseca. Morreu em 1911. E, ao lado, está a esposa, que morreu um ano depois.

– E ali atrás? Perto das urnas.

– Faz parte do cemitério velho. Dos primeiros que vieram para cá e levantaram a vila. José Campos da Silva foi o primeiro habitante oficial de Socorro a morrer. Do lado estão a mulher e os filhos.

Alana procurou cuidadosamente alguma lápide mais escondida, que pudesse ter passado despercebida por Álvaro. Achou, entre dois túmulos, uma cruz enferrujada que não parecia ter relação alguma com as lápides ao seu redor. Sua estrutura era apenas de ferro e não havia nenhum concreto para completá-la.

– E aquela cruz jogada entre os dois túmulos?

– Uma menina italiana. Antonietta di Lorenzo. Morreu de varíola depois de pegar a peste no porto, quando chegou ao Brasil. Os pais não tinham dinheiro para comprar uma lápide, então, fizeram essa cruz e a colocaram aí.

Alana estava impressionada. As lápides eram para ele como livros e, naquela biblioteca funesta, ele vigorava como um grande leitor.

– Você deve passar bastante tempo aqui.

– A companhia é boa. Não são de falar muito.

A jovem poderia apontar para qualquer lápide ou mausoléu do local que ele saberia ao menos o nome e data de morte. Álvaro estava esperando Alana encontrar um verdadeiro desafio. Ela avistou um túmulo mais afastado, jogado ao esquecimento. Ela sabia de quem se tratava. Todos na cidade sabiam. Relutou em perguntar-lhe sobre a tumba solitária no mato, pois sabia que poderia acordar sentimentos no rapaz que preferia deixar repousando. Mas Alana, de alguma maneira, queria revelar o que sabia para que Álvaro pudesse se abrir.

– E aquela outra lápide?

– Qual?

Quando se virou na direção para onde Alana havia apontado, ele emudeceu. O sorriso bucólico de um rapaz apaixonado desbotou e cedeu lugar a um olhar depressivo. Ficou um bom tempo em silêncio e não voltou a encarar a jovem.

– Aquela eu não conheço – respondeu-lhe rispidamente.

– Tem certeza? – disse Alana, não querendo desistir da sua intenção. – Não é onde está o italiano daquela história que aconteceu na vila?

– Eu não conheço essa história! – repetiu mais enfático.

– Dizem que o homem enlouqueceu na floresta de noite e, quando voltou para casa, pegou o machado que usava pra cortar a lenha e tirou a vida da esposa e das filhas. Todo mundo tinha medo dessa história quando eu era criança. Alguns contavam que elas tentaram fugir pela porta, mas acabaram mortas na sala. Foi onde encontraram os retalhos do que tinha sobrado. Nunca ouviu falar?

Álvaro continuou em silêncio, mas seus olhos começaram a lacrimejar. Alana foi se fazendo cada vez mais direta.

– O italiano também tinha um filho, sabia? O menino era o mais novo, mas foi o único que conseguiu sobreviver à fúria do pai até alguém chegar. Parece que ele mora na mesma casa até hoje. Só que agora já está crescido. Ouvi dizer que é ele quem entrega as verduras na mercearia do Seu Romário, lá na rua principal.

Álvaro, de cabeça baixa, deixou uma lágrima cortar o seu rosto, denunciando que conhecia bem a história que Alana estava descrevendo com tão poucos detalhes;

apenas os superficiais que correram pela vila para julgarem o homem como louco. Não era mais segredo que ela conhecia, em parte, o passado do rapaz.

– Você pode falar comigo, Álvaro.

– Falar o quê, Alana? O que tem para ser dito? – voltou a encará-la com os olhos lacrimejantes e a voz alterada.

– Você não deveria carregar isso sozinho. Falar com os outros sobre o que aconteceu pode ajudar.

– A única coisa que eu sei é que meu pai amava a família e agora tem que ficar separado da minha mãe e irmãs, jogado num terreno baldio e malcuidado para o resto da eternidade! Meu pai trabalhou a vida inteira para dar para nós o máximo que pôde. Ter conseguido um pedaço de terra num outro país era para ele um orgulho menor apenas do que o de ser pai de seis filhas e um filho.

Alana buscou acalentar a dor do rapaz acariciando seus cabelos enquanto ele, entre soluços e letras, revelava parte da história. Ele nunca havia proferido palavras sobre aquele assunto com ninguém. Segurara sozinho, por anos, toda a dor daquele dia.

– Aquela noite, foi como se o demônio tivesse subido até nossa casa – ele continuou, com os olhos arregalados. – Quando acordei, as paredes estavam sujas de sangue, os corpos em pedaços jogados no chão ensanguentado e meu pai... meu pai... eu sei que ele me amava, mas eu tive medo. Ele gritava balançando o machado, acertando tudo como um louco. O padrinho Manetto... enterrado ali, duas lápides atrás da pequena Antonietta... foi quem me tirou de lá.

O rapaz parou por um momento. Seus olhos vidrados no espaço só enxergavam as memórias do evento daquela manhã. A imagem dos corpos da mãe e irmãs desmembrados na sala sobre a enorme quantidade de sangue que cobria a madeira do piso nunca fora apagada.

– Depois, a casa foi invadida. Os moradores raivosos bateram tanto no rosto do meu pai que ele perdeu os dentes da frente. Ele estava sendo levado para ser julgado na capital, mas ganhou a sentença de morte logo na saída da vila. Agradeço ao padrinho Manetto por ter conseguido fazer com que meu pai fosse sepultado aqui, em terreno sagrado.

Alana ouvia a tudo com atenção, mas não conseguia compreender aqueles sentimentos.

– Não entendo, Álvaro. Depois de ele fazer uma coisa dessas, não sei como você ainda pode se importar desse jeito.

– Hoje eu sei por que ele fez aquilo, Alana. Eu devia ter entendido isso na época

e deixado que ele me matasse.

Alana discordava completamente daquela afirmação. Ela pegou o rosto de Álvaro e olhou bem fundo em seus olhos.

– Talvez não seja muito para você, mas sentir o que eu estou sentindo agora, para mim, já é motivo de sobra para você estar vivo!

A jovem aproximou seu rosto do de Álvaro. O clima era ideal. Um nervosismo percorreu o corpo de ambos e um breve silêncio antecipou o encontro dos seus lábios. Os olhos se fecharam e um beijo longo e apaixonado aconteceu em meio àquele cenário sombrio. Os lábios de Alana eram macios, como Álvaro imaginava, e daquela distância o perfume da garota era ainda mais inebriante. Alana não tinha dúvidas. Mais do que apenas duas bocas se encontrando, aquele beijo foi como se duas almas gêmeas finalmente celebrassem o júbilo do reencontro.

Os dois se abraçaram e o calor de seus corpos afastou todas as lembranças tristes. Apenas aquele momento importava. Alana estava feliz pela certeza de que seu coração pertencia a Álvaro e de que seu amor era correspondido. Um sorriso pintou o rosto da jovem, que apoiou gentilmente a cabeça sobre o ombro do rapaz, próximo ao peito. Sentia-se protegida e confortada nos braços masculinos que a prendiam com tamanha paixão.

O cemitério da vila nunca mais seria visto por ela da mesma maneira. Os diversos adjetivos sombrios atribuídos ao local deram lugar a sensações de satisfação que seriam lembradas todas as vezes que observasse seus túmulos ou passasse em frente aos portais enferrujados.

Ainda abraçada a Álvaro, o olhar de Alana recaiu sobre o mausoléu dos Bastos de Oliveira. Lembrou-se novamente da conversa que tivera com o espírito de sua mãe e agradeceu-lhe silenciosamente, com um sorriso, por estar passando por aquele momento de felicidade. Nem havia acabado de formular direito seus pensamentos de gratidão quando, próximo ao pequeno portal daquele sepulcro suntuoso, um fogo azulado rompeu de súbito a barreira de terra e formou no ar, rapidamente, antes de sumir, uma forma abstrata que pareceu ter os contornos de uma mulher.

Alana empalideceu de horror e abraçou Álvaro fortemente, virando o rosto para o outro lado. Ela o agarrou com suas unhas e respirava de maneira ofegante.

– Que foi, Alana? – perguntou-lhe preocupado.

– Um fantasma. Perto do mausoléu – disse ela apavorada, cobrindo os olhos.

Álvaro olhou em volta, acariciando os cabelos de Alana para confortá-la, mas não avistou nada diferente no terreno.

– Tem fantasma aqui não, Alana. Pode olhar – disse ele, convencendo-a a

encarar novamente o monumento.

Lentamente ela foi virando o rosto, não querendo que suas vistas se deparassem novamente com aquela aparição. Quando um de seus olhos se certificou de que aquela imagem havia realmente desaparecido, contestou:

– Eu vi, Álvaro. Eu juro! Era uma assombração. Saiu do chão como se fosse um rabo de fogo azul. Deve estar por aqui ainda.

– Calma, Alana. Deve ser só um joão-galafoice.

– João gala o quê?

– João-galafoice.

– Você tem amigo assombração também? Pede para ele ir embora então, porque está me assustando. Mas pede com educação, que eu não quero nenhum fantasma puxando minha perna à noite.

– Não – ele sorriu. – João-galafoice é a mesma coisa que fogo tolo. Aparece bastante aqui no cemitério. É só ficar olhando que você vê.

Álvaro não era um rapaz estudado, mas na esfera das bizarrices até que tinha um conhecimento invejável, adquirido pelos anos de experiência frequentando o mesmo terreno que os mortos.

– Quando o corpo começa a apodrecer – continuou –, solta um gás que queima aqui em cima depois que passa do chão e faz esse rabo de fogo que você viu. Tem gente que diz que é presságio de desgraça, mas é só crendice.

O rapaz resumiu da maneira que sabia o evento causador da labareda espontânea, mas não convenceu Alana.

– Pode ser João, pode ser José, o tolo que for... Vamos embora?

– Quer que eu te leve para casa? – perguntou, desapontado com a possibilidade de ter que abandoná-la.

– Não. Me leva para outro lugar. Eu quero ficar com você.

O rapaz não poderia ter ficado mais feliz com a resposta de Alana. A madrugada estava apenas começando e eles tinham tempo para desfrutar ainda mais daquele ardor.

À medida que se afastavam do local, após trancar novamente os portais do cemitério para que ninguém percebesse que o terreno havia sido violado, várias chamas azuladas queimaram pelo campo da pequena necrópole.

Álvaro e Alana caminhavam por entre as trilhas escuras da floresta fechada. Aquela noite estava repleta de surpresas. A mata era outro dos locais que a jovem evitava, principalmente após o entardecer. A garota já não costumava se embrenhar entre as folhagens mesmo com o sol iluminando a floresta e, durante a noite, a

paisagem parecia mais tenebrosa, com suas árvores retorcidas, troncos partidos e seres noturnos que se escondiam entre a vegetação, mas se faziam presentes por seus sons. Álvaro conhecia muito bem os atalhos tortuosos; indicava os buracos a evitar e pedaços grossos de madeira derrubada do qual deveriam se desviar e não demonstrava incômodo algum com as criaturas da noite que acompanhavam ocultamente a caminhada.

Os dois finalmente chegaram à pequena residência dos Cesari. Pelos atalhos da floresta a casa não parecia ser tão longe quanto Alana imaginava. A porta foi aberta e, como no cemitério, Álvaro deixou que a garota entrasse primeiro. Ele acendeu algumas lamparinas espalhadas pela casa, iluminando o cenário do massacre; a história mais famosa da vila.

Aquela era uma casa comum, como qualquer outra. Nada nela indicava que lá poderia residir alguém doentio, capaz de matar a própria família de maneira tão cruel. Mas no imaginário de Alana era diferente. Ela parecia estar visitando a ala mórbida de um museu. Caminhava pelo lugar como observadora, de certa maneira deslumbrada por estar presente naquele local com tantas cicatrizes de uma tragédia. Suas mãos tatearam as arestas lascadas de madeira. A marca mais aparente da violência estava numa estante, com o espelho trincado, encostada na parede. Alana colocou os dedos entre as farpas do molde perfeito da ponta afiada do machado e tentou imaginar os motivos para o sofrimento daquela noite.

Álvaro não tirava os olhos do corpo de Alana. De costas para o rapaz, ela conseguia ver o seu reflexo a admirando no espelho rachado da estante. Suas pernas bambearam ao imaginar o que surtiria ao aceitar aquele olhar, mas estava certa do que estava fazendo. A garota tirou o casaco e descobriu os ombros, virando-se com ar de desejo. Os dois se encaravam ansiosos, e ele se aproximou lentamente. Álvaro a pegou em seus braços e a beijou com ardor. Os lábios tentavam saciar violentamente e de uma só vez todo o desejo acumulado pelo tempo que se amaram a distância. Quando o beijo se tornou insuficiente, Álvaro levantou Alana no ar e a empurrou contra o móvel, sentindo as curvas do seu corpo bem desenhado. Os dedos correram pelas costas da garota e encontraram o melhor jeito para remover o espartilho justo que acinturava ainda mais o contorno já perfeito de Alana. Em resposta, ela retirou a camisa de Álvaro e se agarrou às suas costas enquanto ele saboreava o suor de seu pescoço.

O rapaz a carregou até o quarto. Lá chegando, jogou Alana de bruços na cama, sobre o lençol amassado, e ela permaneceu imóvel, temerosa frente ao desconhecido.

Álvaro desabotoou sua calça, mas Alana não quis olhar. O rapaz agarrou a cintura da jovem e a apoiou sobre os joelhos. A donzela não imaginava perder a castidade naquela posição ousada, tida como preferência dos lascivos, mas o medo a calou.

Alana sentiu as mãos ásperas de Álvaro descerem por suas pernas, retirando o que restava de sua roupa. Subitamente seu corpo foi puxado para o dele de forma quase impaciente e, antes que pudesse relutar, sentiu a invasão em seu corpo até então imaculado. A dor era defesa da inocência resistindo ao ser agredida. Seus lábios quase enunciaram o desconforto ao ser rompida de maneira tão voraz, mas segurou bravamente o eco do seu grito contido, mordendo o travesseiro.

Não havia problema por parte de Alana em aceitar sem culpa as surpresas daquele momento íntimo tão sonhado. Estar ali era a declaração física do seu amor. Mas demorou para que o atrevimento do órgão masculino, com sua penetração insistente, clamasse vitória sobre a dor que a impedia de relaxar por completo.

Finalmente, Alana tornou-se sensível aos prazeres do sexo. Seu gemido baixo e o tímido movimento dos quadris fizeram Álvaro perceber o seu conforto. E isso o excitou ainda mais. O jovem a agarrou por trás e forçou a penetração com movimentos rápidos e violentos, que aumentavam seu vigor à medida que se aproximava o orgasmo.

O fim da euforia foi anunciado pelo som gutural e rouco que o rapaz emitiu ao atingir o êxtase. Seu corpo suado se debruçou sobre o de Alana, enquanto ela, de olhos fechados, desfrutava de maneira discreta um tipo diferente de prazer.

Exausto, Álvaro aconchegou-se nos braços da amada e beijou-lhe a testa antes de adormecer. Aquela era a primeira vez que o jovem se entregava ao sono sem lutar contra os fantasmas do seu passado. Alana permaneceu acordada por mais tempo, radiante por ter se tornado mulher.

Faltavam poucas horas para que o sol começasse a despontar na linha do horizonte. Álvaro já havia acordado e agora velava o sono de Alana. Ele não queria perder mais nenhum momento de sua preciosa companhia, mesmo que adormecida. Contemplava a sua beleza enquanto suavemente acariciava seus cabelos.

Antes de abrir os olhos, um sorriso já tingia o rosto de Alana. Quando reparou no carinho com que Álvaro a zelava, seu rosto se iluminou. Não poderia haver melhor maneira de acordar. Alana estava perdida na leveza daquele momento, ignorando o tempo e o espaço para doar-se inteiramente aos seus desejos. Mas o peso insustentável das obrigações cotidianas e familiares forçaram seu retorno à realidade e ela levantou da cama assustada.

– Já é de manhã?

– Ainda não – respondeu Álvaro, na falsa esperança de que ela ficasse deitada mais um pouco ao seu lado.

Alana começou a se vestir rapidamente, pegando as roupas espalhadas pelo chão do quarto.

– Calma, o sol ainda demora um pouco a nascer.

– Você não tem ideia de quanto tempo leva para vestir este espartilho – brincou Alana, arrancando um sorriso do rapaz.

Álvaro sabia que precisava guiá-la de volta à cidade. Sua insistência em fazê-la ficar era a tolice de um apaixonado renegando a razão. Ele bem sabia que era melhor passarem menos tempo juntos naquela madrugada para não levantar suspeitas que pudessem impedir futuros encontros.

Ainda estava um tanto escuro, quase no momento em que a orla do disco solar toca o horizonte. Os apaixonados trilharam o mesmo caminho de volta pela mata e chegaram à esquina onde se encontraram.

– Está entregue, Alana.

O astro principal despontou pela linha circular onde o céu e a terra se juntam como se viesse pronto a iluminar o rosto da amada com o primeiro raio da manhã. Alana não queria deixá-lo, mas a claridade que avançava agia na função de um despertador impaciente.

– Tenho que ir, Álvaro. Hoje à noite você vai me levar a um lugar tão romântico como o de ontem?

Álvaro gostou da forma bem-humorada como Alana descreveu a inusitada visita ao cemitério. Era óbvio que a partir dali todos os encontros poderiam ser na sua casa, onde ninguém iria perturbá-los. Se fosse por ele, não a abandonaria por um segundo sequer, mas naquele dia, depois que o sol novamente se escondesse para dar à Lua o seu espaço de direito, Álvaro tinha um compromisso inadiável que não poderia revelar a Alana.

O rapaz desmarcaria qualquer obrigação simplesmente para vê-la de longe, mas naquele momento ele teria que inventar alguma razão plausível para justificar à amada o motivo pelo qual não poderia tratá-la com afagos logo no segundo dia de relacionamento.

Selecionando falsas razões em silêncio, uma lembrança aflorou. Na nostalgia da infância, Álvaro achou a desculpa ideal.

– Hoje infelizmente não vou poder. Preciso pernoitar fora para entregar verduras na Vila Esperança – parafraseou ele o famoso pretexto de seu pai para as noites que

não passava em casa.

Alana ficou cabisbaixa. Em sua insegurança, chegou a imaginar por um momento que talvez não tivesse sido uma boa amante e que por isso ele quisesse se afastar. Álvaro rapidamente afugentou aquele sentimento, aproximando-se e olhando-a no fundo dos olhos com sinceridade.

– Mas prometo que amanhã à noite, antes mesmo de a Lua botar as estrelas no céu, estarei à sua espera.

Os lábios se tocaram para um beijo longo e apaixonado uma última vez. O rapaz observou a garota entrar na mansão às escondidas e retornou à sua residência com uma felicidade até então desconhecida por ele.

Século XX. 3 de maio de 1920. Lua cheia.

Um raio de sol invadiu o aposento escuro e seu desenho cortou um crucifixo pendurado em uma parede. A luz sobre aquele símbolo, onde um Cristo metalino se encontrava aprisionado na imagem de sua morte sofrida, refletiu seu raio sobre os olhos cortinados de Valêncio, que não havia resistido ao convite do cansaço de uma leitura noturna e acabara adormecendo de mau jeito na cadeira. O calor em seu rosto e a desconfortante luminosidade que ultrapassava suas pálpebras enrugadas espantaram a vontade de continuar no aconchego do repouso.

Na sua idade as dores nas costas eram constantes, mesmo sem esse tipo de abuso. Mas, para ele, exercitar o conhecimento não tinha horário, e, devido à teimosia em não respeitar os limites físicos do seu corpo, estava sujeito às necessidades biológicas acabarem obrigando-o a repousar sem aviso sobre qualquer superfície desconfortável.

Antes de sair para o compromisso do dia, Valêncio prostrou-se ao pé da cama para sua reverência religiosa matinal. Seus joelhos enfrentaram nus a gélida solidez do concreto áspero, onde permaneceu imóvel, concentrado em sua fé, encarando a posição como penitência até o término de sua prece. O velho não se restringiu apenas aos agradecimentos comuns e aos pedidos pela graça divina. Seu terço era bem rezado, com palavras claras, sem pressa e respeitando a cadência do mantra cristão.

Ao terminar, trocou de roupa e saiu do aposento. Na parede, próximo à porta, estava um calendário. Nele estava circulado o dia em que estavam: 3 de maio. Noite de lua cheia.

Valêncio caminhou até o gabinete do alcaide Magalhães para uma conversa. Lá chegando, foi informado de que o dirigente ainda não estava no local. Um sofá

surrado, encostado na parede em frente à mesa da jovem secretária, foi o lugar escolhido para aguardar a chegada de Ronaldo.

Já se passara mais de uma hora e nada do alcaide entrar pela porta. Aquele parecia ser um teste de paciência no qual Valêncio estava prestes a ser reprovado. Se não bastasse o desconforto do assento duro, a mulher à sua frente nem sequer lhe ofereceu um copo de água – estava entretida com os movimentos de uma lixa sobre as unhas.

Inquieto, Valêncio observou o ponteiro do relógio na parede que marcava quase dez horas. Levantou e lentamente se aproximou da secretária.

– Com licença, mocinha. Não quero atrapalhar o passatempo da senhorita, mas o alcaide Magalhães ainda vai demorar?

– Antes das onze ele deve chegar – respondeu-lhe sem desviar a atenção de suas unhas.

– Antes das onze?! – surpreendeu-se Valêncio.

O velho retornou ao sofá, irritado com a falta de respeito da moça que nem se importou em saber o motivo de sua vinda. Sem muito o que fazer além de esperar, ficou hipnotizado, observando os movimentos rápidos e precisos da jovem com sua lixa. Valêncio se perdeu na contagem daquele vai e vem interminável, esperando que seus dedos ficassem em carne viva.

Finalmente a porta se abriu e o alcaide entrou com passos pesados.

– Irene, hoje não estou para ninguém! – disse ele ostentando soberba enquanto caminhava rapidamente para a sala, sem olhar para os lados.

– Senhor Ronaldo – chamou-o antes que se trancafiasse em seu gabinete.

– Diga, Irene.

– Aquele homem quer falar com o senhor.

Ronaldo estranhou. Deu uma olhada de reconhecimento em Valêncio, seus lábios encenaram um sorriso falso em forma de cumprimento antes de se virar novamente para a moça.

– Quem é esse senhor?

– Não sei.

– E o que ele quer?

– Não sei.

– Ora, então por que diabos você falou para ele esperar?! – irritou-se.

– A sua agenda está sempre vazia, então achei que talvez o senhor pudesse...

O alcaide, contrariado, nem deixou que ela terminasse de se explicar. Caminhou em direção a Valêncio com aquela simpatia fingida tão comum aos homens públicos.

– Bom-dia, meu senhor. Desculpe fazê-lo esperar, mas compromissos fora deste gabinete atrasaram a minha chegada e antecipam a minha saída. Se quiser, por favor, adiantar qual é o assunto para que possamos agendar outro dia com mais calma...

– É sobre as mortes aqui na Vila Socorro – respondeu sem rodeios, por perceber que estava sendo descartado.

O alcaide emudeceu por um minuto antes de questionar.

– As mortes aqui em Socorro, o senhor diz?

– Sim. Acredito que eu possa ajudar.

Ronaldo não tinha a intenção de continuar a conversa, mas ficou curioso sobre o que aquele senhor tinha a dizer.

Na sala do alcaide, Valêncio foi direto ao assunto e propôs um toque de recolher como meio de evitar que mais corpos aparecessem dilacerados junto ao nascer do Sol.

– Toque de recolher?! – indagou o alcaide, incrédulo.

– É uma solução momentânea que pode impedir que mais pessoas da vila sejam atacadas durante a noite. Só até os senhores conseguirem conter esse derramamento de sangue.

– E qual seria mesmo o nome do senhor?

– Valêncio.

– Bom, senhor Valêncio, eu agradeço a sua preocupação com este assunto, mas, caso não saiba, o animal que trazia essa tristeza para nossa vila foi morto. Tivemos uma celebração em que eu mesmo botei fogo no corpo do animal.

– Perdão, alcaide, mas não acredito que o problema tenha sido resolvido.

– Mas é comprovado que de fato foi. Inclusive pela medicina. E, se me permite a pergunta indiscreta, o senhor tem credenciais que sustentem a credibilidade das suas informações? Qual é o seu ramo de atividade?

– Eu estudo uma vertente específica da Teologia, que envolve parte da mitologia cristã. Em algum casos o comportamento mundano demanda explicações de natureza espiritual, que nem sempre soam razoáveis. O senhor é um homem religioso, alcaide Magalhães?

– Minhas contribuições para a paróquia deixam bem claro o tamanho da minha fé – afirmou de boca cheia, como se indignado que alguém pudesse duvidar daquele fato.

– O senhor acredita em Deus, eu presumo.

– Logicamente que sim! Vou às missas de domingo e rezo todas as noites.

– Com certeza, como um bom católico praticante, o senhor pode afirmar que

Deus é a representação máxima da bondade.

– Sim. Não há por que discordar de uma afirmação como essa.

– E, como qualquer observador da vida, há de concordar que para tudo que é claro existe o escuro, para tudo que é alto existe o baixo e para tudo que é bom há também de existir o mau.

– Aonde o senhor quer chegar? – indagou, um tanto impaciente.

– Então não seria mentira dizer, por essa mesma lógica que acabou de concordar, que o senhor também acredita no Diabo. Não é verdade?

Ronaldo ficou estarrecido com a audácia daquele velho em induzir premeditadamente um pensamento para desmoralizar a sua crença religiosa.

– Eu sei o que é o senhor! – protestou o alcaide, nitidamente irritado. – O senhor é apenas mais um desses hereges que envenenam a mente do nosso povo com a falsa ideia de que tem uma besta sobrenatural caminhando na floresta! Estou cansado de ter que discutir este assunto absurdo que serve apenas para semear o medo de algo que ninguém viu nem nunca verá!

Valêncio estava preparado para aquela reação de Magalhães. Ele fizera a provocação com o intuito de conhecer os limites do alcaide. Então, deixou que completasse o desabafo.

– Hoje posso dormir tranquilo à noite porque sei que não preciso ter medo de acordar, abrir a janela da minha casa para respirar ar fresco e ver um grupo de pessoas enfurecidas reunidas com o corpo dilacerado de uma criança nos braços, exigindo explicações! Agora, finalmente, posso falar ao pai daquela família que a fera responsável por toda a sua tristeza virou cinzas.

O alcaide estava inquieto. Valêncio sabia que era comum entre as pessoas de conhecimento religioso estreito, adquirido apenas por uma única religião delimitadora, bradar irracionalmente contra qualquer argumento que se oponha às suas crenças.

– Peço que se retire da minha sala agora, senhor Valêncio, para que eu possa tratar dos assuntos reais que acontecem nesta vila. Por favor!

– A única coisa que peço é um toque de recolher.

– E como o senhor acha que a vila irá reagir?! – gritou o alcaide enfurecido, perdendo sua compostura. – Matamos o animal há quantos dias? Dois, e de repente, por precaução, instituímos uma prisão domiciliar! É isso que sugere?

O velho não respondeu. De lábios fechados esperou Ronaldo se acalmar. O dirigente caminhou em direção à sua mesa e apoiou seus braços, como se carregasse um fardo pesado sobre as costas.

– Depois de todos estes anos de oração, nossas preces finalmente atingiram os céus e nos trouxeram o culpado pelo qual tanto clamamos. Deus finalmente resolveu olhar por esta vila – desabafou por fim.

Valêncio percebeu que nada iria convencer o alcaide a aceitar sua proposta. Ele estava cego pela certeza de que haviam realmente eliminado o responsável pelas mortes. O velho não queria que fosse dessa maneira, mas estava com as mãos atadas. Infelizmente, mais uma morte seria necessária para servir de exemplo para que pudesse pôr em prática um discurso mais enfático.

– Caso Deus realmente esteja olhando pela vila, alcaide Magalhães, tenha cuidado, porque esta noite Seus olhos poderão estar vendados.

Valêncio abandonou a sala com a sensação de fracasso. Viera sugerir, na melhor das intenções, uma ação preventiva para que não aparecessem mais cadáveres pela floresta, podendo evitar, inclusive, a morte de algum infeliz naquela noite. Mas o máximo que conseguira fora a antipatia do dirigente da vila.

Apesar da negativa, Ronaldo ficou apreensivo. O alerta serviu para lembrá-lo das palavras do Dr. Dário, afirmando que o lobo-guará poderia não passar de um animal maior do que o comum para sua espécie.

Sozinho no gabinete, refletiu sobre a advertência de Valêncio, na esperança de que seu pedido fosse nada mais do que o desespero de algum velho supersticioso inconformado.

Na mansão dos Oliveira, Alana permanecia recolhida em seu quarto desde que chegara. Seus olhos bem abertos, apontados ao teto, enxergavam apenas imagens da noite em que fora desvirginada. O corpo suado de Álvaro sobre o dela e depois adormecido ao seu lado lhe rendeu horas de boas lembranças. Mal havia deixado o rapaz e já torcia para o dia terminar e dar espaço ao próximo, quando se veriam novamente com o aparecimento das estrelas.

Alana poderia permanecer enclausurada em seu refúgio particular, alimentando-se apenas do amor em seu peito. Mas, quando uma das criadas anunciou que o almoço estava posto, levantou-se para cumprir a rotina.

Sentados, um em cada ponta da mesa de madeira maciça com belos detalhes entalhados nas pernas, Alana e seu pai não trocaram palavras durante toda a refeição. Ela estava distante e nem sequer havia tocado na comida. Seu rosto deixava escapar inadvertidamente expressões de felicidade incontida quando rememorava os momentos mais românticos.

– Eu me lembro de quando tinha esse mesmo sorriso bobo no rosto – disse Dário

como quem não queria nada.

– Como assim, meu pai? – perguntou-lhe Alana, voltando à realidade.

– Foi quando eu resolvi que iria me casar com a sua mãe. Eu me pegava pensando nela toda hora do dia e acabava nem comendo direito, só brincando com a comida no prato, como você está fazendo.

Alana sorriu, olhando para baixo para não dar a confirmação de que seu pai estava certo. Mas Dário conhecia a filha muito bem.

– Quando uma pessoa se apaixona, minha filha, ela não precisa anunciar. No seu rosto fica estampada a benfeitoria do amor e a sua alegria transcende os poros, atingindo com inebriante felicidade a todos que a rodeiam.

– Nossa... – surpreendeu-se Alana com as palavras do pai. – Então foi assim que o senhor conquistou minha mãe. Não conhecia essa sua habilidade galante de pronunciar frases doces.

– Acredite, minha filha, eu precisei de um pouco mais do que isso para conquistar a Eleonora. Não creio que tenha sido apenas minha verborragia carregada de romantismo. Um ramalhete de flores também ajudou.

Pai e filha estavam tendo uma conversa agradável. Aquele clima descontraído a fez ponderar por um momento que talvez pudesse tocar no assunto, de forma branda, para não pegá-lo de surpresa, e preparar terreno para um dia apresentá-lo a Álvaro.

– Pai... E se este meu sorriso bobo realmente significar isso que o senhor tão precipitadamente imagina? – perguntou com as pernas bambas.

– Digo que apoio e que fico feliz com a sua felicidade.

– Mas e se o senhor não aprovar?

– Eu aprovo, minha filha. Não se preocupe.

– Aprova?

– Claro! Na sua idade é natural que um pai deixe a filha seguir seu caminho. E, além do mais, eu já sei de tudo.

– Sabe de tudo o quê? – apavorou-se Alana.

– Não precisa esconder de mim, filha. Eu já sei e aprovo. Era de se esperar que isso acontecesse um dia ou outro. E ainda te digo que estou muito feliz.

– Pai, eu não tenho certeza de que estamos falando da mesma coisa...

A porta da copa se abriu e uma das criadas interrompeu educadamente a conversa familiar para anunciar a chegada de visitantes que os aguardavam na sala de estar.

Dário não pareceu nem um pouco surpreso. Passou o guardanapo em sua boca e pediu à ajudante doméstica que preparasse um café e avisasse que estavam indo.

– O senhor está esperando alguém? – perguntou Alana, estranhando o comportamento ensaiado de seu pai.

– Vamos, minha filha, levante-se. Creio que estejam aqui mais por você do que por mim.

Carlos George e seu filho, Vicente, aguardavam na sala da mansão. O jovem estava mais bem-arrumando do que de costume e segurava em suas mãos trêmulas um belíssimo buquê de rosas. Seu cabelo estava penteado para trás e fixado com goma para dar uma aparência ilustre à ocasião. Ele não parecia estar ali para uma simples visita. Já Carlos George, que sempre que chegava à casa do amigo deitava suas mãos pesadas sobre as teclas do piano, buscava sem sucesso uma harmonia do instrumento. Sua falta de afinidade musical irritava qualquer um que apreciasse a boa música erudita, principalmente Alana.

Dr. Dário entrou na sala acompanhado da filha, que, surpresa ao vê-los de maneira tão formal, dirigiu-se ao rapaz com um enorme sorriso.

– Um ramalhete de flores, Vicente? Mas que engenhoso.

– Obrigado pela dica, Dr. Oliveira – sussurrou-lhe o rapaz.

– Não me chame assim, filho. Vá falar com Alana. Carlos? – dirigiu-se ao amigo. – Largue o piano e vamos tomar um café. Vamos deixar que os dois conversem sossegados.

– Com a adega invejável que você tem aqui, esperava algo mais forte.

– Providenciaremos um café irlandês então.

– Opa! Mas não vamos abusar! Por mim, dispensamos o café – brincou ele.

A voz dos senhores sumiu à medida que se dirigiam a uma sala menor para degustar dos raros licores que Dário havia acumulado com o tempo e suas viagens.

Quando a porta fechou, Alana se viu sozinha com Vicente. No olhar do rapaz estavam explícitas as intenções com as quais resolvera fazer aquela visita. Um enorme desconforto corria pelo corpo da jovem, que não tinha como escapar daquela armadilha preparada sem maldade pelo próprio pai.

Vicente aproximou-se e ofereceu as mais caras e belas flores que havia conseguido encontrar.

– Obrigada, Vicente. Não precisava – agradeceu sem conseguir esconder o nervosismo.

– Seu pai achou que poderia ajudar.

– Irei providenciar um vaso agora mesmo.

Uma boa tática para ganhar tempo e se esquivar do olhar faceiro do rapaz. Mas em vão. Vicente estava inquieto para pôr em palavras os sentimentos que viera

declarar.

– Espere, Alana – segurou-a pelo braço com cuidado. – Eu preciso falar agora.

– Tem certeza de que não quer me deixar pegar um vaso primeiro?

Alana tentou, mas Vicente a levou até o sofá e começou uma declaração que já havia ensaiado frente ao espelho diversas vezes.

– Sempre soube que você seria a mulher com quem eu gostaria de passar o resto dos meus dias e hoje já não consigo imaginar mais a minha vida... a nossa vida – corrigiu com um sorriso maroto – de outro jeito. Sempre fomos amigos, nossas famílias sempre estiveram reunidas nas celebrações e nos problemas que esta vila enfrentou e eu queria estender essa união para algo mais íntimo.

A jovem só faltou cerrar os olhos em uma expressão de dor para ouvir a pergunta evidente que viria.

– Alana... – continuou após um breve intervalo para respirar. – Nada me tornaria mais feliz do que poder construir uma família com você. E tenho certeza de que os nossos pais compartilham esse desejo. Deixo claro a minha intenção de matrimônio e gostaria que aceitasse de coração o meu pedido.

A garota poderia rasgar o coração do pretendente ali mesmo, mas foi fraca. Não conseguiria decepcionar o amigo, que aparecera com flores tão formosas e um sorriso radiante no rosto. Não sabia o que fazer.

Vicente, percebendo que Alana fora pega de surpresa, adiantou-se:

– Não precisa dar a resposta agora. Só me prometa que irá pensar a respeito.

– Eu... Eu prometo, Vicente. Vou pensar, sim – disse ela sem intenção de cumprir a promessa, jogando para um futuro incerto a resolução daquele caso.

O rapaz ficou tranquilo ao conseguir o compromisso verbal de que Alana iria responder ao seu pedido quando se sentisse confortável. Mas a jovem imaginava que poderia continuar vendo Álvaro e enrolar o pobre Vicente até que um dia tomasse as rédeas da situação e apresentasse ao pai o verdadeiro pretendente que elegera como parceiro.

– Eu vou aguardar o tempo que precisar. Mas gostaria de saber se posso vir te visitar mais vezes. Sem a presença de nossos pais.

Alana não sabia o que fazer senão acenar sua cabeça com um sorriso forçado. O rapaz aproveitou para dar um beijo inocente nos lábios da jovem, que ficou envergonhada. Ele pegou as flores das mãos de Alana e prontificou-se a colocá-las em um vaso.

Vicente era um verdadeiro cavalheiro, com boa educação, de uma família importante, atraente, romântico e capaz de prover todo o conforto necessário e

desnecessário que sua futura esposa viesse a desejar. Mas as regras da paixão não respeitam a coerência. A escolha de Alana estava feita e seria difícil desrespeitar a vontade do seu coração. Apesar de Álvaro apresentar inúmeras desvantagens quando comparado a Vicente, era a ele que pertencia o seu amor.

As horas passaram e o último tom alaranjado do crepúsculo deu lugar a um anil sombrio logo que o disco solar escondeu-se totalmente no horizonte.

Valêncio, prevendo o espetáculo macabro que seria apresentado naquela noite no palco da desprotegida Vila Socorro, trancou sua janela assim que a borda do astro desapareceu por detrás das árvores e permaneceu recluso, protegido entre as paredes grossas de concreto da pousada, encharcado pela impossibilidade de fazer qualquer coisa além de rezar pela alma de uma vítima inocente. O presságio maldito que profetizara ao alcaide não era de sua vontade, mas a morte de algum morador da vila durante a madrugada era uma possibilidade muito real que, se viesse a ser concretizada, daria força ao seu pedido pelo toque de recolher.

As luzes dos astros que se tornam visíveis no breu da noite deram o ar da sua graça na imensidão do pátio celestial. A Lua estava perfeitamente em oposição ao sol e os raios da estrela central da Via Láctea incidiam verticalmente sobre o satélite natural, deixando a esfera lunar completamente iluminada.

A lua cheia sempre povoou o imaginário criativo como a fase que torna admissível acreditar nos mitos de transformação, mas a grande verdade é que a Lua nada mais é que um objeto de observação para algo muito mais profundo. Não é ela quem exerce essa influência. O satélite completamente iluminado significa que a Terra está em alinhamento livre e desimpedido com o sol – o verdadeiro culpado, pois é dele a energia responsável pela vida. Estando a Lua fora do caminho, o contato entre o centro solar e o terceiro corpo celeste que orbita a estrela-mãe alcança seu ponto máximo e isso faz com que o homem tenha uma aproximação mais bem definida da força criadora, também chamada de Deus, trazendo um contato maior com energias do universo ainda incompreensíveis.

Em uma pequena fazenda próxima à floresta que rodeava Socorro, Lurdes e Alberto dormiam tranquilamente no aconchego do quarto quando, repentinamente, o barulho das aves no galinheiro fez com que a mulher acordasse assustada. O homem estava num sono tão profundo que sequer se mexeu a despeito de toda aquela algazarra. Lurdes estava com medo de sair da cama e achou por bem interromper o sono do marido.

– Alberto! Acorda, Alberto.

– Que é, Lurdes? O que foi? – perguntou o homem sonolento.
– Escuta.
Os dois ficaram em silêncio por um tempo, mas nenhum barulho diferente da canção noturna dos grilos era ouvido.
– Não ouço nada, mulher!
– Fica calado então!
– Pelo amor de Deus, Lurdes, eu vou madrugar – disse Alberto irritado.
Foi então que a barulheira das galinhas do lado de fora chamou a sua atenção. Além dos gritos das aves, um som alto de madeira se quebrando intrigou o casal. Aquele barulho fez Alberto levantar bruscamente da cama.
– Será que é ladrão? – indagou Lurdes assustada.
– Se não for, é o mesmo bicho da outra vez! – respondeu ele, já calçando as botas.
– Você vai lá fora?
– E você me acordou para quê? Para dar uma prosa? Não vou perder as galinhas de novo!
– Cuidado, Alberto.
– Pode voltar a dormir, Lurdes. Se precisar, vou caçar essa peste até amanhã de manhã.
O homem buscou a espingarda, que ficava dentro de um armário logo na saída do quarto. Ele a deixava na passagem para que não perdesse tempo caso precisasse defender sem demora seus animais e horta contra algum invasor.
Alberto abandonou a casa cuidadosamente e sentiu o frio da madrugada abraçá-lo. Ajeitou o agasalho e deu passos lentos em direção ao galinheiro. O barulho vindo da estrutura de madeira era intenso. O homem, apreensivo, caminhou vagarosamente e engatilhou sua arma em silêncio. Sorrateiramente, abriu a porta e adentrou a escuridão do galinheiro.
Na manhã seguinte tudo parecia calmo. Logo que Lurdes acordou, percebeu que Alberto não havia retornado à cama. Ela imaginou que o homem devia ter caçado o animal até de manhã e partido para as tarefas do dia. Ela então se trocou e organizou a rotina matinal.
Já do lado de fora, indo para o galinheiro, seu pensamento trocava receitas do que fazer com os ovos que iria recolher, na espera de que o animal não tivesse feito muito estrago. No entanto, assim que abriu a porta, percebeu que suas preocupações seriam bem maiores.
Penas eram embaladas pelo vento que soprava das frestas. Pedaços das aves

devoradas eram vistos pelos cantos. O odor insuportável do excremento espalhado pelo chão, misturado ao sangue espirrado nas paredes, deixou Lurdes enjoada. A mulher tampou o nariz, observando o resultado da chacina. Não sobrara sequer uma ave.

Não sabia que um ataque noturno era capaz de trazer tamanho prejuízo. Os olhos de Lurdes mapearam o local na busca de algo que houvesse sido salvo. Foi quando viu Alberto, cuja metade do corpo estava coberta pela sombra, sentado em um canto escuro. Somente suas pernas estavam iluminadas por um facho de luz que entrava pelo teto.

– Alberto? – chamou, sem resposta.

Lurdes largou o cesto que carregava nas mãos e aproximou-se do homem lentamente, estranhando que ele tivesse adormecido no galinheiro.

– Levanta, Alberto! – insistiu a mulher.

À medida que seus olhos acostumavam-se à penumbra, Lurdes pôde ver o que a sombra escondia. No que sobrara de seu pescoço estava a assinatura da besta: a enorme mordida de um animal virulento que lhe arrancara metade da garganta. A cabeça do pobre Alberto ainda estava sobre o tronco somente por seu corpo ter caído encostado em uma quina da parede, que lhe servia de apoio.

Jamais deveria recair sobre uma esposa a imagem do marido com a calça borrada e olhos perolados numa expressão de pavor extremo. Lurdes ficou desnorteada, sem conseguir desviar os olhos do cadáver. Por fim, a cabeça de Alberto rolou, caindo sobre o próprio colo, para encarar Lurdes no fundo dos olhos. A mulher finalmente conseguiu reunir forças para gritar.

Século XX. 4 de maio de 1920. Lua minguante.

Uma assembleia de emergência foi convocada assim que a notícia da morte de Alberto chegou aos ouvidos do alcaide. Na reunião daquela noite, o padre Antônio dos Santos não estava presente por estar cumprindo outros compromissos fora da cidade, mas Vicente ocupava seu lugar à mesa dos dirigentes.

Ronaldo, como de costume, tentava acalmar os nervos da população enfurecida. Desta vez o povo viera carregado de frutas podres, que arremessava contra o alcaide, dificultando seu discurso.

– Parem com isso! Precisamos gerir esta situação com nossas mentes direcionadas para a resolução do problema. O apoio de vocês nessa hora é de extrema importância. Esbravejar não trará de volta os que se foram, muito menos o culpado por essa fatalidade ocorrida no sítio do nosso amigo Alberto, que Deus o

tenha! Precisamos de ação e isso eu garanto que teremos. Parem de desperdiçar estas frutas! – suplicou após ter sido acertado por uma com caroço.

O povo não dava ouvidos. Continuava falando alto e arremessando tudo que tinha às mãos.

Quem também estava no meio da multidão, porém distante dos indignados, era Álvaro. Ele estava sereno e fitava Alana apaixonado, sem ser percebido pelos demais, que estavam mais interessados em esbravejar contra os representantes da assembleia. A garota correspondia ao sentimento da mesma forma, mas por diversas vezes abaixava seu rosto para não deixar explícita a conversa entre olhares. Apesar de sua cadeira cativa não ser à mesa dos dirigentes, também estava à frente do povo, e seu olhar embebido de paixão poderia ser percebido se não fosse tomada a devida cautela.

– Como poderíamos imaginar que, após termos matado e incinerado o animal culpado pelas mortes anteriores, isso voltaria a acontecer? – indagou o alcaide, buscando justificar no acaso a ocorrência da nova morte. – Foi feito um exame minucioso no lobo e o doutor Oliveira aqui do meu lado não me deixa mentir que foi comprovado, por métodos clínicos, que aquele, sim, era o animal responsável! Não é verdade, doutor?

A culpa foi jogada ao colega de mesa, que, sem saber o que responder, olhou sem graça para Vicente, seu cúmplice na mentira. O rapaz, percebendo a situação do seu futuro sogro, prontificou-se a livrá-lo dos olhares inquisidores da multidão raivosa e levantou-se para falar ao povo.

– Está claro que um novo animal apareceu para continuar a empreitada diabólica do anterior! Eu prometo que caçarei essa nova besta e não descansarei até trazer também o seu corpo...

Antes que terminasse seu anêmico discurso de herói, uma laranja podre arremessada por algum popular irritado atingiu certeiramente o rosto de Vicente, que se calou, humilhado. Voltou a sentar-se, limpando o suco da fruta que se espalhou por sua face.

As palavras de Vicente não causaram impacto algum. O povo não estava preocupado se era o mesmo animal ou outro qualquer. O que importava eram as mortes, e elas não haviam parado como fora afirmado pelo alcaide.

Estava uma baderna. Ronaldo não sabia mais o que fazer. Sentou-se impotente e desabafou com Carlos George ao pé do ouvido:

– Onde está o padre Antônio para controlar o rebanho dele?

– O rebanho pode ser dele, mas a fazenda é sua. Estou com o chicote na mão e,

se o amigo precisar, é só avisar que faço ele estalar – disse o fazendeiro com a mão na arma em sua cintura.

O alcaide Magalhães não pareceu discordar que uma atitude mais enérgica poderia ser de boa medida. Ficou na dúvida se deveria pedir para Carlos George intervir com sua pistola. "Se a argumentação não estava funcionando, quem sabe o povo respeitasse o berro de uma arma de fogo", ele pensou.

Os dois ficaram em silêncio. Ronaldo sabia de suas responsabilidades e, como alcaide do vilarejo, não poderia dar permissão franca para que Carlos George atirasse. Se o pior viesse a acontecer, ele não poderia se comprometer com a autorização do disparo contra seu povo em uma assembleia geral. Mas queria que o fazendeiro sacasse sua pistola. E, se ele o fizesse, receberia apenas uma falsa repreensão do alcaide para esconder parte da sua culpa.

Carlos George estava acostumado a usar sua arma para controlar rebeliões. Na época da escravatura, quando não estava rasgando a pele dos escravos de sua fazenda com um chicote, estava disparando para os céus o seu instrumento barulhento de obediência forçada. Encarando Ronaldo nos olhos, o homem levou a mão à sua pistola. O silêncio do representante já bastava como autorização. Quando empunhou a arma e se preparou para engatilhá-la sob as vistas do alcaide, uma voz gritou no meio da assembleia, fazendo todas as outras se calarem:

– Eu tenho uma sugestão para acabar com essas mortes!

Era Valêncio.

– Um toque de recolher! – completou.

As pessoas estavam confusas. Todas sabiam do que se tratava, mas nunca haviam cogitado uma ação como aquela por inúmeras razões. A população abriu passagem para que o velho se aproximasse da mesa dos dirigentes.

– Senhores, o que trago é uma proposta momentânea que, garanto, irá deixar todos protegidos até que nossos queridos representantes achem o verdadeiro culpado.

– Senhor Valêncio – interrompeu o alcaide –, já conversamos sobre essa ideia absurda.

– Respeito sua posição, alcaide Magalhães, e sei que o senhor é a voz dos moradores desta vila. Mas, já que a população está toda reunida, por que não deixar que eles mesmos escolham o que acham melhor? – retrucou, deixando Ronaldo irritado.

– E por acaso o senhor acha, na sua cabeça poluída por lógicas cretinas, que o povo vai se sujeitar a uma ideia que torna todos prisioneiros em suas próprias

casas?! Que um confinamento domiciliar irá resolver o problema?!

– Caso me permita uma explicação.

O povo queria ouvi-lo e deliberou a favor do velho. Não havia mais nada a perder. Ronaldo foi obrigado a permitir que Valêncio expusesse sua ideia para todos.

– Se é de atenção que o senhor precisa, por favor, vá em frente então e nos ilumine! Salve-nos! – ironizou o alcaide impacientemente.

– Por favor, faça a gentileza – Valêncio entregou-lhe um calendário acompanhado de um marcador. – Assinale com um círculo as datas que forem ditas.

O representante aceitou a função de mau grado, pegando secamente o calendário das mãos do velho intrometido.

– Quem de vocês perdeu algum parente ou amigo próximo nas mesmas condições da última ocorrência? – começou, voltando-se à população.

Várias pessoas começaram a falar ao mesmo tempo e ele não conseguia identificá-las. Várias vozes queriam contar, com indignação e luto, suas histórias de morte.

– Por favor, queiram levantar as mãos para que eu os veja.

Era espantosa a quantidade de mortes representadas naqueles membros apontados para o céu. As mãos se levantaram uma após a outra e não paravam de aparecer. Realmente uma tragédia, pensou Valêncio antes de continuar.

– Não é de minha intenção ser insensível com o sofrimento de vocês, muito menos parecer desrespeitoso com os parentes que se foram de forma tão trágica. Mas, por favor, apenas os que tiveram algum parente finado entre este ano e o anterior continuem com as mãos levantadas.

Várias pessoas resmungaram, apesar do cuidado de suas palavras. Não entendiam por que os mortos recentes eram mais importantes que os mais antigos.

– Senhores e senhoras, me desculpem, mas precisamos ir direto ao ponto para provar uma teoria e aprovar uma medida emergencial de segurança – justificou-se.

Apenas onze mãos permaneceram levantadas. Valêncio analisou o sofrimento na expressão de cada um e escolheu uma senhora de mais idade para ser a primeira a desabafar.

– Minha senhora, por favor, diga quando teve sua perda.

– Meu neto não tinha sequer completado um ano de vida – começou aos prantos. – Eu sei que foi castigo de Deus porque ele não era batizado. Foi culpa do meu genro, que não é religioso. Se fosse à missa com a minha filha isso não tinha acontecido.

– A senhora se lembra de quando foi?

– Geralmente eu não guardo data de nada, mas não dá para esquecer uma desgraça dessas. Foi em novembro, dia 7.

O alcaide procurou no calendário a data que a senhora indicou e, com extrema má vontade, marcou um círculo sobre ela.

– Logo depois, meu genro levou minha filha para morar longe com a desculpa de que não conseguiam continuar na casa. Mas ele queria é tirar ela de perto de mim. Perdi o neto e a filha nesse dia.

– Obrigado, minha senhora. Tenho certeza de que hoje seu neto está ao lado de nosso Senhor Jesus Cristo, brincando com outros anjos que também se foram.

A perda de um ente querido é motivo de muita dor e Valêncio foi sincero nas palavras ao respeitar esse sentimento. Todos ali com as mãos levantadas tinham casos de extrema tristeza a serem ouvidos. Se Valêncio tivesse que prestar suas condolências por todos os mortos, a assembleia não terminaria naquela noite. Retomou suas indagações e ouviu agora uma mulher mais nova, que parecia impaciente por sua vez de falar.

– Todo mundo aqui conhecia o meu Valnei. Não machucava nem pernilongo. O problema é que gostava de uma cana. Depois da noitada, resolveu cortar caminho pela mata para chegar mais cedo em casa e acabou é nunca chegando. Morreu com a cabeça para lá de dois metros e meio separada do corpo. Nem vi! Me disseram. Isso foi na noite do dia 9 de setembro.

Não fazia tanto tempo desde o ocorrido, mas no modo como a viúva reclamou das bebedeiras do homem podia-se notar uma certa impaciência com o comportamento boêmio do falecido. Isso facilitou a Valêncio passar logo a vez a outro interlocutor, sem perder tempo com palavras de consolo.

– Foi no dia 5 de março. Todo mundo aqui lembra. Foi um pouco antes da última assembleia. Minha... minha esposa... ela...

O homem quase não conseguia falar por causa do choro que lhe entupia o nariz. Um senhor o segurou, tentando dar força moral para que o rapaz continuasse.

– Desculpem. Ainda é difícil para mim. Ela ia ter nosso primeiro filho em um mês – revelou antes de desabar em prantos.

A informação mais importante que Valêncio buscava não era a maneira ou as circunstâncias em que os moradores da vila haviam sido privados do seu direito de viver. Ele buscava datas para apresentar ao alcaide provas que não teriam como ser questionadas. Os tipos de morte descritos eram semelhantes e compartilhavam da mesma desgraça. Uma mulher contou sua história e anunciou o dia 14 de maio. O

mesmo fez um casal italiano que perdera um dos filhos no dia *quindici di febbraio dell'anno scorso*. Traduzido ao alcaide por seu amigo Dário, que conhecia um pouco do idioma, como 15 de fevereiro do ano anterior. Um senhor religioso, de mais idade, indicou o último 6 de janeiro, no dia do Terno de Reis.

A noite continuou como se as pessoas estivessem reunidas ao redor de uma fogueira para ouvir histórias de mau agouro. Cada uma vinha com detalhes funestos da crueldade do mesmo carrasco. Fora as datas já mencionadas, ainda foram citadas as manhãs de 17 de março e 14 de junho, e as madrugadas de 11 de agosto, 9 de outubro e 7 de dezembro do ano anterior.

Após a décima primeira data marcada no calendário, Valêncio voltou-se ao alcaide.

– Por gentileza, marque também a madrugada de ontem para hoje, 3 de maio. A senhora Lurdes não está aqui presente, mas tenho certeza de que todos compreendem e perdoam a sua ausência.

Ronaldo cumpriu sem falhas o dever que lhe foi atribuído, mas as marcações não o convenciam de que havia uma prova em suas mãos.

– Senhor Valêncio, eu não enxergo o que o senhor fez tanto escarcéu para nos mostrar.

– Observe esse calendário e me diga o senhor que não vê um padrão.

– Só vejo que as mortes parecem não ocorrer mais do que uma vez por mês, como nós mesmos já havíamos percebido.

– E isso não prova ao senhor que se trata de um ataque que respeita um determinado ciclo?

– Sim, mas isso não exclui a ideia de que estamos procurando um animal selvagem.

– Diga então qual animal vem à sua mente que ignora o instinto da fome e planeja seus ataques nesse espaço de tempo.

O alcaide jogou os olhos para cima, na busca de uma raça que poderia confirmar o seu ponto, mas não quis se dar por vencido e logo retomou a contestação.

– Não me vem nenhum à mente, mas, mesmo assim, nem todos os meses aqui estão preenchidos. Isso torna mais provável a teoria de que um animal estoque seu alimento e parta novamente para a caça quando acaba. E mesmo que este calendário estivesse completo, nem se pode dizer que isto de fato seja um padrão! São dias aleatórios do mês, não dá para determinar os dias exatos de um ataque.

Com essa argumentação Ronaldo acreditou que teria quebrado a teoria de Valêncio e decretado vitória, mas o velho virou-se novamente ao povo.

– Meus senhores! Alguém aqui teve sua fazenda ou rancho atacado por algum animal durante a noite nesse mesmo período?

– Eu perdi quase todos os meus porcos em abril do ano passado! – manifestou-se em voz alta um homem acima do peso, que também queria falar. – Foi no meio do mês, mas não sei o dia.

– Procure se lembrar, meu senhor. Garanto que foi na noite do dia 15.

– Pode ser. Sei que foi antes do tal dia lá do dentista mineiro. Era um barulhão no chiqueiro. A gente até achou que tinha uma porca no cio, mas quando acordei os porcos estavam era tudo pela metade.

Outro rapaz contou seu caso estranho logo em seguida.

– No dia 13 de julho fui pegar leite da minha vaca bem cedo, antes do sol nascer, mas ela estava no chão com a barriga aberta e as coisas de dentro tudo para fora. Ainda não estava morta, a coitada. Se eu tivesse chegado antes, talvez pegasse o bicho que fez isso.

– Então agradeça, rezando um terço bem rezado toda noite, por não ter acordado mais cedo nesse dia. O senhor poderia estar aqui hoje na boca da sua senhora.

O mesmo tipo de violência que atingia a população da vila também recaía sobre seus animais. Uma pobre senhora relatou o prejuízo no seu galinheiro muito semelhante ao que aconteceu na fazenda de Lurdes e do finado Alberto, quando foi pegar alguns ovos na manhã do dia 4 do mês anterior. Impressionante foi a história do senhor que descreveu o estado em que seu cavalo fora encontrado no dia 17 de janeiro de 1919. O corpo do animal estava longe da fazenda, com a cabeça presa apenas pela crina, tamanha a violência da mordida no pescoço. Seu cavalo era rápido e devia ter tentado fugir do ataque, mas a besta que procuravam deveria ser ainda mais veloz.

Valêncio voltou-se novamente ao alcaide.

– Creio que agora deva ter sobrado apenas um mês não marcado no calendário. Fevereiro deste ano, correto? Vamos crer que algum animal selvagem tenha sido o infeliz atacado. Algum cateto ou qualquer outro que habite a floresta. Por favor, marque o dia 4.

– Certo – obedeceu o alcaide, já retrucando. – Todos os meses estão marcados, mas mesmo assim não há um padrão dos dias.

– Observe a fase lunar, por favor.

Ronaldo virou as páginas, uma por uma. Logo na terceira, um arrepio percorreu o seu corpo, causando um leve tremor. Ele percebeu que de fato havia um padrão. Seus olhos se arregalaram à medida que acelerava a mudança de página, sem

acreditar que aquele detalhe havia passado despercebido por ele durante tantos anos. O calendário revelava que todos os dias marcados eram de lua cheia ou manhã do dia seguinte, quando os cadáveres eram encontrados.

– Santo Deus! – exclamou ele.

– Nós podemos nos proteger, senhor alcaide.

Finalmente as palavras de Valêncio foram ouvidas. O povo estava estarrecido. Alguns cobriam o rosto, incrédulos pela possibilidade de estarem convivendo há tantos anos com um assassino que premeditava seus ataques. Com provas impossíveis de terem sido forjadas, Ronaldo não teve outra opção a não ser adotar o toque de recolher proposto pelo velho.

A assembleia foi encerrada com a sugestão de que todos os moradores da Vila Socorro comprassem calendários lunares e ficassem em casa nas datas de lua cheia, trancafiados, assim que o dia começasse a escurecer. Resolvido provisoriamente o assunto, as pessoas abandonaram o galpão.

Álvaro ficou do lado de fora, esperando Alana sair para vê-la uma última vez. Ela e seu pai deixaram o galpão pela porta de trás, acompanhados por Carlos George e Vicente, e foram em direção à carruagem. Dário despediu-se do amigo Carlos enquanto Vicente ficou ao lado de Alana, conversando de perto com um sorriso recheado de intenções no rosto.

Sob os olhares enciumados de Álvaro, Vicente pegou a mão de Alana e a beijou cordialmente. A garota entrou depressa na cabine antes que ele tentasse uma aproximação mais íntima, por imaginar que poderia estar sendo observada.

Sabendo da amizade entre os dois, Álvaro admitiu a ideia de que o beijo na mão de Alana fora apenas um cumprimento cordial igual a qualquer outro. Seus ciúmes não foram além de um sentimento esperado por alguém apaixonado que mal acabara de começar um relacionamento amoroso.

Após o carro ser puxado pelos cavalos e sumir na esquina seguinte, Álvaro tomou seu caminho para casa. Para ele, a medida de segurança aprovada em assembleia veio como uma bênção. Não precisaria mais mentir à sua amada, repetindo as mesmas desculpas que ouvia no passado.

Na carruagem, Alana não estava gostando da conversa em que seu pai enveredava.

– Sempre gostei desse rapaz, o Vicente. Jovem educado, empenhado com o bem-estar da nossa vila... O Carlos George me disse que há planos de ele ser o nosso próximo alcaide. Estava sabendo disso, minha filha? Mesmo nesses tempos difíceis, uma pessoa querer assumir essa posição é um atestado de força de caráter. Seria um

orgulho para qualquer pai de família ter um rapaz desses como genro. O Carlos realmente educou um bom garoto.

Dário não parava de tecer elogios ao pretendente de sua filha, achando que dessa maneira ela diria logo o tão esperado sim ao rapaz. Mas Alana, com o olhar tristonho, observava a paisagem pela janela da carruagem, buscando não dar atenção às palavras que escutava. Parecia ainda mais distante a oportunidade de conversar abertamente com seu pai sobre as verdadeiras direções do seu coração. Mas ela ainda não havia desistido. Sabia que tinha que esperar a ocasião ideal.

Contrariando os incrédulos e os sem esperança, uma época de agradável placidez tomou a Vila Socorro com um suave sopro de quietude. As pessoas abraçaram o aprisionamento domiciliar mensal como se Moisés houvesse apenas esquecido de mencioná-lo como o décimo primeiro mandamento enviado por Deus nas tábuas da lei.

A precária linha de produção de almanaques da pequena vila precisou contratar funcionárias capacitadas na arte da escrita fina para suprir a alta demanda de calendários. Nas datas circuladas do bendito folheto, o estalar das portas e janelas sendo trancafiadas substituía o costumeiro som de animais noturnos ao cair da noite e, por mais barulho que houvesse do lado de fora na alta madrugada, assim permaneciam até o sol raiar e anunciar o hino matinal que indicava a sobrevivência do galo.

Durante a trégua, assinada com o sangue dos animais que tombaram ao chão em todas as luas cheias seguintes, os habitantes da pequena Vila Socorro aproveitaram para cultivar outras áreas de interesse. O toque de recolher trouxe a ilusão de que a harmonia que os abraçara seria permanente.

Sem as mortes assombrando o vilarejo nos últimos meses, o alcaide Magalhães foi aliviado da pressão e voltou-se apenas às questões administrativas, ignorando por completo novas ações para resguardar os moradores de um possível ataque porvir. O mesmo não poderia ser dito de Valêncio. Na calmaria, o velho resolveu dedicar-se à leitura de seus apreciados volumes obscuros a respeito do sobrenatural e do estranho, na esperança de que em algum deles encontrasse uma solução definitiva para o caso.

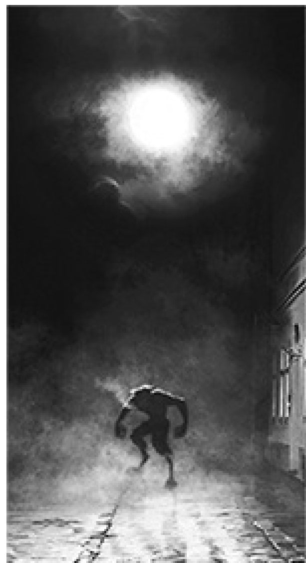
Sem necessidade de emprestar suas qualidades como caçador, Vicente insistia na arte de presentear a pessoa amada, à espera de uma resposta doce aos seus ouvidos, enquanto Alana amargava sua expectativa com o silêncio perpétuo. Nenhuma de suas ações apaixonadas faziam com que a garota ao menos tocasse no assunto. Suas

visitas constantes e seus mais variados presentes eram recebidos pela jovem e deixados de lado assim que ele abandonava a mansão dos Oliveira.

Alana não pensava em outro senão Álvaro. Nas noites de lua cheia contentava-se em fantasiar em seu quarto, mas nas demais, fossem elas claras e estreladas com o satélite comandando a procissão luminosa dos astros, ou sombrias e úmidas com o coaxar ressonante dos sapos, não tardava a escapar para encontrar o seu verdadeiro príncipe. A cada encontro, a certeza de que o par ideal fora encontrado. Os dois se descobriam no toque e no olhar. No jardim desse casal apaixonado florescia a mais bela das flores. Um amor verdadeiro, uma confidência de segredos e sentimentos profundos. Desde as noites frias de outono, que precederam um inverno dos mais rigorosos, os dois jovens esquentavam seus corações com o fogo da paixão e seus corpos na alcova da luxúria.

A demora da filha do Dr. Dário em responder ao pedido de matrimônio de Vicente começou a perturbar os planos de Carlos George. Impaciente, ele foi conversar com o amigo para pedir que tomasse as devidas providências para que seu filho recebesse logo a resposta positiva por parte da jovem.

O pai precisaria decidir o destino da filha. Fora aceso o pavio de uma bomba que explodiria no próximo setembro.



Capítulo 7

Século XX. 6 de junho de 1906. Lua cheia.

Os anos se passaram sem surpresas para a família Cesari desde que Álvaro nascera. O garoto cresceu saudável sem causar muitos problemas, além dos comuns a uma criança travessa que ainda precisava ser educada e receber limites. As filhas mais velhas do casal beiravam o começo de uma vida adulta enquanto Giulietta estava no auge de sua impertinência adolescente. O comportamento arredio do caçula dava sinais de que estava chegando precocemente à puberdade.

Mesmo com o filho homem pelo qual tanto esperava, Bastiano não desrespeitou, sequer uma única vez, sua obrigação de pernoitar fora em determinadas datas. Principalmente nos primeiros meses, Clemenzia fazia um escândalo, mas ele permaneceu firme em suas obrigações porque sabia que seria melhor decepcionar a mulher do que ficar em casa.

Nessa rotina mensal, a família inteira jantava antes do que o costume. Apesar de ninguém estar com fome, reuniam-se para que o pai não comesse desacompanhado antes de ir embora.

Bastiano devorava sua comida rapidamente, pois logo precisaria ir, enquanto Álvaro e as irmãs mal tocavam em seus pratos.

– Podemos ir lá fora? – perguntou Giulietta, entediada, à mãe.

– Esperem seu pai acabar de comer primeiro.

– Não precisa – interrompeu Bastiano. – Podem ir brincar agora que está claro, porque não vai demorar muito para escurecer.

As meninas não pensaram duas vezes. Mesmo as mais velhas preferiam ocupar o

tempo correndo pelo gramado com as irmãs a ficar paradas olhando o pai terminar de comer. Uma vez autorizadas, saíram saltitantes da mesa. Antes que o pequeno Álvaro corresse para fora, Bastiano conseguiu pegá-lo com o braço.

– Opa, *ragazzo*. Dá um beijo aqui no *papà* antes de sair.

Para ser libertado logo e poder brincar, o menino deu-lhe um beijo rápido no rosto. Orgulhoso, Bastiano acompanhou com os olhos o filho sair para encontrar as irmãs.

Clemenzia aproveitou aquele olhar imerso em felicidade para tentar persuadir o marido mais uma vez.

– Não pode ficar esta noite?

Bastou a impaciência de Bastiano como resposta para que a discussão não fosse levada adiante. A mulher tinha dito aquilo apenas para não perder o hábito. Não chegou a insistir, pois sabia que seria inútil. O homem deu uma última garfada no prato e, ainda com a boca cheia, levantou-se da mesa, limpando os lábios.

– Vou me arrumar. Não se esquece de colocar as crianças para dentro quando começar a escurecer. Façam o que tiverem que fazer antes, porque lá fora, de noite, é perigoso.

– Eu sei, querido, eu sei. Não se preocupe que não vamos sair.

Clemenzia estava cansada daquele texto, que tantas vezes ouvira. E, apesar de anos terem se passado sem jamais ter revisto a criatura que um dia a atacara, restos da dúvida sobre o que fora aquele encontro ainda permaneciam em sua memória. Seu silêncio nunca havia sido quebrado, tampouco havia tornado a desobedecer o pedido do marido.

Do lado de fora as meninas corriam por entre as árvores próximas da casa. Estavam brincando de esconder e era a vez de Giulietta fechar os olhos, próxima a uma das árvores, contando em voz alta, enquanto os demais procuravam lugar para se abrigar.

As meninas já haviam encontrado um esconderijo, mas Álvaro não. Nenhum lugar parecia bom o suficiente ou fora ocupado por uma de suas irmãs. Tentou se esconder na última árvore mais próxima da mata, mas Francesca estava lá e mandou que fosse embora para não denunciá-la.

Giulietta trapaceava pulando alguns números e estava acabando de contar. Sem encontrar alternativas para se esconder, Álvaro começou a ficar nervoso. Bem às suas costas estava a floresta com seus inúmeros refúgios convidativos. Com os números regredindo, quase chegando ao zero, e Francesca mandando-o sair logo dali, o garoto correu mata adentro.

– Não entra na floresta, Álvaro. Álvaro!

A irmã do meio falava baixo para não denunciar seu esconderijo, mas sua ordem foi desrespeitada.

Giulietta deu uma espiada sorrateira e acabou. Partiu para os locais mais óbvios e encontrou algumas de suas irmãs.

Álvaro escondeu-se atrás de uma árvore de tronco espesso, de onde conseguia acompanhar os passos de Giulietta. Ele assistia de camarote às ações das irmãs, descobrindo seus abrigos e imaginando onde procurar quando sua vez de contar chegasse. Pôde reparar também que seu pai havia saído. Bastiano foi interceptado pelas filhas e aproveitou para brincar um pouco com as meninas. Ele pegou Giulietta no colo sob protestos, enquanto as irmãs, espertas, aproveitaram para se safar.

Bastiano procurou por Álvaro, mas não estranhou sua ausência, pois percebera que estavam brincando de esconder. Finalmente, despediu-se das filhas e tomou seu rumo.

Sem saber, o pai caminhava em direção ao garoto. Certamente estragaria o seu esconderijo se o descobrisse ali e o apanhasse nos braços, como fizera com uma de suas irmãs. Então, à medida que Bastiano se aproximava, Álvaro foi circulando o enorme tronco em silêncio para não ser visto. O homem passou bem ao lado do filho e não percebeu sua presença. O menino continuou observando o pai por vários segundos, até perdê-lo de vista entre a vegetação. Quando Álvaro retomou a atenção às irmãs, percebeu que Francesca apontava em direção à floresta, chamando todas as meninas para procurá-lo.

Ele queria vencer o jogo e não se deixaria descobrir facilmente. O garoto foi entrando mais fundo por entre as árvores até achar um tronco seco e oco, no meio da floresta, onde deitou, camuflando-se na natureza.

As irmãs chegaram à entrada da mata, mas não ousaram ultrapassar uma linha imaginária que, ingenuamente, parecia delimitar a passagem de um estado seguro para outro de perigos inomináveis. O terrorismo sobre as ameaças que a floresta oferecia parecia ter mais efeito sobre elas do que sobre Álvaro. Na borda desse limite invisível, elas insistiam para que o irmão retornasse, mas ele, instalado dentro do tronco, não deu importância ao tom desesperado de suas vozes. Achou que aquilo nada mais era do que um plano ardiloso de suas irmãs para descobrirem onde se escondera.

– Álvaro! Aparece! – gritaram as meninas seu nome repetidas vezes, mas ele estava irredutível.

Permaneceu ancorado em seu refúgio, orgulhoso de não ser encontrado,

dividindo espaço com os insetos que moravam naquele pedaço de madeira.

Cansadas de serem ignoradas, elas voltaram correndo para casa quando viram que sua mãe havia saído para lavar a louça do jantar. Cada uma parecia querer dedurar o comportamento impertinente do irmão antes da outra.

– Eu vi o Álvaro entrando na floresta – falou Francesca, com convicção.

– Não vale se esconder lá – choramingou Giulietta emburrada.

– O Álvaro está na floresta? – arrepiou-se Clemenzia.

– Eu falei para ele não ir, mas ele não quis obedecer.

O sol estava prestes a se pôr. Uma enorme sombra começava a tomar conta da floresta e a encobrir o tronco onde Álvaro estava escondido. Os olhos do menino estavam pesados e o sono passou a seduzi-lo.

Clemenzia largou o que tinha nas mãos e foi até a mata, seguida pelas filhas. Chegando à entrada da floresta, começou a chamar por Álvaro. O garoto estava longe e, agora, adormecido dentro de um pedaço morto da natureza, que abafava os sons externos. Preocupada, a mãe desrespeitou a linha imaginária e avançou em terreno perigoso, mesmo com a noite já se formando. Apesar do medo das meninas, elas resolveram acompanhar a mãe na busca pelo irmão, mas não se afastaram de sua saia por um segundo sequer.

Chegou a hora em que a escuridão avançava com violência, devorando a luz do dia com seu pano negro. A lua cheia já estava no céu e as nuvens começavam a descortiná-la para seu espetáculo de luminosa beleza. A noite tomou a floresta.

Clemenzia não queria que suas filhas ficassem ali, mas também não podia deixar seu filho perdido na mata.

– Vamos, meninas. O pai de vocês não quer que vocês fiquem aqui fora.

– Mas e o Álvaro? – começou a chorar Giulietta.

– Vamos para dentro que eu vou pegar uma lamparina e continuar procurando. Vocês ficam em casa. Rápido!

As meninas também estavam preocupadas. Obedeceram à mãe sem qualquer questionamento e a ajudaram a acender um lampião para guiá-la no breu da floresta. Clemenzia retornou prontamente ao local e foi entrando mais fundo por entre os troncos e folhagens, gritando o nome do filho. O tempo foi passando e ela não conseguia encontrar Álvaro em lugar nenhum.

A temperatura começava a cair e o sopro gelado da noite, acompanhado do orvalho, incomodou o garoto, que, mesmo adormecido, buscava se aquecer em posição fetal.

Repentinamente ele acordou, sem saber onde estava. Demorou alguns segundos

para lembrar por que estava deitado naquele tronco seco e, ao deparar-se com a escuridão, sozinho, o medo fez seu coração disparar. No breu da floresta, tudo lhe parecia assustador. Era como se o caminho que havia trilhado até ali não estivesse no mesmo lugar e as árvores quisessem abraçá-lo com seus galhos torcidos. Álvaro andou temeroso sobre as folhas caídas, buscando identificar algo que o levasse até a casa.

O menino conseguiu ouvir baixinho o seu nome sendo chamado pela mãe, clamando para que voltasse. Tentou aproveitar aquele som para guiar-se, mas as trilhas que cortavam a floresta o jogavam cada vez mais longe da origem e ele acabou se arrastando para dentro da mata fechada.

A voz que usava como bússola foi sendo derrotada até perder completamente o espaço para os ruídos da noite. Desamparado pelo único som que o confortava, Álvaro estava completamente perdido.

O garoto tentou se esquentar cruzando os braços. Alerta, caminhou por entre os arbustos reparando na agitação das folhas embaladas pela brisa noturna. Observando com atenção os arredores, Álvaro viu, perto de um tronco, roupas bem dobradas, postas umas sobre as outras de forma organizada. Ele chegou bem perto, pegou a camisa nas mãos e a reconheceu.

– Pai? – disse o menino esperançoso, porém confuso.

As folhas secas no chão começaram a estalar como se alguém ou algum animal as estivesse quebrando com seus passos cada vez mais próximos. Os arbustos se retorciam numa trajetória que indicava a localização de Álvaro como destino. O menino reparou na movimentação da natureza e ficou parado, na espera de que dali saísse seu pai para resgatá-lo daquele labirinto.

Os pequenos galhos de um arbusto fechado se afastaram e surgiu da penumbra uma imponente besta lupina de pelagem escura e proporções desmedidas, que se aproximava lentamente sobre as quatro patas. Os olhos rubros da criatura petrificaram o garoto, deixando-o completamente sem reação. O monstro, com sua mandíbula banhada no sangue de algum animal que acabara de devorar, parou em frente ao menino. A respiração ofegante do garoto se misturou ao respiro profundo da besta de tão perto que seus rostos ficaram. O animal rosnou ferozmente antes de se levantar e equilibrar-se nas patas traseiras num ato quase humano e ainda mais assustador. Estendeu um de seus braços e segurou a cabeça do garoto com força. Sua enorme garra poderia esmagar o pequeno crânio de Álvaro, mas a brisa da madrugada, ao bater no corpo do menino, carregou no ar um cheiro que foi farejado pela besta e a impediu de concretizar aquilo que parecia um ataque iminente. De

súbito, largou a cabeça, mas suas garras afiadas cortaram sem querer o rosto do menino, que começou a sangrar. O monstro voltou às quatro patas e sumiu novamente por entre os arbustos, deixando Álvaro em estado de choque.

O garoto ficou parado no mesmo local, tremendo durante horas. Quando Clemenzia finalmente o encontrou, ele estava duro sobre as pernas, inerte em seu olhar vidrado. Após ter sido resgatado, ainda demorou para reconhecer a mãe. Ela o abraçou como nunca e o carregou no colo, em segurança, até chegar em casa.

Clemenzia preparou um banho quente para aquecer o corpo do menino, que ficara exposto ao sereno da noite. Uma das filhas ajudava a mãe, despejando sobre Álvaro a água da chaleira que estava no fogo. Ele tremia e seu olhar ainda era de pavor. Clemenzia cuidava do ferimento com atenção. O corte em seu rosto não era profundo, mas deixaria uma cicatriz. Mas não era pela gravidade da ferida que a mulher estava preocupada. Seus pensamentos eram muito mais complexos do que simplesmente fazer um curativo no rosto do filho.

O encontro que Clemenzia tivera no passado com a criatura que quase arrancara a sua vida jamais fora revelado, porém nunca esquecido. Com o passar dos anos, forçou-se a acreditar que o ataque fora feito por um lobo comum e que os fios presos entre os dentes do marido na mesma cor da sua camisola não passavam de fiapos mastigados de uma fruta. No entanto, mentiria a ele mais uma vez, atribuindo o machucado no rosto de Álvaro a um galho seco no meio da floresta, até que a razão cobrisse mais uma vez seus pensamentos absurdos.

Século XX. 10 de junho de 1906. Lua minguante.

No domingo seguinte ao incidente, após a celebração religiosa, o padre estava na porta do templo conversando com os fiéis que buscavam orientação ou simplesmente gostariam de parabenizá-lo por mais um belíssimo sermão.

Bastiano adorava as orações sábias do pároco, que trazia exemplos palpáveis do significado da palavra de Deus nas entrelinhas da Bíblia. Quis aproveitar a oportunidade para agradecer-lhe quando passou com sua família pela saída da igreja.

Enquanto os dois conversavam, Clemenzia reparou em Manetto, a distância. A tosse do amigo aumentara com o passar dos anos, obrigando-o a carregar sempre consigo um lenço para limpar o refluxo dos pigarreados longos. Ele desatava calmamente o nó de suas rédeas sobre o cercado de madeira junto ao qual havia deixado seu cavalo.

Para alcançá-lo antes que partisse, a mulher pediu licença ao padre e deixou as crianças com Bastiano, que, entusiasmado na conversa com o pároco, não percebeu

aonde sua esposa estava indo.

– Manetto?

– Ô, Clemenzia – cumprimentou a amiga com voz rouca. – Belíssimo o sermão de hoje, não?

– De fato, foi lindo. Temos sorte de o padre Ediseu estar conosco.

Manetto sorriu enquanto continuava o preparo de seu animal para a viagem de volta. Já havia desatado completamente o nó e agora bastava arrumar o arreio.

Clemenzia não queria conversar amenidades com o amigo. Estava ali para pedir-lhe um favor, mas não sabia como. Ficou calada por um momento, procurando alguma forma de solicitar ajuda sem parecer inapropriada, mas não aguentou e começou a chorar. Com o rosto em lágrimas, era impossível esconder de Manetto a sua apreensão.

– O que foi, Clemenzia?

A mulher não sabia o que responder.

– Pode falar comigo, Clemenzia. É o Bastiano? – perguntou-lhe com a voz baixa, limpando a boca com o lenço.

Imediatamente a mulher levantou o rosto, buscando se explicar.

– Não... eu não... eu não sei. O Bastiano passa algumas noites na Vila Esperança e eu fico em casa sozinha com os pequenos. Tenho medo que alguém, ou algum animal, entre em casa e nos machuque.

– Calma, Clemenzia. A região é segura. E animal perdido só invade galinheiro. Como no rancho de vocês só tem plantação, pode ficar sossegada – tentou acalmá-la o amigo.

Clemenzia não se deu por satisfeita. O olhar de terror que havia visto em seu filho era muito semelhante ao seu anos atrás, quando, ainda grávida de Álvaro, tivera sua vida ameaçada pelo monstro na madrugada. Imaginava que o filho havia visto a mesma criatura que ela e, novamente, seus pensamentos ponderavam de maneira confusa sobre a aparição daquela besta justamente nos dias em que o marido não estava em casa.

– Eu sei que é pedir muito, Manetto, mas você poderia dar uma passada em frente à nossa casa antes de ir à fazenda para ver se está tudo bem? Não precisa ser todo dia, só de vez em quando.

Clemenzia pediu aquele favor ao amigo com lágrimas nos olhos. Apesar de Manetto garantir que não havia motivo para pânico, o medo que estava gravado no rosto da mulher parecia sério e não apenas uma proteção exagerada à sua cria. Seria complicado dizer não a uma amiga desesperada.

– Lógico, Clemenzia. Lógico que posso – concordou o amigo.

– Obrigada, Manetto. Deus te abençoe – agradeceu Clemenzia, abraçando-o com força.

Um pouco distante, já terminada a conversa com o padre, Bastiano viu a esposa nos braços de Manetto. Aquela cena o deixou enciumado. Não sabia o que os dois haviam conversado, mas o fato de a mulher pedir licença e falar a sós com Manetto não lhe agradou, ainda mais depois de presenciar aquele abraço longo seguido por um beijo no rosto. Bastiano pintou diversas suposições sobre a tela da desconfiança por ela não o ter esperado para conversar com o amigo.

Durante todo o resto daquele dia os dois não conversaram. O caminho até a casa foi acompanhado por um silêncio desconfortável que permaneceu até depois do jantar. Clemenzia não entendia o comportamento de Bastiano. De noite, tiveram sua pior discussão em todos aqueles anos de casamento. A porta trancada não era suficiente para abafar os gritos e seus filhos ouviam tudo, assustados.

Dias se passaram, mas a situação entre os dois não parecia melhorar. Clemenzia achava que o ciúme do marido tinha passado dos limites e estava ofendida por ele imaginar que ela pudesse ser infiel. Já Bastiano julgava adequada a sua reação e não admitiria que havia exagerado. A mulher não poderia revelar que havia pedido proteção a Manetto. Se o fizesse, precisaria expor sua apreensão, além de enfrentar a vergonha de estar pensando em hipóteses irracionais que poderiam inclusive dar fim ao seu casamento.

Século XX. 6 de julho de 1906. Lua cheia.

Passadas semanas, o silêncio entre o casal havia se tornado rotina.

O sol começava a se pôr e a família Cesari estava sentada ao redor da mesa durante o jantar sem trocar uma única palavra. Naquela noite Bastiano precisaria pernoitar fora e comia apressadamente antes de sair. Álvaro não havia sequer tocado no prato. Ninguém sabia como se portar naquela situação. A hora da ceia sempre foi um momento familiar, em que aproveitavam para contar histórias e fazer brincadeiras, mas havia alguns dias que aquele clima desfavorável tomava conta do cotidiano dos Cesari.

Embora o marido estivesse disposto a assumir parte da culpa para que se encerrasse de uma vez aquela briga, permaneceu calado. Clemenzia também gostaria de conversar com o marido, mas o orgulho de cada um impedia que iniciassem um diálogo sem antes ouvir as desculpas que julgavam merecidas.

A esposa olhava chateada para o marido. Até ensaiou um pedido de perdão, mas

não foi adiante. Deixou a intenção enclausurada em seus lábios. O homem também preparava mentalmente um discurso, mas sabia que, se abrisse a boca para falar naquela hora, o assunto iria se alongar e não conseguiria sair antes de a lua cheia brilhar. Preferiu deixar a mágoa persistir por mais um dia. Quando voltasse, chamaria a esposa para conversar e poriam um ponto final àquela história.

Bastiano acabou a refeição e logo se levantou da mesa. Não fez contato visual com Clemenzia, apenas pegou suas coisas, beijou Álvaro no rosto e passou a mão sobre a cabeça das filhas. A mulher esperava que, ao menos, o marido desse o seu alerta mensal para terem cuidado, mas nem isso ele foi capaz de fazer. Era da vontade de Bastiano fazê-lo, mas teve medo de que a esposa achasse um gancho em suas palavras para começarem uma discussão que não conseguiriam encerrar antes de a Lua aparecer. Por isso, simplesmente foi embora.

Os ponteiros do relógio completaram outras voltas e a noite tomou o lugar do dia. Era hora de colocar os filhos na cama e Clemenzia, como uma mãe zelosa, dava atenção a todos antes de dormir. Ela cobria suas filhas uma a uma com carinho, por ordem de idade. As meninas dormiam no mesmo quarto, em três beliches para aproveitar o espaço. Antigamente elas se dividam em dois cômodos, mas, pelo fato de Álvaro ser o único menino da casa e suas irmãs já estarem na adolescência, elas não se sentiam à vontade com o irmão e ele acabou ganhando um quarto para si.

Era hora de colocar Álvaro para dormir. O garoto já estava deitado quando Clemenzia chegou ao aposento e o cobriu carinhosamente com um cobertor. No rosto da mãe havia um sorriso falso, buscando esconder do filho caçula os sinais de seu problema com o marido.

– O pai vai voltar? – perguntou o filho com olhar triste.

– Claro, Álvaro. Ele só foi fazer uma entrega. Amanhã cedo, estará de volta.

– Mas ele estava bravo.

– Casais brigam, filho. Seu pai nunca abandonaria vocês. Não se preocupe. Amanhã vai estar tudo bem.

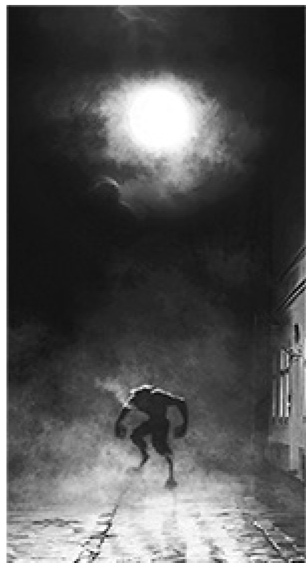
Clemenzia deu um beijo amoroso de boa-noite no garoto e, antes de sair e fechar a porta, acendeu um pequeno abajur. A pantalha, que girava lentamente com o calor da pequena chama de uma vela, projetava sobre as paredes do quarto formas recortadas de um homem na luta contra um lobo. O menino olhava atentamente aqueles desenhos de sombras, esperando o convite de Orfeu para dormir.

Século XX. 7 de julho de 1906. Lua minguante.

Raiou um novo dia majestoso, como prenunciado pela beleza da noite anterior.

Manetto trotava devagar em direção à residência dos Cesari, como havia prometido a Clemenzia. Não era a primeira vez que fazia o trajeto. Como o desvio era curto, ele o fazia praticamente todas as manhãs, mas nunca se havia feito notar. Apenas verificava de longe se estava tudo bem e logo retomava o caminho para a fazenda.

O homem percorria calmamente a trilha, sem esperar novidades. A única coisa que o incomodava naquele dia era o corpo estranho que não parecia desprender de sua garganta por mais forte que tossisse. De repente, um grito desesperado veio da casa dos Cesari. Manetto se assustou com a altura daquele berro e prontamente o reconheceu como sendo do seu afilhado. Ele acelerou o galope do cavalo, fazendo o animal quase voar em direção ao rancho.



Capítulo 8

Século XX. 26 de setembro de 1920. Lua crescente.

No consultório, Dário examinava a filha. Com o estetoscópio gelado sobre a pele de Alana, finalmente a deixou liberar o ar que estava preso em seus pulmões.

– O senhor sabe que a minha saúde nunca foi algo com que precisasse se preocupar – disse-lhe, já subindo a blusa.

– Eu acredito nisso, minha filha, mas é sempre bom fazer exames para ter certeza.

As palavras do doutor saíam quase trêmulas. O discurso padrão que dava aos seus pacientes não passava de uma encenação para chegar ao ponto que queria. Ele guardou seus instrumentos com uma expressão desconfortável no rosto.

– Na verdade, Alana, te chamei aqui para conversar sobre uma coisa.

– Então, *é* a minha saúde! – ficou nervosa. – Devo ficar preocupada?

– Quanto a isso, fique tranquila, minha filha. Você viverá muito e com bastante conforto.

– Mas que assunto é esse que não pode esperar até o almoço? O senhor nunca me chama para conversar fora de casa.

– Filha... – o doutor fez uma pausa antes de completar: – Convidei o Carlos e o Vicente para irem à nossa casa hoje à tarde e disse que você teria algo para comunicar.

– O senhor fez o quê?! – levantou-se da cadeira, incrédula com a atitude do pai.

– Alana, não entendo o porquê dessa sua demora em responder ao pedido do rapaz. Eu já não te disse que aprovo essa união? Do que mais você precisa?

– Pai, essa é uma decisão que deve ser tomada por mim! No que o senhor pensou? Nas vantagens de ter uma filha casada com o futuro alcaide da nossa vila? E se isso não for o que eu quero?!

– Milha filha, eu realmente não estou entendendo. O Vicente visita nossa casa com frequência, inclusive quando não estou lá. Por mais que não me agrade chegar e encontrar vocês conversando no quarto, não me intrometo porque conheço a educação do rapaz e sei que suas intenções são corretas. Vocês parecem alegres quando os vejo passeando pelo jardim. Sem falar na nossa conversa daquele almoço, em que você deixou bem claro estar apaixonada.

– Não foi isso que falei.

– Mas estava implícito! – irritou-se o médico. – Não é assim que as filhas pedem as coisas quando acham que o pai não vai atendê-las? Falam em enigma, fazem o impossível para conseguir disfarçar o que querem, mas, se o pai não percebe, então é ele quem não se importa com a felicidade da filha. E agora, quando faz algo que parece ser o certo, o esperado, está se intrometendo!

A jovem nem conseguia encarar o pai. Estava arrasada. Dário percebeu que ela estava escondendo o choro. Procurou amenizar as críticas justificadas pelo carinho paternal.

– Eu fiz isso porque quero o melhor para você, Alana. Daqui a uns anos você vai me agradecer por ter te ajudado nessa decisão.

Ele se aproximou, buscando um abraço, mas Alana foi arredia.

– O senhor não podia ter feito isso!

– Mas está feito, Alana! – buscou impor respeito. – Eles chegarão perto do meio-dia e você irá comunicar ao Vicente que aceita fazer parte da família Arruda Barros. Com muito orgulho! E depois teremos um almoço agradável. Vá para casa e se arrume porque eles não são de se atrasar!

O doutor abriu a porta do consultório e Alana foi embora correndo, em prantos. Dário estava muito confuso com aquele comportamento da filha. Sabia que ela poderia ficar chateada, mas nunca imaginou que ficasse tão triste com a intromissão. Presumia que Alana não havia respondido ainda ao pedido de Vicente apenas por algum tipo de insegurança ou medo de sair da casa onde nascera e fora criada.

Apesar de a tristeza da filha dilacerar o coração de Dário, ele acreditava piamente que acabara de fazer o melhor para ela. E mesmo não estando feliz por ter se intrometido na decisão de Alana, ele o fez apenas por imaginar que estava agilizando um processo espontâneo. Para ele, era certo que sua filha gostaria de ficar com Vicente, então resolvera apenas dar um empurrão para que ela pudesse viver o

rumo natural de sua vida.

A morte de mais um dia foi anunciada. A lua crescente no céu após o crepúsculo, já em seu estado final, indicava que, na mesma hora da noite seguinte, os astros estariam novamente alinhados com a força divina que fazia germinar a vida e trazia a lua cheia.

Álvaro aguardava Alana na viela, como fazia todas as noites em que não havia o toque de recolher, quando finalmente viu a amada sair pelo portão. Ela não vinha com sua pressa característica, muito menos com a expressão de felicidade que permeava seu rosto sempre que o via. Em passos lentos, ela se aproximou sem encará-lo e permaneceu olhando para o chão. Era impossível não perceber que algo havia mudado.

– Alana...?

Qualquer que fosse o motivo daquela dor, o rapaz tentaria confortá-la. Mas, ao alcançar o seu ombro, ela se afastou. As lágrimas que escorreram dos seus olhos marejados prenunciaram a separação.

– Desculpa, Álvaro, mas a gente... a gente não pode mais... – ela não conseguia terminar. Estava negando tudo o que queria e isso a machucava.

Alana ergueu a cabeça para encará-lo e, mesmo através da vista embaçada, conseguiu ver nos olhos do rapaz toda a sua dor e incompreensão diante do que estava acontecendo. Ela não suportava mais ficar ali. Virou-se aos prantos para fugir daqueles olhos, mas o rapaz não conseguia aceitar aquele término e a segurou fortemente pela mão antes que partisse.

– Por favor, Alana, não... não vai embora.

A menina não estava preocupada em esconder, nem conter, as lágrimas que escorriam sobre o rosto. Álvaro fora o primeiro e único homem a quem amara e se entregara, e agora estava sendo obrigada a abandoná-lo por respeito a uma ordem do pai. Ela precisou ser forte para negar a vontade do coração e finalmente soltar-se da mão de Álvaro.

O rapaz a segurava com firmeza e, para abandonar aquela tortura, Alana precisou deixar que sua mão escapasse de dentro da luva de renda fina que a cobria e correu para casa sem olhar para trás.

Após trancar os portões, a jovem finalmente cedeu completamente ao pranto entrecortado por soluços. Ela arrancou a luva que cobria a outra mão, revelando um anel de brilhante dado por Vicente.

Consternado, Álvaro continuou parado na viela sem entender a súbita mudança

no comportamento de Alana. Estava confuso com o que acabara de acontecer. Ela já conhecia o seu passado, sua condição financeira e nunca demonstrara incomodar-se com nada daquilo. O tempo que passaram juntos foi de amor sincero e ele jamais imaginaria que alguém que lhe fizera juras eternas de afeto na noite anterior fosse abandoná-lo sem dar explicação.

O rapaz tomou o caminho de volta ao rancho, segurando firmemente nas mãos o único objeto que restara de sua amada. Buscou as mais diversas razões para entender o abandono repentino e nenhuma parecia fazer sentido.

O trajeto pela floresta terminou sem que encontrasse qualquer motivo para a separação. Álvaro entrou em casa e resolveu deitar-se no escuro do seu quarto, abraçado à luva que ainda exalava timidamente o perfume de Alana.

Século XX. 27 de setembro de 1920. Lua cheia.

Logo de manhã, Vicente e seu pai chegaram à mansão dos Oliveira para conversar com Dário e Alana sobre os detalhes para a festa de noivado.

Apesar de incomum, eram os homens os mais empolgados com o casamento. Os três estavam em clima de festa, enquanto Alana, sentada sem pronunciar opinião alguma, estava apenas de corpo presente.

– Precisamos somente de uma data e finalmente faremos a união das duas melhores famílias desta vila! – falou Carlos George com a voz empolgada. – Estamos no final de setembro. Pode ser ainda neste mês.

– Deixemos que nossos filhos tomem as decisões que julgarem mais pertinentes – rebateu Dário. – Depois de casados, você não vai querer ficar se intrometendo na vida deles.

– Pode deixar que eu conheço bem as preferências do meu filho. E setembro é início da primavera, vamos fazer uns arranjos com as melhores flores. Mulher gosta desses detalhes. O que acha, Vicente?

– Por mim, faríamos amanhã – respondeu eufórico. – Pode ser agora em setembro ou, quem sabe, no começo do outro mês. O que me diz, Alana?

Vicente buscou a participação da noiva, que estava ausente. Agora que havia sido arrancado de seu coração o motivo que o fazia bater com mais força, não se importava com a data em que seria decretada a prisão matrimonial. Alana apenas acenou positivamente com a cabeça, mostrando um sorriso tão disforme quanto uma pintura cubista inacabada.

Do lado de fora, o portão foi aberto e as criadas correram para abrir a porta antes que a campainha soasse. Era Flávia quem chegava.

– Bom-dia! Que agradável ver todos reunidos. Eu vim incomodar a Alana, mas posso voltar depois se for assunto sério.

– De modo algum – retrucou Dário. – A senhorita chegou em ótima hora e será a primeira a saber das boas notícias!

– Adoro boas notícias, principalmente de manhã. Fazem o resto do dia ser ótimo.

– Estamos discutindo nada menos que os preparativos do casamento entre sua amiga Alana e o jovem Vicente. A senhorita está mais do que convidada a nos ajudar. Caso queira, logicamente.

O semblante alegre de Flávia, sempre tão cheio de vida, foi assassinado pela faca da amargura. A notícia inesperada trouxe uma tristeza profunda ao seu rosto. Mesmo paralisada numa expressão de desgosto, buscou esconder a melancolia repentina.

– Que bom – disse engolindo saliva. – Realmente... são ótimas notícias. Fico... fico muito feliz.

Alana queria ter um momento de privacidade com Flávia para poder desabafar. Sua amiga era a única que sabia do seu envolvimento com Álvaro.

– Algum problema se eu me retirar por uns minutos para conversar com a Flávia, meu pai? – disse, levantando-se do sofá. – Não seria educado ela mal chegar e já ter que ir embora. Prometo que não me demoro.

– Problema algum para mim, filha. Tudo bem para você, Vicente?

– Doutor Oliveira, comigo sua filha será livre para fazer o que achar melhor. E a Flávia é nossa amiga mais antiga.

Realmente um jovem muito educado. Dário ficou feliz com as palavras do futuro genro, vendo que sua filha seria muito bem tratada pelo rapaz.

Alana mal podia esperar para sair da sala. Sentia-se um simples objeto de ornamento à espera de um pedestal no qual ser exposto. Vicente estava sendo atencioso, como sempre fora. A admiração e o respeito que tinha por Alana configuravam uma das representações mais sinceras de um amor verdadeiro, mas infelizmente os atributos oferecidos por ele não eram os que procurava em um homem. A jovem preferia um tipo mais rústico, de olhos castanhos e mãos calejadas. Alguém de cabelos rebeldes para entrelaçar os dedos e barba áspera para roçar-lhe o rosto. Álvaro não era apenas isso, mas também o porto onde ancorava sua paixão. A intimidade que construíram durante os poucos meses que passaram juntos não seria facilmente substituída como se fosse um simples objeto. A imagem do que lhe agradava os olhos, apreciava o toque e arfava-lhe o peito não estava em Vicente, apesar das suas mais nobres qualidades. Ele, com sua barba impecavelmente feita e

o cabelo desenhado pelas cerdas de uma escova, era o retrato de um homem ideal aos olhos de Flávia, não aos dela.

No quarto, Alana fechou a porta e sentou-se sozinha na cama, cabisbaixa.

– Como você não me contou isso antes, Alana? – reclamou Flávia, que caminhava de um lado para o outro apreensiva, sem acreditar que a sua melhor amiga havia escondido notícia de tamanha importância.

– Desculpa por não ter falado nada, Flávia. É que aconteceu justo quando eu estava começando a ver o Álvaro. Eu não pensava em mais nada.

– Então faz tempo que o Vicente pediu.

– Foi um pouco antes da última morte na vila. Em maio.

– Já estamos em setembro! – indignou-se ainda mais após fazer a matemática.

– Eu sei, Flávia, desculpa. Não falei nada também porque não ia aceitar. Nem queria pensar a respeito. Achei que a vontade do Vicente iria passar se eu deixasse o pedido de lado. Eu não esperava isso agora. Não esperava – repetiu, abaixando a cabeça em desânimo.

Além da revolta por não ter sido comunicada antes, Flávia estava inquieta por compartilhar uma dor semelhante. Se a amiga não estivesse disposta a lutar pela própria felicidade, a sua também estaria comprometida, pois não teria mais oportunidade de fazer com que Vicente a notasse.

– Alana... – ajoelhou-se a sua frente e segurou-lhe as mãos. – Se você estiver feliz, eu fico feliz por você. De verdade. Mas pensa bem, porque essa é uma decisão importante. Para o resto da sua vida. É isso mesmo que você quer?

– Não, Flávia, mas não tenho o que fazer. Seria egoísmo pensar só no que eu quero e desconsiderar tudo o que envolve esse pedido de casamento. Com o Vicente eu sei que teria uma vida segura. Não só para mim, mas para a família que pretendo ter um dia. Com o Álvaro isso... isso seria difícil. Mas a incerteza de como seria a minha vida ao lado dele era algo que... que me instigava a querer descobrir, entende?

A voz de Alana tremulou quando ela se lembrou dos momentos carinhosos em que estivera nos braços do amado, esforçando-se para represar as lágrimas que completariam a tristeza daquele rosto. Ela fora jogada contra sua vontade em um calabouço invisível, onde as amarras da obediência a aprisionavam e a mordaça da moral silenciava o seu desejo.

– Você já tentou conversar com o seu pai?

– Como, Flávia? Você sabe a importância que ele dá para a tradição. Não sei o que ele faria se descobrisse sobre o Álvaro.

– Por quê? Tenho certeza que ele aceitaria qualquer homem que te fizesse feliz, mesmo sendo um filho de imigrante. O seu pai faz tudo por você, Alana.

– Foi ele quem tomou a decisão! – revelou indignada, olhando a amiga nos olhos. – Eu nem disse “sim”. O Vicente já chegou no almoço segurando o anel de noivado.

Por mais que tentasse encontrar argumentos, Flávia não sabia o que dizer. Alana abaixou novamente a cabeça para um último pranto antes de respirar fundo e tentar convencer-se de que o seu futuro seria mais feliz se debruçado nos anseios do pai.

– Fiquei em silêncio, apenas ouvindo eles decidirem como seria a minha vida.

Flávia escutara o desabafo carregando consigo o desgosto de um coração partido. Apesar da tristeza que abatia a esperança de ter Vicente um dia ao seu lado, a angústia da melhor amiga demandava atenção.

– E como o Álvaro reagiu a tudo isso? – desviou o foco da conversa. – Não deve ter sido fácil saber assim, de repente, que você vai se casar com outro homem.

– Eu não contei para ele. Não consegui. Eu só... só pedi desculpas e o deixei. Eu nem... nem me despedi.

A lembrança era muito dolorosa para Alana continuar a lamentação. O arrependimento da sua escolha a corroía e toda sua angústia fora exposta em lágrimas novamente. Flávia sentou-se ao seu lado na cama para oferecer um ombro amigo enquanto lhe acariciava os cabelos para confortá-la.

– Calma, Alana. Tudo vai se resolver.

Nem mesmo ela acreditava em suas palavras. Era Alana quem precisava confrontar o pai, caso realmente quisesse ficar com o amor de sua vida. Mas ela era fraca. Não tinha a mesma força de Flávia para fazer o que queria. Seu caminho sempre fora guiado pelo lado mais racional, e seu relacionamento com Álvaro ia contra o comportamento de uma vida inteira.

Antes que entrasse, Vicente bateu à porta do quarto em respeito à privacidade da noiva e permaneceu sob o batente, enquanto Alana secava as lágrimas.

– Alana? Nossos pais estão falando em matar um boi para fazer a festa de noivado esta noite. Queriam ignorar o toque de recolher, mas eu alertei que a maioria dos convidados não viria. Só não querem deixar passar de amanhã. Seria bom se você pudesse ajudar com algumas ideias de decoração. Eu não entendo muito disso e, pelo que estou reparando, acho que eles também não. Flávia, por favor, fique à vontade para nos acompanhar.

– Obrigada, Vicente, mas já incomodei demais. Vocês têm muitas coisas para resolver hoje, então é melhor eu ir logo para casa – respondeu-lhe levantando-se da cama. – Nem parabenizei você direito, não é?

Flávia chegou perto do rapaz e deu-lhe um beijo longo no rosto.

– Parabéns, Vicente – disse em voz baixa, enquanto uma lágrima fina escorreu de um dos olhos, antes de retirar-se do quarto.

Vicente estranhou o tom abatido na voz de Flávia, mas passou despercebida a impressão de que ela, que muito provavelmente seria a madrinha de honra de Alana, pudesse estar triste com o matrimônio. Acreditou que aquela fosse apenas uma típica reação feminina pelo casamento de sua melhor amiga.

O rapaz estendeu a mão para sua noiva. Alana não queria planejar festa de noivado, mas sabia que uma hora precisaria enfrentar o assunto. Ela esboçou um sorriso inexpressivo e cedeu ao convite de Vicente, entregando-lhe a mão para ser guiada até a sala.

O ponteiro do relógio já havia completado duas voltas desde o horário em que Álvaro costumava levantar, mas ele continuava na cama, debruçado sobre seu infortúnio.

O período logo após o término é, de fato, o pior. Todas as lembranças, até mesmo daqueles momentos que já estavam soterrados sob outras memórias mais recentes, procuram caminho para romper sua mortalha e torturar quem precisa deixá-las na obscuridade.

Álvaro passara a noite em claro. Seus olhos não desgrudaram da luva em suas mãos e sua mente não planou por outros ventos além dos soprados por Alana. Ele precisava cimentar o caminho da lembrança, mas em vez disso construía atalhos para o martírio.

Buscou fugir do tormento na labuta braçal. Pegou sua enxada e foi arar a terra, mas não conseguia se concentrar em nada além da amargura e o trabalho não rendia. Ao contrário, estragara algumas das verduras que já estavam destinadas à venda na mercearia. Apesar de sua produção ser apenas suficiente para o sustento, não estava se importando com os alimentos perfurados pela enxada. Ficaria sem comer o tempo que fosse como uma promessa para ter Alana de volta.

A noite inteira sem dormir o havia deixado indisposto, mas agora, mesmo na cama, com o corpo cansado, seus olhos ardidos não o deixavam cair em repouso. O dia passava no trote lento de um cavalo manco, e a agonia aumentava à medida que o sol abandonava Socorro.

Não bastassem as memórias, a luva em sua estante o assombrava com a lembrança de Alana. Aquele simples objeto de renda tomava a dimensão de uma dolorosa máquina de tortura. Ele precisava se desfazer dela para esquecer, mas não

conseguia. O pequeno tecido era o único elo material entre os dois.

A agonia daquele homem com o coração dilacerado precisava ser acalmada. Sem poder ter novamente a amada nos braços, o único capaz de apaziguar essa dor era o tempo.

Talvez ele pudesse ver Alana uma última vez, usando a desculpa de devolver-lhe o acessório do vestuário que perdera, ele pensou. Seus olhos ganharam de volta um pouco do brilho com essa possibilidade. Mas justamente naquela noite de setembro seria lua cheia e Álvaro sabia que precisava aceitar a prisão do seu lar.

O rapaz olhou pela janela, buscando interromper com as vistas o pôr do sol. Não tinha certeza se haveria tempo de procurar a amada antes que a Lua surgisse.

Estava perdido entre a vontade de sair e a razão de ficar. Para que a primeira opção pudesse dar certo, caso fosse deferida como vencedora, ele não poderia dar margem à discussão sobre as vantagens e desvantagens de cada. A sentença final seria definida por uma luta franca entre o emocional e o racional. E, numa disputa sem defesas entre o que se quer e o que deve ser feito, a força do desejo estraçalha a da razão. Álvaro agarrou a luva com força e correu o mais rápido que conseguia em direção ao centro da vila.

A tarde começava a virar noite, mas no céu ainda não havia mancha lunar. Álvaro chegou à cidade em tempo recorde, um pouco antes que os moradores da vila começassem a se aprisionar em suas casas. Algumas janelas já estavam fechadas, enquanto tantas outras esperavam o limite ao som dos estalos dos batentes.

Álvaro chegou suado e ofegante à viela onde costumavam se encontrar. Não havia diminuído o ritmo por um segundo sequer e agora tomava fôlego, buscando encontrar uma maneira de conversar com Alana antes que a Lua aparecesse. Da viela onde estava, conseguia ter boa visão da sala de estar através da enorme janela de vidro descortinada. Bastava que Alana fosse ao seu piano para vê-lo abanar a luva e entender a falsa razão de estar ali.

Apesar de perceber um movimento de sombras, não conseguia identificar qual era a silhueta de Alana. Enquanto buscava entender os desenhos distorcidos por alguma fonte luminosa tremulante, a noite começava a avançar.

A porta da mansão foi aberta e saíram Vicente e Carlos George, acompanhados pelos anfitriões. O simples reflexo de Alana em seus olhos já o acalmou. Toda a dor se esvaecia com o caminhar da garota até o portão.

Do lado de fora uma carruagem aguardava. A reunião entre os amigos estendeu-se por mais alguns minutos na frente do carro. Álvaro tentava escutar o que

conversavam, mas o som era indistinto e o sentido das palavras se perdia.

– Estamos resolvidos então – disse Dário. – Amanhã eu os aguardo antes dos convidados.

– Mandarei trazer o boi já de manhã. Agora, chega de conversa, porque não quero nenhum monstro da lua cheia aparecendo no meu caminho! – zombou Carlos George, arrancando risos do amigo.

– É verdade. É o medo se mostrando como método mais eficaz de persuasão. Uma pena que nosso povo precise disso. Façam boa viagem de volta.

Carlos George entrou na carruagem, mas Vicente ficou ali. Dário percebeu que o rapaz queria um tempo a sós com Alana para se despedir apropriadamente.

– Vou entrar para resolver as últimas pendências antes de ir para a cama. Vicente, com licença.

– Fique à vontade, Dr. Oliveira.

– Já lhe falei para não me chamar mais assim, filho – disse dando um tapa carinhoso em seu rosto antes de entrar pelos portões.

Vicente esperou que o futuro sogro fechasse a porta da mansão para pegar as mãos de Alana. Do local onde Álvaro acompanhava a ação, não conseguia ver que elas estavam juntas, com os dedos entrelaçados, mas percebeu que os dois haviam se aproximado. Aquele comportamento estava ultrapassando os limites de uma inocente despedida entre amigos.

Por mais que tentasse, não conseguia ouvir o que Vicente dizia. Suas juras de amor foram apenas para os ouvidos de Alana. Álvaro começou a ficar inquieto, querendo entender o que estava acontecendo. Mas foi um ato que o pegou despreparado que tornou qualquer som desnecessário e qualquer explicação despropositada. Ao ver Vicente se inclinando levemente e tocando com sua boca os lábios de Alana, Álvaro percebeu que havia sido trocado por outro.

Surpreso, seu corpo desobedeceu à ordem de ficar oculto e saiu das sombras da viela. Álvaro estava exposto na rua, observando atônito aquele beijo, apertando a luva em suas mãos. Mas ninguém notou sua presença. Àquela hora todas as portas e janelas estavam fechadas e os únicos ao relento eram aqueles que, de olhos fechados, provavam os lábios um do outro.

Álvaro cambaleou para trás, abatido pelo efeito da amargura, e caiu de costas no beco escuro, ficando novamente oculto.

O tímido som de sua queda fez os lábios dos noivos se separarem. Na noite de lua cheia, todo cuidado tornava-se necessário, mesmo para quem ainda tinha dúvidas sobre a verdadeira existência do monstro sobre o qual Valêncio havia pregado.

– É melhor eu ir embora – disse Vicente. – Já é noite e, se qualquer coisa acontecer, vão demorar ainda mais para esquecer esse toque de recolher.

Alana apenas concordou com a cabeça. Estava cansada de encenar sentimentos e precisava descansar desse ofício. Vicente a beijou nas mãos uma última vez e entrou na carruagem, que tomou seu caminho rumo à fazenda dos Arruda Barros. Mal o carro virou a esquina, ainda no eco do trote dos cavalos, Alana olhou para a viela escura, na esperança de que Álvaro a estivesse esperando e saísse das sombras para abraçá-la, confiante de que ele encontraria uma solução milagrosa para tudo. Mas o rapaz, ainda no chão, não reparou que a amada estava ali.

Mesmo com a noite já sendo posta sobre a Vila Socorro, Alana ignorou o confinamento obrigatório e esperou por mais alguns segundos antes de aceitar que encarava o vazio e virar-se cabisbaixa, entrando na mansão sem perceber que Álvaro estava tão próximo, chorando com a sincera mágoa de um homem com o coração despedaçado.

O céu começava a rascunhar uma Lua encoberta por nuvens escuras quando Alana, pensativa, resolveu sentar-se ao piano para que seus dedos entoassem a beleza melancólica de uma melodia barroca. A música era como a voz do seu coração emitindo palavras de sentimentos rasgados. Os acordes eram o grito da tristeza, inundados no tom grave de um murmúrio amargurado. O prelúdio gótico aumentava o tom fúnebre como se especialmente orquestrado para aquele momento.

O som que o piano chorava refletia o sentimento dos que sofriam por amor. Álvaro, inconsolável no beco, sentou-se apoiado à parede e vestiu sobre a mão a apertada luva de renda fina com o máximo cuidado para não rasgá-la.

Compartilhando da mesma dor estava Flávia, solitária na penumbra do quarto de sua casa sempre vazia. Uma fotografia antiga, que outrora ocupara o porta-retrato da cômoda, encontrava-se dobrada em suas mãos. Nela, Flávia olhava para Vicente, enquanto o jovem encarava sorridente a lente da câmera. Mas algo estava escondido naquela dobra. Ao virar-se na cama para abafar o choro no travesseiro, Flávia a deixou cair e, lentamente, o papel se desdobrou revelando Alana entre eles.

Dos olhos da jovem que encenava o espetáculo uma lágrima escorreu, revelando o verdadeiro maestro que regia aquele compasso sonoro de profunda melancolia. Dário ouvia do seu quarto a música que ecoava pelos corredores da mansão e não conseguia reconhecer o encadeamento daquelas notas. Em silêncio, foi se aproximando da sala, ouvindo o improviso de Alana. Caminhou em passos leves para não ser notado e viu a filha pondo a alma no piano como se o instrumento fosse um diário aberto. As anotações invisíveis de sua desventura eram claras através da

música. Suas lágrimas encharcaram as teclas de marfim, tornando a interpretação ainda mais carregada.

Dário não tinha ideia de que sua única filha estivesse apaixonada por outro homem. No relacionamento que tinham nunca houve margem a segredos, por isso, acreditava que o sofrimento era apenas pela insegurança de ter que sair de casa ainda jovem e formar uma família.

Ele tinha a certeza de que a filha seria feliz ao lado de Vicente e que essa felicidade seria duradoura, mas ver a filha naquele estado era muito doloroso. O doutor retornou ao aposento e fechou a porta, tentando anular o efeito perturbador que aquela melodia estava causando em seu coração. Mas as notas pesadas atravessavam as paredes com seu grito e ele não conseguia tirar a imagem triste de sua filha da cabeça. De forma covarde, fugiu do pedido de socorro da garota, cobriu o rosto com o manto que usava para proteger-se nas noites friorentas e tentou dormir.

Alana terminou sua rapsódia ao mesmo tempo que as nuvens abandonaram o desejo de esconder a Lua. Foi na última nota do piano que Álvaro repentinamente encerrou o seu lamento. Ele havia perdido a hora. Ergueu o rosto para cima e viu o olho aberto do satélite encarando-o diretamente. Precisava se afastar dali o mais rápido que pudesse. Levantou-se desesperadamente e correu por entre as vielas da cidade, pegando os atalhos que conhecia para chegar logo à entrada da floresta.

Percorria com pressa as trilhas por entre as árvores e folhagens sem se preocupar em rasgar a roupa ou ter os braços espetados por gravetos traiçoeiros. Atrás dele não se viam mais os muros do centro, mas continuou correndo sem pensar.

A esfera lunar radiante parecia não permitir que ele se movimentasse com tanta rapidez. Um mal-estar repentino precedeu a forte dor que se abateu por todo o seu corpo, quase imobilizando seus músculos. Ele diminuiu a velocidade da fuga, mas resistiu, caminhando com dificuldade por saber que ainda não estava a uma distância segura.

Seus passos eram lentos e o sofrimento físico beirava o insuportável. Álvaro berrou na imensidão da sua dor. Seu corpo começou a se contorcer violentamente e emitiu um som arrepiante de estalar de ossos. As juntas da coluna procuravam se encaixar às novas posições das vértebras, tornando suas saliências pontiagudas visíveis por toda a extensão das costas. A massa muscular do seu corpo acompanhava o crescimento brusco dos ossos, alargando com dor a sua pele, quase rasgando-a, enquanto os pelos ficavam mais grossos e rompiam a casca tênue à medida que se prolongavam e sangravam sua pele.

O pobre rapaz estava deformado. Mal suportando a dor, caiu ao chão, apoiado na mão que vestia a luva de Alana. Ainda consciente, Álvaro tentava rastejar enquanto seus dedos se transformavam em garras e as falanges readaptavam-se a uma nova cartilagem. As unhas mais grossas e afiadas rasgaram as pontas da luva de renda, que permaneceu vestida naquela mão monstruosa.

Álvaro não conseguiu resistir à força da besta e seu rosto sofreu a transformação mais dolorosa. As orelhas ficaram pontiagudas, os caninos cresceram em tamanho e largura, empurrando os outros dentes para os lados e rasgando a sua gengiva. O sangramento escorreu para a boca e se estendeu pela mandíbula, dando um aspecto ainda mais assustador e violento à criatura. Suas fossas nasais se abriram para permitir uma melhor respiração e sensibilidade aos cheiros que o rodeavam. Os olhos mudaram do castanho para um tom rubro-amarelado, mas permaneceram com o mesmo formato, permitindo que Álvaro pudesse ser reconhecido naquela forma grotesca por quem tivesse a coragem de encará-lo.

A dor se encerrou com a metamorfose completa do homem em criatura. A besta era raivosa e espumava pela boca. Ficou por um tempo inerte, identificando os arredores. Como um animal confuso que repentinamente apareceu no meio de uma região desconhecida da floresta e isento das capacidades racionais inerentes ao homem, aguardou que o instinto o guiasse.

Algo chamou sua atenção. Era um cheiro que o deixava extasiado. Procurava identificar a procedência daquele perfume e notou uma semelhança entre o odor que viajava ao vento e o do tecido rasgado que cobria uma de suas garras. A besta se virou para onde o aroma era mais forte e seus passos tomaram o curso de volta para a vila; o mesmo que Álvaro havia recém-percorrido.

Seus olhos cerrados não precisavam enxergar o caminho indicado por seu faro e em passos lentos a fera chegou à entrada da cidade. Agora o cheiro era mais forte. Não havia os aromas da natureza para confundir seu olfato. Com um rosnado baixo mostrou as presas e colou as orelhas para trás. Estranhou as construções no centro e buscou se esconder por entre as paredes, movimentando-se com uma rapidez espantosa. Se quisesse, poderia percorrer a cidade em poucos minutos ou visitar as praças de outras vilas, mas não. Aquela noite já tinha guia. E, correndo na penumbra das vielas por onde o cheiro era mais forte, a criatura aproximava-se cada vez mais da mansão dos Oliveira.

Chegando à rua principal da vila, um pequeno vira-lata tentou proteger seu território, como fazia contra os enormes cavalos quando passavam por lá. O pobre cachorro, confiante de que seus latidos estridentes pudessem impor algum tipo de

ameaça, mostrava os dentes com raiva.

Quando faminta ou intimidada, a besta, que vagava pelas ruas do centro naquela noite, atacava qualquer animal que aparecesse em sua frente nas trilhas da floresta. Sem esforço, uma única abocanhada desmembrou o corpo do cachorro, que pareceu ter sido esmagado por uma prensa pesada com dentes afiados. A criatura nem se importou em saborear os ossos do canino, pois seu foco era outro. Abandonou a carcaça sem vida no chão e retomou seu caminho.

Dos portões onde parou, o cheiro era muito forte. A fera pulou os muros altos com facilidade e entrou nos jardins da mansão dos Oliveira. Sem conhecer aquele território, a besta se escondia por entre os arbustos e estátuas que Alana e Vicente, quando crianças, tanto temiam que tivessem monstros ocultos entre suas formas. Farejando o invisível, seus olhos avermelhados caíram sobre o quarto de Alana.

Exatamente como na noite em que ela sonhara com as carícias de Álvaro, Alana dormia sob os lençóis macios da sua cama aconchegante. A lua estava cheia no céu e o brilho clareava o aposento com a luz que entrava pela janela, refletida nas paredes cor de leite.

Na pequena varanda, do lado de fora da vidraça, apareceu a besta, como se trazida pelo sopro do inferno. Suas presas de caninos longos respingavam o sangue da sua última vítima e seu olhar estava enfurecido. A grande porta de vidro foi aberta com uma rajada de vento e a fera pisou no quarto, caminhando lentamente para onde o aroma parecia mais forte.

Seu peso rangia o assoalho a cada passo que dava em direção à cama. Aquele som fez Alana abrir os olhos sonolentos e testemunhar que a criatura era real e estava ali em seu quarto, salivando enquanto se aproximava. Mas antes que conseguisse gritar por ajuda, o monstro abandonou o andar vagaroso e pulou ferozmente sobre ela. O bafo quente da fera ofegando sobre seu rosto a deixou petrificada.

A fera rosnava e Alana estava inerte pelo medo. Aguardava temerosa um ataque que lhe tiraria a vida e não conseguia desviar o rosto do brilho rubro que a encarava. Atenta àqueles olhos virulentos, repentinamente o receio da morte se afastou. Por um instante ela pôde reconhecer uma amargura familiar naquela fisionomia grotesca. O olhar da criatura, apesar de feroz, refletia uma melancolia que vira em um único homem.

Uma lágrima sentida escorreu em seu rosto abatido. Sem que tivesse a oportunidade de pronunciar o nome do amado, o animal descobriu o seio da jovem com uma das garras, arranhando-o de maneira a quase arrancá-lo, e começou a

mordê-lo com voracidade. Sufocada pelo peso da besta e em choque pela agressão, a garota mal conseguia respirar.

Uma visão do macabro. O sangue de Alana espirrava pelas paredes, pintando-as de vermelho e formando uma cascata de sangue que começava a encobrir o assoalho.

A fera, no seu instinto mais animal, abriu as pernas da jovem e a invadiu. Os movimentos impetuosos da criatura a rasgavam por dentro. Alana quase perdia a consciência enquanto era violada, mas a morte não veio salvá-la de toda aquela dor.

As presas do monstro miraram seu pescoço e uma mordida violenta arrancou-lhe um pedaço da garganta. Os olhos da garota ficaram opacos e, finalmente, a dádiva do perecimento fora-lhe entregue. Mas a besta continuou o abuso contra aquele corpo já sem vida.

Após violentá-la, a fera tentou se afastar, mas não conseguia se desprender. Enquanto aguardava o membro desentumecer, devorou com fome partes da jovem, começando por abrir sua barriga como se cavasse a terra em busca de um alimento escondido.

Século XX. 28 de setembro de 1920. Lua minguante.

O sol começou a surgir por entre as lápides e mausoléus da pequena necrópole do vilarejo. As noites em Socorro ainda eram frias, mas os dias, com a chegada da primavera, já começavam a trazer um calor que castigava qualquer um que andasse longe da proteção de uma sombra.

Já era manhã quando Seu Sebastião chegava com seu molho de chaves para abrir os enormes portais enferrujados que lacravam os mortos em seu terreno sagrado. Seu andar pacato era fruto do esforço físico exigido pelo seu trabalho de carregar caixões ou abrir covas rasas a golpes de picareta, que fora causando ao velho uma forte lesão nas costas. Sua postura levemente curvada para a frente indicava a preferência por enganar a dor em vez de tratá-la devidamente e isso acabava por dificultar um pouco a sua locomoção.

À medida que se aproximava dos portões de ferro, organizava a ordem do seu dia a ser realizada. Com o toque de recolher em vigor o seu trabalho havia diminuído muito. Teria apenas que retirar os restos mortais de uma sepultura para entregá-los à família do morto em uma caixa, fazendo o devido registro no livro do cemitério.

Ao chegar, ficou espantado quando viu os portais escancarados e as correntes partidas no chão. Por todos os anos em que abrira e fechara o cemitério, nunca havia

tido conhecimento de um arrombamento. Apesar de Álvaro entrar constantemente de forma clandestina, o jovem tomava cuidado para não violar nenhuma sepultura e escondia bem a invasão.

O coveiro caminhava devagar e, agora, evitando fazer barulho, parecia quase não sair do lugar enquanto investigava a área em passos receosos. Seus olhos buscavam algo incomum, e foi no meio do mato, onde estava o túmulo amaldiçoado de Bastiano, que ele encontrou.

Um rapaz seminu e banhado em sangue dormia sobre o leito de concreto. Era Álvaro deitado sobre a lápide do pai. Suas roupas rasgadas escondiam parte do seu corpo sujo de sangue. A luva de renda rasgada ainda cobria sua mão.

O jovem acordou de sobressalto. Olhou ao redor e logo identificou onde estava. O sol batia forte e o dia estava claro. Procurou apressadamente alguém que poderia tê-lo visto, mas deparou-se apenas com o silêncio das sepulturas. Juntou rapidamente os trapos de sua roupa rasgada que estavam jogados na grama e correu para longe do cemitério, se escondendo por entre as folhagens da floresta. Ele não percebeu a presença do velho Sebastião, que havia observado tudo intrigado por trás de um mausoléu.

No consultório médico da vila não poderia haver tristeza maior. Se lágrimas trouxessem de volta os entes amados que se foram, naquela sala estariam os responsáveis pela superpopulação da vila. Dário chorava feito criança, debruçado em sua mesa. E Vicente acompanhava o sofrimento, encolhido no canto da parede. O padre Antônio, Carlos George e o alcaide Magalhães também estavam ali para dar forças ao médico que acabara de perder sua única filha.

Quando Flávia soube do assassinato da amiga, correu ao consultório sem os caprichos que costumavam adorná-la desde cedo. Da maneira como estava vestida e sem desembaraçar os cabelos, a garota misturou-se entre os curiosos que se amontoavam à porta. Ela não conseguira ver Alana, mas os que haviam presenciado a chegada do cadáver ilustravam um retrato deplorável. Ouvia as descrições hediondas de como encontraram o corpo da jovem em pedaços sobre a própria cama, mas não queria acreditar.

Dentro do consultório, o clima era carregado demais para Vicente suportar. Alana nada mais era que uma carcaça destruída coberta por um manto ensanguentado e essa não era a imagem que queria levar de sua noiva. Ninguém o julgou quando abriu a porta bruscamente e abandonou o consultório sem dar explicações.

Ao ver Vicente aos prantos, inconformado com a perda da amada de maneira tão cruel, Flávia compartilhou o luto desesperado do amigo. Seus olhos lacrimejaram e os lábios tremularam antecedendo o choro. O rapaz não percebeu sua presença e seguiu cortando caminho na multidão. A garota estendeu o braço para alcançá-lo, mas Vicente, desolado, queria apenas se afastar. Flávia não sabia se deveria segui-lo, mas a ideia de deixá-lo só, desamparado para soluçar sobre o infortúnio, a desagradava ainda mais.

A jovem desgarrou-se do povo reunido e correu para alcançá-lo assim que dobrou a viela.

– Vicente! – chamou-lhe, fazendo com que parasse sua marcha de abandono.

O jovem não sabia aonde ir para amansar a dor que rasgava seu peito e a voz da amiga deu-lhe uma direção. Ele se virou e os olhares regados pelo luto se encontraram. O rapaz aceitou o acolhimento do seu colo, desmoronando em lágrimas desesperadas.

No consultório, Ronaldo buscou amparar o doutor, pondo a mão sobre seu ombro, mas Dário não queria ser tocado. Restou ao padre tentar confortá-lo com a serenidade religiosa.

– Doutor Oliveira, creio que nessa hora não haja palavras que possam diminuir a dor no seu coração. Nós e todos os anjos choramos pelo acontecido à sua filha. Só nos resta continuar firmes em nossa fé para superar este sentimento vazio. Pedi a Deus que a receba de braços abertos e tenho certeza de ter esse meu pedido atendido.

– Obrigado, padre – respondeu-lhe Dário, buscando conter o choro.

– Você não precisa fazer isso, Dário – interveio o alcaide. – Chamaremos outra pessoa.

Carlos George concordou com a sugestão de Ronaldo. Para eles não era certo o próprio pai certificar a morte da vítima, mas Dário estava irredutível.

– Não vou deixar o corpo da minha filha na mesa enquanto vocês procuram outra pessoa! Eu vou atestar o óbito e enterrar a Alana do jeito que ela merece o mais rápido que eu conseguir – mal conseguiu terminar a frase, que foi dita no ritmo do soluço. – Peço que saiam.

– Meu amigo Dário – chegou a vez de Carlos George também intervir –, o Ronaldo está certo em sugerir...

– Vão embora, por favor.

Ninguém saiu. Estavam todos preocupados com a saúde mental do amigo.

– Dário...

– Saiam daqui! Vão embora do meu consultório! Deixem-me sozinho! Deixem-me sozinho com a minha filha! – gritava o médico sem perceber a baba grossa que escorria de sua boca. – Por favor, deixem-me sozinho com a minha filha – desabou novamente em seu pranto de direito.

Não se podia fazer mais nada além de respeitar o desejo do amigo.

Sozinho, o doutor precisou de um tempo para recuperar o fôlego. Buscou centrar-se no ofício e arrumou seus instrumentos de trabalho como sempre fazia. Vestiu um avental branco, luvas, e aproximou-se da mesa de autópsia.

Estremeceu ao colocar as mãos sobre o tecido manchado de sangue que cobria o corpo sem vida de sua filha e, com um suspiro fundo, retirou-o com cuidado. Dário sabia que seria impossível tratá-la da mesma forma que os tantos outros cadáveres cujos óbitos já havia atestado, mas permaneceu de pé, fazendo seu trabalho com os olhos escorrendo lágrimas, entre soluços e berros indignados.

O médico cortou com cuidado a camisola de Alana. A cada corte da lâmina era revelado um pedaço do corpo da jovem e Dário ia identificando os sinais da agressão que sua filha sofrera.

Geralmente as mãos experientes do doutor cortavam um tecido com rapidez e examinavam um cadáver com precisão, mas, com sua filha na mesa, elas tremiam. Seus olhos ficaram embaçados e a respiração, difícil.

Depois que a extensão completa do corpo estava finalmente descoberta, o médico pôde ver o real estado da filha. Ver o corpo de um estranho naquele estado já causaria náuseas ao mais acostumado preparador de corpos, mas um pai ver sua filha única, sangue do seu sangue, e não conseguir reconhecer nela os contornos da forma humana era uma situação que transcendia a máxima agonia.

O rosto pálido de Alana foi uma das poucas partes que permaneceram ilesas, mas seus olhos sem profundidade estavam abertos numa expressão de horror. Dário não suportava encarar aqueles olhos opacos. Não pareciam ser mais os de sua filha. A cor era outra e o brilho, inexistente. Ele os fechou carinhosamente com os dedos e acariciou o crânio de Alana. Sua mão foi proibida de escorrer com suavidade entre os fios de cabelo de sua filha. O sangue espirrado e seco havia embaraçado o penteado que a moça ostentava com tanto zelo.

Na região do pescoço, a ferida era muito semelhante à das outras vítimas que repousaram sobre aquela mesma mesa. Dário poderia poupar-se de um pouco do sofrimento e pular aquela parte do exame por já conhecer bem as características da mordida, mas, como o calor da cidade interiorana convidava as moscas a pousar nas feridas, ele fez o possível para proteger a filha dos insetos. Limpou o ferimento com

água e cobriu o pescoço com um pano, na ilusão de ter feito um cuidado gentil que seria agradecido por Alana.

O corpo nu da jovem, que outrora exibia uma silhueta atraente, seios firmes e bem desenhados, revelava a atrocidade que o deformara. O ventre estava completamente aberto e o tecido da mama direita arrancado, deixando à mostra os ossos por trás do músculo.

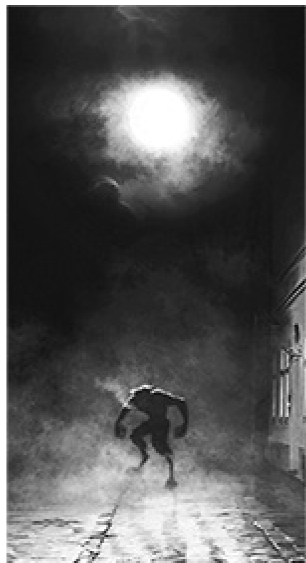
A região do abdômen também estava muito afetada. Dário observou um sangramento entre as pernas de Alana, de onde retirou pelos que certamente não eram da garota. Foi quando embarcou em outra maré de desgraça. Amaldiçoou os céus e proferiu as mais horrendas palavras contra Deus e Seus motivos de levar sua filha com tamanho sofrimento. Alana não era mais virgem e os ferimentos indicavam que um membro desproporcional a havia penetrado com violência.

Dário não imaginava que algo ainda pudesse superar todo o horror que já havia visto, mas, quando chegou ao ventre grotescamente aberto, examinando-o com cuidado, seu rosto empalideceu. Seus olhos arregalaram, as veias saltaram do pescoço, balbuciou grunhidos ilógicos e ficou petrificado.

Os amigos expulsos do consultório permaneciam do lado de fora aguardando o doutor para oferecer a ajuda que fosse necessária. O aglomerado de pessoas não havia dispersado e o triste ocorrido ganhava diversas versões na boca do povo, uma mais escabrosa que a outra.

De supetão a porta foi aberta e Dário saiu correndo com seu avental ensanguentado. A multidão dispersou para dar espaço ao doutor que caiu de joelhos aos prantos. Ele gritou para os céus o mais alto que pôde, expondo toda a raiva e indignação. Os berros podiam ser ouvidos a longas distâncias.

Carlos George e Ronaldo tentaram acalmá-lo naquela hora de luto, mas em vão. A dor da perda é mais dolorosa que a dor física e suas chagas são tão profundas que as cicatrizes atingem a alma.



Capítulo 9

Século XX. 28 de setembro de 1920. Lua minguante.

Uma agradável via de terra, encoberta pelas folhas de enormes árvores com troncos largos, convidava os visitantes a adentrar o centro do vilarejo. Na entrada, numa placa fincada no chão, lia-se “Bem-Vindos à Vila Socorro” e, logo abaixo, o número de habitantes.

Quando havia uma morte na cidade, os moradores acompanhavam o encarregado de cobrir o número anterior com tinta branca e pintar por cima, em negro, o novo algarismo. Depois, havia uma passeata fúnebre na qual todos acompanhavam o corpo ao cemitério e prestavam seus respeitos. Quanto maior o prestígio do morto, maior o número de presentes.

Com as fatalidades ocorrendo quase mensalmente, o rito começara a ser menos frequentado e acabara por não ter mais a mesma importância. As pessoas que acompanhariam o carro agora preferiam ficar em suas casas até o momento do cortejo. O número na placa fora trocado sem que ninguém percebesse e Vila Socorro tinha apenas duzentos e noventa e seis moradores então.

As lojas da rua principal estavam fechadas por luto e as poucas ainda abertas interromperam suas atividades para que todos pudessem se juntar ao cortejo de Alana e prestar seus respeitos à filha do médico da vila.

Na frente da comitiva melancólica, um cavalo de raça puxava a charrete negra que transportava o melhor caixão fabricado na cidade. Na frente da primeira ala, logo atrás do carro, estavam Dário e Vicente, ambos inconformados. Vicente estava choroso, mas Dário já não encontrava mais suas lágrimas. Sua expressão era de uma

tristeza agora mais serena e cansada.

– Vicente... – chamou ele o rapaz sem encará-lo. – Sempre apoiei uma união entre você e minha filha, mas nunca o fato de uma mulher ficar íntima de um homem antes do matrimônio. De qualquer maneira, julgo necessário que você fique ciente de que não é apenas sua noiva que você enterra hoje, mas também o meu neto. Alana esperava um filho seu.

Os pés de Vicente o fincaram no chão, atrapalhando as demais pessoas que acompanhavam o corpo. A comitiva dos taciturnos continuava sua marcha enquanto o jovem refletia sobre o significado daquelas palavras. Uma nova lágrima escorreu de seu rosto e Vicente abandonou o cortejo.

No caminho contrário aos passantes, cruzou com seu pai e Flávia sem percebê-los. A dor era demais para suportar, concluiu Carlos George, resolvendo deixá-lo lidar com seu luto da maneira que achasse conveniente. Já a garota queria segui-lo outra vez. A sensação de amparar Vicente e tê-lo junto ao peito lhe agradava, mas ao imaginar que isso ocorrera apenas por Alana estar morta, a perturbação moral cobriu o seu rosto com olheiras culposas. Em respeito à amiga, permaneceu no cortejo.

Álvaro acabara de chegar à cidade, carregando em suas costas um cesto de verduras para entregar na mercearia. Estranhou ver as portas fechadas do comércio e não haver ninguém pelas alamedas.

Caminhando desatento pela rua principal, procurando alguma porta aberta para descobrir o motivo de a cidade estar deserta, Álvaro pisou no cadáver do cachorro que havia sido atacado pela besta na noite anterior. O rapaz não tinha recordação alguma do animal e imaginou que o pobre cão tivesse sido esmagado pelas patas de algum cavalo que puxava uma carruagem.

– Cuidado onde pisa, meu jovem. Há de se ter respeito pelos mortos. Mesmo que seja um animal – ecoou em seu ouvido uma voz que já conhecia. Era Valêncio de frente a um espelho na varanda da pousada, aparando rapidamente os pelos do rosto com uma navalha que acabara de banhar em água morna.

– Não é fantasma de cachorro que vai me assombrar – respondeu rispidamente.

– Acreditar ou não numa existência após a morte não exclui a consideração por aqueles que um dia estiveram entre nós. Qualquer criatura, seja ela qual for, deve receber a mesma reverência após ter partido.

– Só se for pra quem tem isso enquanto é vivo, velho – retrucou, antes de voltar-se a uma introspecção dita apenas para si. – Eu fui esquecido.

Aquele dia Valêncio não iria insistir em ter uma conversa com o rapaz. Estava

apressado e sua atenção estava voltada a terminar logo a sua barba.

Álvaro também não queria estender a prosa, mas, como não havia ninguém mais na rua, restava apenas o velho para tirar a sua dúvida.

– Por que o comércio está fechado? – perguntou, observando as portas trancadas. – Onde está o Seu Romário?

– Não conheço, mas acredito que deva estar no cortejo – respondeu sem tirar os olhos do espelho, passando a lâmina debaixo do queixo uma última vez.

– Que cortejo? Hoje não é dia de Nossa Senhora.

– Uma jovem faleceu esta madrugada, não ficou sabendo? – informou antes de molhar o rosto para limpar o que sobrara da espuma. – Eu estava no quarto quando o carro passou e não consegui ver qual era a família. Mas isso não me impede de comparecer para prestar o devido respeito.

Os olhos de Álvaro arregalaram e suas pernas ficaram frouxas. No peito, pôde sentir o coração se agitar. Esforçou-se para ter qualquer lembrança da noite anterior, procurando imagens que pudessem revelar onde estivera, mas a última memória que tinha de antes da transformação era a vontade de fugir de perto da mansão de Alana.

Valêncio terminou de secar o rosto e virou-se para o rapaz. Ele notou o olhar perdido que pairava sobre o seu rosto.

– Como foi noite de lua cheia estão dizendo que a criatura invadiu o centro e atacou uma moça no próprio quarto em que dormia – disse ao aproximar-se lentamente com tom investigativo. – Você acredita que isso seja verdade, meu jovem?

Álvaro nem sequer ouviu o que Valêncio perguntara. Estava tão entregue às suas incertezas que mal percebeu a aproximação de Vicente em sua direção.

Quando o homem por quem havia sido trocado cruzou o seu caminho com aquele olhar de dor comum aos que acabaram de passar por uma perda, Álvaro precisou saber a verdade. Largou as verduras e abandonou a companhia indesejada de Valêncio para correr na direção contrária a que Vicente viera.

Ao dobrar a esquina, seus olhos contemplaram a extensa romaria que acompanhava a carruagem. Não queria acreditar, mas a tristeza com que Dário liderava a comitiva tornava claro que naquela caixa de madeira estava o corpo sem vida de Alana.

O rapaz estremeceu. Ficou nauseado quando constatou que o sangue seco em sua pele quando acordara no cemitério era o de sua amada. Álvaro não conseguia suportar a verdade. Seu estômago se embrulhou e de sua boca libertou-se o vômito da culpa. No chão, ele pôde ver os pedaços mal digeridos da carne consumida na

noite anterior.

Álvaro precisava ir embora. Precisava afastar-se de si mesmo, mas não sabia como. Queria ter sido ele o morto. A culpa era ainda maior pela raiva que havia sentido ao ver Alana beijando os lábios de outro homem. Não conseguia suportar o ato profano que a fera dentro de si havia concretizado. O rapaz enlouqueceu. Estava sem rumo. Perdido nas contemplações funestas de suas ações inconscientes, ele correu e tomou o caminho de volta ao seu refúgio solitário.

A romaria havia chegado ao seu destino. Dentro do cemitério, Dário abriu a porta do mausoléu dos Oliveira e viu-se perder para sua única filha a cama ao lado de sua amada e falecida esposa.

Por sua função como médico e constante contato com corpos sem vida durante a carreira, Dário não temia mais a morte. Havia aprendido a aceitar a ideia da partida. Mas, como o homem religioso que era, esperava encontrar, quando morresse, a sua querida esposa para guiá-lo através do caminho mais curto até a luz celestial.

Em sua morte, imaginava-se sendo levado em uma carruagem semelhante à que carregara sua filha, acompanhada de perto por Alana com o esposo, alguns netos e vários amigos. Seu caixão seria respeitosamente colocado na gaveta ao lado de Eleonora Cristina e, na primeira noite, sua amada o libertaria da mortalha e ele poderia abraçá-la novamente.

Agora, quem estaria nos braços de sua esposa seria sua filha. Dário perdera aquilo com que mais se importava em vida e, por consequência, a única coisa que lhe importava na morte.

Chorou duplamente vendo o corpo de Alana ser cimentado na cama que cedeu para que a filha repousasse em paz.

Após o enterro, o médico não quisera descansar. Seus nervos à flor da pele demandavam reparação imediata.

– Eu exijo uma atitude enérgica do senhor para encontrar esse monstro que matou a minha filha! – gritava Dário, esmurrando a mesa do alcaide Magalhães.

– Doutor Dário, como um dos membros do nosso conselho, o senhor sabe que estamos fazendo todo o possível.

– Pois então trate de fazer o impossível! Como membro, também sei que somos incompetentes para a tarefa! Este conselho só sabe divagar e descarta quaisquer outras possibilidades além das que julgamos racionais!

O alcaide estranhou a insinuação do amigo.

– Espero que o senhor não esteja querendo dizer que o monstro ao qual se referiu seja de fato um "monstro".

– E como eu devo nomeá-lo então? – Dário aumentou o tom de sua voz. – Como devo chamar um animal que invade a minha casa, violenta e tortura a minha filha antes de destroçar o seu corpo sem piedade nenhuma?!

Não havia respostas para aquelas indagações despejadas como desabafo de um pai atormentado. O alcaide não pôde fazer nada além de ficar mudo e observar o amigo cair novamente em prantos.

– Precisamos de auxílio, Ronaldo. Eu peço que busque ajuda de fora – suplicou-lhe o médico.

– Neste contexto eu não vejo quem seria melhor do que nós mesmos para caçar esse monstro, Dário. Bons caçadores nossa vila tem até de sobra.

– Não é só de homens com espingardas que estamos precisando. Pela atrocidade que vi, não sei mais o que devemos procurar, se é mesmo um animal enorme e faminto ou algum tipo de maníaco solto por aí.

As palavras do médico sempre foram baseadas em estudos e observação. Sua mente analítica era de grande valia às resoluções de diversos casos nos quais o alcaide buscava seu amparo. Agora se tornara um assunto particular que Dário queria resolver. Como médico, ele ainda lidava com fatos. E isso merecia atenção.

– Precisamos de alguém que não pense com o coração de um membro desta comunidade – continuou o doutor da vila. – Precisamos de alguém que venha e veja tudo do zero! Que comece a desconfiar das estranhezas do local. Precisamos de alguém com conhecimento criminal e experiência.

Ronaldo ponderou em silêncio por um momento. Com o rosto apoiado sobre as mãos cruzadas, não via por que não tentar uma nova abordagem. As opções para proteger a vila estavam tornando-se escassas.

– Farei então como o senhor sugere – disse Ronaldo, levantando da cadeira para acompanhar o doutor até a porta. – Agora vá para casa descansar. Prometo que hoje mesmo escreverei uma carta solicitando ajuda e mandarei entregá-la na capital. Acredito que, apesar de nossa vila ser pequena, uma questão de segurança pública irá receber a devida atenção do nosso Governo Estadual.

– Obrigado, Ronaldo. Eu preciso fazer isso pela minha filha. Ela era tudo que eu tinha.

– Eu compreendo. Faremos isso por ela e também pelos outros que já se foram.

Os lábios de Dário ensaiaram um sorriso triste antes de abandonar o gabinete

para deixar Ronaldo cumprir seu dever. Agora sozinho, o alcaide voltou para sua mesa e rascunhou algumas palavras com sua caneta-tinteiro sobre uma folha de papel. Geralmente era sua ajudante, Irene, quem escrevia cartas, mas, pela importância do caso em questão, Ronaldo julgava de extrema necessidade que as palavras fossem suas próprias.

Havia um bom tempo que não escrevia um pedido formal. Suas resoluções no vilarejo eram verbais ou, quando havia necessidade de documentação, seu único traço original era a assinatura sob as palavras da secretária. No entanto, Ronaldo tinha a verborragia adequada para uma boa redação, apenas não a praticava. Percebendo a necessidade, escreveu a seguinte carta:

> "Excelentíssimo Senhor Secretário da Defesa,
>
> A sobrevivência de nossa pequena vila depende da chegada desta mensagem a vossas mãos. Somos um vilarejo de pessoas boas e fortes costumes religiosos, porém a delicada circunstância em que nossa vila se encontra nos aproxima de uma necrópole onde os mortos caminham pelas vias à espera do inevitável, que de fato ocorre a cada noite de lua cheia. Pais de família soluçam sobre os túmulos de seus filhos, enquanto nossas mulheres são violentadas antes de serem enviadas às portas de São Pedro. Nossos meses passam como um jogo de azar, uma loteria nefasta na qual o prêmio é continuarmos vivos para receber a próxima cartela e assim sucessivamente, até sermos todos eliminados. Nossa população vem diminuindo drasticamente e não por mortes naturais. Procuramos administrar esta situação internamente, mas não nos resta mais opção senão suplicar por ajuda. Sem receio, afirmo que fizemos de tudo em nosso domínio para sanar o mal infligido sobre nossa vida, mas o carrasco se apresenta invisível e não contamos com pessoal treinado para lidar com tal ameaça. Nosso caso é grave e solicitamos ajuda imediata. Represento a voz de todos os habitantes da Vila Socorro quando digo que oramos para que estas letras atinjam seu destino a tempo de evitarmos a próxima fatalidade.
>
> Sinceramente,
>
> Ronaldo Magalhães.
> *Alcaide da Vila*
> *Socorro*."

As palavras foram bem articuladas e apropriadas à situação. A carta foi selada com vela quente e entregue a um rapaz que recebeu a ordem de correr à capital em seu cavalo para que a mensagem chegasse o mais rápido possível às mãos do destinatário.

A cavalgada era longa, mas o rapaz afrouxou a rédea do animal, pressionou o calcanhar nas suas costelas e não poupou o açoite. A paisagem da Vila Socorro logo foi deixada para trás e o mensageiro cruzou as estradas do interior. O cavalo não descansou sem antes chegar ao prédio na capital que o alcaide havia endereçado no envelope.

A carta foi entregue e passou pelos seus trâmites burocráticos até encontrar as mãos de alguém que finalmente a abriu. O leitor da mensagem sentiu a gravidade do caso nas palavras fortes do apelo e, percebendo não ser ele o melhor indicado para tratar daquele assunto, encaminhou-a pessoalmente para o responsável, que, após ler a missiva com atenção, escreveu umas poucas linhas em outro pedaço de papel. Assim que terminou, pediu para que entregassem a carta à pessoa indicada no bilhete.

Século XX. 4 de outubro de 1920. Lua minguante.

A resposta da capital foi mais rápida do que o esperado. Uma carruagem negra, vistosa e com cavalos garbosos, aproximava-se da Vila Socorro. Os habitantes locais, que nunca haviam visto carro com tamanha pompa, se aglomeraram na praça onde ele parou, próximo à igreja e ao gabinete do alcaide.

Ronaldo não havia revelado suas ações à população e ninguém esperava um visitante na cidade em uma diligência com o brasão oficial do Governo Estadual. A curiosidade pairava sobre as cabeças das pessoas que aguardavam na praça.

A porta se abriu. De dentro saiu um homem de meia-idade, todo vestido de preto, que ostentava uma postura séria e olhar forte. Seu traje, pouco convencional aos padrões do vilarejo, era de corte muito semelhante às roupas dos nobres ingleses e uma meia capa escondia parcialmente seu colete. Sobre a cabeça, uma enorme cartola cobria os cabelos brancos bem aparados. O homem observou o local e desceu os poucos degraus da carruagem segurando uma bengala de cabo negro e ponta prateada em forma de caveira. Ele não precisava do instrumento para andar, era apenas mais um adorno da sua indumentária extravagante. Apesar dos cabelos grisalhos não esconderem sua idade, sua forma física era exemplar.

Como Ronaldo estava fechado no gabinete assinando alguns papéis, nem havia percebido a chegada do homem à cidade. Irene mal abriu a porta e o indivíduo de

roupas negras entrou na sala em passos rápidos e caminhou na direção do alcaide, que não sabia o que estava acontecendo.

O homem tirou sua cartola, usou a palma da mão para alisar os cabelos e voltou a cobri-los antes de tirar do bolso um pedaço de papel dobrado.

– Acredito que esta carta seja sua – ele a jogou sobre a mesa de Ronaldo. – Eu sou a resposta da capital.

Naquela mesma noite uma assembleia foi convocada para que as dúvidas dos habitantes quanto à presença de um convidado oficial na cidade fossem sanadas.

Como de costume nas reuniões, a população estava em grande número no galpão. Dessa vez, sem a presença de Álvaro. Desde o acontecido com Alana, não havia mais saído de casa e semeava recluso os frutos podres de sua depressão.

Os olhos de Valêncio procuravam o rapaz em vão. Já fazia algum tempo que os dois não se encontravam e o velho sabia que, vendo-o menos, seria bem mais complicado conseguir tratar com ele do verdadeiro assunto pelo qual o perseguia.

O pronunciamento do alcaide Magalhães era esperado. Todos estavam ali questionando quem seria o homem de preto que acabara de sentar-se à mesa.

– Meu povo – levantou-se Ronaldo –, temos hoje conosco um convidado. A capital nos mandou um representante que já me prometeu que não partirá da vila até nosso sossego ser restabelecido. Eu apresento a vocês o senhor Ulisses Canaã.

Alguns poucos aplausos cortaram o ar, mas logo se perceberam inadequados. O homem ainda não havia provado ser digno de aclamação. O som das palmas foi se escondendo na vergonha do ímpeto ridículo.

Ulisses levantou-se e dirigiu a palavra pela primeira vez ao povo, já demonstrando um pouco de sua personalidade:

– Senhores, fui enviado para esta vila com um propósito. Para concretizar o dever que me foi confiado pelo Governo do Estado, em resposta a um pedido formal deste pequeno município, é necessária a compreensão dos senhores de que minha palavra será lei! Os métodos que eu encontrar para combater este mal deverão ser aceitos sem questionamentos. Minha tarefa é eliminar uma ameaça à população desta vila e creio que também seja esse o desejo de vocês.

Ulisses olhou para o povo em busca de alguém que se opusesse ou questionasse sua autoridade, mas todos ficaram calados, esperando que ele continuasse.

– Tendo isso compreendido, garanto que arrancarei esse assassino das sombras em que se esconde e o trarei à luz das consequências pelo terror que está causando a esta vila! – disse, ao esmurrar a mesa.

Sua atitude confiante inibia qualquer um que duvidasse da sua competência. E o povo esperava uma salvação. A postura de Ulisses era firme e suas palavras alcançavam o coração dos aflitos como uma tempestade de chuva num local atingido pela pior das secas. O alcaide, porém, sentiu a necessidade de explorar um pouco mais a metodologia do visitante.

– Caso me permita interromper, senhor Ulisses, o nosso caso é um tanto complicado. Temos nada mais que suposições. O senhor poderia nos esclarecer alguns dos seus métodos para resolver a questão?

– Fique à vontade para fazer perguntas, senhor alcaide. Metodologia não é segredo. Primeiramente, devo me inteirar dessas suposições dos senhores e começar a agir imediatamente de acordo com as mais plausíveis, até tirar as minhas conclusões e afunilar as variantes para chegar a uma opção mais provável de onde esteja o culpado. Amanhã, no pátio central da praça, formarei uma brigada de voluntários corajosos para compor um grupo de quadrilheiros dispostos a entrar num treinamento exaustivo como preparação para quando encontrarmos esse sujeito.

Mal acabou a frase e os dirigentes da mesa já exibiam no rosto certo constrangimento. A suposição mais relevante ainda era a de que se tratava de um animal selvagem, apesar de o doutor Oliveira ter sugerido que pudesse ser um maníaco. Não queriam revelar diretamente a hipótese de que poderia ser um animal porque o convidado do Governo, que transpirava experiência em questões criminais, provavelmente não ficaria muito contente em descobrir que o assassino poderia ser nada mais que apenas um lobo.

– O meu método não lhes agrada? – perguntou Ulisses, um pouco irritado.

– Logicamente que agrada – respondeu-lhe Ronaldo, um tanto inseguro. – Mas é que... na verdade, não sabemos se é um homem que estamos procurando.

Silêncio. Ulisses ponderou todas as opções.

– Caso não se trate de um homem, o que seria então? Pela descrição dos crimes, não acredito que seja uma mulher. Eu espero que vocês não tenham enviado uma carta ao Governo Estadual para eu vir até aqui brincar de caçador! – adiantou sua repulsa, já supondo que poderia ter sido chamado para procurar um animal.

Naquele momento os representantes à mesa sentiram que estavam perto de perder a ajuda enviada pela capital e isso não poderia acontecer. Se Ulisses fosse embora, jamais receberiam novo apoio. Precisavam mostrar algo que comprovasse a anormalidade que estava acontecendo na Vila Socorro, mas não havia.

Para Dário, sua permanência era mais do que para a resolução de um problema público, era uma promessa feita à sua falecida filha. Ele decidiu intervir.

– Ninguém sabe o que é, senhor Ulisses. Tudo que se depara com ele morre! Mulheres grávidas, crianças...

– Homens armados, animais da fazenda... – completou Carlos George.

– Realmente achamos que possa ser um animal pelas marcas que são encontradas nos corpos – revelou por fim o alcaide. – Mas não mencionei esse fato na carta porque sabia que a resposta da capital seria negativa aos nossos apelos por ajuda.

– Presto minhas mais sinceras condolências pelos que foram mortos, mas não ficarei aqui para perseguir um animal na floresta! – afirmou Ulisses com a clara postura de que partiria assim que chamassem um cocheiro para levá-lo.

O homem não era apegado a emoções alheias e não estava muito satisfeito em saber que o chamaram para cuidar de algo de que um mero caçador poderia dar conta. Não seriam aquelas palavras que o fariam ficar.

Valêncio, vendo que os dirigentes não conseguiriam segurar Ulisses na cidade, resolveu se intrometer:

– Não se trata de um animal! É uma criatura mais perigosa do que qualquer bandido que o senhor já possa ter enfrentado!

Todos se calaram. Ulisses estranhou a intromissão e quis certificar-se de ter ouvido corretamente.

– Uma criatura, o senhor diz?

– Sim, uma criatura! E, se o senhor quer realmente estar a par de todas as suposições, sugiro que dê a devida atenção a esta que é a crença da maioria das pessoas aqui.

A população murmurou como se concordando com Valêncio. Ele tinha sido o responsável pelo toque de recolher, a única solução que havia diminuído as mortes até então.

Em meio ao zumbido coletivo, Ulisses virou-se ao alcaide com ar de dúvida. Queria explicações sobre o que acabara de ouvir. Ronaldo estava envergonhado, buscando alguma justificativa que não soasse tão absurda.

– Desculpe-nos por essa manifestação, senhor Ulisses. Uma parcela da população acredita que algum tipo de fera sobrenatural caminha pela floresta. São histórias que vieram com a imigração italiana e acabaram se enraizando também no folclore local. Por favor, não dê atenção.

– Muito pelo contrário, senhor alcaide, toda a atenção é necessária para este assunto! – respondeu-lhe Ulisses.

Ronaldo estava surpreso. Uma criatura do oculto era suposição muito mais

absurda e inaceitável do que o ataque planejado de um lobo. Quando Valêncio abriu a boca, o alcaide imaginou que seria a argumentação que faltava para que Ulisses escolhesse partir de uma vez por todas. Mas o convidado tinha um ponto de vista muito diferente.

– Crenças populares são a expressão de um povo – continuou. – Nela, conseguimos identificar os medos de um imaginário coletivo. O que hoje é exposto aqui como uma criatura amaldiçoada pode ser simplesmente a representação de um assassino temido, visto por eles como monstruosidade porque precisam explicar de alguma maneira as ações incompreensíveis cometidas por um semelhante.

– Então... o senhor acha que não se trata de um animal?

– Sua carta mencionava mulheres violentadas...

– Sim.

– Tome isso como sua prova de que não é um animal. Deixe que o povo fale de suas crenças. Apesar de eu ser um homem cético, como o senhor, muitas deduções podem sair das interpretações desta história.

Ulisses se voltou novamente para a população, fazendo-se extremamente interessado em ouvi-los.

– Senhores, falem-me então sobre esse monstro. Alguém já o viu?

Os populares que moravam próximos da floresta foram inflamados. Finalmente poderiam ser ouvidos sem o riso dos descrentes. Alguém de cargo importante que acreditasse em suas histórias era tudo de que precisavam para deixar de lado a vergonha em relatar os estranhos acontecimentos que presenciavam na mata.

– Quando os animais ficam inquietos à noite, é só olhar pela janela que um vulto preto corta a fazenda! – começou um.

– Quem vê o cão do capeta de frente não vive pra contar! – completou outro.

– Na lua cheia ele ataca qualquer um! Nem crucifixo no pescoço salva da degola!

– A floresta é território do demo. Quem pisa lá de noite apita e o monstro leva pro inferno!

Os comentários regados com alusões às influências do diabo irritaram o padre Antônio dos Santos. Ele foi amargando em silêncio aquelas palavras até não conseguir mais se conter e explodiu:

– Parem com isso! – gritou, levantando-se e fazendo o povo se calar. – Eu me envergonho de ficar aqui ouvindo essa heresia descabida! Reflitam sobre o que nosso Senhor deve estar pensando de nós agora. Deus nos deu o dom da fala para proferirmos palavras de amor e razão, não blasfêmias sobre monstros. Deveríamos

estar falando do amor de Cristo para afastar esse mal, não atrair o azar discutindo sobre criaturas que nem existem.

Os populares temeram as palavras do padre. Ele era o porta-voz divino daquela pequena comunidade e receber sua reprovação era um pecado grave para o qual não havia penitência.

– Fico abismado ao ver que vocês ignoram a palavra de Deus! Lembrem-se de Oseias, capítulo quatro, versículo seis: “O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei; e, visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos.”

As palavras soaram quase como praga vinda de lábios santificados. O povo abaixava a cabeça para o padre, mas Valêncio, não. Ele esperava o momento certo de intervir.

– Não veem que é exatamente isso que recai sobre nós? – continuou o sermão. – Estamos sofrendo esse mal por nossas mentes estarem poluídas com essas ideias confusas. Somente o reconhecimento de Deus e Sua palavra nos trará a salvação.

– A palavra de Deus salva o espírito, mas o corpo também precisa de proteção – retrucou Valêncio, incitando uma cólera contida no íntimo do padre.

– Senhor Valêncio, não estive presente na última assembleia por estar celebrando a união de um casal apaixonado, mas não deixaram de me chegar aos ouvidos algumas de suas declarações. O que tenho a dizer ao senhor é que tenho pena da sua alma e condeno sua atitude de semear a heresia entre nossos paroquianos!

– Conhecimento não se trata de heresia.

– E o que é esse conhecimento ao qual se refere? Certamente não é da palavra de Deus! Como é que Ele, que nos fez à Sua imagem e semelhança, permitiria que um ser monstruoso caminhasse entre Seu rebanho? De onde o senhor tira esse falso conhecimento que polui a boa índole do nosso povo?

– Autores mais antigos que o preconceito religioso já escreviam sobre criaturas de exterioridades distintas.

– São elas nada mais que histórias fantásticas para agradar foliões em festas pagãs! A verdade encontra-se apenas nos evangelhos do Livro Sagrado.

– Garanto que mesmo nesse livro há sinais da existência de outros tipos de criaturas. A farta descrição de encontros com gigantes no Antigo Testamento não me deixa ser rotulado como mentiroso.

A discórdia estava lançada. O padre Antônio viu que Valêncio tinha um bom conhecimento sobre o assunto e que não conseguiria manipulá-lo com trechos bíblicos de dúbia interpretação.

O velho tomou a frente do povo e, com a voz imponente, mostrou-se um ótimo trovador:

– Além do notório relato heroico de Davi contra Golias, no livro de Samuel, Moisés já finca no primeiro livro do Pentateuco a afirmação de que naquela época haviam gigantes que caminhavam sobre a terra, chamados de Nefilins. E algumas dessas criaturas não se diferenciavam de nós apenas em estatura. No capítulo dez do livro de João, no Novo Testamento, Cristo afirma ser a porta das ovelhas e admite saber da existência de outras de "diferente aprisco, que também lhe convém agregar". Até mesmo Josué já dizia que...

– Em nome de Deus, eu ordeno que se cale! – esbravejou o padre furioso, impedindo que Valêncio continuasse a explanação. – Como ousa citar o Santo Livro para pregar mentiras?! Não ouse abrir a sua boca para proferir interpretações levianas da palavra de Deus simplesmente para convencer nossa boa gente a acreditar nos seus monstros! O senhor está proibido de ficar vomitando essas asneiras usando como base nossa Sagrada Escritura!

O padre estava vermelho. Uma veia saltava de sua testa e havia perdido a razão. O alcaide não podia perder o controle da assembleia novamente, ainda mais na frente de um visitante ilustre, então resolveu mediar a discussão:

– Peço que se acalme, padre Antônio.

– Como me acalmar, Ronaldo?! Esse homem... esse homem deveria estar preso!

– Senhor Valêncio – o alcaide voltou-se ao velho –, não posso permitir que o senhor abale todas as estruturas da nossa vila para mostrar-se correto. Seus pontos de vista realmente não são dos mais razoáveis.

– Peço então sua permissão para contar apenas uma história.

Ronaldo não estava muito inclinado a consentir, mas, antes que respondesse, Valêncio fez uma observação:

– Lembro que este assunto é pertinente ao tema abordado nesta reunião, já que o recém-chegado salvador da capital está ameaçando abandonar a vila novamente à sua sorte.

De fato seu ponto era correto e preocupante. Após a intromissão de Valêncio na reunião, Ulisses não havia mais ameaçado partir.

O alcaide olhou para o padre, buscando também o seu consentimento para que pudesse permitir a Valêncio contar sua história.

– Não sei o que pode ser pior do que zombar da palavra de Deus – disse Antônio dos Santos secando o suor do rosto. – Deixe que se condene!

– Você tem a permissão, senhor Valêncio. Mas peço que tenha cuidado com as

suas palavras.

Valêncio não se demorou e retomou a declamação com um suave toque de lirismo:

– Está escrito que o apóstolo André, patriarca de Constantinopla, crucificado enquanto pregava as palavras de Deus na Ásia Menor, se encontrou com Bartolomeu, missionário que também teve sua morte como mártir do Evangelho, e juntos penetraram no Império Partiano com nada mais do que boas intenções. Mal sabiam eles que a região que acabavam de adentrar era um território canibal! Mesmo com medo de serem devorados, rezaram ao nosso Senhor e encontraram proteção em sua fé para continuar a propagar Suas palavras de amor.

Valêncio deu uma pequena pausa para sentir a reação da plateia. Até aí, ninguém poderia se opor ao conto que narrava, pois não passava de uma simples aventura bíblica. O velho reparou que podia continuar e encorpou a história.

– Mas eis que encontraram um gigante canibal chamado Abominável. Seu nome fazia justiça à sua aparência! A seus próprios olhos, eram como gafanhotos frente ao gigante, e assim também o eram aos olhos do Abominável. Essa criatura tinha o tamanho de dois homens e sua face era como a face de um grande cachorro. Seus olhos eram como lampiões cheios de fogo queimando na noite e seus dentes se pareciam com as presas enormes de um porco selvagem. As unhas das mãos eram garras curvas e afiadas, enquanto as dos pés eram como as de um leão. Os cabelos de sua cabeça avançavam sobre seus braços. Sua aparência era aterradora!

As descrições vivas de Valêncio aterrorizaram alguns dos presentes mais impressionáveis. Para mentes menos protegidas, como a das crianças, aquela história era horripilante e poluía seu imaginário fértil. Um choro infantil ecoou no galpão, alertando Valêncio de que seu tom estava muito agressivo.

O velho percebeu que o alcaide planejava intervir, então finalizou a história rapidamente de maneira mais branda.

– Como que por coincidência, os apóstolos chegaram ao Abominável logo após ele ter tido uma visão. E nessa visão fora-lhe prometida a forma humana se ele simplesmente aceitasse os ensinamentos cristãos. E foi exatamente o que ele fez. Ele aceitou Deus em seu coração e milagrosamente foi se transformando em homem. Como novo seguidor de Cristo, em eterno agradecimento, ele se tornou o guia dos apóstolos naquela terra desconhecida.

O padre Antônio se prontificou a fazer o primeiro comentário.

– Essa é nitidamente uma fábula sobre o amor e perdão de Cristo. O Abominável representa nada mais do que pessoas perdidas em falso testemunho. Os

ensinamentos desse conto apostólico são virtuosos e corretos, já que uma alma em perdição foi recuperada pela palavra de Deus.

Finalmente pareceu que os dois haviam concordado em algo. A posição do padre sobre a história era positiva. Ele parecia buscar um acordo com Valêncio, mas o velho não queria trégua.

– O senhor pode considerar o relato apenas uma fábula, mas para isso teria que negar também o Ato dos Apóstolos como História.

– Conheço bem a Bíblia, senhor Valêncio, e garanto que essa sua história, por melhor que possa parecer, não está contida nesse livro sagrado.

– Mas eu digo que está. Ou pelo menos deveria. O senhor já leu a Contenda dos Apóstolos?

Valêncio sabia que era uma pergunta sem resposta. Provocou propositalmente o religioso. O rosto rubro pela raiva ficou branco e deu espaço a uma expressão de quase pavor, antes de perder a compostura por completo.

– Blasfêmia! Herege! Como o senhor ousa citar na minha frente um desses números não católicos sem credibilidade alguma, tirado de circulação pela própria Igreja? O mal que o senhor está trazendo a esta vila é pior do que morrer ferido pela boca desse animal que nos assombra! O senhor está nos amaldiçoando com seu juízo!

Evento raro ver um padre berrar e engasgar de ódio. As pessoas no galpão puderam ver o lado mais humano de um servo de Deus, que babava como um cachorro raivoso.

Valêncio também resolveu deixar de lado seu estilo recatado e entrou na discussão de forma agressiva.

– O que está amaldiçoada é esta cidade, onde as plantas nascem regadas com sangue! E é por causa dos senhores que isso ainda acontece – apontou a todos à mesa. – Os métodos que vocês procuram para resolver o problema são errados! Que na floresta caminha uma criatura que parece um enorme cachorro preto e mata quando tem fome é um fato! Mas no instinto da sobrevivência, eu pergunto, quem não mataria? Quando os lobos não encontram nada para comer nas florestas, eles se aproximam das pessoas e devoram qualquer coisa. Até mesmo os pássaros, quando estão famintos, se arriscam entrando na sala de jantar das casas em busca de alimento. Essa criatura na floresta está enlouquecida e por isso ataca o que encontra pela frente. Mas tenho em mim a certeza de que ela também não quer carregar esse fado. A solução não está em acabar com a vida dessa criatura, como vocês sempre discutem. Por mais que todos vocês busquem uma justa reparação, precisamos fazer

como os apóstolos André e Bartolomeu e dar-lhe a oportunidade de se redimir.

A posição de Valêncio foi um choque para todos. As poucas pessoas que pareciam estar do seu lado na discussão ficaram imediatamente contra ele após essa última declaração. Ninguém estava ali para discutir formas alternativas de resolver o problema. Uma solução pacifista não era opção. Queriam o sangue da criatura. E, se possível, derramado aos poucos para que o sofrimento fosse longo.

O Dr. Dário, apesar de ser um homem esclarecido, tivera sua parcela de complacência humanitária enterrada junto ao corpo de sua filha. Ele foi o primeiro a buscar ordem naquela maré de falas esparsas para contestar aquele posicionamento:

– Senhor Valêncio, perder a única filha da maneira como eu perdi é um sofrimento que não há como descrever. Por essa única razão eu não durmo, pensando em como encontrar o culpado pela sua morte. No meu desespero, tento crer em suas histórias para achar algum sentido em tudo isso, mas confesso que é difícil acreditar nessas teorias fantásticas quando a ciência e a medicina explicam os fenômenos descritos pelo senhor como sobrenaturais de forma mais razoável. O senhor conhece o termo clínico "licantropia"?

– Conheço. Trata-se de uma manifestação psicológica de comportamento.

– É uma doença, senhor Valêncio! Também conhecida como "o mal da Lua". O alienado sente-se obrigado a imitar o comportamento de um lobo e anda por aí como se fosse um. Atacando pessoas, inclusive! Isso não explicaria a sua teoria da lua cheia?

– Mas o doente adquire a forma de um lobo?

– Logicamente que não. Uma alucinação afeta apenas o doente que a carrega.

– Então, como explicar a sombra negra vista por alguns?

– Acredito que, se o doente também tiver o azar de ser um portador de hipertricose, o comportamento altamente agressivo aliado a essa doença, que causa um crescimento anormal e exagerado de pelos no corpo, pode impressionar os de mente mais fraca e fazê-los espalhar histórias de aparições sobrenaturais.

– Mas a hipertricose é uma doença permanente, não é verdade?

– De fato, é.

– Então, ela não poderia se manifestar apenas em noites de lua cheia. Muito menos deformar fisicamente a estrutura do corpo de um doente.

As únicas vozes ouvidas eram de Dário e Valêncio. O resto ficava aguardando uma conclusão. A maioria dos presentes não conseguia acompanhar a conversa. Apesar de ambos buscarem sempre deixar os termos bem compreensíveis, algumas anomalias da genética humana não eram facilmente compreendidas por muitos. Mas

foi Carlos George quem pareceu ter decifrado a charada.

– Perdão, Dário – interrompeu o fazendeiro. – Deixe-me ver se estou entendendo aonde o senhor Valêncio quer chegar. O que antes era um animal selvagem, que passou para uma criatura sobrenatural monstruosa, agora é um homem que magicamente se transforma em um enorme cachorro preto nas noites de lua cheia... é isso?

Valêncio sabia que o termo do qual tanto tentava se distanciar iria eventualmente aparecer. Queria conseguir provas antes de mencioná-lo, mas agora não havia mais o que fazer a não ser ignorar a zombaria que iria surgir junto a palavra que estava prestes a ser dita.

– Vocês não estão vendo o que esse senhor está fazendo? – continuou Carlos George, voltando-se a todos os presentes. – Esse senhor está nos enrolando! Fala bonito, coloca tudo em contexto religioso e histórico, mas a verdade é que ele quer que percamos nosso tempo acreditando que temos que procurar... um lobisomem!

O fazendeiro liderou com uma gargalhada sonora a reação do povo. Aquela revelação, posta da maneira como foi, não admitia contra-argumentação. Por mais críveis que fossem as contestações, o tom jocoso no qual discutiam agora não poderia ser afastado.

Valêncio era um senhor culto, de conhecimento invejado por muitos catedráticos que não tiveram a oportunidade de vivenciar certas experiências como ele. Mas mesmo sendo um homem intelectualmente confiante, quando confrontado pela estupidez coletiva, sentiu-se acuado. No seu rosto era nítida a expressão de constrangimento acarretado pelos comentários irônicos sobre algo que nem fora proferido por ele.

– Francamente, senhor Ulisses, sinto-me envergonhado pelo senhor ter vindo até aqui nos ajudar e ter que ouvir essa asneira – disse Carlos George, secando as lágrimas de tanto gargalhar. – Por favor, apaguemos essa parte da reunião e voltemos a falar seriamente.

– Tenho livros que sustentam a existência de uma outra raça...

– Senhor Valêncio, por favor, chega! – o alcaide atravessou, já impaciente. – O senhor vinha buscando isso e finalmente conseguiu ser ridicularizado por suas afirmações. Só ouvimos suas histórias porque de fato o senhor encontrou um padrão para nos protegermos. Acho melhor o senhor ir embora descansar. Quem sabe uma boa noite de sono seja suficiente para o senhor refletir sobre suas declarações.

– Isso mesmo! – provocou-o ainda o padre Antônio. – Vá percorrer as ruelas da vila em busca dos seus monstros. Quem sabe não dê de frente com o seu próprio

reflexo – ironizou por fim, conseguindo mais risadas dos presentes.

– Se o desejo for que eu me retire...

– Não é desejo, senhor Valêncio, é a vontade divina! Suma logo daqui e leve esse seu conhecimento nefasto com o senhor antes que os santos também percam a paciência.

Valêncio não sairia de cabeça baixa, principalmente depois da postura do vigário em querer ridicularizá-lo na frente de todos. O velho queria ajudar e acabou sendo motivo de risos. Ele tinha mais uma declaração que sabia que iria irritar o pároco.

– Quanto aos santos, fico com a consciência tranquila, padre. Acredito que São Cristóvão não me abandonará nesse caminho. Tenho certeza de que o senhor sabe ao que me refiro quando invoco o nome desse santo.

O sacerdote ficou pasmo. Sua expressão era de uma surpresa incrédula. Nenhum dos presentes entendeu por que o comentário de Valêncio o incomodou tanto, mas também não ousaram perguntar. O conhecimento que o velho insinuara indiretamente era raro e proibido a qualquer pessoa, até mesmo aos estudiosos de teologia.

São Cristóvão é popularmente conhecido como o padroeiro dos viajantes e isso não deveria incomodar ninguém, muito menos um servo religioso. Aparentemente o que os dois sabiam sobre o assunto ia muito além da sabedoria popular.

Valêncio despediu-se dos senhores à mesa com um simples movimento de cabeça e, para o padre, lançou um sorriso acintoso. Foi observado por todos em silêncio enquanto saía.

Ulisses, que deveria ter protagonizado a noite, acabou como coadjuvante da estranha peça encenada no galpão. Ele havia se interessado por Valêncio. A postura irredutível, as ideias concisas e a forte argumentação do velho impressionaram o visitante, que resolveu, por fim, ficar na cidade.

A assembleia cheia de surpresas e revelações havia terminado. Enquanto isso Álvaro estava do outro lado da vila, jogado em sofrimento em seu casebre, e nada do que fora dito chegou ao seu conhecimento. Para ele, Ulisses ainda nem existia e o assunto sobre a besta da floresta nada mais era do que um tabu que continuava a ser ignorado sempre que mencionado.

Não deveria ter perdido aquela reunião, mas preferiu a culpa como companheira e uma garrafa de aguardente para amenizar a dor. O toque suave que destinava à Alana jamais seria repetido. A lembrança dos dedos acariciando aquela pele macia, da sua boca provando o sabor daqueles lábios rosados dava lugar à imagem tétrica de sua amada enrijecida, com os beiços azulados e palidez cadavérica. Saber então

que foi ele quem extinguira a sua beleza, que a proibira de se apresentar no palco da vida ao arrancar o último suspiro de seus pulmões, era castigo pior do que vê-la nos braços de outro homem. Sua tristeza não era espelho do que desejava à Alana por tê-lo abandonado. Mesmo que não fosse ao seu lado, gostaria que ela fosse feliz.

Beijou o gargalo estreito da garrafa e o líquido escorreu como água por um ralo desimpedido. Seu corpo estava intoxicado pela bebida inebriante que deixou de queimar a sua garganta após a terceira longa entornada. Álvaro pulou o estágio da euforia para cair de vez no delírio. Arremessado sobre as cobertas imundas da cama, cogitou as mais severas penitências contra o seu corpo. Queria arrancar os cabelos, esmurrar-se no rosto até sangrar pelo nariz, rasgar a pele com a navalha mais suja. Mas a falta de vigor permitiu apenas castigar ainda mais o fígado. Pensou em se amarrar para não perpetrar as ações desgraçadas do seu inconsciente bestial, mas sabia que nem mesmo correntes eram capazes de segurá-lo. Restava-lhe padecer pelo fadário. Por fim, dormiu no sono da embriaguez.

Na manhã seguinte o jovem acordou com a marca de vômito seco escorrido sobre a maçã do seu rosto, encharcando o lençol. Pelo chão, nenhum pedaço mal digerido de comida, apenas o retorno involuntário do álcool cobria o assoalho. Ele tateou os lençóis úmidos sem se importar com a sujeira e caminhou descalço sobre o chão escorregadio até sair do quarto.

Com a mesma roupa com que havia dormido, pegou a enxada e foi cuidar da plantação na tentativa de afastar o luto. Mas nada adiantava. Seu corpo estava dolorido e mal controlava as mãos trêmulas. O trabalho era improdutivo, não só por causa do enjoo que acompanhava a ressaca. A dor de cabeça e olhos sensíveis à luz eram migalhas perto da culpa que o atormentava.

Os golpes descuidados danificaram várias das verduras. Após as tentativas fracassadas na lavoura, resolveu voltar ao quarto e deitar sobre os mesmos lençóis para abraçar de vez a amargura.

Século XX. 5 de outubro de 1920. Lua quarto minguante.

O sol mal começara a se revelar para a vila e na praça central os interessados em fazer parte da patrulha já se reuniam para a seleção. Ulisses pediu que ficassem lado a lado, na frente do coreto, para que pudesse examiná-los com olhar clínico, buscando deficiências físicas que impedissem os inaptos de ingressarem no grupo. Entre os aspirantes estava Vicente, com olhar firme, demonstrando sua determinação em estar entre os escolhidos.

Ulisses analisava os homens enfileirados sem dizer uma única palavra. Passava

por eles num passo lento, cadenciado, medindo-os de cima a baixo. Alguns dos candidatos transpiravam confiança, enquanto outros tremiam ao ver Ulisses encará-los. Apesar do silêncio, os critérios de sua avaliação eram bem definidos.

– É bom ver que há um número considerável de pessoas valentes nesta cidade – começou, falando de costas para todos. – Eu respeito esse anseio de proteger o que é de vocês. No entanto, ter vontade e ser capaz são duas coisas muito distintas.

Entre os presentes havia aqueles que, apesar de muito dispostos, não conseguiriam acompanhar o ritmo que Ulisses pretendia impor ao treinamento e a uma futura caçada. Ele havia marcado um senhor magro, de barba branca e poucos cabelos, a quem voltou sua atenção. Parou bem na sua frente e o fitou diretamente nos olhos.

– Qual é a sua idade?

– Sessenta e dois.

– O senhor tem alguma afinidade com a espingarda?

– Não.

– Carabina?

– Hum-hum.

– Garrucha, pistola...?

– Não, senhor. Eu sou fazendeiro.

– E, com a sua idade e experiência de fazendeiro, como o senhor acha que pode ajudar?

A pergunta não foi feita num tom agressivo, mas uma resposta também não era esperada. Era característica de Ulisses preferir que as pessoas tomassem consciência de suas incapacidades sem que ele precisasse apontá-las diretamente. Ele poderia simplesmente escolher alguns dos presentes e mandar os outros embora sem explicar os motivos, mas preferiu ilustrar dessa maneira o seu método de escolha para não gerar protestos descabidos dos impossibilitados de aguentar um treinamento rigoroso.

– Os idosos, os com problemas de saúde, os fora de forma e aqueles sem afinidade com armas de fogo voltem para suas casas! – disse em voz alta, esperando ter sido claro.

Aqueles tidos como incapazes abandonaram a formação sob resmungos, com a ideia fixa de que, se tivessem uma oportunidade, provariam seu valor. Sobraram apenas oito. Entre eles, Vicente.

– Os que ficaram, tragam suas carabinas e boa vontade. De hoje até a próxima lua cheia os senhores passarão pouco tempo em casa – disse Ulisses aos

remanescentes.

O treinamento começou na tarde daquele mesmo dia. Os homens trouxeram suas armas e foram aprimorando suas habilidades exaustivamente. Com o passar dos dias, até a próxima data em que a Lua os guiaria na caça, os quadrilheiros começavam os trabalhos com o orvalho da manhã, e com a chegada do sereno noturno a única coisa que se encerrava era a esperança de um merecido descanso. Seus esforços tinham como plateia os pássaros e os morcegos. Os que foram descartados na triagem inicial agora agradeceriam por poder desfrutar dos seus confortos rotineiros em vez de cultivar arranhões, bolhas nos pés e cansaço físico extremo debaixo de sol e chuva.

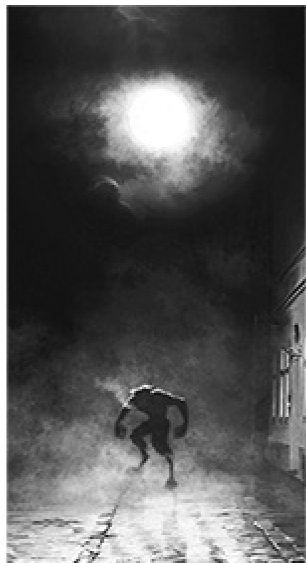
Era curto o período até a próxima noite que acordaria o monstro da vila e Ulisses orientava seus homens como se fossem crianças despreparadas para a mais importante batalha. Os homens faziam tudo que ele ordenava e acompanhavam com atenção as estratégias que traçava na terra. O treinamento relâmpago buscava educá-los nas mais diversas áreas necessárias a uma capacidade aprimorada de combate, abrangendo tanto a parte física quanto a psicológica.

Vicente logo chamou a atenção de Ulisses. Na corrida sob o sol escaldante ele era o mais rápido. Embaixo de chuva, suas costas eram as últimas a deitar após os exercícios abdominais. Seu rosto jamais alimentava a lama nas flexões de braço. Na arte do tiro, era admirável a precisão dos seus disparos, nem o sopro da mais forte ventania era capaz de enganar o destino certo dos projéteis. Com os dias que tiveram, Ulisses criou uma certa admiração pela determinação de Vicente e o rapaz tornou-se o seu homem de confiança.

A cada nova fase da Lua, os homens da quadrilha ficavam mais fortes e preparados. Seus corpos exibiam músculos mais firmes e seus sentidos estavam mais aguçados.

Ao contrário desses rapazes, Álvaro perdia suas forças. Não trabalhava mais com empenho na horta, apenas colhia o necessário para conseguir ficar em pé. Grande parte das verduras apodrecia, castigada pelo sol ou encharcada pela chuva, e as pragas da lavoura tinham total liberdade para se servir das mais variadas hortaliças. Álvaro estava debilitado, quase não se alimentava e o corpo mais magro expunha a olho nu suas costelas. A barba malfeita e a cabeleira rebelde ostentavam a falta de zelo com sua aparência.

Desde o enterro de Alana que o rapaz não retornara ao centro. Ele estava desatualizado das medidas tomadas após sua morte e ainda desconhecia completamente a presença de Ulisses na cidade.



Capítulo 10

Século XX. 23 de fevereiro de 1907. Lua crescente.

Escondida sob o manto da noite, a face de um garoto confundia-se com as folhagens da floresta. Com esforço ele segurava em seus braços pequenos uma carabina que tinha quase o seu tamanho. O dedo indicador completamente esticado alcançava com dificuldade o gatilho gelado. Seu olhar estava fixo em uma presa.

– Tenha paciência, espere a hora certa em silêncio, senão ele foge – orientou uma voz adulta ao pé do seu ouvido. – Controle bem o peso da arma.

O menino tremia.

– Agora, engatilhe a carabina com cuidado. Devagar.

O garoto tentou, mas não teve forças para puxar a alavanca traseira apenas com o polegar. Precisou da força da mão inteira para engatilhá-la. Feito isso, redescobriu o seu alvo e fixou o olhar novamente na presa através da alça da mira.

– Respire fundo e prenda o ar – disse a voz antes de ordenar: – Atire!

Ele hesitou.

– Atire, meu filho! – insistiu a voz.

O dedo do garoto estava preparado e o alvo, imóvel em sua mira, mas algo o impedia. Ele não queria atirar.

– Vai, atire agora! – persistiu, aumentando um pouco o tom da voz.

A criança não queria disparar, mas não poderia desobedecer à ordem do pai. Então, sem que ele percebesse, o menino desviou o cano da espingarda um pouco para o lado, apenas o mínimo necessário, e atirou.

Um som alto ecoou pela floresta e a bala acertou em cheio o tronco de uma

árvore a poucos centímetros da cabeça de um negro que encontrara abrigo na mata. Assustado, ele começou a correr entre as folhagens para escapar.

O pai pegou rapidamente a arma das mãos do filho e foi atrás do antigo escravo na floresta. Mesmo no escuro, era um caçador experiente. Ajeitou-se firmemente sobre os joelhos e acompanhou com os olhos a movimentação na mata, estudando o padrão da fuga à medida que as plantas se remexiam. Ele era paciente e habilidoso. Sua mira era firme e a respiração, bem cadenciada. Esperou o negro se revelar por descuido entre os arbustos e disparou.

Seu tiro foi certeiro. O rapaz teve as costas alvejadas enquanto corria e seu corpo sem vida tombou, misturando-se às folhas secas do chão.

O menino observou a tudo assustado. A dor em seu braço pela coronhada forte do coice da carabina logo desapareceu após ver, pela primeira vez, um homem sendo morto.

Calmamente o senhor retornou e jogou a arma de volta ao garoto. Não disse nenhuma palavra, apenas cruzou com o menino, esperando que ele o seguisse. Mas a imagem de um cadáver o impressionava e ele não conseguia deixar de observar o corpo, na remota esperança de identificar algum movimento, algum vestígio de vida.

– Anda logo, Vicente! – gritou o homem já mais distante.

Século XX. 25 de outubro de 1920. Lua crescente.

Essa lembrança dos tempos de infância estava soterrada por outras menos alarmantes que acompanharam Vicente até a vida adulta. Seu pai nunca superou a perda dos escravos após a Abolição, em 1888, e por anos os perseguiu. Pela dificuldade que os negros tinham de conseguir trabalho nas cidades, muitos construíram abrigo pela mata para sobreviver da fauna e da flora. E Carlos George, apaixonado pela caça e soterrado sob o anseio da reparação, havia encontrado um novo tipo de animal. Quando Vicente atingiu a idade para acompanhá-lo, a maioria dos negros naquela região já havia sido exterminada.

Nas noites que passavam em claro na floresta, desde cedo o filho do fazendeiro mostrava-se impiedoso com os pobres animais que cruzavam sua vista. Seus disparos melhoraram ao longo dos anos como o instinto se aguçou com a idade. O treinamento firme que tivera do pai sem dúvida foi importante para as habilidades que desempenhava com tanto primor.

O gosto pela caça corria no sangue dos Arruda Barros. E a fiel espingarda que Vicente carregava como amuleto era reflexo da educação que recebera. No entanto, o preconceito de Carlos George não viera na herança.

Aquela era a última noite que o satélite pintaria o céu de outubro na sua fase crescente. A lua cheia iria se mostrar logo após o término do dia 26, nos primeiros minutos da madrugada seguinte. A busca na mata se aproximava e o rapaz estava em seu aposento, sentado sobre a cama, atento aos cuidados da carabina. Um escovilhão de arame era inserido com cautela para não danificar as raias do cano, seguido por um pano umedecido em solvente, enrolado sobre uma haste, para limpar os resíduos de pólvora.

Desde o enterro de Alana, Vicente estava calado. Apenas respondia o que lhe era perguntado e sorrisos não encontravam hospedagem naquele rosto. Todo seu empenho fora destinado ao treinamento de Ulisses e seria posto à prova na noite seguinte.

Sem bater, a porta do cômodo abriu, mas o jovem não se virou com o ranger das dobradiças.

– Vicente! – chamou-lhe o pai, mas não teve resposta.

O silêncio, apesar de indelicado, não foi proposital. Estava absorto em pensamentos desagradáveis que lhe vincavam o rosto. Não ouvira o chamado.

Carlos George não deixaria a amiga do filho, que aparecera para visitar o rapaz, aguardando na sala. Pediu com as mãos para que Flávia se aproximasse e a deixou entrar no quarto antes de fechar novamente a porta para deixá-los a sós.

Ela esboçou um cumprimento, mas não sabia como iniciar conversa. Permaneceu parada, observando Vicente terminar a limpeza de sua espingarda enquanto imaginava diferentes formas para dirigir-lhe a palavra. A maneira atrevida como costumava se comportar em sua frente não era mais adequada na amargura que compartilhavam pela perda de Alana.

Vicente assoprou a ponta do cano, conferiu a mira e, ao virar-se para repousar a espingarda sobre a cama, estranhou a presença de Flávia em seu aposento.

– Desculpa, Vicente. Não quis te interromper. Só vim desejar boa sorte amanhã.

Os olhos do rapaz a encaravam com tristeza. Ele agradeceu somente com um aceno de rosto antes de dar-lhe as costas novamente.

– Quando isso terminar, prometo que atendo o pedido que você me fez, Flávia – disse calçando as botas.

– Qual pedido?

– O de te ensinar a atirar.

Vicente bateu o solado no chão, levantou e voltou-se à amiga com a expressão visivelmente abatida. O fato de não ter pego antes o responsável pelas mortes na vila o assombrava todos os dias desde a desgraça que acontecera à Alana.

– Por que você se lembrou disso?

– Eu podia ter ensinado Alana a se defender com a carabina – revelou, colocando as mãos na cintura e abaixando a cabeça em reprovação.

Flávia caminhou lentamente até ele.

– Vicente... o que aconteceu não foi culpa sua.

O rapaz não parava de encarar o assoalho. Sempre que se lembrava de Alana, o pranto alcançava-lhe os olhos, mas imediatamente ele o impedia de correr o rosto. Desde o enterro que o jovem decidira represar as lágrimas.

– Você não viu como ela ficou, Flávia.

– Nem você devia ter visto. A Alana não ia querer ser lembrada desse jeito.

O estado lamentável como o corpo fora deixado após o ataque não permitiu que o caixão fosse aberto durante o velório. Apenas uma foto sobre a tampa de madeira recebera as despedidas. Mas Vicente testemunhara a obra funesta do assassino e aquela imagem forte da amada sem vida venceu a barragem sentimental, deixando que uma lágrima escapasse.

– Não tem problema chorar, Vicente – disse ao botar gentilmente a palma das mãos no seu rosto. – Não se passou um dia sem que eu tivesse me derramado pensando em tudo o que aconteceu.

Vicente relutava. A mágoa era aparente, contudo insistia na decisão de não prantear mais pelo acontecido.

– A gente não precisa ter vergonha de mostrar o nosso luto para ninguém! Quando nada consegue afastar a dor que a gente sente é porque... porque a pessoa que se foi era muito querida. A Alana, mais do que qualquer outra, é digna do nosso choro – disse com a voz embargada, buscando os olhos arredios do rapaz.

A resistência de Vicente foi estraçalhada após aquelas palavras. A represa se abriu e o pranto era incessante. Não havia nada que pudesse ser dito para acalmá-lo. O jovem balbuciou o nome de Alana em meio a soluços. Queria expressar como se sentia, revelar para Flávia o real motivo de sua mágoa, mas escolheu continuar calado. Nenhuma palavra sobre o assunto que mais o importunava havia saído de seus lábios e preferia ignorá-lo para não sofrer além do que já sofria.

Flávia ofereceu novamente o ombro como muro de lamentações para Vicente debruçar. Para ela, ter o jovem nos braços e poder confortá-lo junto ao peito era a realização de um devaneio há muito sonhado. Por um instante permitiu-se esquecer de toda a desgraça e fingir que eram um casal. Ela o consolava de maneira amorosa, acariciando os seus cabelos delicadamente.

Aos poucos Vicente diminuía o choro. Era a segunda vez que o abraço

aconchegante da amiga aliviava um pouco o seu pesar. Com o rosto apoiado sem malícia sobre os seus seios, pôde sentir o perfume de Flávia.

Os dois permaneceram em silêncio, compartilhando secretamente um momento afetuoso. Enquanto a garota fantasiava uma intimidade, em Vicente pareciam surgir os vestígios de que algum dia o tempo pudesse diminuir o seu amor por Alana para que conseguisse ser feliz ao lado de alguém com quem o sentimento fosse mútuo. Ele levantou o rosto com os olhos ainda marejados e ambos se encaravam na dúvida do que viria. A beleza tentadora de Flávia embaralhou-se ao perfume para alentar a fragilidade emocional que o rapaz carregava, confundindo o seu juízo. Chegaram a se aproximar, mas o fantasma da falecida assombrou a consciência da jovem.

– Melhor eu ir – disse, dando um passo para trás. – Eu só queria mesmo lhe desejar boa sorte antes que saísse para caçar.

Ela não queria se aproveitar da fraqueza de Vicente. A preocupação com sua segurança era legítima e o que mais desejava era que pegassem o responsável pela morte de Alana. A culpa por fantasiar uma aproximação com o noivo da amiga assassinada a amargurou de tal forma que a fez querer ir embora de imediato, envergonhada pela postura imperdoável.

O olhar perdido do rapaz exibia a incapacidade de discernir o que queria. Com o distanciamento de Flávia o perfume perdera a força e, ao sumir completamente no ar, novamente o semblante arruinado corrompeu o seu rosto.

Sem aguardar para que fosse acompanhada até a saída, Flávia abriu a porta do quarto. Antes de ir embora, parou sob o batente.

– Vicente – chamou-o para lembrá-lo de algo. – Não ache que vou esquecer.

– Do quê?

– Da promessa que você me fez.

Um sorriso, mesmo que discreto, reapareceu no rosto do jovem após todo aquele tempo de languidez. Flávia retribuiu o gesto, acanhada, e abandonou o quarto.

Sozinho, logo os pensamentos infaustos voltariam a perturbá-lo, mas os lábios arqueados demonstraram que uma dor, por mais enraizada que estivesse na alma da amargura, poderia ser superada no seu devido tempo.

Século XX. 26 de outubro de 1920. Lua cheia.

Enfim a data tão aguardada havia chegado. Apesar de o calendário lunar apontar o dia 27 como portador da lua cheia, devido a um eclipse lunar, era no início dessa madrugada que ela despontaria no céu, obrigando a patrulha a sair.

Na fazenda dos Arruda Barros, Vicente chegou à varanda para juntar-se a

Ulisses, que conversava com seu pai. O homem da capital havia aceitado o convite de Carlos George para conhecer os troféus de caça da família antes que ele e seus homens passassem a madrugada na floresta. Aqueles símbolos de triunfo nada mais eram que diversas espécies de cabeças de animais empalhadas com a expressão de agonia do seu último respiro. Um ambiente carregado, apenas apreciado por entusiastas do sofrimento.

– De fato, é impressionante o número de cabeças na parede da sua sala – disse Ulisses. – A fauna local realmente é farta.

– Era! – gargalhou o fazendeiro. – A maioria ainda é da minha espingarda, mas meu filho Vicente logo logo supera o seu velho.

– Seu filho engatilha rápido uma arma. Se a pontaria for tão certeira numa caça quanto foi nos alvos do treinamento, não duvido que precisará arrumar uma outra sala para as novas cabeças.

– Garanto ao senhor que é ainda melhor! – disse Carlos George orgulhoso, passando o braço por cima do filho.

Naquela noite Vicente não compartilhava do entusiasmo do pai. Estava mais tenso do que nas noites anteriores, quando caminhara mata adentro na busca do mesmo assassino.

Ulisses também não tinha mais assunto com o fazendeiro e era quase hora de partirem. Um silêncio cortou o ambiente por alguns segundo antes de Carlos George se despedir.

– Bom... deixarei que se preparem porque sei que a noite será longa. A casa estará aberta para quando quiser aparecer.

– Agradeço pelo convite, senhor Carlos George, mas se hoje acabarmos com o mal da vila não creio que eu vá aparecer mais à sua porta. Devo retornar à capital assim que o assunto estiver resolvido.

– Se for essa a condição, então espero nunca mais ver o senhor.

Os dois se cumprimentaram com um forte aperto de mãos e Carlos George entrou na casa, deixando Vicente e Ulisses a sós na varanda.

O jovem, tendo seu comandante à sua frente, prontificou-se a mostrar o preparo de sua arma. Ajoelhou-se para verificar o bom funcionamento da carabina e conferiu todos os procedimentos. Ulisses observava o rapaz, mas seu olhar não buscava avaliar como o jovem manuseava a espingarda. Seus olhos atentos procuravam interpretar a expressão abatida de Vicente. Era uma expressão que acompanhara o jovem por todo o treinamento e que era constantemente analisada por Ulisses em silêncio.

– Qual foi o motivo para você ter entrado na patrulha, meu jovem?

– Por que a pergunta? – estranhou Vicente.

– Pelo que vejo aqui, você tem tudo de que um homem precisa. Não há necessidade de arriscar a vida passando a noite na floresta.

– Eu gosto de caçar.

– No entanto, não sabemos o que iremos caçar. Você está preparado?

– Na hora em que o senhor quiser – respondeu, levantando-se com a espingarda pronta dependurada às costas.

– Não me refiro ao preparo da sua arma. Pergunto se você está preparado para apertar o gatilho. Mesmo que seja para o peito de um homem.

Vicente não respondeu. Ele não sabia a resposta. Sua habilidade como caçador era das melhores, mas nunca havia matado uma pessoa.

– As notícias voam numa cidade pequena. Eu sei pelo que você passou e sinto muito pela perda da sua noiva e do seu futuro filho. Entendo que esteja nesta patrulha por vingança.

O olhar abatido de Vicente deu lugar a um completo rancor. Sua respiração ficava mais forte à medida que seus olhos afundavam e as narinas se abriam. Sua expressão era de um ódio bem visível a qualquer um que o encarasse.

– Não há desonra na sua atitude, Vicente. Quem busca reparação deseja nada mais do que retribuir o sofrimento ao seu causador. Geralmente, quem observa de fora não compartilha do luto e acaba fazendo julgamentos errados, encarando esse tipo de retaliação como algo destrutivo. Eu discordo completamente.

– Estou na patrulha por ser o melhor caçador da vila e não por qualquer outro motivo – afirmou rispidamente o rapaz.

– Não há vergonha na vingança, meu jovem. E, no seu caso, matar ou morrer em nome do amor é louvável. Um romantismo raro nos dias de hoje. Reconheço os limites morais que o impedem de assumir esse sentimento, mas tenha com você a certeza de que a vingança agrada a todos os corações realmente ofendidos.

As posições do homem, nitidamente influenciadas pela *lex talionis*, seguiam uma lógica racional completamente privada de compaixão. Vicente abaixou a cabeça, pensando nas palavras que acabara de ouvir. Era fato que o jovem buscava algum tipo de retaliação pela morte de Alana, mas havia uma motivação ainda maior que o fizera se destacar no treinamento.

– O filho não era meu – desabafou, cansado de prender aquilo consigo.

O jovem abandonou Ulisses na varanda. Sua revelação deu um ponto final ao assunto e comprovou que as observações do homem estavam corretas; havia uma

razão mais forte do que mero altruísmo do rapaz para ter entrado na patrulha. Seus esforços eram sobre-humanos e sua superação era maior do que a de homens preparados durante anos para uma batalha. Aquilo poderia ser explicado apenas por uma determinação impulsionada por algo emocional. E o combustível passional era o mais inflamável.

Mais do que qualquer outra pessoa na vila, Vicente, após a notícia da gravidez de Alana, não acreditava que fosse um animal o causador das mortes, mas sim um homem comum, um doente que não superara a rejeição e a matara. Ele entrara na patrulha justamente para conhecer o indivíduo que havia se deitado com sua noiva e para aceitar a ideia de que, sim, ele estaria preparado para matar um homem.

Enquanto os patrulheiros se reuniam na praça, Álvaro estava debruçado sobre as fronhas encardidas de sua cama. A cada dia que passava a sujeira ia se acumulando pelos quartos e acabava se desprendendo dos cantos para invadir toda a área da casa. Do lado de fora o mato já ameaçava a plantação e por dentro o piso estava pintado pelo barro que acompanhava o solado de suas botas.

A aparência do jovem Cesari era ainda pior do que a de sua casa. Os cuidados com a sua higiene foram completamente esquecidos. Os cabelos cresceram rebeldes e sua face ostentava uma barba fechada. Seu corpo exalava um odor forte e já não se alimentava bem havia semanas.

Geralmente, nas noites da transformação, Álvaro se afastava da residência, caminhando até algum ponto distante e isolado da floresta, mas dessa vez ele nem se preocupou em levantar da cama. Começou a sentir as dores da metamorfose, mas permaneceu imóvel em seu leito. Não vislumbrava motivo algum para sumir na mata como das outras vezes. Costumava caminhar pela escuridão da floresta apenas para seguir o ritual de seu pai, já que não havia animais no seu pequeno rancho que pudessem ser devorados, nem familiares em sua casa ou parceira em sua cama que pudessem ser machucados.

Apesar de tentar afastar sua mente da transformação, era impossível ignorar a dor. O estalar dos ossos era como notas que acompanhavam o grito de um barítono dramático. Transmutado na besta lupina, ele correu em direção à porta de entrada da casa e a rompeu violentamente com o corpo, danificando o batente e deixando-a escancarada para fora, enquanto tomava seu rumo em direção à mata.

A supremacia lunar naquele céu límpido da vila iluminava a floresta como um lampião aceso. O disco estava enorme e amarelado, como se a Lua quisesse estar mais próxima da Terra. Há anos não se via o astro com toda aquela imponência celeste. Uma bela noite para caçar.

No centro, a estranha movimentação de pessoas chamava a atenção dos habitantes que revelavam seus rostos nas janelas após o horário do toque de recolher. Os quadrilheiros armados aguardavam, próximos à entrada da floresta, o seu comandante que já se aproximava, acompanhado de Vicente.

– Fechem suas janelas! – gritou Ulisses para todos os curiosos, antes de juntar-se aos seus homens. – Não abram até que o dia amanheça!

Todos estavam ali com suas armas. Não houve desistência alguma. Ulisses separou dois de seus homens e ordenou-lhes que ficassem de prontidão.

– Vocês dois, permaneçam por aqui e patrulhem as ruas do centro. Se o que quer que seja fugir para cá, atirem antes e perguntem depois.

Os demais acompanharam Ulisses mata adentro. A vegetação da região era bem fechada e, à medida que invadiam a intimidade da natureza, seus sentidos ficavam mais alertas por estarem caminhando sobre um terreno desconhecido.

As expressões de medo nos rostos daqueles homens andando sobre as folhagens serviriam como delatoras impiedosas do mentiroso que dissesse não se incomodar por estar ali. A floresta que circundava a Vila Socorro era tida como local amaldiçoado. Desde crianças, todos ali cresceram ouvindo as narrações escabrosas sobre aqueles que ousaram se aventurar na escuridão da mata e nunca mais retornaram. Os homens da patrulha já eram adultos formados, mas seus medos e traumas de infância seriam carregados até o dia de suas mortes, por mais incrédulos que fossem com relação à existência da fera que diziam habitar entre aquelas árvores.

O único que permanecia com postura irredutível era Ulisses, que caminhava na frente de todos sem arma em punho, apenas observando o comportamento noturno. Ele era seguido de perto pelos homens em formação de defesa, na qual cada um apontava sua arma para uma direção diferente, preenchendo qualquer lacuna que pudesse sofrer um ataque de surpresa.

Ulisses ouviu um galho se quebrar. Com um simples movimento de sua mão, todos pararam. Ninguém escutava o que ele parecia estar procurando, mas não ousaram perguntar para não o atrapalhar. O homem estava atento, traduzindo as revelações da floresta. Conseguia identificar o som dos galhos das árvores tremulando ao ritmo do vento, do compasso de algum pequeno animal se distanciando, das aves noturnas que balançavam suas asas alçando voo. Todos eram inofensivos. Mas havia um som diferente. Um som que não estava em sintonia com o movimento da natureza. Esse pequeno barulho chamou sua atenção por não ter ritmo; era intervalado em surtos repentinos de velocidade e momentos de calmaria. Algo

planejava atacá-los.

Ulisses permaneceu calmo em sua observação. Conseguiu identificar a direção daquele barulho e descobriu alguns arbustos onde as folhagens se remexiam cada vez mais próximas no sentido oposto ao do vento. Com velocidade e destreza o homem sacou a pistola e atirou.

Os homens esperaram inquietos. O ruído que incomodava Ulisses havia cessado. Assim que a fumaça da pólvora baixou e o estrondo do disparo ecoou distante, apenas os sons da sobrevivência da mata retomaram sua ordem. Com outro movimento de mão, Ulisses ordenou que buscassem o que havia acabado de abater entre os arbustos.

Dois rapazes que estavam mais à frente da formação sentiram-se na obrigação de fazê-lo. Aproximaram-se receosos, temendo que o que quer que estivesse ali pudesse não estar morto, mas apenas ferido e raivoso. Enquanto um dos jovens permaneceu com a carabina apontada para o arbusto, o outro colocou sua mão dentro das folhagens. Alcançou algo de carne coberto por pelos espessos. Estava inerte. O suspense terminou quando puxou com força a perna do animal, revelando um porco do mato que, provavelmente, perseguia alguma presa ou tentava apenas se esconder dos homens que caminhavam juntos pela mata. O tiro fora certeiro e encerrara a vida do animal rapidamente. Ulisses guardou sua pistola e eles retomaram a busca.

A noite caminhou na sua cadência natural sem apresentar qualquer surpresa. A lua cheia já começava a se apagar e em poucos minutos o raio alaranjado da alvorada surgiria no horizonte distante. Os homens estavam exaustos de caminhar, por diversas horas, em terreno labiríntico com os nervos à flor da pele e Ulisses já cogitava dar a busca por encerrada naquela noite. Antes que desse a ordem para os patrulheiros retornarem, reparou numa casa a distância. Haviam chegado a uma parte da floresta onde a pequena residência de Álvaro podia ser vista. Ulisses notou o tímido tremular da chama de uma lamparina através da janela no segundo andar, indicando que alguém habitava o local. Procurando mais indícios que pudessem revelar algo sobre o morador, percebeu a porta da frente escancarada para fora.

– Vicente – chamou ele o rapaz, que se aproximou. – Sabe quem mora no rancho?

– Essa aí era a casa do louco Bastiano.

– Louco Bastiano? – estranhou.

– É. O pessoal aqui da vila não gosta de passar muito perto daí. O homem chacinou a família com um machado faz mais de dez anos. Encontraram os pedaços

da mulher e das filhas dele espalhados pela sala. O filho, um tal de Álvaro, foi o único que conseguiu fugir. Ele ainda mora aí. Não sei como o sujeito consegue.

– De perto, ninguém é normal, Vicente. Mas o que mais me deixa intrigado é por que uma história dessas não me foi relatada?! – aumentou a voz, irritado. – Esse tipo de informação é importante. Algo que eu possa ter como base investigativa em vez de uma floresta cheia de bichos! A possibilidade de um homicida repetir o crime é muito grande. Mais do que se imagina! Onde eu encontro esse tal de Bastiano?

– Então... – hesitou em responder, aguçando ainda mais a curiosidade de Ulisses. – Talvez tenha sido por esse motivo que ninguém mencionou.

O homem virou-se atencioso para Vicente. No tom de sua voz, pôde perceber o receio das próximas palavras que estava pronto a revelar, mas o jovem ficou em silêncio.

– Fala logo, Vicente!

– É que... esse aí está lá no cemitério da vila.

– Cemitério?

Apesar de Vicente ter atenuado a informação com palavras mais brandas, o homem soube logo seu real significado.

– Pena capital não é mais uma prática da nossa República. Desde os últimos anos do Império.

– O pessoal aqui da vila soube disso quando disseram que o italiano ia ser levado para ser julgado na capital. Ninguém ficou muito feliz em saber que o louco Bastiano ia apenas ficar preso depois de ter matado toda a família daquele jeito. Acertaram com o cocheiro para que, quando estivessem mais afastados da cidade, pudessem fazer um ataque à carroça. Mal esperaram as rodas saírem dos limites da vila, já puseram o homem para fora e lhe deram um tiro na cabeça. Falam por aí que ainda desfilaram com o corpo pela avenida principal.

– Esse tipo de justiça não é permitida pelo Estado. E, mesmo que houvesse a exceção por crime de extrema perversidade, a sentença deveria ser aplicada pelo poder judiciário se o réu fosse condenado. Se alguém reportasse o ocorrido, essas pessoas estariam presas.

– Ninguém se preocupou com isso porque era vontade de todo mundo que ele pagasse pelo que fez na mesma moeda. Pelo menos, é o que meu pai diz.

– Seu pai conhece bem essa história?

– Deve conhecer. Foi ele quem apertou o gatilho.

Dito isso, Vicente se afastou.

Ulisses começou a perceber que a Vila Socorro não era apenas um vilarejo

ingênuo de habitantes cristãos que viviam de plantação e comércio. A cidade possuía um pacto de silêncio. A revolta, o ódio e a falta de perdão repousavam nos corações dos moradores, esperando apenas um motivo para despertar. Todos foram cúmplices de um crime, mas Ulisses não os julgava pelo fato e, como um entusiasta da verdadeira justiça, poderia explorar essa ira mascarada do povoado para executar qualquer ação que viesse a ser necessária.

Finalmente o homem da capital sabia da existência de Álvaro e que o rapaz possuía um histórico de violência doméstica que resultara em morte. Isso o tornava o primeiro suspeito de sua lista. Se soubesse desse fato anteriormente, já o teria visitado e, quem sabe, poupado a todos da caminhada infrutífera daquela madrugada.

Ulisses resolveu encerrar a busca com a luz daqueles novos fatos e ordenou a todos que retornassem. Os homens não poderiam ficar mais agradecidos; estavam cansados e famintos. Eles retomaram imediatamente o caminho pelo qual vieram e foram se afastando de Ulisses, que continuou ali parado, observando a casa. Ele perdeu a noção do tempo enquanto divagava sobre os próximos passos. Poderia prestar uma visita a Álvaro naquele mesmo momento, para conhecê-lo, mas o horário era muito impróprio e não podia negar a si mesmo que também estava com os pés doendo de tanto caminhar pelo solo irregular da floresta.

O homem olhou ao seu redor e percebeu que estava sozinho. Resolveu acelerar o passo para se juntar à patrulha, mas logo notou uma estranha movimentação por entre as árvores. Ulisses ficou parado com o olhar atento. Algo se mexia com uma rapidez impressionante entre as folhagens. O som dos galhos estalando e as folhas que tremiam indicavam um trajeto que poderia ser previsto, mas a mata era fechada e Ulisses, por mais que tentasse, não conseguia ver o que estava causando aquele distúrbio na floresta. Pela velocidade e o modo como a vegetação se retorcia, devia ser um animal enorme, ou mais de um.

À medida que aquele movimento se aproximava de Ulisses, seus olhos buscaram algum lugar para se esconder. Observou uma brecha entre as árvores a poucos passos de distância, mas, antes que pudesse correr para lá, ele a viu. A criatura da floresta passou pela fenda e Ulisses contemplou brevemente o animal grotesco. Ele jamais acreditaria no relato de uma visão como aquela, mesmo se confidenciada a ele por um moribundo em seu leito de morte com a mão sobre a Bíblia. Mas não havia negação na certeza do que os olhos podiam enxergar. O monstro que andava por aquela floresta era real.

No instinto da sobrevivência, Ulisses alcançou rapidamente sua pistola e a

apontou para a mata, trêmulo, mas não havia mais movimentação. Tudo estava calmo. Buscou apreensivo a criatura, imaginando que poderia ser atacado a qualquer momento, e na procura seus olhos caíram novamente sobre a casa de Álvaro. O homem conseguiu se recompor e, na sua capacidade apurada de observação, percebeu que a porta de entrada da casa, antes escancarada para fora, estava agora parcialmente fechada. Olhou para a janela do quarto de cima e a lamparina acesa acabava de se apagar. A expressão em seu rosto denunciou que estava completamente perdido. Aquele era um caso em que a razão não seria suficiente. Também não ficaria naquela mata sozinho, dando chance ao azar.

O homem guardou sua arma e voltou rapidamente pelo caminho que a patrulha também havia trilhado. Desatento aos arredores por ainda estar absorvendo o que vira e desembaralhando os pensamentos, não percebeu que acabara de passar pela carcaça devorada do porco selvagem que ele mesmo havia abatido algumas horas antes. Restavam apenas sangue espalhado pela terra e algumas cartilagens grudadas nos ossos.

Século XX. 27 de outubro de 1920. Eclipse lunar.

Amanheceu sem que Ulisses conseguisse sequer pregar os olhos. Em seu aposento, sentado perto da janela com o queixo apoiado sobre as mãos na célebre pose imortalizada por Rodin, relembrou o ínfimo momento em que vira a criatura passar por entre os troncos. Seus devaneios invadiam uma área do cérebro inóspita aos pensamentos racionais e Ulisses foi obrigado a admitir que não possuía conhecimento suficiente para entender o que testemunhara na floresta. Não seria buscando nas profundezas de sua mente comandada pela razão que iria encontrar respostas para explicar o que vira.

Seus olhos fitavam a cartola à sua frente como se ela pudesse magicamente revelar alguma solução por debaixo das abas assim que levantada. Mas seu olhar vidrado não enxergava. Estava atento à sua cartela particular de memórias, buscando algo que tivesse presenciado em algum momento da vida que pudesse ajudá-lo na compreensão dos fatos.

Ulisses procurava em investigações antigas alguma faísca que pudesse acender uma vela na escuridão das suas incertezas. Nos casos que já havia solucionado, existia um conhecimento inerente de sua parte sobre criminologia e comportamento humano. E, caso não houvesse, ele se prontificava a aprender.

Precisava encontrar uma base, mas todos os seus pensamentos eram sustentados pela razão. Teria que se desprender de sua lógica para encarar o preâmbulo de uma

nova teoria. Foi aí que se acendeu a luz que o iluminaria pelas trevas: Valêncio. A maneira como o velho havia contextualizado o sobrenatural em atos terrenos parecia ser o que mais se aproximava de algum tipo de fundamento a perambular sobre um oceano de fábulas mentirosas.

Ainda era uma das primeiras horas da manhã, mas Ulisses não se conteve. Colocou sua cartola e foi em passos rápidos ao encontro do homem que talvez pudesse esclarecer algumas de suas dúvidas.

O velho Valêncio não era de dormir até tarde. Acordava com o primeiro raio de sol para aproveitar o dia com suas leituras. Apesar da claridade daquele início de manhã já ser suficiente para agradar as vistas, o velho estava sentado na penumbra do quarto com a janela fechada, compenetrado em um de seus volumes. Apenas a chama de uma vela iluminava o livro que estava lendo.

Três batidas tímidas de um punho contra a porta de madeira do seu aposento interromperam o ritmo da leitura. Não imaginava quem poderia ser.

– Está destrancada.

No ranger das dobradiças a porta descortinou a velha senhora que gerenciava a estalagem, ainda em seus trajes noturnos e olhos inchados por ter sido despertada contra a vontade.

– Desculpe incomodar a essa hora, meu filho.

– Incômodo nenhum, minha senhora. Dizem que quem muito dorme, pouco aprende – respondeu-lhe de modo simpático. – Posso prestar-lhe algum auxílio?

– Tem um homem insistindo que não vai embora antes de falar com o senhor.

Ulisses se revelou sob o batente, para surpresa de Valêncio.

– Ah... Senhor Ulisses. O homem da capital. Pode deixar, minha senhora – agradeceu, permitindo que a idosa pudesse retornar para aproveitar algumas horas a mais de sono.

– Por favor, fique à vontade – o convidou a entrar. – Como foi a patrulha desta madrugada?

– Nada de extraordinário – respondeu-lhe, cruzando a porta e tirando a cartola. – Mas podemos dizer também que foi uma vitória, já que mostramos que a floresta não é tão maldita quanto dizem, afinal éramos oito quando entramos e ainda éramos oito quando saímos – disse Ulisses. – O senhor quer que eu acenda esta lamparina? – apontou o candelabro preso na parede ao lado da porta.

– Não se incomode. Um quarto escuro provoca o imaginário. O medo de não enxergar o que pode estar escondido nas sombras me ajuda a entrar em sintonia com o meu objeto de estudo.

A estante de livros chamou prontamente a atenção de Ulisses por seus títulos estarem nas mais diversas línguas estrangeiras. Pelas capas, claramente eram leituras sobrenaturais ou agnósticas.

– Uma coleção um tanto curiosa a que o senhor tem aqui.

– De fato é, senhor Ulisses. No entanto, acredito que não conheça nenhum desses autores – retrucou fechando o livro. – A que devo atribuir sua visita a esta hora da manhã?

– Naquela noite na assembleia o senhor me impressionou com o seu conhecimento, digamos, distinto. Confesso que pensei a respeito, apesar de não haver nada mais do que teorias improváveis sobre a possível existência de algum tipo de...

– Senhor Ulisses – interrompeu –, não me envergonho daquilo em que acredito, mas peço educadamente ao senhor que, caso não tenha me procurado para ouvir, e sim para questionar ou ridicularizar minhas crenças, por favor, vá embora.

– Não, logicamente que não, senhor Valêncio. Eu não incomodaria a sua tranquilidade se não houvesse um extremo interesse de minha parte. Muito pelo contrário. Eu estou... curioso... para saber mais sobre essa criatura.

– Posso perguntar a que se deve esse súbito interesse? – perguntou o velho um pouco desconfiado.

Ulisses não queria dar sinais de sua recente descoberta. Não alterou sua expressão, continuou com a postura firme e o linguajar rebuscado. O cuidado com as palavras iria determinar se Ulisses permaneceria como interrogador ou se acabaria interrogado.

– É natural que um homem busque respostas quando confrontado por uma lógica que lhe pareça razoável. Discriminar qualquer tipo de conhecimento é fechar a porta para a luz de outras verdades que podem ser até mais verdadeiras.

Valêncio gostou da resposta do homem. Finalmente havia alguém naquela cidade com quem valia a pena ter uma conversa.

As histórias que estava prestes a revelar precisariam de uma mente muito aberta para aceitá-las, o que não parecia ser o caso de Ulisses. Mas estando em seu território, cercado pelos livros que legitimariam suas palavras, apostou na competência da sua argumentação, sem imaginar que o homem estava disposto a acreditar em tudo.

– Senhor Ulisses, a crença no que chamam de lobisomem é muito antiga e suas origens são as mais diversas possíveis. Cada vilarejo do mundo tem ou teve ao menos um caso, uma lembrança, um resquício que seja de memória mítica que

envolvesse uma trama de tensão entre o humano e o selvagem, entre o homem e o animal. O senhor conhece a história sobre um rei da Grécia Antiga chamado Licáon?

– Não posso dizer que conheça.

– Licáon foi um rei cruel que tentou induzir Zeus a comer carne humana e acabou sendo transformado em lobo como castigo. É uma lenda que, apesar de pertencer ao tronco folclórico mais bem preservado do mundo, esconde versões que abrem precedentes para muitas interpretações. Mesmo assim ela se mantém como o principal relato escrito da metamorfose de um homem em um animal selvagem.

– Mas uma lenda não possui credibilidade suficiente para ser considerada um fato histórico.

– Concordo. Porém, mesmo sendo uma lenda, influenciou a terminologia médica. O termo licantropia, citado pelo doutor naquela última assembleia, foi tirado do personagem principal dessa história.

Valêncio levantou-se da velha cadeira e buscou em sua estante um livro para mostrar a Ulisses. Agora que percebia que o homem realmente estava interessado, sentia-se mais à vontade para despejar suas suposições.

– O padre Antônio tem horror às minhas declarações porque sabe das diversas contradições do catolicismo romano. Desde o final do século retrasado, o Vaticano faz de tudo para não difundir a ideia de que Deus possa ter permitido a existência de seres com inteligência que não tivessem a forma humana ou que se transformassem em monstros por algum tipo de castigo. Os relatos de como alguém pode contrair a maldição vão desde herança genética até pacto com o diabo. Parece absurdo, mas, se nos propusermos a acreditar no que não parece compreensível ao nosso senso de realidade, as causas dessa metamorfose podem ser simples, como a infecção após um ataque da criatura, ou misteriosas, como a atribuição da culpa ao número 7.

– Número 7? – indagou Ulisses, sem entender a relação.

– É um algarismo enigmático, mencionado exaustivamente em toda a Bíblia. Não só representa o número de dias da Criação, como predomina nos versículos do Apocalipse. Alguns textos indicam que pode haver algum tipo de influência, mas ainda estou pesquisando.

Valêncio retirou da estante um livro. Não estava empoeirado e suas páginas estavam fáceis de manusear, indicando que era uma leitura recente. Entregou-o a Ulisses aberto em uma ilustração de um homem ao ser incendiado.

– Veja, senhor Ulisses. Durante a Idade Média milhares de pessoas foram queimadas vivas em praça pública por toda a Europa, justamente porque os maiores representantes da Igreja acreditavam que elas haviam cometido crimes terríveis

quando transformadas em animais. Este livro é um apanhado dos diversos casos em que homens foram julgados como licantropos, ou lobisomens, se preferir o termo, e condenados à fogueira depois de confessarem os crimes dos quais foram acusados. Cada história está na língua original do país onde ocorreu para preservar os detalhes dos relatos.

Ulisses folheou o livro e reparou nas ilustrações que sempre apresentavam alguma perversidade física sendo praticada contra o acusado.

– Sob tortura, uma confissão só é válida para a execução de uma pena outorgada por um tribunal. Não é necessariamente verdade – contestou Ulisses.

– Sim, mas vá à página 134.

Na referida folha, o desenho de um homem sombrio, com sobrancelhas farfalhudas, barba e cabelo compridos, ostentando unhas sujas e mal cortadas, estava na lateral, junto ao título do texto que o seguia: *Gilles Garnier: l'ermite de Saint-Bonnot – 1573*.

– Esse francês matou e devorou parcialmente dezenas de crianças. Ele acreditava realmente que se transformava em lobo e, quando confessou, estava bastante consciente dos seus atos, sem revelar qualquer sinal de demência ou outro tipo de perturbação mental. Ele confessou sem ser torturado – afirmou Valêncio, buscando em vão alguma expressão de surpresa no rosto firme de Ulisses. – O homem foi conduzido ao tribunal, onde declarou ter devorado um jovem cujo sabor era tão delicioso que ele levou um pouco da sua carne para a esposa provar. Ambos foram condenados à morte na fogueira.

Valêncio apresentou-lhe uma enormidade de histórias semelhantes que relatavam julgamentos tidos como autênticos, ocorridos na mesma época. Em seus livros estavam as supostas provas de que milhares de pessoas, durante séculos, acreditaram em lobisomens. Havia diversas narrativas que concordavam entre si, cópias de confissões dos acusados e depoimentos de testemunhas. Dos mais esclarecidos aos de mente mais fraca, todos estavam convencidos da existência evidente e inegável daqueles monstros. Duvidar deles na Idade Média teria parecido tão impossível quanto negar a luz do sol.

O velho apresentava as revelações de uma maneira tão crível que Ulisses se desviou de seu real interesse para aprender mais sobre aquelas teorias.

– Mas, se a crença nesses licantropos era de fato uma realidade, a ponto de a perseguição ser, pelo que entendi, justificada e executada por uma base religiosa, por que hoje existe essa resistência por parte da Igreja?

– O comércio da fé é um ramo disputado, senhor Ulisses – respondeu-lhe,

retornando à mesa com outro livro. – Na ambição de converter todos ao cristianismo, a Igreja precisa limpar a imagem negativa deixada pelo Tribunal do Santo Ofício durante a Inquisição. Só que, em vez de admitir o erro ou tentar reparar o que fez, prefere apagar a História. O senhor nunca se perguntou por que até hoje ainda chamam os fiéis de "rebanho"? É porque são animais domesticáveis. A fé vai sendo moldada de acordo com as necessidades da Igreja. Hoje, afirmam que as criaturas não existem, mas antes esses mesmos monstros já foram apontados como descendentes de Caim.

– Senhor Valêncio, eu acredito que alguns elementos desfavoráveis aos interesses religiosos possam ter sido ocultados, mas séculos de História não se apagam pela vontade de uma única instituição.

– No entanto, o senhor nunca tinha ouvido falar sobre tudo isso antes desta manhã.

Ulisses se calou. Não havia resposta para aquela observação precisa de Valêncio.

– A Igreja Católica acabou se tornando a grande antagonista da crença nessas criaturas – continuou o velho, passando os dedos sobre a chama da vela em sua mesa. – E, com a rápida expansão do cristianismo aqui no Ocidente, calcada nessa falsa verdade de que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, esqueceram algo importante que acabou sendo um dos maiores segredos da Igreja. Um segredo que remete a um dos seus santos.

Valêncio fez suspense. Queria ver se Ulisses realmente era dotado de um raciocínio astuto, capaz de deduzir sem muita explanação o que estava sugerindo.

O homem não precisou de muito tempo para decifrar a charada. Era característica sua prender-se ao menor dos detalhes e trazê-lo de volta quando precisasse.

– Cristóvão – completou Ulisses para a satisfação de Valêncio.

– Exatamente! – apagou a vela com os dedos. – São Cristóvão. O padroeiro dos viajantes.

– O que justificaria a reação exagerada do padre na assembleia.

– São Cristóvão recebe milhares de orações dos fiéis e sempre foi uma figura poderosa. Sua imagem apresentada pela Igreja é a de um homem supostamente alto carregando Cristo ainda criança sobre os ombros. Mas veja esta ilustração.

Valêncio virou o livro para que Ulisses pudesse ver. Na página havia uma pintura desgastada, mas de cores fortes, do que parecia ser um homem com cabeça de cachorro olhando para os céus, vestido com uma túnica vermelha sobre uma veste

dourada, apoiando a base de um cajado no chão.

– Alguns dos relatos sobre a vida desse santo sobreviveram nas regiões da Grã-Bretanha pelo fato de os monges irlandeses saberem grego e a cultura celta não ter sido tão influenciada pelos romanos quanto as outras culturas europeias.

Alvoroçado pela oportunidade de palestrar sobre seus estudos, o velho contou a Ulisses uma biografia antiga de Cristóvão, livre das amarras castradoras da teologia judaico-cristã. Nessa versão ele era um mercenário conhecido como Reprobus. Por ter a altura de dois homens, aparência aterradora e ser mais forte que um touro, oferecia seus serviços como guerreiro a quem pudesse pagar mais. Em sua ambição, procurou o maior rei de todo o mundo para servir, e Satanás, aproveitando-se da sua cobiça, se fez passar por soberano da Terra para que pudesse usufruir de suas habilidades militares.

Segundo a história que Valêncio narrava com entusiasmo, nos anos em que Reprobus servia ao diabo, executava seus serviços com presteza, mas era triste. Após anos de servidão, presenciou Satanás temendo o símbolo da cruz e, percebendo que havia sido enganado, o abandonou.

Ao caminhar errante pelas montanhas da Índia, Reprobus encontrara um eremita que o apresentou à profecia do Messias e lhe ensinou que o maior dos dons não era a força, mas sim a prática do bem, e que era através da ajuda ao próximo que ele seria reconhecido como servo do verdadeiro rei do mundo.

Na sua nova busca, reparou num córrego caudaloso de águas traiçoeiras que já havia matado diversos viajantes que tentavam atravessá-lo e construiu uma cabana à sua margem. Sempre que alguém se aproximava para cruzar o riacho, prontamente ele se apresentava para carregá-lo em seu ombro. Mas, devido à sua figura assustadora, por mais que escondesse o rosto, a maioria dos viajantes recusava sua ajuda e acabava tentando a própria sorte. Muitos ainda morriam sem que ele pudesse fazer nada.

Numa certa manhã, um garoto apareceu sozinho à sua cabana e pediu, sem medo, que o ajudasse a atravessar. Reprobus atendeu ao pedido e o colocou sobre o ombro. À medida que cruzava as águas, a cada passo seu a criança ficava mais e mais pesada. Parecia carregar o peso do mundo sobre as costas. O sofrimento era grande e suas pernas começaram a estremecer. Poderia abandonar o menino no riacho e se salvar, mas resistiu bravamente e levou seu passageiro em segurança. Chegando do outro lado, desabou sobre os joelhos. O menino, percebendo a surpresa do gigante, se aproximou e disse: “Em teus ombros, levaste mais que o mundo inteiro. Tu carregaste o Senhor do Mundo. Eu sou Jesus, aquele a quem tu serves.”

– Quando soube que aquele era o Messias, Reprobus ficou em paz. Sua aparência selvagem não assustava mais os viajantes, pois estava feliz e sua alma era boa. Foi a partir dali que mudou o nome para Cristóvão, ou seja, "aquele que leva Cristo" – terminou Valêncio com a voz empostada ao final de uma bela narração.

Ulisses estava perplexo com o conhecimento, ou imaginação, do velho. Independente de qual fosse, não dava para negar que Valêncio era muito bem versado em culturas pré-cristãs, além de excelente contador de histórias.

– Compreende, senhor Ulisses? A Igreja não pode admitir a origem de um santo como sendo a imagem do mal que pregou por séculos. Com o tempo as escrituras passaram a mencionar cada vez menos a origem de Cristóvão e ela acabou sendo removida de praticamente toda a literatura ocidental.

– Mas se a fera que supostamente anda pela floresta desta vila for algum tipo de derivação perdida dessa criatura, ou de alguma outra, claramente não se trata de nenhum santo.

– Sim, mas registros mostram que o comportamento violento vem da sua natureza selvagem e não da maldade. Concordo que São Cristóvão possuía uma consciência diferenciada, talvez por ser de outra raça. Mas um homem diagnosticado com licantropia, quando transformado, perde a personalidade humana.

– Isso não muda o fato de que temos que acabar com essa criatura.

– Ou salvá-la! – contestou Valêncio. – O maior sofredor nesse caso não são as vítimas, mas aquele que carrega a culpa por permanecer vivo e não saber o que fez antes de recobrar os sentidos.

– Senhor Valêncio, não podemos ignorar a ideia de que essa manifestação possa ser a libertação de uma brutalidade reprimida. O que só pode ser combatido com violência.

Ulisses não costumava resolver seus problemas convidando o assassino para conversar sobre seus traumas. Muito menos pretendia discutir comportamento com uma criatura enorme e feroz que, em sua opinião, nem deveria existir. Só o que estaria disposto a escutar seria um berro alto ecoando do cano de sua pistola para mais um futuro cadáver.

– Alcance para mim o livro ao seu lado com os escritos em russo, por favor – pediu-lhe Valêncio, apontando para a estante.

– Não preciso de mais histórias que busquem a comprovação da existência dessas anormalidades. Eu preciso de algo que me ajude a acabar com essa criatura... Se é que ela realmente existe – corrigiu-se a tempo para não ser desmascarado.

– É isso mesmo que eu quero mostrar.

Ulisses pegou o volume requerido e o entregou a Valêncio. Suas páginas estavam surradas, mas a costura era firme.

– Quem sabe esta ilustração faça o senhor abrir o coração para a melhor maneira de combater esse mal.

Valêncio devolveu o livro aberto na página em que estava uma figura marginal de Jesus rodeado por criaturas que possuíam cabeça de cachorro e andavam sobre as duas pernas, como Reprobus.

– Este é Jesus pregando aos *Cynocephali*, uma raça que habitava as montanhas da Índia. Nos dezoito anos da ausência de Cristo na Bíblia, em suas peregrinações, ele foi para lá por saber que essa raça queria se ver livre de sua selvageria e canibalismo, a exemplo de Cristóvão. As histórias dessas viagens estão espalhadas pelo mundo em salmos e evangelhos apócrifos, desconsiderados pela Igreja. Esse livro é uma cópia do Saltério de Kiev. Tenho outros manuscritos na estante que também ilustram esses encontros de Jesus com outras raças antes que voltasse à Palestina para ser batizado por João. Posso pegá-los se o senhor quiser.

– Agradeço, senhor Valêncio, mas este já é suficiente.

– Jesus nunca desejou que essas criaturas fossem mortas. Nunca desejou o mal a qualquer ser vivo, mesmo que possuído por alguma maldição demoníaca, como no caso dos licantropos. O que pregava era a salvação através da palavra. Mais difícil do que matar, senhor Ulisses, é perdoar.

– Onde está aquele desrespeito pelos costumes religiosos que vi na assembleia? – perguntou, sem reconhecê-lo como a pessoa que tentava quebrar os dogmas beatos. – Achei que, pelo fato de o senhor ser desprovido de religião, seria o primeiro a aplaudir a morte desse monstro!

– Eu não sou desprovido de religião, senhor Ulisses. Pelo contrário. Todo o meu conhecimento nessa área vem da minha época como sacerdote.

Ulisses franziu as sobrancelhas numa expressão de estranhamento. Parecia estar num labirinto, onde os múltiplos caminhos o afastavam cada vez mais do seu centro racional.

– Não me parece muito plausível a ideia de que o senhor tenha sido um servo de Deus.

– Ainda sou, mas não tenho autorização para usar a batina há muito tempo. Uma desgraça, maior do que qualquer outra que eu já tivesse ouvido, fez-me prestar mais atenção às perversidades do diabo.

Seu olhar ficou inerte. Valêncio parecia lembrar de algo do passado que o assombrava.

– Eu não concebia a ideia de que um cristão que frequentava minha paróquia e ouvia meus sermões fosse capaz de cometer um crime tão... tão cruel! Eu precisava entender, mas, na minha fé, nas palavras do Senhor, não havia resposta. Procurei uma leitura que me explicasse até que grau a maldade de um homem podia chegar e acabei caindo sobre textos que relatavam as interferências dos demônios na alma humana. E não eram poucas, senhor Ulisses. Foi ali que eu percebi que as obras do diabo precisavam ser vistas com cuidado.

O velho saiu de seu transe induzido pela memória funesta de um passado antigo e voltou seu olhar a Ulisses.

– Quando questionei o clero sobre as intervenções demoníacas capazes de transformar o corpo e a mente de um homem, em vez de me apoiar, o bispo me expulsou por buscar contato com essas criaturas há tanto tempo repelidas pela Igreja. Deram-me a opção de deixar isso de lado, mas eu precisava ir adiante. Achei que, se entendesse melhor esses seres amaldiçoados, talvez pudesse lutar contra suas manifestações e impedir que uma desgraça como aquela acontecesse de novo.

– Não estou querendo ensinar um... ex-padre a rezar a missa – satirizou Ulisses –, mas é previsível uma punição a um sacerdote que desafia os dogmas da sua própria Igreja.

– Acontece, senhor Ulisses, que, quando no seu íntimo você compreende o real significado da palavra de Deus, os dogmas religiosos caem por terra e você percebe que no Plano da Criação somos todos semelhantes. Essa criatura pertence à nossa natureza. Se a salvarmos, poderemos estar salvando a nós mesmos.

– No meu entender, o senhor está querendo absolver um assassino que mata crianças e mulheres. É a esse tipo de criação que o senhor se julga semelhante?

– Essa criatura é uma manifestação dos caprichos do diabo! Ela é atraída por pessoas que ainda não receberam a graça do batismo porque sem ele a alma não tem o direito de entrar pelas portas de São Pedro. O diabo sabe e se aproveita disso. Geralmente são crianças que aparecem mortas porque alguns pais esperam mais do que outros para dar essa proteção invisível aos seus filhos. Até mesmo um embrião no ventre da mãe atrai a besta porque sua alma ainda não recebeu a proteção do primeiro sacramento. Muitas dessas mulheres morreram sem sequer saber que esperavam um filho.

– Nesses termos, não deveriam então aparecer tantos homens ou animais mortos pela floresta.

– Não podemos ignorar o fato de que a criatura é um ser vivo e precisa se alimentar. Quando um animal tem fome ele não faz distinção se a presa é homem ou

mulher. E também não devem ter sido poucos os homens que já tentaram machucar essa fera. Talvez, por ter sido atacada tantas vezes por caçadores, associe a imagem de qualquer homem a uma possível ameaça. Talvez por isso seja tão agressiva.

– Se tantos já perseguiram essas criaturas, seria natural encontrar ao menos uma cabeça empalhada na casa de algum caçador. Como na do pai de Vicente – lembrou-se Ulisses dos troféus dos quais Carlos George se gabava.

– Em todos os textos que li, não há sequer um único relato em cujo final haja um herói. Apenas vítimas. Os que sobreviveram afirmam que nada parece conseguir perfurar o corpo da criatura.

– O senhor está me dizendo então que não há maneira de impedir que ela perpetue essa truculência? Estamos falando de um animal maldito que não conseguimos matar?

– Senhor Ulisses, a Inquisição mostrou que, quando não estão transformados, eles morrem como qualquer outro homem.

– Mas e transformados?! Não existe arma que possamos usar?

– Na maioria dos livros não há menção alguma. Em alguns volumes maiores, as páginas que poderiam conter qualquer coisa sobre o assunto foram arrancadas. Mesmo assim, são poucos. Parece haver um certo tipo de... aceitação... de que a criatura deva continuar perpetuando sua sina até o fadário acabar ou ela ser salva, mas nunca morta.

– Então, caso presenciemos a perseguição desse monstro a uma mulher que carrega o filho de nove meses na barriga, teremos simplesmente que aceitar o desejo animal do assassino em vez de salvar a vida de duas pessoas inocentes? – questionou Ulisses, incrédulo. – O senhor vai me desculpar, mas, se realmente essa criatura for uma maldição do diabo, Deus não ficaria de braços cruzados só olhando o cachorro do capeta beber o sangue de uma criança que nem teve a chance de nascer.

Agora ambos estavam em silêncio. Ulisses não aceitava a condição imortal da criatura. Precisava encontrar uma maneira de feri-la, a fim de planejar uma busca que trouxesse resultado.

O olhar de Valêncio denunciava saber algo que não tinha certeza se deveria compartilhar. Se Ulisses não estivesse envolvido no seu próprio desespero silencioso, perceberia o nervosismo do velho e o obrigaria a revelar tudo o que sabia. Mas não foi necessário. Na postura alarmada de Ulisses transpareceu a real preocupação com a segurança e Valêncio resolveu narrar uma última história.

– O que eu vou contar ao senhor não se encontra em nenhuma literatura, senhor

Ulisses... Como não há registro nenhum, a credibilidade nessa história é ínfima. É mais provável que seja apenas uma lenda.

Ulisses ouviu com atenção. Agora que encarava novamente o velho nos olhos, percebeu que, apesar da introdução, a história teria informações preciosas.

– Já faz um bom tempo que atravessei o interior da França e, numa vila, ouvi uma história interessante sobre um vilarejo do sul que tinha ficado conhecido porque os moradores falavam de um monstro que os aterrorizava. Uma história muito parecida com esta que estamos vivendo por aqui. Um cavaleiro que estivera nas Cruzadas, buscando a recompensa oferecida para quem matasse a tal criatura tida como um monstro enorme de pelos negros, apareceu na cidade. Por várias noites, fez vigília na floresta e não a viu. Mas numa noite clara ela apareceu. Por mais que o homem tentasse, sua balestra foi incapaz de ferir o corpo do animal. Nem o arranhava. Perdido, o cavaleiro rezou por uma solução, ajoelhado diante de um altar onde uma missa havia acabado de ser realizada. A cera quente de uma vela pingou sobre a ponta de uma das suas flechas e, interpretando aquilo como um sinal divino, o homem untou todas as outras flechas na cera da vela abençoada. Na outra lua cheia, ele viu a fera novamente na floresta e sua arma perfurou o peito da besta logo no primeiro disparo. A criatura ainda conseguiu rastejar, mas não foi longe e o carrasco atirou-lhe no pé, acertando bem no quinto dedo. Um disparo certeiro na lateral do crânio acabou com a vida da fera. A vitória foi celebrada na cidade, mas a notícia da coragem e bravura do cavaleiro não se espalhou pela Europa porque, no mês seguinte, depois de uma noite com bastante neblina, ninguém mais ouviu falar nem do carrasco nem da vila, que foi abandonada e caiu no esquecimento.

A história terminou com um tom de mistério.

– O que mais? – indagou o homem, insatisfeito com o desfecho.

– Mais nada, senhor Ulisses.

– O que aconteceu com a cidade?

– Se eu soubesse, isso não seria uma lenda, não é verdade? Como eu disse, é só um conto regional que provavelmente muda a cada vez que é narrado.

Ulisses parou com as indagações e resolveu, estacado ali, olhando o infinito, digerir a informação devorada enquanto ainda estava recente. Sua mente estava cheia de novos dados que precisaria interpretar para poder aplicá-los a uma nova metodologia de combate.

– Senhor Ulisses, o senhor me perdoe, mas, se não se importar, quero manter a minha meta de leitura. Não quero que o conhecimento fique apenas sobre essa estante.

Se não fosse pela interrupção, o homem ficaria ali em pé por horas até afunilar as opções de sua próxima ação.

– Absolutamente, senhor Valêncio. Agradeço pelo seu tempo. Suas histórias foram de fato muito... esclarecedoras.

Um sorriso compartilhado foi a despedida. Ulisses colocou novamente sua cartola e virou-se em direção à saída.

– Um parêntese! – disse o velho antes que o homem cruzasse por completo a sua porta. – Caso o senhor fale com alguém sobre esta nossa conversa, diga que abandonei a batina por causa do voto de celibato.

– Tenho certeza de que não acreditariam em outra coisa – Ulisses correspondeu à brincadeira e saiu, deixando Valêncio na companhia dos livros.

Não foi necessário um dia inteiro se passar para que Ulisses conseguisse detalhar um projeto de segurança emergencial que havia idealizado após seu encontro com a fera na floresta e a sequente conversa com Valêncio.

No gabinete de Ronaldo Magalhães, o homem despejou um amontoado de papéis sobre a mesa.

– O que é isto? – perguntou-lhe o alcaide sem se importar em levantar-se.

– Um projeto de proteção para o vilarejo. Quero que comece de imediato. Cada uma dessas torres deverá ser construída exatamente de acordo com esse relatório e colocada nos pontos indicados.

Ronaldo pegou o caderno e reparou que nele havia um mapa com os limites da Vila Socorro onde estavam apontados os acessos mais prováveis que alguém, ou algo, poderia utilizar para sair da floresta e caminhar em direção ao centro. Nos rascunhos detalhados de Ulisses constava uma descrição rigorosa do formato, altura e material a ser utilizado na construção de pequenas torres que sustentariam um sino na parte superior. Em todo local vulnerável, perto do qual houvesse uma propriedade ou comércio, um campanário seria erguido. Suas distâncias também respeitavam um padrão para que, assim que o som de alerta de algum dos sinos mais afastados fosse ouvido, outro mais próximo pudesse soar até o ruído ecoar na praça central.

– Senhor Ulisses, eu sei que concordamos em aceitar os seus métodos sem questionamento, mas o senhor poderia me explicar como a construção desses campanários poderia nos ajudar?

– O som servirá de alerta. Colocando essas torres nos pontos ilustrados no projeto, toda a extensão da vila ficará em estado de atenção em pouco tempo,

independentemente de que lado venha a ameaça.

– Para concluir essa obra eu precisaria usar o fundo da vila. E como método de precaução temos o toque de recolher, que já não agrada muita gente.

– Senhor alcaide... – aproximou-se Ulisses com um sorriso venenoso no rosto. – O senhor precisa aprender muito sobre política. Quem controla o humor do povo controla o poder. Obras públicas trazem a simpatia da população e, consequentemente, permitem que as atuações necessárias para remediar um problema, mesmo que controversas, possam contar com grande aprovação. Com a construção desses sinos o senhor poderá retirar o toque de recolher. Isso aumentará sua popularidade para tentar administrar novamente a cidade ou, quem sabe, indicar um substituto. E, caso me permita a sugestão, o Dia dos Fiéis Defuntos é na próxima semana. Se o senhor se apressar poderá inaugurar a obra em uma data religiosa importante. O anseio em fazer algo para proteger esta vila pode ser associado ao sentimento de perda desse feriado, deixando suas intenções ainda mais comoventes.

Posta daquela maneira, a ideia de Ulisses agradou, e muito, o alcaide. Ronaldo já estava cansado de representar a vila e sabia do interesse de Carlos George em fazer de Vicente o novo dirigente. A vontade de se retirar do cargo era segredo e, se ele tivesse alguns bons acertos antes de ser convocada a assembleia para escolher um novo alcaide ou decidir sua permanência, teria mais forças para uma negociação que o beneficiasse financeiramente.

O alcaide Magalhães pegou novamente o projeto em suas mãos. No seu teatro olhou o caderno com uma atenção demasiadamente forçada, cerrando os olhos, e se fez de difícil na óbvia movimentação lateral da cabeça, que tinha como intenção aparentar descontentamento. Por fim, levantou seu rosto para Ulisses e compartilhou do sorriso venenoso.

As folhas do obituário do tempo eram rasgadas a cada dia que morria. O mês de outubro já estava no fim e, com a aproximação do feriado, as obras tiveram seu ritmo acelerado.

Ronaldo não poupou os marceneiros de trabalhar dobrado durante o final de semana e as armações dos campanários já estavam praticamente prontas. Sua estrutura, apesar de firme, era de uma construção muito simples, com a finalidade de aguentar apenas um sino no topo além de uma corda para tocá-lo.

As torres foram espalhadas pelas entradas e saídas da floresta que invadiam a cidade. Entre elas, uma foi ancorada na frente dos portais do cemitério, ao lado do qual havia uma trilha saindo da mata. Outra, que era a maior delas e deveria servir

como alerta principal, foi erguida junto ao coreto no meio da praça central, em frente à igreja.

Século XX. 2 de novembro de 1920. Lua minguante.

Na manhã do feriado de Finados, Ronaldo convocou os moradores a comparecerem à praça principal para acompanhar a colocação do último sino e prestigiar o evento de finalização das obras.

Em seu discurso inflamado o alcaide apresentou as vantagens que o alarme sonoro traria e eliminou, a partir daquele dia, o toque de recolher. Sob o olhar astucioso de Ulisses, os moradores presentes ovacionaram a ação do administrador, que havia acabado de libertá-los do encarceramento mensal.

O vilarejo de Socorro era uma comunidade de fortes costumes religiosos e o Dia dos Fiéis Defuntos figurava no calendário católico como data importante para celebrar a vida eterna dos já falecidos e visitar os seus túmulos. Foram poucas as famílias que apareceram no cemitério durante o dia. A maioria esperou para acompanhar a romaria que sempre acontecia todos os anos após a missa das seis da tarde.

Do alto da torre da igreja, o ponto culminante da vila, o sino emitiu seu timbre metálico inconfundível, lembrando os fiéis de se apressarem porque a celebração estava prestes a ter início. Aquele era um dia de grande frequência popular. Os últimos que chegavam não tinham mais onde sentar e precisaram se amontoar no fundo do templo.

O sermão daquela noite foi enfático. O padre Antônio dos Santos sentia cada palavra que saía de sua boca e a interpretava como se fosse o próprio crucificado. Os fiéis, com os olhos fechados, estavam compenetrados nas fortes sentenças com que o vigário discursava.

Em um dos compridos assentos de madeira ao centro da igreja estava Ulisses, que não se preocupava em acompanhar a harmonia das mãos erguidas pedindo clemência. Ele sequer prestava atenção às palavras do sacerdote. Seu interesse ali era outro.

– Jesus está no alto de Sua cruz! – gritou o padre Antônio ao lado das velas que queimavam no altar. – Suas mãos e pés exaurem Seu santíssimo sangue. Seu rosto, desfigurado, não revela mais a beleza do homem que foi. Seus olhos mal podem enxergar Sua mãe e as santas mulheres que O acompanham na Sua agonia. Sua tristeza é infinita; Seus discípulos O abandonaram e covardemente se escondem em Jerusalém e redondezas, temerosos da perseguição de César e dos judeus. O sangue

que vem da coroa de espinhos turva-Lhe a visão. Ele ouve ainda os risos e as imprecações dos soldados e da gentalha que ali se reuniu para assistir à Sua morte, mas no meio de tanto ruído, de tanta dor, Ele ainda tem forças para ouvir o que Lhe diz o bom ladrão.

– "Jesus, lembra-Te de mim quando vieres com o Teu reino" – evocaram os fiéis em tom uníssono.

– Reunindo o que resta de força no Seu corpo tão castigado, o Senhor lhe faz uma promessa: "Em verdade, Eu te digo, hoje estarás comigo no paraíso."

O padre abriu os olhos e sorriu, abandonando as palavras sofridas.

– Assim, senhor Jesus, como prometestes ao bom ladrão, venho implorar no dia de hoje que o paraíso seja morada da alma imortal de todos os nossos queridos que pereceram. Que suas almas possam consagrar a promessa inesquecível de que sim, eles estão convosco no paraíso.

Ligados por uma fé, naquele Dia de Finados todos agradeceram a Jesus em seu silêncio por ter morrido pelos homens. Após um cântico acompanhado de um último ensinamento, a missa foi finalizada e as velas foram retiradas do altar para o início da romaria ao cemitério.

O grande salão foi se esvaziando. Quando todos se foram, sobrou apenas Ulisses. Sozinho no meio da igreja, reparou que restara uma única vela acesa sobre o altar. Aquele simples adorno que timidamente esvaecia assumiu toda a sua simbologia, exercendo um poder atrativo sobre Ulisses. No seu conflito interno para abandonar o racional, o homem ponderou sobre a lenda francesa relatada por Valêncio e caminhou atéa vela, que queimava sobre um pote raso de cerâmica. Ulisses o tomou em suas mãos e rememorou a imagem da criatura passando em frente a seus olhos por entre as frestas das árvores. Alcançou sua pistola na cintura e, com a mesma mão que a segurava, retirou as balas da arma e as colocou sobre o altar. A cerâmica foi inclinada e o líquido que escorreu do corpo da vela as untou. Ulisses, enquanto derramava a cera quente sobre os projéteis, olhou para o rosto de Cristo crucificado, na parede logo acima, encarando-o de volta no seu inerte olhar julgador.

No alaranjado do crepúsculo vespertino a romaria seguiu em direção à morada dos antigos. O cântico religioso entoado pelas mulheres era abafado pelo choro dos que perderam familiares havia pouco tempo. O Dr. Dário caminhava muito abatido entre os presentes. Ao seu lado estavam seu ex-futuro genro, Vicente, junto com seu pai, Carlos George, e Flávia, que também viera acompanhá-los para homenagear a memória da melhor amiga.

Com a aproximação dos lamuriosos, Seu Sebastião abriu os portais do cemitério. Sem muitos visitantes durante o ano, no feriado de Finados o terreno era pequeno para acolher os padecentes. Flores embelezavam aquela paisagem triste e as flâmulas dos círios depositados sobre as lápides iluminavam os caminhos por entre as sepulturas.

Todos já tinham encontrado os túmulos dos seus parentes ou amigos e rezavam prostrados em frente às chamas das velas brancas que haviam trazido da igreja. De roupas sujas, barba fechada e uma magreza excessiva que denunciava sua apatia, Álvaro apareceu de mãos vazias nos portões da necrópole. Sua figura sofrida, debilitada pela falta de zelo, indicava que a culpa era o único alimento que o sustentava. A dor não diminuíra com os meses e, desde a morte de Alana, ele não havia posto mais os pés na cidade. Mas naquele dia simbólico achou que deveria estar presente para implorar pelo perdão da morta. Sua amada era merecedora do seu mais sincero pedido de desculpas.

O jovem entrou no campo-santo e caminhou em direção ao mausoléu da família Bastos de Oliveira, mas logo viu que o monumento estava ocupado por Dário e seus acompanhantes. Álvaro então resolveu prestar primeiramente seus sentimentos perante as lápides da mãe e irmãs, para aguardar um momento mais calmo em que pudesse conversar a sós com a jovem enterrada.

O coveiro reparava de longe nas pessoas em sua apresentação anual de sofrimento quando seus olhos caíram sobre Álvaro. Procurou lembrar-se de onde conhecia aquele rapaz magro de rosto chupado e corpo tão frágil. Não desgrudou seus olhos do jovem, tentando ligar a feição do rapaz à imagem desfigurada que tinha em sua mente. Sua única certeza era de que já o havia visto. Mas Álvaro estava muito diferente e o velho não poderia ser culpado por não o reconhecer de imediato. O corpo esquálido e os pelos longos no rosto afastavam a imagem do jovem saudável que um dia fora.

A resposta às indagações do coveiro estava ao seu redor. Quando viu Dário chorando por Alana, um calafrio arrepiou-lhe os cabelos da nuca. O velho venceu a esclerose da qual julgara ter sido acometido e finalmente conseguiu lembrar-se do rapaz. Imediatamente, foi ao encontro do doutor e interrompeu a pequena reunião que acontecia na frente do mausoléu dos Bastos de Oliveira.

– Doutor Dário, desculpa incomodar...

O médico estranhou o olhar apreensivo do coveiro e sua preocupação em esconder as palavras. Pelo tom da sua voz e pela curta distância a que estava, certamente tinha algo muito importante a dizer.

– Pois fale.

– Pode não ser nada, mas acho que o senhor devia saber mesmo assim. No dia em que a filha do senhor morreu, tinha um rapaz dormindo no túmulo amaldiçoado do louco Bastiano. E...

– E o quê? – Dário arregalou os olhos.

– A roupa dele estava toda rasgada e a pele parecia pintada de tanto sangue. Achei que o coitado tivesse sido atacado pelo cão do capeta, mas aí ele levantou e saiu correndo.

Dário ficou atônito com a notícia.

– E... e por que diabos o senhor não relatou isso?! – esbravejou irritado, buscando conter-se como podia para não incomodar os demais presentes no cemitério.

– Nunca mais tinha visto o rapaz. Demorei para reconhecer porque ele está diferente.

– Ele... ele está aqui? – espantou-se Dário, não acreditando que podia estar no mesmo terreno que o possível assassino de sua filha.

O coveiro apontou para Álvaro e Dário ficou sem reação ao ver aquele jovem sujo, ajoelhado em frente aos túmulos da família, tão fraco que não parecia ser ameaça a ninguém.

Em Vicente percebia-se o ódio que começava a transbordar por seus olhos de homem traído. Sua expressão de raiva assustaria o mais aguerrido dos homens. Ele correu na direção de Álvaro, mas, antes que pudesse alcançá-lo, Dário o pegou pelo braço.

– Não, Vicente! Espera. Essa acusação é muito séria.

Vicente obedeceu à ordem do médico, mas não se acalmou. Sua respiração ofegante denunciava que estava prestes a fazer algo por impulso, mesmo se nada do que o coveiro havia dito fosse verdade.

– Sebastião... Tem certeza de que aquele é o rapaz que o senhor viu? – indagou o doutor Oliveira uma última vez.

– Ele não tinha barba e o cabelo não estava assim tão grande, mas garanto ao senhor que é ele, sim – confirmou o coveiro. – Mas também pode ser coisa da minha cabeça velha. Só achei que o senhor devesse saber. Os senhores me deem licença.

Dário sequer notou que o homem havia partido. Não conseguia tirar os olhos de Álvaro, tão próximo dele; aquele que podia ser o carrasco que estuprara e esquartejara o corpo de sua única filha. Não existia nada no mundo que quisesse mais do que encontrar o homem que havia tirado a vida de Alana de forma tão cruel,

mas mesmo com todo o rancor corroendo-o como um câncer ele não poderia infligir a um inocente o sofrimento que almejava ver o assassino sofrer.

– Precisamos de confirmação, Vicente – disse com lágrimas nos olhos.

O jovem não tinha como atender, naquele momento, ao pedido do doutor, mas sabia quem poderia. Vicente se apressou em sair do cemitério na busca da única pessoa que saberia como agir.

Naquele mesmo dia os patrulheiros de Ulisses invadiram a residência de Álvaro. O jovem ainda não havia chegado do cemitério. Assim que Vicente relatara a informação recebida do coveiro, Ulisses juntou todos os seus homens e partiu de imediato para o rancho do acusado para vasculhar a casa.

Já estava escuro quando chegaram. O local parecia abandonado. Legumes podres descansavam sobre um prato na mesa de jantar, servindo de sustento à larva das moscas. O alimento estragado exalava um odor desagradável pela sala e as baratas corriam livremente pelo piso.

Os homens acenderam algumas lamparinas e procuraram qualquer coisa que pudesse incriminar o morador do casebre. Os móveis foram ao chão, as cortinas, arrancadas e as gavetas, reviradas sem cuidado.

Ulisses deixou Vicente e seus homens encarregados de vasculhar todos os cantos do andar de baixo e subiu a escada estreita que levava aos aposentos. Dos três cômodos de cima, apenas um estava com a porta encostada. Nos outros podia-se ver que, apesar de serem mobiliados, ninguém dormia sobre as camas havia muito tempo.

Aproximando-se da porta fechada na ponta do pequeno corredor, um mau cheiro forte obrigou Ulisses a cobrir o rosto com um lenço. Quando a abriu, viu o vômito seco repousando sobre o assoalho apodrecido e uma garrafa de álcool deitada, pingando suas últimas gotas sobre o pequeno tapete encharcado. O penico debaixo da cama transbordava um líquido grosso de fezes misturadas à urina. A única janela do cômodo permanecia fechada represando aquele odor.

Ulisses analisou o local sem atravessar o batente da porta. Não queria arriscar dar mais um passo naquele antro de imundície. Enojado, mapeou atenciosamente o quarto a distância e, quando seus olhos caíram sobre o criado-mudo, reparou que atrás da garrafa vazia havia uma luva rasgada que certamente não pertencia a um homem. Intrigado, aproximou-se cuidadosamente e, com sua bengala, levantou a peça que estava sobre o móvel. Ficou um tempo observando-a com olhar curioso, certo de que havia encontrado algo importante.

Vicente escutou a madeira dos degraus rangendo e viu Ulisses descendo as escadas em passos lentos, segurando a luva. Imediatamente ele a reconheceu como sendo uma veste de Alana e correu para pegá-la. Assim que a teve nas mãos, cedeu a barragem dos seus olhos marejados e a enxurrada de lágrimas correu livremente. O rapaz gritava o nome da morta e seu choro amargo contagiou os homens ali presentes, que compartilharam da sua dor. Deixaram que ele expressasse sua raiva, esperneando e esmurrando as paredes sem receber qualquer tipo de censura. Toda a paixão que Vicente cultivara desde pequeno fora-lhe arrancada brutalmente e ter aquela luva rasgada diante de si foi como receber uma carta póstuma de rejeição da pessoa que mais amava.

Os homens estavam tão contaminados pelo sofrimento de Vicente que não repararam que Álvaro havia acabado de chegar e estava do lado de fora, estranhando toda aquela movimentação em sua sala.

Ulisses, surpreso ao percebê-lo ali parado sob o batente da porta, ficou encarando-o sem palavras. Quando os homens mais próximos do rapaz seguiram o olhar vidrado do comandante, pegaram Álvaro e o arremessaram para dentro do casebre.

Pela força como foi puxado, o jovem se desequilibrou e caiu ao chão. Vicente o viu derrubado e, acometido por uma cólera incontrolável, começou a espancá-lo com violência desmedida. Seus pontapés e murros tinham o rosto do rapaz como alvo.

No chão, indefeso, Álvaro tentava se proteger, mas as investidas do agressor eram severas. Seu rosto foi ficando desfigurado. O nariz já estava quebrado e eram poucos os dentes em sua boca. Um dos patrulheiros ameaçou tirar Vicente de cima do rapaz, mas Ulisses, com um movimento de mão, ordenou que não se mexesse. Álvaro não tinha mais forças nem para tentar se defender, mas Vicente continuou castigando-o.

O comandante finalmente autorizou que interrompessem a violência. Dois homens foram necessários para afastar Vicente. Seguravam-no com firmeza, mas ele estava descontrolado; gritava sem parar para que o largassem.

Ulisses aproximou-se de Álvaro ensanguentado no chão e ajoelhou-se.

– É você o responsável pelas mortes desta vila, meu jovem? – perguntou, indo diretamente ao ponto.

Álvaro ficou calado. Um de seus olhos estava inchado, enquanto o outro tinha o supercílio aberto, vertendo sangue sobre suas vistas. Ele tentou reconhecer quem era aquele homem de preto parado à sua frente, mas nunca o tinha visto.

Sem resposta, Ulisses afastou-se do espancado e fez um movimento positivo

com a cabeça aos homens que seguravam Vicente. Prontamente eles entenderam a ordem para libertar o rapaz, que, ao abandonar os braços dos companheiros, voltou a esmurrar a cabeça de Álvaro com violência. Seus chutes também atingiam o estômago, pernas e virilha, enquanto os punhos duros eram certeiros no nariz, nos olhos e na boca. O sangue no rosto do agredido se confundia com o dos punhos abertos do agressor, que não aparentava cansaço.

Vicente só podia ser contido à força. Mais uma vez os homens o seguraram contra sua vontade para que Ulisses pudesse voltar a interrogar o suspeito.

– É você o responsável pelas mortes desta vila, Álvaro? – repetiu a pergunta.

O rapaz não respondeu. Além de o silêncio previamente incriminá-lo, sua culpa foi confirmada ao chorar abaixando os olhos.

– Vamos levá-lo ao gabinete do alcaide – disse o comandante, pondo-se novamente de pé e ordenando em seguida que largassem Vicente, que lutava de forma quase incontrolável para se libertar.

Solto, o jovem avançou enfurecido e deu um último chute no rosto de Álvaro, que não suportou o impacto e perdeu os sentidos.

Ulisses admirava-se frente a um espelho. Passou a mão sobre os cabelos grisalhos antes de, impecavelmente, ajustar a cartola sobre a cabeça. Virou-se de frente para uma pequena porta de madeira, diante da qual esperou pacientemente.

A porta se abriu e ele colocou seus pés dentro do galpão das assembleias com as mãos para cima, ao som quase ensurdecedor das palmas calorosas dos habitantes da Vila Socorro. A cidade inteira estava presente para prestigiar seu herói.

O alcaide Ronaldo Magalhães estava à frente do povo com um sorriso orgulhoso no rosto. Ulisses se curvou em agradecimento aos que o ovacionavam como se tivesse acabado de encerrar um grande espetáculo. Aquele era o seu dia de glória.

Pela mesma porta por onde havia entrado, ordenou que dois de seus rapazes da patrulha trouxessem Álvaro acorrentado. Quando ele entrou sob as vaias raivosas da população, o velho Valêncio, que também estava no local, espantou-se ao ver o rapaz tão subnutrido, com o rosto escondido pela barba e pelos cabelos longos, sem contar as nítidas marcas de agressões físicas.

Ulisses revelou ser um ótimo bardo para as próprias histórias. Narrou uma epopeia carregada de tensão sobre os seus passos para identificar e aprisionar o homem nomeado como monstro. Suas expressões eram fortes e exageradas, seu tom de voz era robusto e preenchia todo o salão. Sempre que mencionava o nome de Álvaro e de sua linhagem de assassinos, o povo gritava enfurecido. Se deixassem o

jovem desprotegido,o povo iria linchá-lo vivo.

Uma pedra grande e pesada de ponta afiada foi arremessada da multidão contra Álvaro, atingindo-o violentamente na cabeça. O rapaz tentou, mas não conseguiu ficar em pé. Seu corpo desabou ao chão, quase inconsciente, com um novo corte aberto na testa. Os homens que o seguravam prontamente o levantaram, não permitindo que descansasse.

– Larguem suas pedras! – ordenou Ulisses. – Sei que o desejo de todos é linchar este monstro, mas preciso preservar a integridade física do rapaz para que ele seja apresentado à justiça. E quanto a isso eu garanto que a mão pesada da lei não irá decepcionar nenhum de vocês.

O povo protestou. A história se repetia e os moradores não queriam que o filho do louco Bastiano continuasse vivo perpetuando a desgraça que seu pai havia começado.

Ulisses pediu que trouxessem uma mesa com os mais diversos instrumentos de colheita para continuar a exibição.

– Muitos aqui acreditavam em uma criatura monstruosa que caminhava pela floresta. A essas pessoas eu digo que aqui está o seu monstro! – disse apontando para o jovem. – Este rapaz, com estes simples instrumentos que usava para preparar a terra do seu rancho, conseguiu encobrir seus crimes hediondos fazendo o povo acreditar que nessa mata existia de fato uma criatura mitológica.

O homem da capital estava acobertando o que sabia de forma a convencer a todos de uma explicação racional para as mortes.

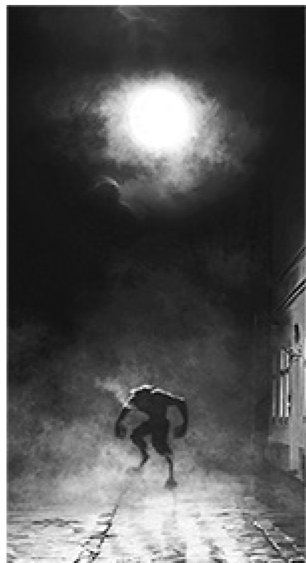
– As garras que perfuraram a pele delicada dos seus companheiros eram as pontas deste forcado – afirmou pegando o instrumento em suas mãos. – As ditas “presas do animal” nada mais eram que os dentes afiados deste ancinho! Pescoços foram cortados por esta foice enferrujada e por quê? – indagou retoricamente. – Porque esses foram atos de uma pessoa doente. De fato, um monstro que confessou ter cometido esses crimes porque tinha fome e que mastigou a carne crua de todas as suas vítimas.

As pessoas estavam impressionadas com a crueldade relatada por Ulisses. Algumas choravam ao imaginar a carne de seus entes queridos saboreada por um jovem doente enquanto outras berravam os piores xingamentos.

– Observem este monstro! Não se deixem enganar pela sua aparência franzina, pois a sua brutalidade é a mesma que a de um animal selvagem faminto e sedento por sangue! – encerrou Ulisses.

Álvaro ficou calado, sendo julgado por toda a cidade aos berros. Apesar de

olhar para a multidão, não a encarava. Escondia-se envergonhado, de cabeça baixa e olhares esquivos. Reparou que Valêncio, em silêncio no meio dos moradores furiosos, era o único que não o estava condenando e, talvez por isso, buscou algum tipo de conforto no olhar preocupado do velho.



Capítulo 11

Século XX. 24 de novembro de 1920. Lua crescente.

Os dias de Álvaro no cárcere foram passando sem que Ulisses tomasse providências para levá-lo à capital. O jovem estava acorrentado dentro de um quarto imundo no segundo andar de uma construção de madeira que estava provisoriamente sendo utilizada como presídio. Apesar de o detento não receber mais as carícias dos punhos fechados e botinadas, a maneira como o haviam prendido era desumana. A cama de Álvaro era um piso frio de madeira cheia de farpas. Largado junto às imensas ratazanas que cruzavam seu olhar, o rapaz não se incomodava em levantar-se do chão nem mesmo quando os mordiscos dos roedores lhe furavam a pele.

Como o local não era devidamente apropriado para receber um assassino perigoso, era obrigatório que sempre ficasse alguém de vigia na frente da porta. A cada período a guarda era trocada entre os patrulheiros de Ulisses.

As pegadas de um homem que se aproximava da masmorra fizeram ranger a madeira do piso. Após subir as escadas, atravessou o longo corredor iluminado por diversas candeias cheias de querosene trazendo consigo um prato de alimento. O vigia prontamente destrancou a porta e a abriu com cautela.

O pequeno facho de luz que entrou no cubículo escuro assustou alguns dos ratos que se escondiam nas sombras. Álvaro permaneceu imóvel. O prato fundo, sujo de restos, foi retirado e substituído por outro com a mesma comida de aspecto indesejável e sem cheiro.

Do lado de fora, o homem estranhou o peso do prato que havia acabado de

retirar e, quando baixou os olhos, assustou-se ao ver uma enorme ratazana. O prato caiu de suas mãos e o animal correu à procura de abrigo.

– São as ratazanas que estão comendo este grude! – reclamou enquanto limpava as mãos na própria camisa.

– Quem se importa? É até melhor que morra de fome! – alegou o vigia.

– Já que gosta de carne... que coma os ratos então.

No andar de baixo, Ulisses estava sentado a uma mesa fazendo anotações. Ele fizera daquele recinto o seu local de trabalho. Enquanto escrevia, um dos rapazes aproximou-se lentamente, sem querer incomodá-lo.

– É ele de novo? – perguntou Ulisses ao perceber a aproximação do patrulheiro, sem tirar os olhos do que estava fazendo.

– De novo, senhor Ulisses. Mando-o embora?

– Não. Pode deixar. Já o afastamos por tempo suficiente.

Obedecendo às ordens do comandante, o rapaz saiu para autorizar a entrada do visitante. Ulisses fechou suas anotações e se levantou da mesa para receber o velho Valêncio, que já entrou no recinto pisando forte, nitidamente irritado.

– Boa-noite, senhor Valêncio. A esta hora da noite, já não deveria estar fazendo sua prece ao lado da cama?

– Senhor Ulisses, estou tentando falar com o senhor há mais de uma semana! Seus capangas impediram a minha entrada.

– Apenas obedecem às minhas diretrizes de segurança. O senhor sabe que estamos com um matador descontrolado em uma casa que não está preparada para receber um detento.

– O senhor precisa me deixar conversar com o rapaz.

– Pela maneira como está me fazendo o pedido, creio que deva imaginar que isso não será possível.

– Eu só preciso de um tempo a sós com o garoto antes que o leve daqui, senhor Ulisses. Por favor.

– Senhor Valêncio, o senhor sabe quantas pessoas desta vila querem um minuto a sós com esse rapaz? Ele está confinado não só para a segurança da vila, mas também para a dele. Toda cautela é necessária, pois amanhã será a primeira noite de lua cheia sem toque de recolher depois de meses. E, se amanhecer um belo dia sem óbito algum após essa madrugada, teremos certeza de que estamos de fato com o nosso assassino para que então eu possa levá-lo. Mas, se aparecer mais um morto na floresta, não vamos querer a culpa de ter nossas mãos sujas com sangue inocente, não concorda?

– O senhor acha que eu, nessa idade, poderia representar qualquer ameaça a um jovem?

– Também estou zelando pela sua integridade física, senhor Valêncio.

– Abro mão desse cuidado! Eu me responsabilizo por qualquer coisa que possa acontecer comigo, mas preciso falar com Álvaro. É um direito meu e um dever que tenho para com esse rapaz!

– O único direito que o senhor tem é o de protestar! – irritou-se Ulisses. – Não é dever algum querer converter um assassino! Principalmente em se tratando de um padre excomungado como o senhor!

– Foi por causa da família desse rapaz que eu fui proibido de exercer o meu dever cristão! – revelou Valêncio nervoso, aumentando o tom da voz. – A desgraça que mencionei ao senhor foi cometida pelo pai de Álvaro. Foi por causa dele que abandonei tudo, tudo em que eu acreditava, para perseguir criações do demônio! E o que consegui? Só um monte de livros velhos numa estante e histórias fantasiosas para contar – desabafou por fim.

– E o que exatamente o senhor espera que o jovem lhe revele, senhor Valêncio?

– O rapaz que o senhor mantém preso é a minha última esperança de acreditar que não joguei toda a minha vida fora perseguindo personagens de um livro de terror. Eu preciso saber. Eu preciso disso.

– Pelo tempo que o senhor já persegue esses licantropos, estou entendendo que acredita que o pai de Álvaro, o tal de... “louco Bastiano”, tenha sido então uma das criaturas dos seus livros.

– O que eu não acredito, senhor Ulisses, é que um pai de família, um homem bom, pudesse matar a esposa e as seis filhas num massacre covarde, sem que estivesse possuído por alguma força do diabo – rebateu o velho prontamente.

– Mas essa história de que o pai de Álvaro tenha matado a família num acesso de raiva é razoável. Não é raro, senhor Valêncio. Um homem ciumento talvez seja ainda mais perigoso do que um animal faminto.

– Mesmo com a pior das razões, um homem, se não tiver sido tocado pelas mãos do diabo, não é capaz de ferir as pessoas que mais ama daquela maneira. Principalmente um filho.

– Bom, independente daquilo em que acredite, o último assassinato de Álvaro foi muito semelhante ao cometido pelo pai. Não sei se o senhor está ciente, mas a filha do doutor Oliveira, a noiva de Vicente, era amante do rapaz. O senhor sabia disso?

Valêncio havia percebido os olhares que os dois trocavam nas assembleias, mas nunca chegara ao seu conhecimento, nem ao de outras pessoas na cidade, a notícia

de um relacionamento de Alana com alguém diferente de Vicente.

– Não. Eu não sabia – confessou.

– E que ela esperava um filho de Álvaro? Imagino que também não.

Valêncio ficou sem palavras. Ulisses percebeu pelo olhar incrédulo do adversário que aquela era uma peça sem encaixe no quebra-cabeça que o velho estava montando.

– Isso mudaria a sua percepção para uma alternativa mais coerente? Ou permanece na crença de que uma criatura andava pela floresta?

– O senhor está insinuando que Álvaro não passa de um doente traumatizado que recriou o mesmo crime que viu na infância?

– Não estou insinuando nada, senhor Valêncio. Ao contrário do senhor, que se sustenta em hipóteses, eu me baseio em fatos. O que quero é saber se mesmo agora, conhecendo esse episódio comparativo relevante de psicologia criminal, o senhor acredita que o rapaz que está preso no andar de cima realmente seja um dos seus monstros.

Foi um questionamento carregado pela lógica que Ulisses tanto prezava. Sob a luz dessa nova informação, a probabilidade de um crime passional não podia ser descartada. Mas Valêncio, obcecado por sua doutrina sobre influências diabólicas, tinha receio de abrir espaço para uma nova teoria.

– De todos naquela casa, Álvaro, justo o mais novo, o mais indefeso, foi o único sobrevivente. Tem que haver um motivo para isso. A criatura deve ter visto nele, por ser homem, alguém para perpetuar o seu fado. Alguém para herdar a maldição – disse Valêncio.

– Ou simplesmente pode ter sido salvo pelo padrinho, como tantas pessoas afirmam ter visto. Não podemos colocar histórias e boatos na frente de um testemunho ocular. E, comparando o último crime de Álvaro com o do pai, a maneira como os corpos foram deixados, o senhor ainda permanece na sua fé de que um homem não seja capaz de esquartejar alguém que ama por raiva? Que ele precise estar fisicamente transformado em algo que só folhetos antigos descrevem como real? O senhor realmente acredita nisso, senhor Valêncio?

– São tantos livros, tantas lendas...

– E quantas confirmações, eu pergunto? Atenha-se aos fatos que foram apresentados!

Ulisses estava interpretando o perfeito papel de advogado do diabo, instaurando a dúvida em Valêncio. O homem sabia discursar enfaticamente de uma maneira que sua lógica parecesse irrefutável.

– Eu... eu passei tantos anos perseguindo essas criaturas... viajei o mundo inteiro atrás de alguma aparição que... – Valêncio não continuou para não admitir em voz alta a possibilidade de que estivesse errado. Mas na negação em seu rosto aparecia a dúvida plantada por seu opositor racional.

– Eu quero acreditar na força do amor, senhor Ulisses. E, quando conheci essa maldição, que anulava a moral humana e permitia que alguém agisse de maneira tão selvagem, pensei ter encontrado a razão de Bastiano ter feito aquilo. Eu preciso acreditar nisso para... para afastar a culpa de ter abandonado uma criança quando ela mais precisava de mim – confessou com os olhos se afogando em lágrimas. – Uma criança sobre a qual eu, com as minhas mãos, derramei a água do batismo, evocando o Espírito Santo, e que acabou se tornando o jovem que o senhor mantém preso naquela cela.

Ulisses cedeu o tempo de que o velho precisasse para se recompor das lembranças. A lágrima que escorreu pelo rosto de Valêncio, sem vergonha de ser exposta, demonstrava o seu arrependimento por reconhecer que o caminho escolhido havia anos talvez não fosse o certo.

– Eu entendo que Álvaro possa ser só um doente, senhor Ulisses, mas tenho o dever divino de tentar salvar a alma desse rapaz. Isso é mais importante para mim do que o senhor imagina.

Ulisses tentou esconder a expressão de contentamento em seu rosto. Ele pareceu ter ouvido o que estava esperando.

– Muito bem, senhor Valêncio. O senhor terá sua chance de se redimir com o rapaz. Volte amanhã, alguns minutos antes de a noite cair, que eu lhe darei um tempo a sós com o jovem.

– Amanhã?

– Sim. Amanhã é lua cheia. O senhor não iria querer estar ausente na noite da grande revelação, não é mesmo?

Valêncio não discordou da decisão de Ulisses, mas preferia ter a oportunidade de conversar com Álvaro o quanto antes. Restou a ele apenas agradecer em silêncio e se retirar.

– Senhor Valêncio – chamou-lhe a atenção antes que cruzasse a porta –, venha preparado.

– Preparado? – estranhou.

– Caso o senhor esteja certo – disse com um sorriso malicioso no rosto.

A indireta naquela sentença fez o velho acreditar, por um breve momento, que Ulisses guardava um segredo. Mas todo aquele discurso racional tornava improvável

que suas palavras fossem mais que apenas ironia para provocá-lo. Valêncio se retirou e tomou o caminho da estalagem. Teria muito o que pensar durante a madrugada.

Século XX. 25 de novembro de 1920. Lua cheia.

Amanheceu. Sobre Vila Socorro o sol primaveril do final de novembro mostrava-se inteiro, cálido e esparramado num céu despoluído de nuvens.

Álvaro não compartilhava do mesmo ânimo do astro solitário da manhã. Permaneceu adormecido no piso áspero enquanto, do lado de fora de sua cela, trocava-se o turno de vigia.

Vicente já estava de pé muito antes de o sol se levantar. Em seu quarto, sentado sobre o leito com as costas arqueadas, segurava em suas mãos a luva rasgada de Alana. Nos olhos marejados, o ódio aparente delineava o propósito perverso que passara a noite em claro arquitetando. Suas mãos cruzadas na frente do rosto revelavam uma certa dúvida em materializar o ato que planejara com tanta ira. Conduzido pelo emocional, o rapaz se levantou ansiosamente e entrou na sala de troféus da fazenda. Os olhares mortos das cabeças penduradas na parede pareceram acompanhá-lo rumo a uma gaveta.

Ulisses, solitário sob o teto emprestado a ele pelo alcaide durante a sua estadia no vilarejo, acabava de se envolver nos trajes negros habituais. De uma cômoda, retirou as balas que havia untado com a cera da vela abençoada na missa de Finados e as observou com atenção. O homem deixou de lado seus princípios racionais e carregou sua arma.

Valêncio lia mais um de seus volumes sob a chama de uma única vela acesa no quarto devorado pelas sombras, mas não conseguia empregar a mesma atenção costumeira aos folhetos. As palavras se embaralhavam com a imagem do momento em que iria encontrar Álvaro para uma conversa direta. Impaciente, guardou o livro de volta na estante e abriu a janela, torcendo para que o sol se deitasse logo para ceder à Lua o direito de tomar seu espaço no âmbito celeste.

O comércio da cidade ainda estava de portas fechadas quando Vicente cavalgou até a praça e prendeu seu cavalo próximo à prisão onde Álvaro estava encarcerado. O jovem, como homem de confiança de Ulisses, tinha total liberdade para entrar na construção sem ser impedido. Subiu as escadas e avistou o vigia que acabara de começar seu turno.

– Pode ir, Damião – disse Vicente aproximando-se. – Deixa que eu fico de guarda. Onde é que está a chave?

A sentinela da vez não se incomodou em abandonar o serviço. Ainda eram as primeiras horas da manhã e ele poderia voltar para a cama. Prontamente entregou-lhe o molho de chaves e foi embora.

Vicente esperou até que pudesse ouvir o barulho da porta de baixo se fechando com a saída do colega. Esperou mais alguns segundos e viu-se desimpedido para agir de acordo com o que sua raiva ordenava. O jovem estava tenso e tremia enquanto tentava encontrar a chave certa.

O barulho da fechadura se destrancando acordou Álvaro, que, ao ver Vicente entrando no quarto, lutou contra as correntes e levantou o tronco o máximo que pôde para sentar-se e encará-lo nos olhos. O jovem Cesari não guardava rancor pelo espancamento. Fora um merecido castigo aplicado por alguém que, como ele próprio, amava Alana com todo o coração. Mas Vicente não compartilhava desse sentimento.

O jovem fazendeiro levantou a camisa e puxou da cintura o que havia retirado da gaveta na sala de troféus. Uma pistola de cano longo, capaz de explodir a cabeça de um animal, foi apontada para Álvaro. Vicente, no limite do nervosismo, aproximou-se com a arma em punho.

Álvaro, com o ferro quase encostando na testa, virou o rosto e fechou seus olhos, mas não por medo. Morrer era algo que já esperava. O que mais o torturava era não saber a hora de sua execução. A cabeça deitada para o lado e a busca pela ausência da visão foram apenas reflexo natural para evitar o desconforto do estrondo sonoro que uma arma grande como aquela faria.

Vicente encarava o detento com os olhos arregalados. Suas veias pareciam querer explodir. No rosto avermelhado e suado pelo ódio, o constante piscar de suas pálpebras tentava em vão limpar as lágrimas para desembaçar a vista. Seu dedo estava firme no gatilho, mas o disparo não vinha; não parecia ter coragem de apertá-lo.

Seu ressentimento era profundo e, quando resolveu falar, as palavras saíram pausadas e com dificuldade. Controlou-se para não desabar em choro.

– A Alana... era tudo que eu mais queria... Eu a amava tanto, tanto que... se ela ainda estivesse viva, eu... eu até poderia perdoá-la por ter se deitado com você. Mas eu nunca... nunca... aceitaria o filho... que você fez dentro dela.

Álvaro abriu os olhos surpreso e encarou Vicente, enxergando além da pistola apontada para a sua cabeça. Ele ia ser pai e não sabia. Uma lágrima escorreu em seu rosto. O seu fado já o havia martirizado inúmeras vezes e agora o sepultava com mais essa tragédia. Ter um herdeiro a quem pudesse proteger era apenas um sonho

distante, inconcebível quando considerado com juízo. Seu passado traumático o impedia de constituir família, justamente para evitar uma desgraça como aquela. Vicente havia conseguido passar para ele todo o sentimento de tristeza que carregava consigo.

Transtornado pela revelação de que, além de Alana, havia matado o próprio filho, sua boca se abriu num choro sem som. Uma baba grossa escorreu-lhe dos lábios e ele apoiou a testa no cano da arma, esperando que ela terminasse seu sofrimento.

Vicente a engatilhou. Estava prestes a acabar com a vida do rapaz e ter sua vingança consumada. Mas a mão começou a tremer. O indicador quase pressionava o gatilho, mas algo o impedia.

O pranto de Álvaro foi liberto e agora era alto e grave, entrecortado por soluços. O ranho que escorria das narinas dificultava a respiração. Por mais que Vicente tivesse a intenção de matá-lo, não conseguia. Não era um assassino. Relutou, mas por fim e abaixou a arma. Suas lágrimas também corriam e não suportava mais ficar entre as mesmas paredes do homem que causara sua ruína. Ele abandonou o quarto, deixando Álvaro no chão, afogado em seu calvário mordaz.

Vicente estava tão perturbado que nem se lembrou de fechar a porta da cela. Apenas foi embora do local sem olhar para trás. Mas Álvaro também não esboçou uma fuga. Deitou novamente no chão e continuou seu choro desesperado.

No andar de baixo, Ulisses acabara de chegar e Vicente passou rapidamente por ele, em direção à saída do prédio, sem pronunciar sequer uma palavra. Estranhou a reação do rapaz e sabia do sentimento de vingança que alimentava contra Álvaro, mas, caso aquela bela pistola prateada de cano longo que reparou em sua mão tivesse sido disparada, o barulho estrondoso seria ouvido a distância.

Ulisses foi até a cela verificar o estado do detento e avistou a porta entreaberta. Para sua surpresa, reparou que o jovem nem se importava com a oportunidade de escapar. Não sabia o que Vicente havia feito, pois não havia nem sinal de novos ferimentos em seu corpo, mas pelo menos tinha a certeza de que, até o sol se pôr, seu prisioneiro continuaria ali, inerte.

A porta foi novamente trancada.

O manto negro da noite começou a encobrir o vilarejo quando Valêncio tomou o caminho para a prisão. Logo que chegou, estranhou ver Ulisses com todos os seus rapazes da patrulha reunidos e muito bem armados. O único que não estava presente era Vicente.

– O que é isso? – perguntou o velho.

– Senhor Valêncio – Ulisses voltou-se ao homem –, nós nos preocupamos com a sua segurança. O senhor irá entrar na cela de um assassino que mata em noites como esta. Caso algum imprevisto aconteça, estaremos precavidos. Por favor...

Ulisses, educadamente, estendeu a palma da mão em direção à escada e deu passagem a Valêncio, que a subiu acompanhado de todos os patrulheiros.

Os raios refletidos na Lua encontravam obstáculos nas nuvens que vieram com o entardecer. O satélite já tinha sido visto na claridade daquele dia, mas era somente após as linhas imaginárias dos trópicos permitirem a passagem da escuridão que o lado sombrio do ser humano florescia.

Dentro do quarto, Álvaro começava a se sentir incomodado. A porta da cela foi aberta com cuidado, emitindo um rangido desagradável. Assim que Valêncio pôs seu corpo para dentro, a porta foi imediatamente trancada.

– Álvaro? – chamou-o sem resposta. – Não era dessa maneira que eu imaginava que teríamos esta conversa...

– Sai... daqui... – ordenou o jovem esforçando-se para controlar as dores que sentia pelo corpo.

– Não, Álvaro. Acredite quando digo que não sou seu inimigo. Eu quero te ajudar a acabar com essa dor, mas antes preciso conversar com você sobre... – hesitou por um momento – sobre o seu passado, Álvaro. Tentei me aproximar, mas não sabia como tocar num assunto tão delicado. Em vez de ficar disfarçando alusões sobre a desgraça que acometeu a sua família, eu deveria ter dito quem eu era logo que te vi na primeira assembleia.

O rapaz nem conseguia olhar para o velho. Toda a sua preocupação estava em controlar a dor que ficava cada vez mais forte.

– Eu vi você nascer, Álvaro. Acompanhei sua mãe, Clemenzia, dando-o à luz num domingo durante meu sermão sobre o perdão de Cristo, no meio da igreja. Não tenho como esquecer uma ocasião especial como aquela. Eu também conhecia seu pai, Bastiano. Sei que ele era um homem bom.

Álvaro quase não conseguia prestar atenção às palavras de Valêncio. Os primeiros raios lunares o torturavam com uma metamorfose lenta, invisível ao olhar, mas de sofrimento físico intenso. O rapaz soltou um grito que assustou até os homens armados do lado de fora.

– Álvaro... eu sei que a sua dor deve ser insuportável. Carregar isso por tanto tempo, sem poder compartilhar do sofrimento com ninguém, não é fardo que alguém mereça. Eu posso te escutar. Diga o que aconteceu naquela noite.

– Vá embora, velho!

– Me deixe te ajudar! Eu não pude ajudar seu pai, mas você não precisa ter o mesmo fim. Só que, para isso, preciso que você me diga o que aconteceu naquela noite.

– Não... não... – chorava ainda mais, balançando a cabeça em negação.

Valêncio sabia que o assunto não traria um diálogo fácil. Os traumas de infância são difíceis de rememorar e, após tantos anos buscando controlar as emoções de uma perda como aquela, conversar de forma franca abriria novamente as feridas já cicatrizadas.

– Me diga o que você viu. Eu vou acreditar em você, Álvaro. Por mais improvável que pareça a sua história. Sei que você, como seu pai, tem um bom coração.

– Sai daqui! – insistiu o jovem de forma mais agressiva.

– Eu não vou sair antes que você me diga que não desperdicei a minha vida tentando buscar uma explicação absurda para o crime do seu pai! – respondeu-lhe exaltado. – Eu não posso perder a minha fé, Álvaro. Não posso perder a minha fé no homem! Me ajude a acreditar que o louco não sou eu! Diga que seu pai matou sua mãe e suas irmãs por estar transformado em uma criatura monstruosa! Diga que você viu isso e que só ficou vivo aquela noite porque a criatura quis que você perpetuasse a maldição!

O jovem chorava ainda mais com aquelas palavras. Valêncio buscava uma confirmação, mesmo que forçada, para justificar aquilo em que queria acreditar.

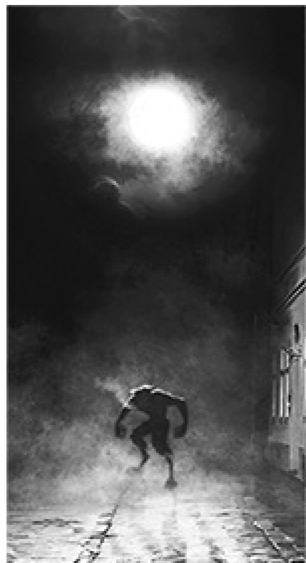
– Seu pai massacrou a sua família porque ele estava amaldiçoado pelo diabo! Confirme isso, Álvaro!

– Fui eu! Fui eu! Fui eu! – gritou o jovem, interrompendo o surto de Valêncio.

O velho ficou abalado. Estava preparado para acreditar que havia sido um tolo na busca de seres folclóricos, mas não estava pronto para aquela revelação nefasta.

– Você?... Mas... eu não entendo. Como? Você era só... só uma criança...

– Eu matei a minha família – revelou aos prantos no idioma nativo dos pais, envergonhado de si mesmo. – Eu matei minha mãe... matei minhas irmãs...



Capítulo 12

Século XX. 6 de julho de 1906. Lua cheia.

Naquela última noite, em que Bastiano saíra sem se despedir apropriadamente da família por ainda estar aborrecido com a esposa, mal acabara o jantar e Clemenzia colocara as crianças para dormir.

No quarto do menino Álvaro, depois de beijá-lo carinhosamente na testa, a mãe acendeu a vela do abajur. A pantalha recortada girava devagar ao calor da flâmula, lançando sobre as paredes um teatro de sombras. As formas sem relevo de um homem na luta contra um lobo rodavam sob os olhos do garoto.

À medida que a lua cheia aproximava-se do ápice, o menino sentia um formigamento que dificultava seu sono. Um incômodo crescente esquentava sua pele. Álvaro suava e se contorcia na cama, sem conseguir afastar o mal-estar que o acometia.

Do lado de fora, o céu estrelado daquela noite antiga preparava-se para abrigar o satélite completamente iluminado. Na floresta, Bastiano, em forma de criatura, devorava as entranhas de um animal selvagem, longe de seu rancho. Mas, enquanto a besta se alimentava, o verdadeiro perigo descansava dentro de casa dos Cesari.

Álvaro beirava a adolescência precocemente, mas o sono difícil, as mudanças repentinas de humor e os pelos que começavam a aparecer não eram sintomas exclusivos da aproximação da puberdade. É no abandono da inocência que a fera interior encontra rumo para arrebentar a casca humana.

A pantalha no quarto do garoto se apagou e o aposento foi engolido pela completa escuridão. Sentiu uma forte dor no corpo, como nunca havia sentido. No

primeiro estalo dos ossos, Álvaro berrou.

Clemenzia acordou com o bramido áspero que vinha do quarto do filho. Buscou prontamente uma vela ao lado da cama e correu para acalmá-lo de um provável pesadelo.

Quando abriu a porta, não havia ninguém sobre o colchão e tudo estava em silêncio. O garoto parecia ter sumido. A mãe imaginou que ele pudesse ter se escondido no armário, mas, ao se aproximar, ouviu uma respiração ofegante próxima à janela, ao lado do leito vazio.

– Álvaro? – chamou-o, mas não teve resposta.

Ela caminhou receosa com a vela na mão. Quando o brilho tremulante da flama revelou o que a sombra escondia, enxergou ali um pequeno animal, muito parecido com um cachorro raivoso, no canto escuro do quarto.

Os olhos daquela acanhada criatura brilhavam em rubro sangue e sua mandíbula molhada expressava a sua fome. Quando o animal avistou Clemenzia, arrepiou os pelos da nuca e rosnou ferozmente. A mulher assustou-se e derrubou a vela, fazendo-a se apagar. Estava desprotegida no completo breu, acompanhada apenas da criatura virulenta.

Século XX. 7 de julho de 1906. Lua minguante.

O que aconteceu entre o momento em que a mãe o pusera para dormir e aquele em que havia acordado, Álvaro não sabia explicar. Mas, quando abriu os olhos na manhã seguinte, ficou aterrorizado com o cenário sangrento que o cercava. Na sala, restos esparsos dos membros arruinados de suas irmãs confundiam-se uns com os outros naquela paisagem funesta. Em sua boca, pedaços de carne mal mastigados entre os dentes machucavam a gengiva.

Encostado a uma das paredes, o garoto percebeu que estava quase nu. Vestia apenas trapos rasgados e seu corpo estava todo ensanguentado. Sem entender o que estava acontecendo, passou a mão sobre rosto e raspou com as unhas a casca de sangue seco que cobria as laterais da face. Queria procurar a mãe, mas a pilha de cadáveres desmembrados na sala impedia-o de sair do lugar, em choque.

No horário habitual, Bastiano chegou então disposto a conversar com sua esposa e se desculpar pelo comportamento tempestuoso. No entanto, logo que levantou o rosto viu que nunca mais teria a chance. Empalideceu ao ver as paredes tingidas de sangue e os corpos da mulher e das filhas esquartejados na sala. Apesar de Clemenzia estar com partes dos membros mastigados, era dela o cadáver mais conservado.

Álvaro permanecia paralisado. Não conseguia sequer pedir ajuda ao pai, que correu até a esposa para pegá-la nos braços. Em prantos, Bastiano encostou o rosto no dela, borrando-se com o sangue da mulher. O homem balançava carinhosamente o cadáver da esposa em seu colo, como se a confortasse. Queria acreditar que ela poderia acordar, ao menos por um segundo, para que pudesse pedir perdão.

Bastiano não sabia o que poderia ter causado aquela chacina. A prática de se afastar do rancho durante as noites de transformação jamais havia falhado. Animais da floresta podiam perecer, ou caçadores que tivessem o infortúnio de cruzar com a besta selvagem, mas a sua família – razão de sua existência – sempre mantivera a salvo dos seus atos inconscientes de violência.

Ele queria encontrar o motivo para aquela fatalidade ter ocorrido após tantos anos de extremo cuidado. Foi quando abriu os olhos e viu seu filho Álvaro, único sobrevivente, banhado em sangue e com o olhar perdido; o mesmo que um dia no passado havia invadido o seu próprio rosto. Jamais imaginara que a maldição que o perseguia pudesse ser herdada pelo filho. Acreditava que aquele castigo fosse um fardo solitário a ser carregado. O batismo, que tanto exigira para proteger Álvaro de um ataque, tinha sido mais uma testemunha da sua desgraça.

A tragédia que recaíra sobre os Cesari descontrolou Bastiano, que se levantou loucamente, alcançou o machado perto da porta e avançou no menino, certo do que deveria fazer para privá-lo de um futuro regado a sofrimento. Não poderia permitir que o filho perpetuasse seu fadário como besta sanguinária.

O garoto, no instinto de sobrevivência, saiu do transe quando viu a lâmina enferrujada vindo contra a sua cabeça e escapou por pouco da primeira machadada. Álvaro estava aterrorizado: sabia apenas que havia acordado com sua família morta de forma trágica na sala e que agora seu pai queria matá-lo de maneira igualmente cruel.

Bastiano dava machadadas no ar, gritando como um doente. Acertava os móveis, as cadeiras, o chão, tudo menos o menino, que sempre conseguia fugir, gritando desesperado.

– *Papà...* – chamou aos prantos, buscando entender por que ele o atacava com tamanho ódio.

O homem finalmente conseguiu encurralar o pequeno Álvaro num canto. Não havia para onde escapar. Bastiano levantou o machado e preparou um golpe certeiro no crânio da criança.

– *Ti amo, figlio mio* – disse ele com lágrimas nos olhos antes de descer a ferramenta.

A lâmina seria cravada na cabeça de Álvaro se não fosse por Manetto, que pulou sobre Bastiano, derrubando-o antes que matasse o filho. O velho amigo estava de passagem em seu cavalo, como Clemenzia lhe havia pedido que fizesse em certas manhãs, e ouviu os berros do afilhado.

Mesmo imobilizado no chão, Bastiano não parava de gritar. Insistia que o soltasse para que pudesse matar o filho.

Ouvindo aquele pedido insano do amigo e observando o cenário mórbido que o rodeava, Manetto não teve outra opção a não ser acertar a cabeça do homem com o cabo do próprio machado para que ele ficasse inconsciente.

Ao ver os corpos desmembrados das mulheres da casa e Bastiano todo ensanguentado, Manetto tirou suas próprias conclusões sobre o que havia ocorrido.

Outros moradores, que ouviram o som dos móveis se quebrando e gritos do garoto, também chegaram e, ao ver o local repleto de corpos, se indignaram com a covardia e começaram a linchar Bastiano, mesmo inconsciente.

– Parem com isso! O filho dele está aqui. Respeitem o menino! – protestou Manetto em meio aos pigarros, sem surtir efeito nas pessoas enfurecidas.

Como padrinho de Álvaro e amigo fiel da família Cesari, Manetto resolveu cuidar do afilhado após a tragédia. Quando os restos mortais de sua mãe e irmãs foram enterrados, ele segurou a mão do menino enquanto o padre Ediseu Valêncio suplicava aos anjos que recebessem as almas daquelas sete mulheres assassinadas tão violentamente.

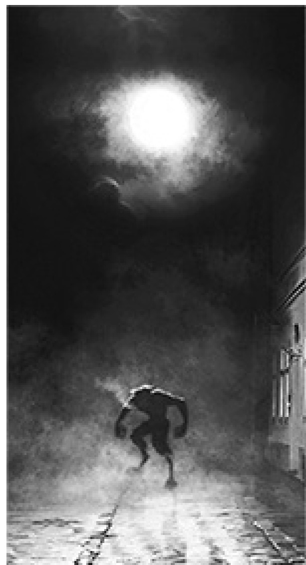
– Há quem morra todos os dias; no orgulho, na ignorância, na fraqueza. Morre um dia, mas nasce outro. Morre a semente, mas nasce a flor. Morre para o mundo, mas nasce para Deus. Assim, em toda morte, há uma nova vida. Deus Todo-Poderoso, dai a felicidade, a luz e a paz a estas mulheres que chamastes deste mundo. Que elas, tendo passado pela morte, participem do convívio de Vossos santos na luz eterna, como prometestes a Abraão. Perdoai-lhes os pecados para que alcancem junto a Vós a vida imortal no reino eterno.

Um pouco afastado dos portais do cemitério, Bastiano acompanhava em luto as palavras do vigário através da janela gradeada da carruagem onde estava preso. Não lhe foi dado o privilégio de acompanhar o enterro, por mais que insistisse. Antes que a terra fosse jogada sobre os caixões, o carro tomou rumo à capital do Estado, para que o homem fosse julgado. Mas Carlos George, na companhia de outros homens igualmente furiosos, não permitiram que o prisioneiro chegasse ao destino.

A convivência com o padrinho foi curta. Manetto tinha a melhor das intenções

em criá-lo, mas, após poucos dias, logo após ter conseguido o direito de enterrar Bastiano em terreno sagrado, a tosse que sempre o acompanhara revelou-se uma doença incurável já em estágio avançado. E, na sua idade, não tinha mais forças para combatê-la. Faleceu antes que a lua cheia seguinte o surpreendesse.

Sem ninguém, o menino Álvaro retornou ao único lugar que conhecia. Tomou o quarto dos pais como seu e foi aprendendo a se virar com a horta. Permaneceu recluso, por todos os anos que vieram, na mesma casa onde perdeu tragicamente a família.



Capítulo 13

Século XX. 25 de novembro de 1920. Lua cheia.

Valêncio lembrava-se bem daqueles dias que o fizeram duvidar da força da proteção divina. O enterro de Clemenzia e suas filhas fora seu último discurso religioso a serviço da Igreja e o mesmo permanecia ainda memorizado. O velho não conseguia esconder o espanto. Esperava obter, ou não, a confirmação de suas teorias, mas nunca uma confissão de assassinato cometido por uma criança. A revelação de Álvaro trouxe-lhe ambas.

– Meu pai... foi morto por minha causa. Meu pai não fez nada. Fui eu!Fui eu! – chorava Álvaro, culpando-se por todas as desgraças de sua vida.

Logo após as mortes dos seus familiares, o garoto não sabia o que tinha acontecido, mas, à medida que crescia, o padrão do fadário infausto que o amaldiçoava foi compreendido ao perceber que, em todas as noites de lua cheia, acordava nos mais estranhos lugares junto a corpos destroçados de animais ou pessoas. Não demorou para deduzir que o pretexto do pai em pernoitar na Vila Esperança era apenas uma desculpa para protegê-los.

Álvaro jamais havia revelado o que acabara de confidenciar a Valêncio. O choro consternado do rapaz por aquela lembrança tétrica se misturava aos seus gritos altos de tortura física.

A Lua começava a se descortinar. Valêncio imaginava o que estava prestes a acontecer, mas não queria sair do quarto. Arriscaria sua vida para tentar ajudá-lo.

– Álvaro, você precisa controlar essa fera! As pessoas do lado de fora querem apenas um motivo para te matar!

– Deixe que me matem – gritou o rapaz. – Eu devia ter morrido naquela noite! Assim, não teria matado Alana. Nem o meu filho! Sai! Sai agora, velho!

A Lua apareceu por completo no céu e seus raios entraram na cela pela pequena janela no alto da parede. Os gritos de Álvaro eram horripilantes. O som que saía da sua boca não era mais humano.

Valêncio ficou parado, hipnotizado, contemplando a obra do demônio no corpo de um mortal. Viu com os próprios olhos os membros do rapaz se contorcerem como se estivessem se quebrando, seu rosto ficando deformado, os pelos cobrindo toda a extensão do seu corpo e as roupas se rasgando pelo aumento da massa corporal. Apesar de buscar essa confirmação durante boa parte de sua vida, todo o estudo e o conhecimento de Valêncio sobre o assunto não o haviam preparado para ver a transformação acontecendo na sua frente.

Álvaro ainda estava na sua metamorfose, mas já se apresentava como uma fera monstruosa e descontrolada. Buscava romper violentamente as correntes que o continham e sua força sobre-humana não demorou para arrebentar a que prendia um de seus braços.

Valêncio então percebeu o perigo que corria.

– Abram esta porta agora! – gritava desesperado, batendo contra a mesma.

Os rapazes a destrancaram apenas durante o breve espaço de tempo que o velho precisou para escapar. Valêncio correu para trás dos homens de Ulisses, que já preparavam suas espingardas. Os berros apavorantes continuaram ecoando do quarto por um tempo até, subitamente, cessarem por completo.

Silêncio. Todos esperavam alguma reação, mas nada acontecia. O clima era tenso. O desconhecido estava por trás daquela porta fechada e ninguém tinha coragem de confrontá-lo.

Valêncio ainda recuperava o fôlego quando Ulisses resolveu agir. O homem não queria fazer qualquer barulho que pudesse irritar a fera, então ordenou com um movimento de cabeça que um dos rapazes verificasse o quarto.

O jovem escolhido estava com medo e não saiu do lugar. Engolia saliva imaginando o que poderia lhe acontecer se obedecesse à ordem direta do comandante. Ficou imóvel encarando a porta trancada até que Ulisses lhe ordenou novamente que fosse, agora com um movimento mais imperativo com a cabeça.

O rapaz deu o primeiro passo, mas logo empacou. Rapidamente arremessou sua espingarda ao chão e saiu correndo pela escada em direção à porta de saída do local. Os demais homens, apesar de pensarem em fazer o mesmo, mantiveram-se firmes em suas posições.

Ulisses aparentava confiança, mas não queria ser ele o homem a abrir a porta. Na sua posição de comando, era o responsável por dar as ordens, enquanto seus homens deveriam ser suas mãos. Além disso, precisaria estar preparado e atento, caso o que estivesse lá dentro resolvesse atacar.

Do alto de sua cartola negra impecavelmente posta sobre a cabeça, Ulisses, com seu olhar cortante, destinou a mesma função a outro jovem.

O rapaz, mesmo tremendo, decidiu cumprir a ordem a ele atribuída. Apontou a espingarda e caminhou vagarosamente em direção à porta do quarto. Todos ficaram atentos a cada passo que dava. Sua mão alcançou a fechadura e girou a chave cuidadosamente. Empurrou a porta para que se abrisse por completo e rapidamente apontou a espingarda para o breu. Nada se via além da escuridão. O jovem encarava o obscuro sem piscar. Seus olhos não conseguiam enxergar a ameaça que o estava fazendo tremer. Ele queria retornar, mas não sabia se o comandante planejava outra ação. Decidiu voltar o olhar para Ulisses, buscando uma nova diretriz a seguir. Assim que seu rosto desviou a atenção do quarto, seu corpo foi bruscamente puxado para a escuridão. Os homens apavorados começaram a atirar desesperadamente.

– Parem! Parem! – ordenava Ulisses aos berros, disputando lugar com o som dos disparos. – Abaixem essas armas!

A fumaça das carabinas que pairava no corredor tornava ainda mais difícil enxergar. Os homens ficaram ancorados e atentos enquanto ela dispersava. Com os olhares fixos em direção à cela e espingardas a postos, tentavam identificar o que estava lá dentro, mas a penumbra não permitia. A luz da lua clareava apenas uma pequena área no chão, delimitada pelo recorte dos limites da janela.

Do lado de dentro, era grotesca a imagem do monstro faminto devorando a carne do pobre jovem. Suas presas arrancavam com gosto os músculos mais macios da região abdominal. Suas mandíbulas fortes trituravam a carne com facilidade para engoli-la. Quando a besta avistou do lado de fora um banquete, deixou a carcaça de lado e arrepiou os pelos da nuca para parecer ainda maior e mais ameaçadora. Seus olhos vermelhos brilhantes puderam ser vistos por todos.

Os homens recuaram na mesma velocidade com que aqueles olhos aterradores se aproximavam da porta. A criatura passou pelo tímido facho de luz que invadia o quarto com a permissão da janela, revelando-se por alguns segundos antes de desaparecer novamente no breu. A mínima porção vislumbrada por todos já era suficiente para dar uma ideia do tamanho da criatura. Mesmo os arrependidos de terem permanecido no local não conseguiam correr enquanto o olhar monstruoso os encarava.

Finalmente a criatura deixou a companhia dos ratos e do cadáver para se revelar por completo do lado de fora. O que todos viram foi um animal enorme e extremamente feroz, com a boca pingando sangue fresco, que rosnava e se preparava para uma carnificina.

O homem que estava mais à frente, pressentindo o ataque, tentou acertar a monstruosidade com um disparo, mas foi arremessado ao chão com uma violenta mordida no pescoço. Alguns dos rapazes da patrulha aproveitaram para fugir enquanto a fera saboreava sua nova presa. Em meio à confusão, uma das candeias que iluminavam o local foi derrubada e começou a incendiar o corredor. O fogo consumiu o assoalho rapidamente e logo as paredes estavam em chamas.

A criatura não se incomodou com as labaredas e continuou a devorar o corpo do rapaz. Os homens que restavam começaram a atirar, mas os disparos das suas carabinas não perfuravam o couro da besta, apenas a enfureciam ainda mais. Raivosa, ela se levantou para atacar outro rapaz e o decapitou, sem esforço, com um único movimento de suas garras.

O fogo alto já atingia o teto da construção e o calor se tornava insuportável. A madeira estalava e as pilastras se enfraqueciam. A fumaça negra dificultava a respiração, mas a fera continuava a atacar os homens, indefesos contra sua força sobre-humana.

A chacina foi interrompida por um breve momento, apenas para que a criatura pudesse identificar uma nova vítima em meio à fuligem. Mas, quando se colocou de pé sobre as duas patas traseiras, um disparo, um único disparo, diferente dos demais, ecoou pelo corredor. Ninguém identificou de onde veio aquele som. Mas, quando a fumaça permitiu, Valêncio pôde ver Ulisses com sua pistola em punho apontada para o monstro, ostentando a segurança de que o seu tiro surtiria efeito.

De um buraco fundo na região peitoral, o sangue viscoso da criatura começou a jorrar. Suas pernas bambearam e não tinha mais forças para ficar em pé. Com a respiração debilitada, a besta começou a ficar atordoada e desabou. Antes tão feroz e impiedosa, agora ela se arrastava pelo chão como um animal ferido em busca de um lugar para se proteger. Com o sangue que escorria do peito, sua forma descomunal ia desaparecendo aos poucos. Os pelos longos começaram a se encurtar lentamente e as garras foram diminuindo de tamanho. Sua constituição física monstruosa ainda prevalecia, mas, aos de olhar mais atento, um Álvaro deformado podia ser reconhecido.

O rastro de sangue que seu corpo desenhava no chão traçava o quarto escuro como destino, mas Ulisses acompanhava de perto a criatura e não tinha a intenção de

permitir que ela o alcançasse.

Valêncio, ao ver o homem de preto seguindo o corpo transformado de Álvaro, entendeu o que ele estava prestes a fazer. Tentou impedi-lo antes que pudesse finalizar por completo seu objetivo, mas os poucos rapazes que ainda estavam vivos seguraram o velho e o proibiram de se aproximar.

Ulisses não atendeu às súplicas de Valêncio e estourou o pé direito da aberração com mais um disparo de sua arma. Um urro de aflição ensurdecedor fez tremer os pilares da construção e a fera não conseguia mais se mover. O velho se debatia, incapaz de soltar-se dos braços que o reprimiam.

Ulisses preparou o golpe final. Com a criatura indefesa e imóvel aos seus pés, engatilhou a pistola uma última vez e deu-lhe um tiro de misericórdia na parte superior da cabeça.

Valêncio gritava desesperado enquanto o olhar daquele corpo deformado ficava opaco e o corpo murchava, como se a fera buscasse em vão voltar à condição humana. A metamorfose estacionou em uma forma híbrida que revelava o corpo nu de Álvaro alvejado. Sua figura ainda era corpulenta e os membros, distorcidos. Os pelos estavam mais curtos, porém ainda longos para uma pessoa comum. No rosto desfigurado, o que ficou foi a expressão bizarra do que seria a mistura entre o homem e o animal. A fera finalmente estava morta.

Do lado de fora juntaram-se os curiosos para ver o prédio queimar. A enorme fogueira iluminava quase toda a extensão do centro da cidade e podia ser vista a distância. Chegavam cada vez mais pessoas querendo saber o que havia acontecido.

A porta de baixo foi aberta e os sobreviventes se revelaram. Os homens da patrulha retiraram Valêncio das chamas e Ulisses foi o último a sair, arrastando consigo o cadáver da besta.

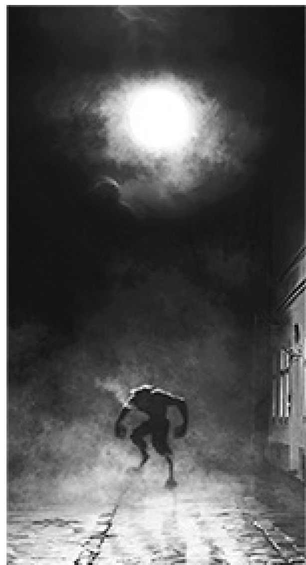
Os habitantes da vila observaram abismados aquele corpo grotesco.

– Povo da Vila Socorro! – discursou Ulisses. – De fato o que os assombrava era uma fera! Uma besta gigantesca e horrível, de dentes afiados, presas bem amoladas e olhos de fogo. Vejam o corpo deformado deste rapaz e, se ainda não acreditam na minha palavra, perguntem aos demais que sobreviveram à fúria desta criatura. Perdemos bons homens lá dentro, mas consegui abater o monstro e agora garanto, com toda certeza, que a vila está novamente segura!

Aplausos seriam apropriados para o feito de Ulisses, mas o povo estava em choque, estarrecido ao reconhecer a existência de uma fera demoníaca entre os meros mortais. Ficaram em silêncio encarando o corpo sem vida no chão, contentes

por se verem livres das mortes, mas incrédulos ao ver com os próprios olhos uma criatura que só deveria existir nas páginas de fábulas aterradoras.

O homem da capital estava orgulhoso. Era perceptível em seu rosto a prepotência de um homem sem modéstia. As pessoas do vilarejo o viam como seu salvador, seu herói, seu messias. E ele também julgava ser merecedor de todos aqueles rótulos.



Capítulo 14

Século XX. 28 de novembro de 1920. Lua minguante.

Ninguém reclamou o corpo de Álvaro após sua morte, mas o cadáver foi retirado da rua e enterrado no cemitério do vilarejo ao lado de seu pai. A cova que destinaram ao rapaz era ainda pior que a de Bastiano. Apenas abriram uma vala para deixar o saco com o corpo e jogaram terra por cima. A lembrança de sua vida resumiu-se a uma cruz de madeira cravada na terra, onde esculpiram com a ponta de uma navalha o nome Álvaro Giardini Cesari.

Na tarde que sucedeu o enterro, Valêncio ancorou-se diante do falecido para prestar suas sinceras condolências e lá ficou durante horas. Completamente abstraído no que poderia ter feito para evitar mais aquela desgraça, nem percebeu que Ulisses havia entrado na necrópole.

– Deve estar feliz, senhor Valêncio – interrompeu-o ao se aproximar. – Nada mais o impede de voltar a usar a sua batina. Meus parabéns.

O homem encarou a cruz com indiferença, sem tirar a cartola da cabeça em consideração. Valêncio continuou calado, olhando com tristeza para aquela cova sem lápide.

– Agora, ninguém mais vai poder discordar dos seus livros. Se alguém duvidar, basta violar esta sepultura – terminou a frase batendo sua fiel bengala na cruz de madeira de forma desrespeitosa.

– O senhor veio prestar seus respeitos ao morto? – perguntou Valêncio, extremamente irritado. – Se não, peço que vá embora.

Sua hostilidade era aparente, mas o que incomodava Ulisses era o calor, único

motivo para fazê-lo tirar a cartola por um breve momento, apenas para enxugar o suor da testa.

– Como quiser, senhor Valêncio. Volto hoje para a capital e não queria abandonar a cidade sem antes apertar sua mão.

Ulisses sorriu, esperando reciprocidade, mas o semblante do velho continuou em sua mais amarga expressão. Mesmo sem entender o motivo daquele cumprimento, cedeu à cordialidade adulta e estendeu-lhe a mão.

O olhar de Valêncio, encarando Ulisses naquela manifestação inédita de simpatia, entregava sua vontade de saber o segredo por trás daquele misterioso sorriso.

– Estou esperando, senhor Valêncio.

– O quê?

– A pergunta que o senhor quer me fazer.

As mãos se soltaram. De fato havia uma pergunta. Uma pergunta inevitável a ser feita por Valêncio, após suas discussões anteriores.

– O senhor já sabia?

– Já, senhor Valêncio.

– Primeira noite de patrulha?

Ulisses não precisou responder. Apenas acenou positivamente com a cabeça.

– Se já sabia, então por que quis me fazer acreditar que eu estava errado? Ridicularizar aquilo em que eu acreditava? – indagou Valêncio aborrecido.

– Eu quis mostrar ao senhor que, quando existe uma explicação racional, a fé sempre pode ser derrubada. Uma boa lógica é capaz de destruir qualquer tipo de crença, por mais forte que ela seja.

– Nem tudo é lógica, senhor Ulisses. Gostaria ao menos que o senhor tivesse aprendido isso. No final, minha crença se mostrou correta.

– Mas, para ser aceita, precisou ser comprovada pelo meu ponto de vista. O ponto de vista racional. O que o senhor tinha eram histórias em que ninguém acreditava. Eu achei um modo de mostrar a verdade.

– As pessoas precisam ter fé.

– A verdadeira fé, senhor Valêncio, é apenas a que é vista com os próprios olhos.

Era uma discussão sem vencedor. A crença sempre esbarraria na prepotência da razão, enquanto a lógica seria suplantada pela fé ao tropeçar no desespero de uma fatalidade sem resposta.

– Mas suponho que tenha conseguido a confirmação que tanto procurava... –

continuou Ulisses.

O silêncio de Valêncio fez parecer que não havia entendido a indireta. Sua expressão de dúvida fez o homem complementar a frase:

– Sobre o pai do rapaz, eu quero dizer.

O apêndice da sentença era dispensável. O velho já havia entendido perfeitamente, mas sua resposta não foi imediata por esbarrar numa questão de caráter.

– Sim, senhor Ulisses. Eu consegui. Tinha certeza de que Bastiano era um homem bom.

– Então, estamos ambos felizes.

Valêncio poderia ter revelado ao algoz de Álvaro tudo que ele lhe confidenciara na cela, dando ainda mais motivo para que Ulisses julgasse como correta sua atitude de tirar a vida do rapaz e macular ainda mais o seu nome. Mas não o fez, em respeito à memória do jovem.

O silêncio que se sucedeu foi a prova de que não havia mais o que conversar.

– Bom, a carruagem deve estar me esperando – disse Ulisses, justificando sua vontade de ir embora. – Quando eu contar o que aconteceu aqui, devo receber as maiores honras do Estado. Quem sabe vire até Ministro. Eu gostaria de lhe agradecer por tornar isso possível.

– Não quero seus agradecimentos, senhor Ulisses! O senhor bem sabe que eu nunca quis que esse garoto fosse morto!

– Se essa for a mentira em que o senhor precisa acreditar... não deveria ser eu a lhe dizer para dar mais atenção às lendas – sorriu sarcasticamente. – Tenha cuidado com para quem o senhor as conta.

Dito isso, Ulisses deu-lhe as costas para deixá-lo sozinho com seus lamentos. Mas uma dúvida ainda pairava sobre a cabeça de Valêncio. Como aquela talvez fosse a última vez em que os dois se encontrariam, o velho decidiu riscar logo de uma vez todas as suas interrogações.

– Se a intenção era matar o rapaz desde o começo, por que não o fez quando ele estava acorrentado na cela?

– Sabe qual é a nossa maior diferença, senhor Valêncio? – retrucou, virando-se já ao lado dos portais. – Para o senhor, uma simples leitura é suficiente, mas para mim... eu quero fazer parte dos livros.

Ulisses era consumido pelo desejo imoderado por glória. Sua postura não poderia ser mais apropriada para delatar a ausência de modéstia.

– Por que eu deveria matar apenas um homem quando eu poderia matar um

monstro e me tornar numa lenda?

O homem de preto finalmente cruzou os portões do cemitério, abandonando Valêncio com seus dilemas particulares, que agora buscariam resposta apenas na voz silenciosa dos mortos.

A carruagem que levaria Ulisses de volta à capital já o aguardava. Após fechar a mala, entregou-a ao cocheiro e tentou entrar no carro, mas os moradores da vila, que estavam ali para se despedir do salvador, atrasaram sua partida, dando a Ronaldo Magalhães tempo de alcançá-lo enquanto subia os pequenos degraus da diligência.

– Espere, senhor Ulisses!

– Já não nos despedimos, senhor alcaide?

– Em nome da Vila Socorro, gostaria de pedir ao senhor que fique conosco por mais um tempo.

– Há mais algum problema que precise ser resolvido? – estranhou.

– De maneira nenhuma! Sua valentia nos livrou de um passado sombrio e ainda vingou aqueles que não tiveram a sorte de presenciar esse dia glorioso.

– Então, se não há motivo... – disse, esboçando o caminho ao coche.

– Nem tivemos tempo de homenageá-lo e o senhor já vai embora? A cidade não pode permitir isso. Queremos que o senhor permaneça aqui como nosso convidado oficial até o Natal.

– Alcaide, eu agradeço a hospitalidade, mas preciso retornar à capital.

– Senhor Ulisses, gostaríamos de comemorar nossa primeira lua cheia livre do monstro. Foi mais de uma década de mortes, várias famílias destruídas e o senhor foi o responsável por acabar com essa desgraça. Não tem sentido comemorarmos esse feito sem sua presença. Neste ano, a lua cheia de dezembro cairá bem na noite do dia 24 para o 25. Será uma data duplamente especial. Gostaríamos de homenageá-lo nesse dia, junto com o Natal. Não nos faça essa desfeita.

Ulisses não atendia a pedidos sentimentais. Suas atitudes iam de acordo com a prioridade dos seus interesses. A única coisa que poderia superar sua falta de altruísmo era sua necessidade doentia de alimentar cada vez mais o ego.

– O senhor está dizendo que pensa em celebrar o nascimento de Cristo com uma homenagem à minha pessoa? Isso não seria visto como heresia pelo padre?

– De maneira alguma. O padre Antônio já está preparando o sermão. O senhor é o salvador desta vila, senhor Ulisses.

Quando ponderou se conseguiria viver com a ideia de ser homenageado no mesmo dia que Jesus, decidiu-se prontamente.

– Então aceito ficar, alcaide – disse, já descendo as escadas da carruagem. – Mas com a condição de que eu parta de volta logo na manhã do dia 25. Nenhum dia a mais.

– Perfeitamente, senhor Ulisses. Tenho certeza de que falo em nome de todos os moradores da Vila Socorro quando digo que agradeço por sua enorme gentileza em aceitar nosso convite.

Ulisses delineou um sorriso falso sobre o rosto e encenou uma mascarada expressão de gratidão. Se não bastasse, o dirigente da vila virou-se aos moradores presentes e pediu a todos que o aplaudissem. O homem correspondeu às expectativas do povo e acenou orgulhoso.

Século XX. 5 de dezembro de 1920. Lua minguante.

Ao nascer o primeiro domingo de dezembro, a pequena Vila Socorro começava a ser enfeitada para o Natal. As portas das casas eram decoradas com guirlandas e fitas coloridas já podiam ser vistas penduradas às janelas. Na praça central, perto do coreto, foi erguida uma bela árvore natalina com diferentes adereços reluzentes que era admirada por todos que ali passavam.

No decorrer dos dias a cidade foi ficando cada vez mais colorida. O cenário principal da celebração, o templo do vilarejo, se embelezava pelas mãos das freiras e coroinhas da igreja sob supervisão meticulosa do padre Antônio dos Santos.

Era impossível para Ulisses cogitar a possibilidade de ter errado ao escolher ficar na vila até o Natal. Por onde andava, era visto como celebridade. Todos o cumprimentavam e entregavam-lhe os mais diversos presentes.

Numa tarde como tantas outras, quando caminhava pela rua principal de Socorro, o homem percebeu uma bela jovem de cabelos negros encarando-o com admiração adolescente. Certamente a cidade não lhe negaria suas mulheres, por mais jovens que pudessem ser. Ulisses não desviou seu olhar da garota, que mal parecia ter se formado mulher. Deu atenção aos seus lábios e contornos femininos esguios, expressando no olhar penetrante a sua vontade de tê-la. A admiração impudente corou a face infantil da garota, que, envergonhada, abaixou o rosto com um sorriso. Ulisses identificou dois sinais que o agradaram na linguagem corporal da donzela: a permissão para se aproximar e a submissão. Para ela, Ulisses tiraria o chapéu, mas apenas para ver sua cartola como única vestimenta no corpo nu da jovem, que, já em seu aposento, beijou-o sentando sobre o seu colo.

Em outro aposento mais afastado, debruçado em livros abertos sobre a cama, Valêncio procurava algo nos diversos volumes esparramados pelo quarto. Estava

impaciente, virando as páginas com violência, sem o cuidado habitual de não rasgá-las. Quando não encontrava o que buscava, arremessava os livros contra a parede como um louco descontrolado. Parecia perdido, não sabia que rumo tomar agora que havia chegado ao que parecia ser o ponto final de sua história.

Caído sobre as trevas do seu infortúnio mental, finalmente um momento de luz iluminou seus pensamentos. Ao ver a caneta-tinteiro sobre sua mesa, foi arrebatado por um entusiasmo repentino. Pegou o calendário da parede, virou-o de costas para usá-lo como bloco de papel e começou a escrever. Como não encontrava o que queria nos vários livros sobre o assunto, decidiu redigir a sua própria versão. Por já ter lido tantas obras, sua escrita, mesmo que destreinada, era fluente. Quando Ulisses o presenteara naquela tarde no cemitério com o aviso irônico acompanhado de seu sorriso acintoso para dar mais atenção às lendas populares, claramente aludindo ao relato francês, o velho atentara para algo que talvez pudesse ser o começo de algo ainda mais devastador.

As memórias de Valêncio foram rabiscadas sobre um livro aberto que tivera as páginas do seu último capítulo arrancadas por um antigo leitor daquela obra, senão pelo próprio autor. Na metade de uma das laudas rasgadas estava uma ilustração assustadora de um lobo branco colossal, apoiado sobre as duas pernas traseiras, que repartia com suas presas afiadas o corpo de um homem e deixava um rastro de mulheres e crianças mortas às suas costas. O velho temia a alegoria daquela gravura retalhada.

Para outros, o fardo da vida já não era digno de ser carregado. Dr. Dário, afastado das rodas sociais, amargando seu constante sofrimento ou entregue à triste rotina de comparar seu martírio aos de seus pacientes enfermos ou hipocondríacos, perdeu-se em uma melancolia tal que tornava impossível seu retorno às alegrias da existência. Suas lamúrias de pai que perdera a única filha de maneira trágica lhe impuseram um encarceramento domiciliar, onde as várias memórias de Alana o acompanhavam em sua poltrona predileta no centro da sala, apodrecendo a mente e o corpo a cada nova garrafa de licor que erguia como brinde à sua desgraça. A morte do assassino de sua filha não lhe trouxe a paz que esperava.

Diferentemente da velhice taciturna, o júbilo da juventude mostra suas virtudes ao conseguir superar traumas com maior facilidade. Era fato que todos estavam tristes com a morte de Alana no último setembro, mas, após os três meses que se passaram, Flávia parecia radiante. A garota se arrumava em frente ao espelho do seu quarto, pintando seus lábios com o batom mais chamativo e apertando o espartilho de modo a acentuar o volume dos seios e as curvas de seu corpo escultural. A

fragrância do perfume escolhido combinava com seu cheiro natural e, quando ouviu o sino da campainha, correu de salto alto para atender a porta.

Era Vicente quem chegara trazendo duas espingardas. Conforme prometido, ele começara a frequentar a casa de Flávia para ensiná-la a atirar. Suas visitas ficaram cada vez mais constantes e, desta vez, além das carabinas, trouxe também um enorme buquê de rosas.

– São para compensar os roxos que a sua espingarda deixou no meu ombro? – brincou a jovem.

– Achei que pudesse gostar. Mas se for esse o motivo para aceitá-las...

Flávia as recebeu com um sorriso gracioso, convidando-o a entrar.

O pedestal em que Vicente colocava Alana fora perdendo sua base, tanto pela ausência da antiga amada como pelo relacionamento secreto que ela tivera com Álvaro. Essa mágoa fez com que os encantos de Flávia, de atributos físicos ainda mais formosos, pudessem crescer aos olhos do rapaz. Desde a morte da criatura que ele a visitava todos os dias com a desculpa de instruí-la na prática do tiro, quando o verdadeiro motivo era sentir mais uma vez o perfume que não abandonava sua memória.

– E o que iremos treinar hoje? – perguntou ela, enquanto ajeitava as flores em um vaso de porcelana na mesa de centro.

Vicente estava perdido na harmonia do corpo da belíssima jovem, que, ao estranhar a falta de resposta, reparou estar sendo admirada.

O rapaz ruborizou ao ser pego encarando os contornos da amiga de maneira indiscreta. Mas Flávia não era de se encabular. Ao vê-lo desviar os olhos, aproveitou para aproximar-se.

O aroma levemente adocicado de seu perfume ficava mais forte a cada passo que a garota dava em sua direção. A sensação agradável que atraía Vicente fez com que levantasse o rosto para contemplar a beleza de Flávia cada vez mais perto.

Sua alma fora arruinada ao descobrir que o amor da sua vida preferia o toque do monstro ao seu. Mas o juízo de querer desagarrar-se da lembrança de Alana esbarrava na imagem que construíra muito cedo de ficar ao lado dela. O amor romântico jamais pode ser derrotado, mas, quando admitido o fato de que o mesmo só existe em contos de fadas, um amor real pode substituí-lo.

Aquele poderia ser o momento que Flávia sempre sonhara. Sua pele esquentou e ela umedeceu os lábios sem perceber. Apesar de ser dona de um comportamento atrevido, estar diante de Vicente e experimentar a real possibilidade de beijá-lo a deixava nervosa. Seu coração disparou e seu rosto foi tomado por uma expressão de

sobriedade repentina.

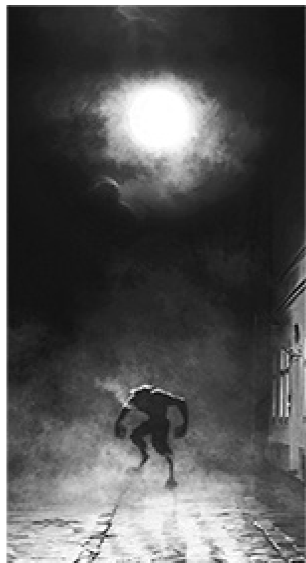
Nos olhos da amiga, Vicente encontrou a reciprocidade que tanto desejara ver em Alana. Hipnotizado pelo encanto que aquele rosto refletia, não conseguia pensar em mais nada além de provar a sinceridade de um beijo apaixonado.

Flávia o conhecia bem e sabia que ele não daria o primeiro passo. Certa de que ambos compartilhavam uma vontade que lhes parecia proibida, assumiu a responsabilidade de tomar a iniciativa. Ela ergueu levemente os pés e suas bocas se encontraram. Foi breve, mas verdadeiro. Após aquele primeiro beijo, Vicente tinha certeza de que o vazio seria preenchido com Flávia ao seu lado. Poderia encontrar a perdição no desejo daqueles lábios, extasiar-se no ópio das gotas de perfume em seu pescoço alto e confortar-se no calor do seu corpo. Seu amor real havia sido encontrado.

O plano de Carlos George sofrera alterações, mas permanecia em vias de ser concretizado. Um possível casamento entre Flávia e Vicente não lhe desagradaria. Apesar de os pais da garota não serem vistos na vila com frequência, a família Ribeiro de Freitas era de muito respeito em razão dos bens acumulados no comércio.

Para dar rumo à vida política do filho, o fazendeiro convidou o amigo Ronaldo Magalhães para uma conversa de interesse mútuo. O alcaide, apesar de estar cansado de exercer o cargo de dirigente máximo do vilarejo, estava com a popularidade em alta devido aos acontecimentos recentes e usaria isso para conseguir uma ótima negociação.

Soltando fumaça com seus charutos e bebendo uma boa dose entorpecente de cachaça na varanda da fazenda, naquela noite agradável, os dois pareceram chegar a um acordo. O aperto de mãos entre cavalheiros selou o apoio que Ronaldo daria ao seu sucessor.



Capítulo 15

Século XX. 24 de dezembro de 1920. Lua cheia.

A folha do calendário foi virada e o dia da primeira lua cheia após a morte de Álvaro havia chegado. Sua noite era aguardada por Valêncio como uma daquelas datas cabalísticas definidas por profetas.

Para abrandar a ansiedade que o tempo da espera inflige aos desesperados, o velho mergulhara nas suas memórias e descobrira um verdadeiro dom para a escrita. Várias páginas rascunhadas de maneira lírica e linguajar afiado empilhavam-se umas sobre as outras ao seu lado.

Sua caligrafia era clara e seus dedos firmes sobre a caneta-tinteiro controlavam a intensidade ideal do nanquim sobre o papel. Valêncio era um estudioso aplicado dos mais diversos assuntos e pôde compartilhar seu conhecimento nos textos, inclusive com ilustrações detalhadas da anatomia humana e termos avançados de medicina, dos quais tinha um satisfatório embasamento teórico.

A metodologia empregada por Ulisses para matar a criatura foi relatada com minúcias, nomeando academicamente os ossos e órgãos atingidos por suas balas e o fato de estarem cobertas por cera de vela abençoada. O caráter descritivo do texto achou um pequeno espaço ao final para uma intromissão mais subjetiva por parte de Valêncio.

"A criatura retornou parcialmente ao estado humano e seus restos mortais foram enterrados. No entanto, sua alma permanece condenada..."

– A alma permanece condenada – disse ele em voz alta, refletindo sobre o que acabara de escrever.

Como cristão devoto, o velho acreditava na alma como parte imortal de um homem, dotada de existência individual permanente, e que após a morte do corpo teria como destino a felicidade ou danação eterna, conforme os atos praticados em vida. A morte da criatura poderia ser o fim, mas, nas questões que Valêncio tanto prezava, a trajetória de Álvaro parecia estar incompleta.

O autor havia chegado ao ponto final das suas memórias. Se escrevesse mais uma linha, correria o risco de poluir um trabalho tão reto com suposições desnecessárias. O terreno em que pisaria então era desconhecido e seus pés fariam as primeiras marcas sobre ele.

O alarme sonoro do sino da igreja ecoou pela vila e chegou aos ouvidos de Valêncio. Como era noite de Natal, não gostaria de perder a missa, mesmo com as desavenças que impediam uma relação amigável com o atual pároco do vilarejo. Também por estar sem dados para prosseguir com o entusiasmo criador que o acompanhara durante todo aquele mês, restou-lhe nada mais que sair do aposento e celebrar a data como todos os outros moradores.

A cerimônia religiosa teria início pontualmente e os mais devotos se apressaram para conseguir um lugar próximo ao padre. A igreja já não suportava o número de fiéis que a frequentavam, deixando muitos de pé durante toda a celebração. O templo precisava de uma reforma para se adequar ao crescimento do rebanho, mas nem para reparos o padre Antônio destinava doações.

A construção era antiga e as rachaduras das paredes guiavam a água da chuva pelas infiltrações, debilitando sua estrutura. Os pregos enferrujados que prendiam a enorme imagem de Jesus em cima do altar começavam a se soltar com a vibração do pesado sino da torre ao balançar. A estátua praticamente dependurava-se sobre o apoio frouxo que mal aguentava seu peso, mas ninguém percebia a fragilidade em que se encontrava o suporte da escultura.

Naquela véspera de Natal, a igreja não estava lotada apenas de cristãos, mas também dos devotos de Ulisses, o grande homenageado da noite. Ao convidado especial, com sua indumentária escura padrão, foi reservado um lugar na primeira fileira, ao lado dos representantes máximos do vilarejo, que eram basicamente os dirigentes da assembleia, considerando a ausência de Dário, que não aparecia no centro havia algumas semanas.

– Jesus – o padre Antônio dos Santos deu início ao sermão –, que neste Natal Seu olhar de luz penetre nas nossas almas como a brisa morna da primavera e acorde a esperança adormecida sob as folhas secas da ilusão, do medo, da indiferença e do desespero. Que Seu perfume, suave como a ternura, envolva todo o nosso ser,

confortando-nos e despertando a alegria, que jaz esquecida por trás das lamúrias e distrações do caminho. Que o bálsamo do Seu amor alivie as nossas dores, silencie as nossas queixas, socorra a nossa falta de fé. Que neste Natal o calor da Sua bondade se derrame sobre o nosso Espírito e derreta o gelo milenar do egoísmo. Que Seu coração generoso afine as cordas da harpa viva que vibra em nossa intimidade e possamos cantar e dançar até que o preconceito fuja envergonhado.

Enquanto o pároco fazia de suas palavras o som da voz divina, do lado de fora do templo algumas crianças aproveitavam o comparecimento dos pais à missa para brincar na praça, correndo próximas à pequena torre do sino de emergência que ficava ao lado do coreto.

Além dos pequenos, que não suportavam esperar sentados o fim de uma palestra religiosa, o coveiro era uma das poucas pessoas que não estavam presentes na celebração. No dia 25 de dezembro alguns moradores costumavam acender velas aos parentes falecidos e ele resolvera aproveitar a persistente luz do crepúsculo da véspera natalina para tirar as folhas secas das árvores que caíram sobre o terreno. Ele cuidava tranquilamente de seu pátio sagrado quando o anil escuro do céu da vila começou a ser invadido pelo breu completo da noite.

A Lua oculta começava a permitir que os olhos percebessem sua lividez. Junto com a presença quase invisível do satélite, uma névoa branca, ainda muito tímida, começou a brotar da vala onde Álvaro havia sido enterrado. Como Seu Sebastião não prestava os devidos cuidados ao terreno maldito onde os matadores do vilarejo tiveram seus restos enterrados, não percebeu a bruma pálida que escapava por debaixo da terra.

De volta à igreja, Ulisses escondia sua impaciência por trás de um sorriso inexpressivo. Estava ali para ser enaltecido com uma homenagem digna de um herói bíblico e já estava cansado de acompanhar aquela celebração exaustiva.

O padre Antônio estava inspirado. Seu discurso carregado de metáforas parecia infinito.

– Que a água cristalina da Sua misericórdia percorra nossa alma e remova o lodo do ciúme, da inveja, do desejo de vingança e de tantos outros vermes que nos corroem e nos matam lentamente. Que o bisturi do Seu afeto extirpe a mágoa que se aloja em nosso íntimo e nos turva as vistas, impedindo-nos de ver as flores ao longo do caminho. Ensine-nos, Jesus, a amar, a fazer desabrochar em nossa alma esse sol interior que nos iluminará por inteiro.

Os fiéis que abarrotavam o templo cristão ouviam cada palavra do sacerdote com uma atenção digna de ser oferecida ao melhor dos oradores. Ulisses parecia ser

o único incomodado com o compasso lento que o padre Antônio dava às suas falas.

A lua cheia finalmente tomou posse do infinito e convidou as estrelas para serem espectadoras do espetáculo que daria naquela noite. O coveiro aproveitava a claridade refletida pelo disco lunar para prestar seus cuidados mortuários de jardinagem, sem perceber a cerração que já cobria metade da necrópole às suas costas e começava a ficar mais densa.

– Ó Senhor – continuava incessante o vigário na igreja –, nesta noite santa, depositamos diante de Tua manjedoura todos os sonhos, todas as lágrimas e esperanças contidos em nossos corações. Pedimos por aqueles que choram sem ter quem lhes enxugue uma lágrima. Por aqueles que gemem sem ter quem escute seu clamor. Suplicamos por aqueles que Te buscam sem saber ao certo onde Te encontrar, porque nós, da Vila Socorro, conhecemos esse caminho. Porque nós recebemos a Tua graça divina!

As palavras decoradas de um sermão natalino padrão foram articuladas de maneira a criar o gancho perfeito para incluir Ulisses como participante das obras de Deus. Sentindo que o seu momento estava próximo, o homem recompôs seu ânimo para ouvir como espectador animado a continuação da missa.

– Deus, Tu enviaste ao mundo o Salvador como tinhas prometido ao Teu povo e encarregaste-o de reunir na unidade todos os Teus filhos dispersos. E à Vila Socorro Tu também enviaste um salvador! Um homem que, como Jesus, foi encarregado de amparar aqueles que tanto esperaram por um messias. Um homem que com sábias palavras profetizou o fim do canto dos desamparados. Um homem que com suas próprias mãos trouxe ao mesmo tempo paz e justiça. Eu estou me referindo ao nosso homenageado desta noite especial: senhor Ulisses Canaã!

O padre Antônio apontou Ulisses, sentado na primeira fileira, e abriu um sorriso como se estivesse na presença do próprio Jesus.

Após levantar-se, o aceno de mão que o homem direcionou aos moradores da vila puxou um som de aclamação ensurdecedor que ressoou mais alto do que qualquer cântico um dia já entoado naquele templo. Todos olhavam para Ulisses como se ele fosse um santo, inclusive o padre.

O barulho excessivo dos aplausos ajudava a ceder cada vez mais os pregos enferrujados que sustentavam a estátua de Cristo presa à parede. A imagem de Jesus tremia a cada impacto coletivo das mãos, como se o verdadeiro Salvador estivesse nervoso por estar perdendo o Seu dia de adoração para um homem que pregava valores contrários aos Seus, um homem que acreditava que os problemas deveriam ser resolvidos à força do homicídio e não através do perdão.

Enquanto a celebração tomava o rumo que Ulisses esperava, no cemitério o nevoeiro estava cada vez mais denso e começava a desrespeitar os limites da necrópole. Quando a névoa acariciou os ombros do coveiro, o velho assustou-se ao ver a neblina densa que já cobria todo o pátio.

Sebastião estava confuso. Não conseguia identificar a origem daquela fumaça noturna bizarra e resolveu adentrá-la. A visão era muito difícil e o velho caminhava entre tropeços, apalpando as lápides para achar seu caminho.

Aproximando-se do epicentro do fenômeno, pôde ver a vala mais recente do cemitério se remexer. A terra por cima do cadáver de Álvaro se agitava e a cruz de madeira sobre a cova tremulou até finalmente cair. Em todos os seus anos ao lado dos mortos, aquela foi a primeira vez que o coveiro ficou aterrorizado.

Ele não acreditava no que via, mas estava tão compenetrado no acontecimento sinistro que não conseguia tirar os olhos daquele sepulcro condenado. Foi quando a enorme garra da criatura grotesca irrompeu de dentro da cova e apoiou-se sobre o solo batido para alavancar seu enorme corpo, que começava a sair do túmulo. A mortalha rasgou-se quando o tronco da fera monstruosa atravessou o chão. Inexplicavelmente, a terra que a cobria não se remexia de acordo com o seu tamanho. Algumas partes do seu corpo assombroso mudavam conforme o vento o atravessava, ficando translúcidas como a névoa que envolvia o cemitério. Era como se o fantasma da criatura morta estivesse indeciso entre permanecer no mundo físico ou espiritual. O monstro estava diferente; seus pelos não eram mais da cor negra e a pigmentação de sua pele não existia. A besta maldita estava completamente branca.

Quando rompeu por completo a suposta carceragem imortal, seu corpo mesclou-se com a neblina, confundindo seus limites com a densidade do nevoeiro. Em seu rosto, a ira vingativa amedrontaria até o diabo.

Sebastião tremia, paralisado de pavor. Mas bastou a fera sobrenatural lançar-lhe um olhar assassino para que rapidamente saísse do transe e corresse em direção ao campanário de alerta na entrada do cemitério. A pequena torre estava a poucos metros, mas sua idade avançada não ajudava a alcançá-la com rapidez. O velho estendeu a mão na ilusão de que conseguiria chegar a tempo para tocar o sino, mas a besta movimentou-se como se fizesse parte da neblina e, em poucos instantes, estava sobre o pescoço do coveiro antes que soasse o alarme.

Na igreja, ninguém podia desconfiar da tragédia que estava prestes a cair sobre a Vila Socorro. Ulisses ouvia as palavras do padre com um sorriso pedante.

– Deus fiel, enquanto Jesus é Tua palavra, Ulisses é Tua mão! Se o que Teu filho diz é a paz, o que Ulisses profere é a salvação! Jesus não sucumbiu ao

Tentador em seus quarenta dias no deserto, como nos diz o livro de Marcos, mas podemos escrever no livro da vila que numa nova quaresma Ulisses matou o demônio! E, se Jesus morreu por nossos pecados, Ulisses vive para nos salvar!

As afirmações do padre Antônio poderiam ser classificadas como heresia uma vez que o sacerdote perdera a medida de suas palavras, enxergando em Ulisses o messias. Mas o crédito exclusivo pela salvação da Vila Socorro era-lhe atribuído por todos os habitantes do vilarejo, que, perdidos, caíram aos pés do homem de vestes negras.

Do lado de fora, o nevoeiro começou a invadir o centro como se a própria mão de Deus se aproximasse para calar a boca do vigário. As crianças que brincavam na praça foram as primeiras a avistá-lo. Aquelas que se escondiam por trás das construções apareceram para se juntar às demais no reconhecimento da misteriosa névoa, que aumentava sua extensão à medida que se aproximava e rapidamente as envolveu.

Quando a praça ficou completamente encoberta, as crianças emudeceram, tentando enxergar através da forte neblina. Um dos garotos achou ter visto algo estranho se movimentando ao longe. Forçou a vista para identificar o que era e viu o vulto de um enorme lobo branco, que aparecia e desaparecia, transluzindo em meio à névoa. Sua cor alva tornava ainda mais aterrador o contraste com o sangue que pingava de suas presas. Quando viu a criatura distante, o menino correu em direção ao sino que ficava ao lado do coreto.

Como eram muitas as carnes frescas que podia escolher, o monstro demorou a perceber que o garoto estava próximo de alertar a cidade sobre sua presença. Assim que a criança conseguiu alcançar a torre, a fera movimentou-se rapidamente como parte da neblina e pulou ferozmente sobre ela.

Apesar do ataque, o menino agarrou a corda do sino a tempo e ele foi tocado. O sermão adulador do padre foi interrompido por aquele som estranho que nunca havia sido ouvido. As pessoas demoraram para identificar o que era, mas Ulisses sabia bem sua origem. Foi o primeiro a levantar-se e encarar imóvel a porta fechada do templo.

Todos começaram a ficar assustados, imaginando o que poderia ter acontecido. De repente foram ouvidos os berros desesperados das crianças que estavam do lado de fora. Dentro da igreja, os pais conduziram a grande desordem que tomou conta do santuário. Correram para a saída e, quando afastaram as folhas da enorme porta de madeira, depararam-se com a cerração densa que tomava a praça.

Valêncio levantou-se intrigado e se virou para Ulisses, buscando em seus olhos o

mesmo que o homem gostaria de ouvir do velho: uma explicação.

Alguns pais se aventuraram a sair para procurar suas crianças, que não emitiam mais som algum. O nome dos filhos era chamado à exaustão, mas a súplica por algum sinal de vida não era atendida.

Em meio à neblina, a criatura revelou-se em toda a sua deformidade aterradora. Sem receio de ser vista por todos, cruzou a praça carregando o corpo de uma criança entre os dentes. Todos ficaram horrorizados ao ver a besta carniceira caminhando livremente pela vila.

Os gritos estridentes das mulheres eram amargos, mas a dor maior foi a do pai da criança ao ver o pescoço do filho esmagado nas mandíbulas do animal demoníaco. No instinto paterno de proteção, correu para tentar salvá-lo, mas foi impedido pelos amigos. O homem gritava para que o soltassem, mas perdeu as forças e caiu em prantos.

Em total desespero, todos recorreram ao seu falso messias. Ulisses foi rodeado de fiéis que imploravam por salvação. O homem não sabia o que fazer e recuou, esbarrando no altar. Quando olhou para cima, viu a imagem de Jesus encarando-o com seu olhar julgador.

Ulisses estava perdido. Ele precisava pensar na melhor estratégia de ação e a descobriu ao observar as pessoas amparando o pai que havia acabado de perder o filho. Entre elas estava o cocheiro que o levaria de volta para a capital. Sem dar satisfações aos que recorriam a ele por uma solução, o homem caminhou rapidamente em direção ao rapaz. Agarrou sua camisa e o arrastou até a porta do templo.

– Prepare a carruagem e me espere na frente da pensão! – ordenou-lhe, jogando-o para fora da igreja sem que mais ninguém ouvisse suas palavras.

Sem entender as intenções de Ulisses, o rapaz correu para obedecer à ordem recebida. O povo desesperado logo o alcançou, implorando que tomasse alguma atitude.

– Não se preocupem! – virou-se para todos, mentindo sem pudor. – Hoje acabaremos de vez com esse demônio! Busquem o que tiverem. Espingardas, armas brancas, enxadas... Qualquer coisa que possa perfurar o corpo da besta.

Ulisses era ardiloso e conseguiu arquitetar friamente uma forma de sobrevivência, mas individual. Os pobres coitados que lhe confiaram suas vidas nada mais eram que uma manobra egoísta para conseguir o tempo necessário para sua fuga.

Várias pessoas voltaram correndo às suas casas, acreditando que estariam salvas

pela palavra de Ulisses, e pegaram suas armas de fogo, tridentes ou qualquer objeto pontiagudo que encontrassem.

Entre os valentes que queriam enfrentar a fera estava Vicente. Ele buscou sua carabina na carruagem para juntar-se aos quadrilheiros, mas, ao ver o pai entrando na cabine, percebeu que ele tinha a intenção de fugir.

– Suba, Vicente! – ordenou Carlos George.

– Não, meu pai. Faço parte da patrulha que protege a vila. Seria bom que o senhor ficasse também. Sua arma será de grande ajuda.

– Não está vendo que hoje não é o dia do caçador?! – esbravejou. – Quem não for embora agora vai acabar virando caça!

Vicente ficou desapontado com o posicionamento covarde do pai.

– Não vou abandonar essa gente – teimou o rapaz ao ver os moradores desesperados. – Mas, se o senhor prefere ir, peço que ao menos leve a Flávia em segurança.

– E onde está essa menina? – perguntou impacientemente.

– Pedi para que não saísse da igreja. Aguarde que já a trago! – respondeu, apressando-se ao templo para buscá-la.

Carlos George não queria esperar, trancou-se na cabine e mandou o cocheiro levá-lo à fazenda o mais rápido que conseguisse. Quando o filho retornou com a namorada, mal acreditou que seu pai os havia abandonado.

Sem perder tempo, Vicente buscou a carruagem mais próxima e pediu que Flávia entrasse.

– E você? – perguntou-lhe aflita.

– Preciso ficar, Flávia.

A garota não insistiu, pois sabia que o coração do rapaz não lhe permitiria abandonar os habitantes da vila. Deu-lhe um beijo demorado de boa sorte e entrou na cabine.

Como a casa de Flávia era muito próxima ao centro, não seria seguro que fosse para lá. Vicente agarrou um homem que fugia em desespero, deu-lhe as rédeas do carro e ordenou que corresse com os cavalos para bem longe. O homem, angustiado com o que estava acontecendo, aceitou prontamente a função.

Preocupada, Flávia apoiou o rosto sobre a janela e pode observar Vicente reunindo o resto dos quadrilheiros à medida que o carro se afastava.

Em meio a toda aquela neblina que quase cegava com seu manto o alvo intocável, Valêncio procurava impedir que os habitantes da vila enfrentassem a criatura.

– Fiquem em casa e tranquem as portas! – gritava aos que pudessem ouvir. – Só o que podemos fazer é orar a Deus para que não sejamos vítimas dessa fúria!

Um rapaz humilde e magro, sem nenhum atributo de lutador, esbarrou no velho segurando nada mais que um ancinho enferrujado e sujo de terra. Aquela era a arma mais mortal que possuía em sua casa e o ato mais violento que já cometera fora atacar as folhas que caíam em seu quintal. Era apenas mais um dos muitos rapazes fadados a morrer para que Ulisses pudesse escapar. Valêncio conseguiu agarrar o rapaz pelo braço e tentou dissuadi-lo de sua empreitada suicida.

– Volte para sua casa! Não adianta combater essa fera!

As palavras pareceram ter sido proferidas por um fantasma. O jovem logo se soltou e permaneceu firme na sua convicção heroica. Tantos outros rapazes na mesma condição passaram por Valêncio, mas seus apelos eram completamente ignorados. Todos caminhavam para uma morte certa e o velho não conseguia convencê-los a se protegerem. Era Ulisses quem precisaria ordenar que buscassem abrigo, mas seus planos demonstravam a artimanha de um verdadeiro covarde que se preocupava apenas com a própria sobrevivência.

Muitos já se reuniam municiados, em frente à igreja, com as armas que encontraram. Havia de tudo naquela convenção de suicidas: velhos com suas enxadas, jovens com facas, tridentes enferrujados e sem fio nas mãos de donas de casa. Os mais afortunados portavam suas espingardas com teias de aranha nos canos. Havia também os que encaravam seus punhos como armas mortais, fazendo da coragem um suprimento para sua burrice.

Um breve momento de calmaria. Junto à neblina mortal, um silêncio temeroso tomava conta da praça. Ainda que o pavor reinasse no coração dos mais fracos, todos permaneceram estacados e de arma em punho, com olhar atento para todos os cantos, aguardando o animal maldito aparecer.

Sob as folhagens onde a besta se abrigara para devorar os restos do pobre garoto, a cerração tremulou de forma involuntária e a morte travestida de lobo ressurgiu, tomando novamente seu rumo ao centro.

Ao ver a criatura sanguinolenta se aproximar, os homens que portavam armas de fogo deram um grito de guerra e começaram a disparar. A distância, não percebiam que suas balas passavam direto pelo corpo do fantasma. Os rapazes de orgulho ferido por terem sido descartados na triagem de Ulisses queriam provar seu valor, mas no modo como avançaram contra a fera, disparando ao mesmo tempo que corriam, atestaram sua incompetência, dando razão ao comandante que os rejeitara.

Os moradores eram inexperientes em combate e estavam mal posicionados pelas

ruas, facilitando a chacina. O monstro enfurecido atacava com violência qualquer coisa que se movesse. Em poucos segundos suas garras decapitavam vários homens e suas presas arrancavam a pele do pescoço de mulheres e idosos. A besta já se movimentava pela névoa de maneira orgânica, assumindo-a como um membro prolongado do seu corpo. Mais do que saborear a carne dos abatidos, a criatura queria matar.

Tudo foi observado por Ulisses, que não deu sequer um passo para fora da igreja antes de ter certeza de que o espírito do último cadáver que havia enterrado estava demasiadamente ocupado na sua função carniceira. Enquanto os moradores serviam de escudo para sua covardia, o homem aproveitou a oportunidade para correr à casa onde se hospedava.

O branco da névoa misturou-se ao vermelho do sangue que jorrava das gargantas dilaceradas, membros decepados e paredes redecoradas de rubro. A fera permaneceu inerte por um momento, buscando sentir ao redor a presença de alguma nova vítima, mas todos que haviam pisado na praça estavam mortos. A carcaça sem vida dos combatentes se espalhava pelo centro da Vila Socorro e ninguém mais corria pelas ruas. O silêncio dos mortos ocupou o espaço dos gritos de ódio e dor. Naquele campo de guerra estava exposto o resultado de uma batalha injusta na qual os mais fracos foram eliminados sem piedade.

A criatura caminhou em passos lentos por entre seus mortos até avistar a porta aberta da igreja. Quando colocou suas patas dentro do templo, viu apenas o corredor vazio. O animal percorria a passagem central, observando os espaços entre os bancos, enquanto seu corpo alastrava a fumaça esbranquiçada que aos poucos tomava o interior da construção.

Um cheiro distinto chamou a atenção da fera, que parou no meio da igreja para identificar sua origem. Seus olhos cerraram e a cabeça foi erguida na tentativa de reconhecer aquele aroma. Não era o odor impregnado de sangue fresco e carniça. Era algo vivo. Mas a névoa ainda não havia encoberto toda a extensão do templo e a criatura não conseguia perceber apenas pelo olfato de onde vinha aquele perfume saboroso.

Agachado por trás do altar estava o padre Antônio dos Santos, que preferira se esconder para que a fera saciasse sua fome com os fiéis. Estava ciente de suas limitações físicas e de que suas chances de sobrevivência seriam poucas caso decidisse juntar-se aos desvairados que corriam do lado de fora. Homens mais jovens e mais fortes tombaram ao chão, enquanto ele, acovardado sob a imagem de Cristo, permanecia vivo. O pároco tentava controlar sua respiração ofegante e

transpirava muito por medo de fazer algum movimento impensado que causasse a sua morte. O massacre que presenciara dera-lhe tempo para cultivar a sua fraqueza e exalar na atmosfera o cheiro adocicado de um homem covarde.

O espectro demoníaco pressentia a existência de algo amedrontado no salão, mas não conseguia enxergá-lo. Tomada de uma raiva selvagem, a fera recolheu suas orelhas e afastou a mandíbula para rosnar com os dentes afiados à mostra.

Os pregos frouxos que prendiam a imagem de Jesus começaram a ceder, deixando-a completamente solta. O vigário olhou para cima e viu a estátua desabando sobre ele. Por sorte conseguiu esquivar-se a tempo de não ser esmagado violentamente junto ao altar, mas sua posição acabou sendo revelada.

A fera avistou a carne cheirosa e preparou-se para o ataque, ouriçando os pelos brancos da nuca e fincando as garras no chão. O pároco levantou-se assim que viu aqueles olhos assassinos encarando-o com fome e correu para fora da igreja pela porta lateral no fundo do templo. A criatura voltou pelo traço da sua neblina e tomou o caminho contrário, saindo pela mesma porta por onde entrara.

O aroma doce do covarde guiou a fera facilmente ao seu encontro. Agora correndo pelo nevoeiro, o padre era uma vítima fácil. Seu peso e falta de resistência o tornavam lento, dificultando sua fuga até o convento, onde residia com as freiras. A criatura vinha logo atrás, saboreando ao máximo aquele cheiro, mantendo uma distância de garantia para quando decidisse atacar.

– Abram a porta! Abram a porta em nome de Deus! – clamou o padre aproximando-se do destino.

As freiras e coroinhas, já resguardados entre as paredes, correram para abrir o convento assim que ouviram as súplicas desesperadas, mas, quando avistaram a fera a poucos passos do pároco, abandonaram a entrada escancarada e trancafiaram-se amedrontados em seus quartos, buscando proteção num terço rezado com extrema devoção.

Ao perceber que estava próximo da porta aberta, a esperança de alcançá-la fez com que o sacerdote conseguisse acelerar o passo em direção à entrada. Mas o simples esboço da sua reação serviu para que o animal atacasse, cravando ferozmente os dentes em sua perna.

Uma única mordida da fera foi suficiente para arrancar a panturrilha direita inteira do homem, que desabou ao chão gritando de dor. As presas afiadas rasgavam a pele que ainda sobrava presa aos ossos. O padre se debatia para escapar, mas só conseguiu se ver livre quando deixou o músculo da perna para trás. O membro era como papel molhado para o fio dos caninos amolados da criatura.

O animal abraçou a carne e a saboreou como um cachorro faminto enquanto o homem, com o ferimento aberto jorrando sangue, se arrastava para dentro do convento.

No corredor estreito, iluminado à base de tochas que queimavam presas às paredes, um rastro de sangue indicava o caminho que o recém-mutilado havia traçado até chegar ao seu aposento, o último à direita de quem entrava na construção.

Com a pouca força que ainda restava em seus braços, o padre sustentou o peso do seu corpo frente a uma pequena escrivaninha onde uma grande cruz dourada e reluzente repousava e a alcançou com dificuldade. Abraçado ao talismã religioso, viu a besta aparecer sob o batente de sua porta e o apontou em direção ao seu algoz.

– Eu ordeno que pare em nome do Senhor Jesus Cristo! – gritou em vão antes que a fera o abocanhasse no pescoço, com força, tirando sua vida.

Como Vicente e os patrulheiros não encontravam Ulisses em lugar algum da cidade, foram procurá-lo na casa que lhe fora emprestada durante sua estada na vila, imaginando que ele tivesse ido buscar uma arma importante no local.

– Senhor Ulisses, precisamos que o senhor nos... – Vicente emudeceu ao perceber que seu comandante estava jogando suas roupas dentro de uma mala de viagem. – O que o senhor está fazendo?

– Exatamente o que você está pensando, Vicente. E o que vocês todos deveriam estar fazendo também.

– O senhor vai abandonar nossa vila agora?

– Eu fiz tudo o que podia fazer! – gritou Ulisses irritado. – Se uma força maior quer que este lugar desapareça, quem sou eu para impedir isso?! – continuou socando suas roupas na mala.

– Podemos proteger as pessoas... ou pelo menos encaminhá-las a algum lugar onde possam ficar seguras.

– Quem não sair desta vila agora vai ajudar o mato a crescer nesta terra maldita. E não sou eu quem vai virar comida de verme para proteger um povoado medíocre como este.

Aquelas palavras feriram o orgulho dos moradores ali presentes. Todo o respeito cultivado no curto tempo em que Ulisses se estabelecera como líder na cidade foi perdido em uma única frase que expressava seu real caráter.

– Espero então que o senhor faça uma boa viagem de volta... e que fique com a consciência tranquila – disse Vicente antes de se retirar com os rapazes.

– Eu farei, meu jovem. Eu farei – respondeu ao vento enquanto terminava de

arrumar seus pertences.

Alguns sobreviventes do massacre na praça seguiram Ronaldo na expectativa de que ele tivesse um local seguro para onde levá-los. O alcaide estava de posse do seu molho de chaves, e entre elas estava a que destrancava as correntes da porta do galpão de assembleias. Por ser uma construção forte, que ficava apenas algumas poucas vielas distante da igreja, o alcaide a elegeu como refúgio mais apropriado para proteger os sobreviventes.

O local estava muito escuro, mas logo alguém buscou uma das candeias da parede e a acendeu para entregá-la ao dirigente.

– Não podemos deixar essa besta entrar de jeito nenhum – disse Ronaldo examinando o local. – Empurrem a mesa até a porta.

Todos os homens uniram as forças para conseguir mover a pesada mesa de madeira até a entrada. O móvel foi colocado de maneira que impedisse a criatura de avançar caso arrebentasse as correntes. A eles, agora, restava apenas rezar em silêncio, para não delatar o esconderijo.

Do lado de fora, a neblina foi se aproximando até encobrir completamente o galpão. A construção começou a ranger e o teto a estalar, como se algo enorme, que estivesse em todos os cantos, procurasse alguma maneira de entrar.

O choro de uma criança não pôde ser controlado e a voz do medo derrotou o silêncio.

– Fique quieta! – resmungou o alcaide.

– Calma, filha. Vai passar. Vai passar – a mãe tentou confortar a criança em seu colo, sem acreditar nas próprias palavras.

A porta foi violentamente esmurrada repetidas vezes, mas a enorme mesa a impedia de ser derrubada. Apesar do pavor coletivo, as pessoas continuaram em silêncio. A mãe da menina cobriu os ouvidos da filha para que não chegasse a ela o som da morte.

As investidas contra a porta cessaram e por um breve momento pôde-se acreditar que a fera havia desistido. Ninguém se movia. Ainda estavam atentos, quando o alcaide reparou que uma fumaça esbranquiçada estava invadindo o galpão por baixo da porta.

– Tampem as frestas! Não deixem que essa névoa entre no galpão!

Os mais próximos jogaram terra, pedras, mas a fumaça continuava entrando.

– Usem as camisas, pelo amor de Deus – disse Ronaldo dando uma ordem desesperada.

Os homens acataram suas palavras e conseguiram barrar a névoa com o pano de suas vestimentas. Nada mais parecia estar invadindo o galpão.

A entrada estava resguardada, mas na enfermidade de um raciocínio limitado, comprometido por uma angustiante perturbação vinda de um perigo real e imediato, a pequena porta do fundo, que os dirigentes usavam para entrar e sair nas reuniões, ficou completamente desprotegida. Com todos os olhares voltados à grande porta, logo a neblina encontrou seu caminho silencioso e sorrateiro por debaixo daquela outra passagem e invadiu a construção sem que ninguém percebesse.

Por trás do alcaide, a criatura foi se formando junto com a névoa que acabara de entrar. O homem sentiu o bafo quente em seu cangote e virou-se lentamente.

O som de disparos e gritos desesperados foi abafado pelas paredes sólidas da construção.

No centro da cidade o rastro da neblina mortal ainda abraçava as ruas do massacre, mas, como o epicentro da fúria se deslocara para o galpão, a neblina estava menos densa. Valêncio então aproveitou para se aventurar novamente pelas vielas à procura de algum sobrevivente, mas só o que enxergava era a trilha cruel de um espírito vingativo.

Ao virar uma das esquinas, pôde ver Ulisses entregando suas malas ao cocheiro em frente a uma carruagem e correu para alcançá-lo antes que entrasse.

– Senhor Ulisses!

– Ainda está por aqui, senhor Valêncio? Se quer carona em minha carruagem, já lhe digo que está perdendo tempo. Seu peso só irá atrasar os meus cavalos.

– O senhor não pode ir embora!

– Como não posso ir embora? O senhor ainda não entendeu o que está acontecendo? Não existe texto nenhum daquela lenda francesa porque não sobrou ninguém para escrever.

– Mas podemos dar outro final para a história.

– Olhe para esta cidade. Veja os corpos estirados no chão. A história já se repetiu, senhor Valêncio. E, para quem não abandonar esta vila enquanto ainda tiver pernas, o destino será o mesmo! Não restou nada de humano nessa criatura, como o senhor gostaria de acreditar.

– O senhor foi o causador dessa devastação! – gritou, apontando-lhe o dedo. – As páginas rasgadas nos livros e a falta de informação sobre como matar a criatura no seu estado animal evitavam que a maldição voltasse a acontecer! Mas agora que o senhor a fez recair sobre essa gente, precisamos achar uma maneira de impedir que a carnificina continue.

Ulisses encarou Valêncio nos olhos, dando-lhe um instante de esperança de que ficaria para ajudá-lo. Mas o homem da capital estava firme na decisão de deixar a cidade a seu infortúnio.

– Tenho certeza de que o senhor encontrará uma resposta e desejo-lhe toda a sorte nessa busca, mas agora, se me der licença... – mal terminou a frase e já abriu a porta da diligência para entrar.

– Senhor Ulisses – o velho o segurou pelo braço –, caso não se lembre, o carrasco que deu fim à criatura também sucumbiu à vingança do demônio.

A provocação de Valêncio serviu apenas para o homem usar de sua força física para afastá-lo e empurrá-lo violentamente ao chão.

– Eu sei, senhor Valêncio – disse, arrumando sua roupa amassada. – E é exatamente essa a parte da história que eu pretendo alterar.

Antes que entrasse no carro, Ulisses reparou que ao longe, na extremidade oposta da viela, a criatura se aproximava lentamente, acompanhada da névoa densa que sempre a perseguia.

– Vai! Vai! Vai! – gritou.

O cocheiro estalou suas rédeas sobre o couro dos cavalos e eles dispararam imediatamente, puxando a carruagem. Assim que o carro partiu, a besta começou a correr.

Valêncio ergueu-se do chão e se viu no caminho da fera. Não havia lugar para onde pudesse fugir. Em poucos segundos a criatura raivosa o alcançaria e ele seria apenas mais um cadáver nas ruas de Socorro.

O velho segurou o crucifixo pendurado em seu pescoço e buscou abrigo em sua fé, com os olhos fechados, implorando pela proteção divina.

– Que Deus Pai, Todo-Poderoso, Senhor do Universo, me guarde e me proteja. Que os santos, pilares de eterna luz, derramem sobre mim suas bênçãos. Que os anjos zelem por mim, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...

Sua reza foi pronunciada repetidas vezes e cada vez mais alto. Sua boca proferia palavras santas e sua mente entrou em sintonia com o Divino.

A besta corria, cada vez mais veloz, na direção do velho, que persistia estático em sua prece fervorosa. Quando Valêncio abriu os olhos e clamou com fé "amém", viu, a poucos palmos, a criatura ostentando suas presas cortantes e pulando sobre ele com suas garras preparadas para rasgá-lo.

Mas Valêncio não morreu. Sequer foi derrubado. Assim que o espírito da fera avançou sobre o corpo do velho, transformou-se em neblina e voou com o vento rumo à carruagem.

Mesmo já distante do centro, Ulisses não permitia que o cocheiro diminuísse o ritmo da fuga. Os cavalos eram forçados a correr como nunca numa estrada de terra repleta de pedras e buracos. O caminho era sinuoso e o carro balançava muito, mas a maior preocupação era escapar à máxima velocidade até onde os animais pudessem aguentar.

Os cavalos eram constantemente castigados por um chicote trançado em couro para desenvolverem o galope, mas a névoa viajava a uma velocidade superior e logo ultrapassou a carruagem.

A pequena janela do carro estava coberta por uma cortina escura que impedia Ulisses de ver a neblina envolvê-los do lado de fora, mas ele pôde perceber que subitamente o trajeto parecia estar menos incômodo. A carruagem andava mais devagar.

Ulisses abriu a janela e botou o rosto para fora, com a mente poluída por adjetivos difamatórios.

– Cocheiro! Cocheiro! – gritou.

O corpo do pobre rapaz que guiava a carruagem tombou de lado e revelou seu tronco decapitado. Suas mãos ainda seguravam as rédeas dos cavalos, mas não mais os guiavam.

Ulisses, amedrontado pela neblina em volta da carruagem, rapidamente voltou sua cabeça para dentro do carro, trancando a janela. Estava apreensivo. Afastou-se o máximo que pôde da porta, mas não havia onde se esconder.

A névoa começou a invadir a cabine por entre suas frestas e a fumaça branca passou a preencher seu interior. O carro começou a ranger e o teto e as laterais foram se quebrando devido ao enorme tamanho do monstro que se materializava aos olhos de Ulisses.

O homem estava aterrorizado. Sua postura firme e autoritária pareceria agora uma farsa aos que o vissem tremer por vislumbrar a iminência da morte. Em seu último ato de desespero, Ulisses abriu a porta da cabine e saltou da carruagem em movimento. Mas, antes mesmo que seu corpo tocasse o chão, a besta o agarrou ainda no ar e o arremessou violentamente de volta para dentro.

A carruagem balançava aos rosnados raivosos da criatura e aos berros de Ulisses, colorindo a cabine de vermelho com a seiva quente que jorrava de cada ferimento violentamente aberto.

Século XX. 25 de dezembro de 1920. Lua minguante.

Nas vielas da cidade, o resultado de uma catástrofe regida pela mão pesada do

diabo estava estampado em cada esquina. Naquela noite o mau agiu sem preconceitos, exibindo defuntos de homens e mulheres, tanto velhos como crianças.

No galpão das assembleias, o chão batido de terra estava encharcado pelo sangue de todos que ali buscaram abrigo. A carcaça inerte de Ronaldo estava jogada no estrado onde ficava a mesa de reunião, com a pele do tronco arrancada e as vértebras à mostra.

No convento, as freiras que foram poupadas da fúria assassina da criatura encontraram o padre Antônio desmembrado no quarto. Sua mão desligada do corpo ainda segurava a enorme cruz dourada.

Carlos George tentara escapar da morte escondendo-se por trás de suas espingardas e das paredes sólidas da sua fazenda. Apesar de refugiar-se armado na sala de troféus, de nada os disparos serviram para escapar da brutalidade desmedida com que fora agredido. O gosto da sua carne era podre e a criatura a rejeitou, mas, pelo sadismo como a besta deformara a figura do fazendeiro, foi como se a morte de Bastiano estivesse vingada pelo fantasma amaldiçoado do filho. Agora sua cabeça separada do tronco figurava como apenas mais uma ao lado dos animais decapitados que gostava tanto de exibir.

Na estrada, os cavalos ainda vivos estavam estacados, sem saber que rumo tomar. A carruagem estava parcialmente destruída e dormia sob o Sol tímido daquela manhã do dia 25 de dezembro. Dentro do carro, o defunto de Ulisses era uma obra abstrata realizada por um artista que buscava no ódio sua inspiração. Seu rosto, congelado em dor, revelava que a morte não fora imediata. O espírito vingativo aproveitara o resto do tempo até o amanhecer para torturar cada parte do seu corpo antes de matá-lo.

Na noite do juízo final, até mesmo o amor não conseguiu esconder o seu lado mórbido e a ponta afiada da solidão perfurou o coração de uma alma em desalento. Na mansão dos Oliveira, o Dr. Dário não teve tempo de sofrer nas garras e dentes da criatura, já que a ingestão exagerada de comprimidos o libertou de sua vida desprovida de sentido antes de a maldição atingir a vila.

Foi necessária uma grande desgraça para que as histórias de Valêncio encontrassem ouvidos desgarrados de ironia. O velho preparava-se para abandonar o lugar, mas não podia ir embora sem antes terminar de detalhar em suas memórias tudo o que havia presenciado. A mão regente do satânico sobre o comportamento humano fora confirmada, mas a dádiva da sabedoria em todo o seu conhecimento precisaria ser mais uma vez corrompida.

Ele queria disseminar a verdade, mas foi compelido pela consciência a imitar os

autores passados. Rasgou todas as páginas que registravam com detalhes minuciosos a maneira de matar uma criatura na lua cheia e as queimou, sem arrependimento, na chama de sua vela.

Ao presenciar a fúria devastadora após a besta ser assassinada, Valêncio compreendeu que, assim como um cristão oferece seu corpo físico para ser morada de Deus, o demônio reside no de suas criações. Destruir esse templo demoníaco é libertar a cólera do diabo que permanecia enjaulada em um invólucro funesto. Era preciso afastar as trevas atingindo sua essência.

Na busca de uma nova compreensão, o velho voltou-se às páginas de um livro muito versado, que não lia havia um bom tempo, e foi nele que, ironicamente, nasceu a esperança de uma verdadeira salvação.

Antes de partir, Valêncio visitou Álvaro no cemitério uma última vez. Ajoelhado diante do seu túmulo, segurava a Bíblia Sagrada aberta e apontava para a cova o mesmo crucifixo em que havia depositado sua fé.

– Afasta-te, Satanás, pois é em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo que te expulso de Álvaro Giardini Cesari e dos seus pensamentos. Que o próprio Deus te acorrente e te jogue para bem longe, onde a ele nada poderás fazer.

O júbilo da redenção não pudera ser-lhe oferecido em vida, então, após a alma ter se apartado do corpo, Valêncio buscou ainda absolver o cordeiro através da força do vocábulo divino para acalmar a maldição nos braços caridosos do grande Pastor.

Após proferir o final de sua oração de exorcismo, o velho descansou a Bíblia sobre a terra que cobria o corpo de Álvaro e deixou pendurado sobre a cruz de madeira o seu crucifixo, como presente.

As palavras de Valêncio foram ditas com fé, mas ninguém ficaria na vila para se certificar de que Deus consagraria a plenitude do Evangelho.

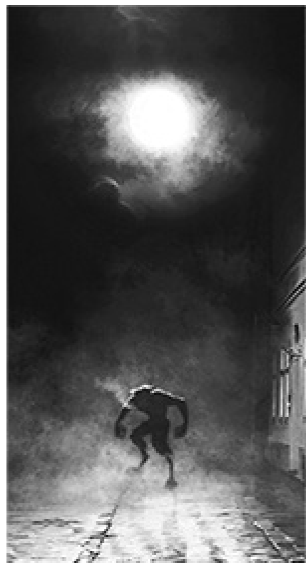
Afogados no oceano da amargura, aqueles que foram poupados da cólera demoníaca abandonaram sua terra natal para nunca mais retornar. Na romaria dos retirantes, a acanhada parcela de sobreviventes levava apenas o necessário para sobreviver ao tempo que peregrinariam. Tudo que construíram foi deixado para trás. As freiras tomaram a frente naquela diáspora dos desgraçados e guiaram a procissão de descontentes num caminho sem rumo.

Vicente e Flávia juntaram os pertences que podiam carregar e acompanharam a comitiva sem destino. Alguns pensavam em começar vida nova na Vila Esperança, outros preferiam distância de qualquer condado nas proximidades da floresta. Mas era de Vicente a voz que queriam ouvir. Parte da população estava viva graças aos

seus esforços, e a sua liderança em tempos de desespero o tornou um exemplo a ser seguido. Qualquer que fosse sua decisão, seria abraçada pelos demais.

Para ele não importava onde fizesse uma nova casa, desde que Flávia estivesse ao seu lado. O amor entre os dois seria o principal sustento para sobreviverem às dificuldades que surgiriam dali para frente. Porém, ao perceber que era espelho para escolhas importantes na vida daquelas pessoas, e ciente dessa responsabilidade que caíra sobre os seus ombros, aceitou o fardo de conduzir os sobreviventes da tragédia.

Na placa de boas-vindas à Vila Socorro, um novo algarismo foi pintado ao lado do número de habitantes: zero. Ninguém mais caminhava sobre a vila. Tudo o que ela um dia representara foi soterrado e o que restou foi uma cidade fantasma, fadada ao esquecimento e entregue à soberania impiedosa do tempo.



Epílogo

"... Parecia uma madrugada sem fim, mas, com o prenúncio de uma nova manhã, foram silenciadas as trombetas do Apocalipse. O breu daquela noite sombria de condenação foi devorado pelos raios solares e, na disputa eterna pela supremacia do território celeste, novamente o sol saía vitorioso.

Desvanecendo-se com a aurora, a criatura retornou à companhia dos defuntos antigos da necrópole. Como se cansado pelo fado do seu ofício nefasto, o maestro da partitura sombria daquela noite finalmente pôde descansar após ter maculado o oratório de adoração natalino com a síncope funesta de sua marcha fúnebre. Com seu repouso, a neblina maldita que encobria a cidade dissipou-se por completo.

Na pequena Vila Socorro, o coro desafinado das vozes que clamavam por suas vidas durante a madrugada agora estava em silêncio perpétuo. Naquela noite, Licáon saiu vingado. Sua encarnação ensaiou a mais horrenda das vinganças com uma legítima apresentação de ódio indiscriminado e requintes de crueldade. Foram poucos os sobreviventes da chacina.

Meu estudo detalhado e sistemático a respeito dos demônios agora pode ser levado adiante sob o suave toque da benevolência divina. Com um alicerce sólido e indestrutível sustentando a verdade da personificação maligna dos caprichos do diabo, posso novamente entoar o cântico dos abençoados com a linguagem do louvor.

Os caminhos de Deus são tortuosos, mas é justa a recompensa do seu destino. Agora o motivo da minha excomunhão se torna claro. Sem ela eu ainda estaria cego pela venda do preconceito religioso, prostrado nas palavras de um único livro e uma única verdade. Mas hoje minha alma liberta é grata, pois está exorcizada do

espírito da censura...”

Memórias de Ediseu Valêncio

Trajando novamente sua batina como um verdadeiro ministro de Deus, Valêncio terminava o último capítulo de suas memórias dentro de uma grande embarcação que navegava nas águas agitadas da Europa Oriental. Já era noite quando a caravela atracou na costa do Mar Negro e seus passageiros desembarcaram no porto de Constança, na Romênia.

O velho pôde contemplar a terra do seu novo destino. Com o apoio da Igreja, uma nova etapa se iniciava; uma etapa em que as lendas folclóricas se transformavam em relatos verídicos e o mito tomava seu lugar como História. Na procura pela verdade oculta, agora só o que restava era a confirmação da existência de todos os outros demônios.

EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º- andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
ROSANA CAIADO

CIP-Brasil. Catalogação na publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

D34s

DeBrito, Marcos
À sombra da Lua [recurso eletrônico] : o mistério de Vila Socorro / Marcos DeBrito. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco, 2013.
recurso digital

ISBN 978-85-8122-287-5

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

13-04789 CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

O Autor

Marcos DeBrito nasceu em Florianópolis e mudou-se para São Paulo em 1998 para estudar a arte cinematográfica. Formado pela FAAP, é diretor e roteirista premiado em festivais. *À sombra da lua* é o seu primeiro romance.